

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL



“Fazer a Feira”

estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses
da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre



Viviane Vedana

Orientação:
Cornelia Eckert

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

Porto Alegre, janeiro de 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“Fazer a Feira”

estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses
da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre

Viviane Vedana

Orientação:
Cornelia Eckert

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do grau de
mestre em Antropologia Social.

Porto Alegre, janeiro de 2004.

AGRADECIMENTOS

À Cornelia Eckert, minha orientadora, pelos desafios que me levou a enfrentar durante minha “iniciação” nos caminhos da antropologia, pelos momentos de troca e debate que tivemos, pela dedicação e apoio;

À Ana Luiza Carvalho do Rocha pela parceria no trabalho e na vida, pelo prazer de ensinar e aprender que coloca em cada conversa, pelo mergulho nas “imagens do mundo”. Parafraçando nosso amigo Miguel “*es una mujer completa*”!

Aos parceiros do “Bando de Imagens”, Ana, Chica, Rafa, Lu, Olavo, Paula, Vanessa, Rafael, Luciano e Thais, vocês são muito especiais e essa dissertação tem um pouco de cada um, devo ela às nossas “aprendizagens horizontais e verticais” de inúmeras reuniões e bate-papos, de nossas “descobertas das imagens da cidade e da cidade pela imagem”, aos itinerários que imaginamos e realizamos juntos pelas ruas atuais e antigas de Porto Alegre;

Agradeço em especial aos “sonoros do bando” Lu e Olavo, pelos “barulhos e silêncios” que dividimos, por nossas produções coletivas na etnografia sonora, pensei em vocês todo o tempo de escrita nas tentativas de estetizar as imagens sonoras da feira-livre;

Ao Rafa pelo companheirismo sem limites durante toda a escrita, pelas milhares de leituras e críticas, pela paciência de me ouvir sempre (falando da mesma coisa), pelas suas “artes de nutrir” sem as quais eu não teria chegado ao fim desta dissertação, pelas “artes de fazer” na minuciosa montagem das fotografias;

Ao Rafa, pela magia que compartilhamos cotidianamente em nossos “devaneios da vontade e do repouso”;

À equipe do NAVISUAL pelas discussões iniciais de minha trajetória na antropologia visual; em especial à companheira colorada Lili;

À Camila Rocha de Moraes, *une professeur merveilleuse et une ami très drôle!*
Pelas nossas “viagens a Paris”, pelas músicas que cantamos;

À Ana Paula, pela paciência e esmero em ler e corrigir o “portuga” da dissertação;

Aos meus pais e irmãos, por tudo, principalmente pelo incentivo á leitura e ao estudo desde sempre;

À colega Soraya Fleischer, pela disposição em fazer o asbtract;

Aos personagens que me possibilitaram contar esta história, Paulo Renato, Dona Alda, Dona Geni, Rita, Henrique, Cláudio e Pirlampo que dividiram seus cotidianos comigo. A Paulo Renato por me receber em sua cozinha e pela comida maravilhosa, à Dona Alda, por me levar à sua feira, à Dona Geni pelas muitas delícias com que me presenteia constantemente, à Rita pelas imagens delicadas da vida, a Henrique pelas surpresas que compartilhamos sobre a cidade, a Cláudio e Pirlampo pelo riso e pela piada. A todos, pelas muitas coisas que me ensinaram sobre as “artes de viver”;

Aos colegas do GEEMPA, Ana, Sônia, Luiza, Esther, Rita , Isabel e tantos outros com que tive a oportunidade de aprender e trocar idéias, pelo compromisso e militância com as aprendizagens que me “contagiaram”;

À CAPES, por ter concedido a bolsa de financiamento deste estudo.

Sumário

INTRODUÇÃO	p. 10
PARTE I – ENTRANDO EM CAMPO	p. 14
1. QUESTÕES DE METODO	p. 15
1.1. Percurso Acadêmico.....	p. 15
1.2. Aproximação com o Universo de Pesquisa	p. 18
1.3. O Espaço do Largo e Feira-Livre da Epatur	p. 21
1.4. Uma Etnografia Visual e Sonora	p. 30
2. É DIA DE FEIRA	p. 44
2.1. A ESTÉTICA DO ESPAÇO: A FEIRA-LIVRE CONSTITUÍDA DE MICRO-EVENTOS	p. 57
2.1.1 Um lugar de passagem: entrando na feira	p. 60
2.1.2 A “estética da desordem”: o cenário de um “corredor agitado”.....	p. 63
2.1.3 A esquina e seus encontros: “o casarão de esquina” da feira	p. 70
2.1.4 A volta para o ponto de partida.....	p. 73

PARTE II - DAS ARTES DE DIZER ÀS ARTES DE NUTRIR: AS TÁTICAS E

ESTRATÉGIAS DE SER FEIRANTE E SER FREGUÊS	p. 78
1. ARTES DE DIZER.....	p. 79
1.1 feirantes e as práticas de anunciar e manipular	
os alimentos.....	p. 81
1.1.1 Um convite inesperado.....	p. 83
1.1.2 Estágio probatório.....	p. 89
1.1.3 Feirante por um dia	p. 96
1.1.4 Manipulação do alimento.....	p. 100
1.1.5 Manipulação do dinheiro	p. 102
1.1.6 Manifestação do riso.....	p. 106
2 ARTES DE NUTRIR	p. 113
2.1 Fregueses e as práticas de transformar a matéria	p. 260
2.1.1 Fazer a feira: gestos de escolha	p. 116
2.1.1 Outras feiras, outros fazeres	p. 139

PARTE III: COMBINANDO CORES E SABORES - OLHANDO

PORTO ALEGRE DA COZINHA	p. 152
1. GESTOS DA COZINHA	p. 153
1.1 A mesa da cozinha: os segredos da boa comida	p. 156
1.2 Ao redor da mesa: “o valor onírico dos alimentos”.....	p. 164

2 A ARTE DE COZINHAR, EU ACHO, É A ARTE DE FAZER AMIGOS	p.
177	
PARTE IV - DE VOLTA PARA A FEIRA	p.
194	
1. COMO A CIDADE SE ALIMENTA?	p. 195
1.1 A feira é o meu chão	p. 196
2. ANTES DA CONCLUSÃO	p. 212
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 228
BIBLIOGRAFIA	p. 230
ÍNDICE DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES.....	p. 237

RESUMO

Esta dissertação trata de um estudo etnográfico sobre práticas cotidianas no contexto das feiras-livres em Porto Alegre (RS) a partir da análise das “artes de fazer”, formas de sociabilidade e performance de fregueses e feirantes da feira-Livre da Epatur. Este ato de “fazer a feira” encerra uma série de ações e gestos que evidenciam peculiaridades da “produção” do espaço urbano por certos habitantes da cidade. Em especial, estes gestos engendrados por feirantes e fregueses da feira-livre evocam formas específicas de habitar este território da cidade onde está situada a feira, o Bairro Cidade Baixa, configurando arranjos sociais particulares no que tange as trocas sociais de mercado que lá ocorrem. Enfatiza-se os atos de compra e venda de alimentos no mercado livre, as relações de sociabilidade que lá se estabelecem, a estética particular deste evento, sua ambiência –visual e sonora – como elementos que conformam este “espaço vivido” ao mesmo tempo em que tecem uma vivência particular da cidade de Porto Alegre. Neste estudo etnográfico analisa-se as “artes de nutrir” – gestos de manipulação da matéria – e “artes de dizer” – jocosidades, performances e jogos corporais para atrair clientes – respectivamente, como formas de estetizar o espaço da cidade a partir das práticas sociais de bairro.

palavras – chave: práticas cotidianas, estética urbana, artes de fazer

ABSTRACT

This dissertation addresses an ethnographic study of daily practices in the context of fairs of the city of Porto Alegre (RS) from the analysis of “arts of doing”, forms of sociability and performance of clients and sellers of the EPATUR fair. The act of “fazer a feira” encloses a serie of actions and gestures that manifest peculiarities of the urban space “production” by certain city dwellers. Especially, these gestures engendered by the fair’s clients and sellers evoke specific forms of inhabiting this city territory where the fair is located, the Cidade Baixa neighborhood, configurating particular social arrangements on the social market exchanges that occur. Emphasis is laid on the selling and buying of food at the fair, the relations of sociability that are established, the particular aesthetics of this event, its ambiance – visual and sound – as elements that conform this “lived space” as well as they weave a particular experiencing of the city of Porto Alegre. In this ethnographic study the “arts of nurturance” is analysed – gestures of matter manipulation – and the “arts of saying” – jocosities, performances and body games to attract clients – respectively, as forms to aestheticize the city’s space, starting from neighborhood social practices.

Key words: Daily practices, urban aesthetics, arts of doing.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado consiste em um estudo etnográfico sobre as “artes de fazer” de fregueses e feirantes de uma feira-livre de Porto Alegre, onde procuro analisar trocas sociais de mercado de rua enquanto práticas cotidianas no âmbito de uma estética urbana. O trabalho de campo foi realizado de maio de 2002 a setembro de 2003, na feira-livre da Epatur, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. Inspirada em uma antropologia urbana no Brasil, nesta pesquisa ocupei-me das formas de apropriação do espaço da rua por atividades de comércio de alimentos, como a feira-livre, e as configurações que estas práticas podem evocar no contexto da cidade.

Andar pelas ruas de uma cidade como Porto Alegre pode parecer uma ação ordinária, sem intenções e surpresas, visão de um cotidiano de metrópole que vive em ritmo acelerado, pessoas que se cruzam pelas ruas sem se cumprimentarem ou se conhecerem, indivíduos anônimos, na vivência fragmentada dos papéis sociais que compõem o tecido urbano (VELHO; 1981) na modernidade. No *métier* do antropólogo, este próprio ato de caminhar pode ser motivo de estranhamento e admiração (ECKERT; ROCHA; 2001), afinal, é a partir dele que o etnógrafo vai constituindo as paisagens urbanas no seu ato de “habitar” a cidade, na observação das formas de apropriação deste espaço por quem circula e frequenta as ruas, as calçadas, as esquinas, as praças, enfim os lugares públicos da metrópole. Segundo Michel de Certeau (1996), toda cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, cujas formas de vida imprimem suas marcas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas engendram.

A surpresa que guiou meus passos na descoberta da cidade de Porto Alegre como objeto de estudo foi a diversidade e heterogeneidade das formas de viver na cidade moderna, formas que se contrapõem e/ou se complementam nas práticas cotidianas de seus habitantes.

Especialmente, gostaria de pontuar certos sistemas de práticas tradicionais, de um arcabouço de “saberes e fazeres” negociados cotidianamente pelos habitantes com as transformações urbanas que modernizam a metrópole, expressos nas maneiras como estes habitantes fazem uso de seus atos de caminhar pelas ruas da cidade nas suas práticas de comércio e de sociabilidade que se definem na própria experiência deste espaço, no próprio ato de caminhar e produzir este espaço (DE CERTEAU *et alli*; 1996) a partir das práticas cotidianas.

Neste sentido, foi a partir dos espaços de feiras-livres e das relações e interações estabelecidas entre seus freqüentadores que passei a me indagar sobre estas formas de vida diversas que compõem a dinâmica urbana, na qual um ato aparentemente simples, como a compra de alimentos, pode estar carregada de significados que ultrapassam a razão prática que o envolve no que tange à tessitura das relações sociais presentes à sociedade contemporânea.

Na prática cotidiana de “fazer a feira” nos espaços públicos da cidade para adquirir o que será consumido no espaço doméstico durante a semana, inúmeros são os elementos simbólicos acionados para explicar a freqüência ao território da rua, que podem situar-se desde a relação de confiança com o feirante e as formas de sociabilidades aí presentes, até uma idéia de “pureza” do alimento que está sendo adquirido, em função da possibilidade de tocá-lo, escolhê-lo, experimentá-lo com todos os “sentidos”, projetando-se já, de certa forma, a “alquimia” que irá se processar no contexto da cozinha.

Nesta perspectiva, para o caso desta dissertação, considero que as feiras e os mercados são identificados como elementos importantes na estrutura social do meio urbano, pois são constituintes de uma dinâmica específica de ocupação do espaço. Segundo Max Weber (1979), o aparecimento das cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial. Nos estudos arqueológicos de André Leroi-Gourhan (1965), também a constituição humana das cidades, a partir da domesticação do espaço e do tempo, evidencia um caráter tecno-econômico (LEROI-GOURHAN; 1965), no qual as trocas sociais cumprem um papel fundamental na organização e coesão do grupo. No Brasil, Roberto DaMatta (1985) analisa os espaços de mercado como elementos importantes na relação entre a casa e a rua e a apropriação do espaço público. Ainda cabe citar as considerações de Lévi-Strauss (1996) em

Tristes Trópicos, suas descrições detalhadas sobre a ambiência destes espaços de feiras e mercados e a intensidade das imagens que revela, para indicar algumas das “entradas” nestes estudos sobre as formas de apropriação do espaço público e a “produção” deste espaço (DE CERTEAU; 1994) a partir das feiras-livres.

Assim, na primeira parte desta dissertação procuro levar o leitor para “dentro” da Feira-Livre da Epatur, apresentando o cenário onde se desenrolou este processo de pesquisa e indicando suas peculiaridades no que tange à comparação com outras feiras-livres da cidade de Porto Alegre. A escolha desta feira, especificamente para a realização desta etnografia, vale-se, de um lado por sua localização no Bairro Cidade Baixa e sua relação “histórica e mitológica” com este e outros territórios de Porto Alegre, e de outro por ser uma das maiores feiras-livres da cidade em comparação com as pequenas feiras de bairro que ainda existem, aglutinando fregueses de diversos bairros e feirantes de diferentes localidades do Estado.

Na segunda parte, proponho uma parada em uma das bancas da feira para desvendarmos o cotidiano de trabalho de alguns feirantes e suas formas de articular diferentes gestos e práticas que conformam suas relações com os fregueses da feira, baseadas principalmente nas artes de dizer (DE CERTEAU; 1994) – performances orais e jocosidades – tendo em vista que estas interações são aspectos fundamentais para a compreensão da feira-livre como uma prática de comércio de rua no contexto urbano. Ainda nesta parte estas práticas dos feirantes são confrontadas com as práticas e gestos dos fregueses, a partir de uma visita a feira onde acompanhamos uma freguesa de muitos anos da feira-livre da Epatur, buscando dialogar entre suas táticas e estratégias (DE CERTEAU; 1994), o fazer a feira e as artes de nutrir como componentes de um *ethos* específico no que se refere ao viver no espaço urbano.

Na terceira parte desta dissertação procuro adentrar “a morada” de alguns informantes e retomar os gestos de escolha e de manipulação do alimento (LEROI-GOURHAN; 1965) que são acionados no momento da feira-livre a partir de suas práticas de culinária, tendo em vista suas trajetórias sociais no contexto urbano de Porto Alegre. Na perspectiva das artes de nutrir e das artes de fazer (DE CERTEAU *et alli*; 1996) dos informantes desta pesquisa, busco relacionar as práticas da cozinha com um estilo de vida peculiar que se expressa, de certa forma, pela experiências que se relacionam com a ambiência de espaços como as feiras-livres.

Na quarta e última parte, a finalização desta pesquisa se dá com um retorno ao espaço da feira, agora a partir de outro feirante e suas especificidades de relações e interações com seus fregueses, numa perspectiva de inserir a feira-livre da Epatur em um contexto das trocas sociais, consumo e abastecimento no âmbito da dinâmica urbana de Porto Alegre.

Antes de “adentrarmos” no texto que segue, gostaria de explicitar ao leitor alguns códigos que serão utilizados ao longo da escrita, principalmente no que tange à fala dos personagens que narram esta história, a fim de facilitar “a leitura” da situação etnográfica em questão. É importante ressaltar que se tratam de “imagens sonoras” diferentes para cada situação etnográfica – a feira e sua agitação, a fala dos feirantes, um caminhar pela feira-livre acompanhada de algum informante específico e suas artes de dizer e os relatos de trajetória que se estabeleceram a partir de uma situação formal de entrevista. Para dimensionar estas diferentes imagens sonoras evocadas pela fala dos informantes é que me utilizo de diferentes formatações para estas vozes.

Assim:

- a. Opto pela formatação em letras maiúsculas (caixa alta) para estetizar a fala dos feirantes em suas performances orais nas interações entre si ou com os clientes da feira-livre. Por exemplo:
- PODE EXPERIMENTÁ, O TOMATE TÁ BONITO, HOJE.

- b. Para a fala que caracteriza-se como relato, optei por uma formatação diferente da utilizada para as falas de interação na feira-livre, com letras minúsculas e itálico. Por exemplo:
- *Se duvidar até os cachorros me conhecem por aqui!*

- c. os nomes que utilizo nesta dissertação são os nomes verdadeiros dos informantes.

PARTE I

ENTRANDO EM CAMPO



CAPÍTULO 1

QUESTÕES DE MÉTODO

1.1 PERCURSO ACADÊMICO

Antes de tratar do tema das trocas sociais no meio urbano de Porto Alegre, a partir dos espaços das feiras, gostaria de retomar alguns aspectos iniciais de minha trajetória acadêmica para identificar as questões pertinentes ao estudo da antropologia e das ciências sociais que orientam minhas escolhas sociológicas de pesquisa e que inserem esta dissertação, particularmente, nos estudos das formas de “viver na cidade” no mundo contemporâneo.

Assim, partindo da perspectiva das trocas mercantis referidas nos estudos de Marcel Mauss (1974) sobre um fato social total, no final de meu curso de Ciências Sociais, procurei desenvolver como meu trabalho de conclusão um estudo sobre as Feiras do Cooperativismo Alternativo em Santa Maria/RS, tendo como orientador o professor Antonio David Cattani. Estava vinculada, na época, à linha de pesquisa da Sociologia do Trabalho, na qual já havia desenvolvido outras pesquisas com o mesmo orientador. Por ser um trabalho voltado, à área da Sociologia e não da Antropologia, minha pesquisa não foi orientada metodologicamente nos moldes de um estudo etnográfico, mas apresentou um caráter mais quantitativo em termos dos “empreendimentos solidários” que participavam desta feira. Sendo assim, procurei dados sobre quantos eram os empreendimentos, quanto tempo de funcionamento, etc, e realizei entrevistas diretas sobre suas formas de funcionamento, quais eram as pessoas que trabalhavam e como se constituíram como grupo. Cabe referir que um “empreendimento solidário” constitui-se a partir de uma série de princípios, nos quais está o estabelecimento de

relações de trabalho “não capitalistas” em que haja uma distribuição justa dos resultados a partir da autogestão¹.

Durante o processo de pesquisa de campo, pude perceber que o discurso acionado sobre “empreendimentos solidários” e seus princípios de autogestão, confrontado à realidade vivida por muitos trabalhadores destes empreendimentos, revelava um certo descompasso relacionado a uma série de fatores que pareciam apontar para a própria diversidade que existia entre estes empreendimentos, quanto às formas de vida e trajetórias sociais dos componentes destes grupos. Por outro lado, a abordagem teórico-conceitual que estava guiando meus passos nesta pesquisa de graduação me levava a analisar estes “empreendimentos solidários” de forma mais geral, na tentativa de inseri-los numa discussão ampla sobre relações de trabalho e produção, no contexto de uma estrutura social dominante, sem me deter na análise mais particularizada das formas de vida dos trabalhadores destes grupos.

A opção por pesquisar a Feira do Cooperativismo Alternativo de Santa Maria/RS² e os empreendimentos solidários que a constituíam estava relacionada à minha atuação junto à Secretaria de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul nos anos de 1998 a 2001, no Departamento de Economia Popular Solidária³ e também à minha vinculação anterior com pesquisas na área da sociologia do trabalho. Neste contexto, minha monografia de conclusão de curso dedicava-se a compreender, a partir da política pública do Estado destinada a estes empreendimentos, como se constituíam as relações de trabalho no interior destes grupos, bem como qual era a influência das ideologias e princípios proferidos pelos então dirigentes do Estado na composição e no processo de trabalho destes grupos. Assim, para realizar esta pesquisa procurei estabelecer, a partir do tempo de formação destes grupos, quais eram as peculiaridades que os constituíam como empreendimentos “não capitalistas” e se estas

¹ “Este conceito se refere a uma forma de administração e gestão coletiva de empreendimentos ou associações nas quais os participantes interferem diretamente no processo de tomada de decisões. No caso de empreendimentos econômicos, a autogestão apresenta uma perspectiva diferenciada em relação à propriedade e ao trabalho, qual seja: a relação empregado-empregador dá lugar a relações de trabalho nas quais a produção e a gestão são assumidas por todos os participantes do grupo” (VEDANA; 2001: 18). Ver também Mance, 2000.

² A Feira do Cooperativismo Alternativo é um evento anual que aglutina os empreendimentos solidários que formam o Projeto Esperança em Santa Maria, um dos municípios pioneiros em termos de cooperativismo no Estado do Rio Grande do Sul.

³ “Entenda-se, neste trabalho, Economia Popular Solidária como iniciativas econômicas regidas pela lógica da cooperação e da solidariedade, e que, ao mesmo tempo, conseguem alcançar níveis de acumulação, apontando-se, dessa forma, como uma alternativa de geração de renda não-capitalista”. (VEDANA; 2002: 05). “A economia solidária surge como um modo de produção de distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A economia solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples de mercadorias) com o princípio da socialização destes meios” (SINGER; 2000, p. 13). Ver também Gaiger, 1999, Singer, 1997.

características estavam diretamente associadas, ou não, com os subsídios que recebiam do Estado.

Na época, minha hipótese era a de que a delimitação de princípios “rigorosos” em termos do que seria uma economia solidária, por parte tanto dos dirigentes do Estado, como por alguns “pensadores” sobre o tema, eram adotadas discursivamente por muitos destes grupos em função da relação estabelecida com o Poder Público. Digo discursivamente, pois na “prática cotidiana” destes trabalhadores, os arranjos e negociações estabelecidos apontavam para formas de trabalho que passavam por categorias e “visões de mundo” (GEERTZ; 1989) diversas e particulares que muitas vezes não eram levadas em conta na conformação dos projetos do Estado para o incentivo financeiro ou até mesmo logístico destes grupos.

Neste sentido, na minha hipótese, havia por parte do Poder Público o entendimento de que seria preciso “conscientizar” estes trabalhadores sobre um tipo específico de relação de trabalho para que a chamada economia solidária viesse a concorrer – um paradoxo nos termos desta economia solidária – ou até mesmo suplantar a dinâmica da economia capitalista. Havia assim, claramente, um tensionamento entre as visões de trabalho e produção dos participantes destes empreendimentos e os objetivos previstos pelos dirigentes do Estado na consolidação de uma política de Economia Popular Solidária, tendo em vista ser um momento na conjuntura política do Estado do Rio Grande do Sul em que estas noções de Economia Solidária ganhavam forças e articulava-se com propostas parecidas em outros países do mundo.

Na observação de que este tensionamento político estava permeado de profundas diferenças em termos de “visões de mundo” (GEERTZ; 1989) e redes de significados (VELHO; 1999) entre os atores em questão, concluí que os princípios estabelecidos, tanto pelo discurso acadêmico, a partir das teorizações sobre “a nova dinâmica econômica mundial”, quanto pelo discurso do Estado que previa “uma distribuição justa e igualitária dos lucros” pareciam não abarcar aspectos importantes da complexidade deste fenômeno de trocas comerciais – que são também culturais e sociais, e, portanto, simbólicas (SAHLINS; 2003) – e de suas relações de trabalho e produção. Isto porque, principalmente questões concernentes à diversidade cultural e aos universos simbólicos que estão subjacentes às ações dos grupos humanos nas suas relações com o ambiente e com “os outros” pareciam suplantadas por discussões de teor ideológico, nas quais predominavam questões relativas à estrutura social e às relações de trabalho de uma forma geral.

Sobretudo, a observação da Feira do Cooperativismo Alternativo como um acontecimento chave para a análise que vinha realizando, trouxe-me a compreensão de que os “saberes locais” e as práticas cotidianas (DE CERTEAU; 1994) tanto dos trabalhadores destes empreendimentos, como do público “comprador” de suas mercadorias, eram pouco explorados pelo Poder Público, principalmente no que tange à organização destes eventos. Tanto esta Feira do Cooperativismo Alternativo, como muitas outras de economia solidária eram organizadas pelo Estado – muitas das quais inclusive com a minha participação – e o resultado sempre me parecia, de certa forma, artificial. Na preparação destas feiras como eventos de economia solidária, “higienizava-se” todo o ambiente, no sentido de preparar *stands* iguais para todos os empreendimentos, regular a “decoração” do interior dos mesmos e estipular “tipos de produtos” a serem vendidos. Este procedimento buscavam garantir um padrão a ser seguido pelos produtores ou artesãos, mesmo que os produtos fossem os mais diversos, tendo em vista os princípios políticos que engendraram a preocupação por parte do Estado com o sucesso da política de Economia Solidária.

Com a finalização desta pesquisa, as questões iniciais que a motivaram, no que tange às trocas sociais, tornaram-se ainda mais prementes, o que direcionou meu interesse para a antropologia social onde, num primeiro momento, ainda buscava analisar as formas e relações de trabalho no interior de empreendimentos solidários a partir das práticas cotidianas, trajetórias sociais e “visões de mundo” dos trabalhadores envolvidos.

1.2 APROXIMAÇÃO COM O UNIVERSO DE PESQUISA

Uma “mudança de sorte” na minha trajetória, relacionada principalmente à escolha da orientadora da pesquisa de mestrado, resultou na minha aproximação inicialmente com o NAVISUAL – Núcleo de Antropologia Visual e logo após com o Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV, ambos vinculados ao Laboratório de Antropologia Social do PPGAS-UFRGS, e com a equipe de pesquisa do Projeto Integrado CNPq “Estudo Antropológico Sobre Memória Coletiva, Itinerários Urbanos e Formas de Sociabilidade no Mundo Urbano Contemporâneo” coordenado pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Tais escolhas resultaram em um direcionamento do meu interesse de pesquisa para a questão das trocas sociais (MAUSS; 1974), relacionadas à constituição do espaço da cidade e aos usos do espaço público por seus habitantes, a partir do ponto de vista do comércio de rua e das feiras-livres.

A aproximação até minha integração como pesquisadora associada ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais me possibilitou, a partir do contato com diversas pesquisas sobre

memória coletiva, itinerários urbanos e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo, perceber esta forma particular de comércio de hortifrutigranjeiros, efetuada na rua, com os produtos expostos ao ar livre, como um aspecto importante das “maneiras de viver” e das “práticas cotidianas” de certos grupos urbanos, constituindo-se como práticas que de alguma maneira “formatam” o espaço da cidade, estetizando as formas de vida de alguns de seus habitantes. Estas questões me levaram a mergulhar em uma investigação etnográfica sobre práticas cotidianas de feirantes e fregueses na Feira Livre da Epatur, no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, no intuito de desvendar as motivações e trajetórias que levariam certos habitantes da cidade a frequentar ou vivenciar este espaço de comércio de rua.

A minha hipótese, tanto no caso de fregueses como de feirantes, se afirmava em direção a relevância da vivência destas “regiões morais” (PARK; 1979) que estão presentes na formação do espaço urbano como locais de “desordem” (ROCHA; 1994), mas que “produzem” (DE CERTEAU; 1994) a cidade, tendo em vista a multiplicidade de encontros de trajetórias diversas e de práticas sociais que são constituintes do espaço urbano no que concerne às formas de comércio de rua em Porto Alegre. Neste sentido, a questão das trocas sociais totais (MAUSS; 1974) e da reciprocidade (LÉVI-STRAUSS; 1979) se coloca como aspecto fundamental para pensar estas formas de sociabilidade e de comércio de rua que estão presentes no contexto urbano, tendo em vista os tipos de relações estabelecidas entre fregueses e feirantes das feiras-livres.

A escolha por privilegiar, nesta pesquisa, a feira-livre da Epatur como objeto de estudo partiu da conjunção de vários elementos. Com uma primeira intenção exploratória, visitei algumas feiras de bairro que já conhecia na cidade, feiras que acontecem em um dia determinado da semana, em apenas um turno, que na maioria das vezes ocupam uma ou duas quadras de alguma rua. Nestes percursos pelas feiras, percebia algumas diferenças entre elas, como tamanho, uso de uniforme ou não pelos feirantes ou os tipos de produtos a serem vendidos. Essas diferenças me levaram até a SMIC (Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio de Porto Alegre), na tentativa de descobrir como estas feiras podiam ocupar determinadas ruas, que tipo de regulação da Prefeitura existia sobre estas feiras, enfim, se haviam critérios e quais eram sobre a institucionalização destas feiras na cidade. Nesta visita à SMIC fui informada que existiam diferentes tipos de feiras-livres em Porto Alegre. Destaco, para este trabalho, de um lado, as “Feiras Modelo” que são reguladas pela Prefeitura tanto no que se refere ao espaço ocupado, quanto ao uniforme dos feirantes e os preços dos produtos, e, por outro lado, o que a Prefeitura convencionou chamar de “Mercadão”, que são feiras onde o poder público regula apenas a ocupação do espaço e não os preços ou a estética

da feira-livre. Observando a listagem destas feiras que existem na cidade, vi que a feira-livre da Epatur estava no rol dos chamados “Mercadões”, o que já num primeiro momento a colocou como preferencial em relação às outras.

Concomitante a esta visita à SMIC, estava ocupada também em pesquisar, no acervo de imagens da cidade que encontra-se no BIEV⁴, algumas fotos antigas de Porto Alegre que pudessem “contar-me” algo sobre estes espaços de mercado de rua. Nesta pesquisa encontrei diversas fotografias de barqueiros que vendiam frutas e verduras, com os barcos atracados na Rua da Margem, atual Rua João Alfredo, que tinha este nome pois situava-se às margens do antigo Riacho antes de sua retificação. Estas fotografias levaram-me a outras que indicavam a existência de um certo arranjo social neste espaço da cidade – território do bairro Cidade Baixa, próximo ao lugar onde hoje localiza-se o Largo da Epatur – no qual desenvolviam-se atividades de mercado de rua praticamente na beira do Rio Guaíba⁵. Por outro lado, dificilmente encontrava em alguma historiografia a descrição deste local de mercado que as fotografias indicavam existir por volta dos anos 1940, na chamada parte “baixa” da cidade.

O Banco de Imagens e Efeitos Visuais foi, neste sentido, uma importante fonte de pesquisa sobre a memória da cidade, levando-me a refletir sobre o valor de documento incorporado pela fotografia que “narra a cidade” a partir de imagens visuais. Debrucei-me constantemente sobre estas fotografias da cidade, cruzando-as com os relatos de informantes, na tentativa de recriar técnicas e procedimentos indiretos para uma aproximação com este local e suas formas de vida social (SIMMEL, 1979), pois tratava-se de uma memória “não escrita” que, portanto, demandava outras formas de investigação para acessá-la. A análise destas fotografias permitia-me recriar “a estética do lugar” na composição de diferentes imagens da cidade reunidas às falas e descrições dos informantes sobre alguns territórios específicos, como a Ponte de Pedra, o Arroio Dilúvio e o Riacho antes de sua retificação, as margens do Rio Guaíba antes do aterro e até mesmo a chamada “Perimetral” (Av. Loureiro da Silva). Este processo exigiu-me uma grande minúcia no trato entre as diferentes temporalidades e suas descontinuidades, apresentadas por estes dados. Fui pouco a pouco imaginando um quadro deste território da Cidade Baixa que aproximava-me dos arranjos do lugar.

⁴ Banco de Imagens e Efeitos Visuais, núcleo de pesquisa associado ao Laboratório de Antropologia Social, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que consiste em um “museu virtual” com imagens digitais da cidade de Porto Alegre, obtidas de acervos históricos, fontes bibliográficas e coleções etnográficas de pesquisadores.

⁵ O “Rio Guaíba” é, geograficamente, considerado um lago, que, no entanto, é chamado de rio no contexto das lembranças dos moradores de Porto Alegre. Optei por manter a denominação de Rio Guaíba, pois é assim que o

Dessa forma, a escolha da feira-livre da Epatur para o desenvolvimento de minha pesquisa sobre práticas cotidianas e “artes de fazer” relacionava-se à presença de uma feira “do tipo Mercadão”, no bairro Cidade Baixa, em meio às continuidades e descontinuidades de formas semelhantes de arranjos da vida coletiva neste território urbano, representadas pelas fotografias dos barqueiros da Rua da Margem vendendo suas mercadorias, sobrepostas às imagens da transformação desse espaço a partir de obras como a retificação do Riacho e a construção da primeira Perimetral da cidade. Além disso, intensificando meu interesse por estudar as práticas e fazeres desta feira, chamou minha atenção o fato desta ser uma feira-livre bastante extensa, com um grande número de bancas de diferentes tipos de produtos, constituindo-se, na forma como estas bancas são dispostas no Largo, como um “espaço praticado” (DE CERTEAU; 1994) bastante diferenciado do que é o Largo da Epatur durante a semana, um espaço vazio e praticamente “não visto” por quem passa por ali. A feira-livre da EPATUR apresentava-se, portanto, apropriada para o estudo destas “formas de produzir o espaço urbano” que se configuram nas práticas cotidianas dos seus “praticantes” (DE CERTEAU; 1994).

1.3 O ESPAÇO DO LARGO E A FEIRA-LIVRE DA EPATUR



mesmo aparece referido nos relatos dos informantes desta pesquisa, como um “espaço habitado” (BACHELARD, 1996).

Antes de entrar no espaço – e tempo – da feira propriamente dita, é importante considerar elementos que foram envolvendo meu interesse por este objeto de pesquisa. Assim, para descrever o cenário em que se desenrola esta etnografia, é importante indicar que a feira-livre da Epatur está situada no Bairro Cidade Baixa, no limite que o separa do Centro de Porto Alegre. A Cidade Baixa, como é chamado, caracteriza-se por uma intensa sociabilidade de rua. Há uma grande circulação de pessoas durante o dia, caminhando pelas ruas do bairro. Muitos moradores tomam seu chimarrão ao cair da tarde na beira calçada. Grupos de pessoas param em frente aos “armazéns” para uma conversa rápida. No período noturno, a sociabilidade se revela nas mesas de bar “ao ar livre”, que “invadem” as calçadas, onde muitas pessoas, estudantes principalmente, se encontram para tomar cerveja e “bater um papo”. Combinado a isto existem os prédios altos de numerosos apartamentos, onde moram estudantes ou famílias, constituindo-se em um bairro eminentemente de classe média.

Ainda no que se refere à ambiência deste bairro, ao caminhar por suas ruas, podemos ver muitas casas antigas remontando a vivências de outras épocas, em que a Cidade Baixa era um local destinado à população pobre de Porto Alegre e, sobretudo aos negros, diferenciando-se da “cidade alta”, lugar onde situam-se símbolos importantes do poder e da cultura, como o Teatro São Pedro e o Palácio do Governo, por exemplo.

Na confluência destes aspectos, inicio minha observação participante na feira-livre bastante surpreendida com a “forma” que o Largo da Epatur adquire nos sábados pela manhã, pois a feira o preenche com “fazeres” muito intensos, cores vibrantes e sonoridades peculiares de comércio de rua que acabam criando um contraste com seu “uso semanal”. O lugar ocupado por este Largo no arranjo urbano de Porto Alegre evoca-me a idéia de uma obra inacabada, pois mesmo sendo destinado a ser um estacionamento da prefeitura da cidade, de fato ele não parece constituir-se como um “espaço praticado” (DE CERTEAU; 1994) no cotidiano do bairro, quando a feira-livre não está ali.

O Largo da Epatur surge na década de 70, com a construção da Avenida Perimetral Loureiro da Silva, obtendo sua denominação em função da Empresa Portoalegrense de Turismo (EPATUR) situada na Travessa do Carmo, uma das ruas que o contornam. No ano de 2003 passa a ser chamado de “Largo Zumbi dos Palmares”, uma reivindicação do chamado Movimento Negro, como forma de celebração da Cidade Baixa enquanto antigo território negro da cidade. Antes da abertura da Perimetral o espaço onde hoje é o Largo era formado por muitas residências que, no relato de antigos moradores do bairro e também a partir de algumas fotografias de época, aparecem como “muitas casinhas baixas” que constituíam a estética do bairro Cidade Baixa.



Como outros espaços em Porto Alegre, o Largo da Epatur é um lugar de manifestação pública, recebendo comícios, shows, a abertura do carnaval da cidade e outras atividades culturais ou políticas que se desenvolvem durante o ano. Algumas destas atividades, inclusive, acabam disputando o espaço do Largo com a feira-livre, quando acontecem de estarem marcadas para um sábado pela manhã. No entanto, no cotidiano do bairro, parece passar muitas vezes despercebido nas travessias de pedestres por ali, pois, diferente do Largo do Mercado por exemplo, no centro da cidade, que caracteriza-se por uma intensa sociabilidade constituindo-se a partir de aglomerações de pessoas que param ali para atividades lúdicas como o jogo de damas, as apresentações de “artistas de rua” ou então as “rezas” de pastores de igrejas evangélicas, durante os dias da semana o Largo da Epatur não concentra estas apropriações do espaço da rua.

Dessa forma, como veremos mais adiante, o espaço do Largo, quando é ocupado pela feira-livre, divide-se em corredores e esquinas que indicam a possibilidade de percursos diversos a serem realizados para as compras. Desde a primeira vez em que entrei na feira-livre para fazer minhas observações, fui envolvida por uma ambiência que apresentava-se de um lado pela forte coloração das bancas de hortifrutigranjeiros e de outro pelas sonoridades das vozes dos feirantes que anunciavam suas vendas. Isto fez com que eu andasse muito por estes

corredores da feira, observando esta estética que na verdade não me era muito familiar, apesar de já ter frequentado outras feiras, pois meu olhar ali não voltava-se necessariamente para os alimentos a serem adquiridos, mas para os gestos e práticas das pessoas que frequentavam este espaço de mercado, seja para comprar, seja para vender.



Neste percurso fui acompanhada de minha máquina fotográfica, pois desejava realizar uma etnografia que pudesse ser narrada também pela imagem visual. Esta opção definiu, de certa forma, minha relação principalmente com os feirantes, pois nas suas jocosidades e piadas aproveitavam também para brincar com a “fotógrafa” que não comprava nada e tirava foto de tudo. Assim, entre uma foto e outra, ouvia os feirantes brincarem:

“NÃO, NÃO BATE A FOTO DELE, VAI QUEIMAR O FILME!”

E nestas brincadeiras eu me aproximava para uma conversa inicial, explicando minha pesquisa, apresentando meu interesse por estar ali, na tentativa de mapear quais seriam minhas estratégias de descoberta deste lugar e destas práticas de comércio de rua, quem eram

estas pessoas que estavam ali vendendo e comprando. Foi nesta dinâmica que conheci um dos feirantes mais “debochados” da feira-livre da Epatur, o Cláudio, que ao me ver fazendo fotos de sua banca começa uma “encenação” que percorreria toda a nossa relação futura, reforçando suas performances corporais e orais que eu já havia percebido antes ainda de me aproximar da sua banca para fazer as fotos.

A partir de suas brincadeiras com as fotos, pedi para entrar na sua banca para fotografar de “outro ponto de vista”. Cláudio consentiu, aparentemente sem dar muita importância para o fato, mas sempre brincando com a situação, acionando seus gestos performáticos que me faziam segui-lo e rir muito. Nos poucos momentos que Cláudio não estava fazendo suas piadas pude conversar com ele e descobrir que vinha da cidade de Montenegro vender as laranjas que produzia, e pouco a pouco fui percebendo que sua banca seria um importante lugar de observação da feira. Quando entrei na banca, Cláudio disse para as outras pessoas que trabalhavam com ele que eu iria tirar fotos de seu trabalho e realmente era um de meus desejos, apesar de não ter dito isso a ele. Esta era uma das maiores bancas que eu tinha visto na feira da Epatur e ocupava um lugar destacado em relação às outras bancas, pois estava sozinha em um dos corredores.

Minhas interações com “a banca do Cláudio” neste primeiro dia transcorreram com muita risada, até que fui surpreendida por um senhor que não tinha visto ainda, com um ar de “chefe” de alguma coisa, perguntando-me o que eu estava fazendo ali e quem tinha me autorizado a fazer fotos da feira. Não entendi muito a pergunta, num primeiro momento, até que ele me disse que era Presidente da associação que organizava a feira da Epatur. Nos apresentamos, expliquei a ele o que eu estava fazendo ali, perguntei da possibilidade de continuar, tentando de certa forma reverter a situação de desconforto inicial em que nos vimos.

Fonseca é o Presidente da associação dos feirantes que expõem ali, a Associação de Usuários do Mercado da Epatur (ASSUMEC). Depois de nossa conversa inicial, levou-me para uma caminhada pela feira, explicando-me os critérios de organização do espaço, quais eram os feirantes que apenas vendiam produtos comprados da CEASA⁶ e quais eram produtores. O tipo de produto de cada banca obedece a uma regulamentação definida pela diretoria da ASSUMEC, que organiza também o lugar das bancas no espaço do Largo. Assim, a localização das bancas no espaço do Largo e o tipo de produtos que podem ser vendidos

⁶ Trata-se de um centro de abastecimento, instituído pelo Poder Público, que recebe produtos alimentícios vindos não apenas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, como de diversos lugares do Brasil e do mundo, onde os

dependem do feirante ser produtor ou não, do tempo em que está participando da feira, etc. Por exemplo, quem vende frutas não pode vender legumes, apenas alguns produtores podem combinar tipos diferentes de produtos, quando isso já acontece na própria produção. Depois deste passeio com Fonseca ele deixou-me sozinha para que continuasse as fotos, e acabamos não mais conversando no decorrer da pesquisa. Procurei-o algumas vezes para conversarmos, para saber de sua história na feira, mas de fato, acabamos não conversando mais.

Neste sentido, a pesquisa de campo acabou acontecendo de duas formas, basicamente, no espaço da feira-livre: nas caminhadas pelos corredores que decorriam em inúmeras interações e até mesmo em conversas mais alongadas com um ou outro freguês, ou então nas observações participantes na parte interna da banca – na do Cláudio, durante vários meses, mas também nas bancas de outros feirantes que fui conhecendo ao longo do tempo.

Um ponto importante de parada e de observação de minha etnografia na feira-livre da Epatur foi a banca da Rosane, que vendia lanches, cafés, etc, que constituiu-se como um lugar “intermediário”, pois não estava nem circulando pelos corredores, nem dentro de uma das bancas de hortifrutigranjeiros convivendo com os feirantes. A banca da Rosane era também um ponto de encontro de alguns feirantes que no final da manhã iam até lá para tomar uma cerveja, conversar, fazer um lanche, ou então comprar algo para levar para a banca. Nestes momentos, mantive inúmeras conversas com a Rosane e seu marido, Paulo, que também trabalhava ali com ela.

Considerei todos estes momentos de convivência com o cotidiano da feira como extremamente significativos para a investigação que me propus a realizar sobre as práticas e fazeres de feirantes e fregueses. Alguns destes momentos resultaram em entrevistas gravadas, outros não, mas a constância das interações que pude desfrutar permitiu um considerável conjunto de dados sempre transcritos para o diário de campo, onde dialogava com minhas interpretações sobre as experiências vividas na feira-livre.

Nos dias em que não havia feira, passava pelo Largo da Epatur intrigada com “o vazio” que apresentava, exceto nas sextas-feiras à noite, quando os primeiros feirantes chegavam para a espera do próximo dia. Inúmeras vezes, ao passar pelo Largo por volta das oito ou nove horas da noite de sexta-feira, podia ver já algumas bancas “semi-montadas” para o dia seguinte. Numa conversa com Henrique, um feirante que conheci da mesma forma que o Cláudio, parando para fazer fotos de sua banca e, neste caso, de seus filhos pequenos que fazem a feira com ele, fiquei sabendo que o horário de funcionamento “oficial” da feira é das

alimentos são comprados para serem revendidos em diferentes mercados da região Metropolitana de Porto Alegre.

7hs30min da manhã até às 13hs, mas já na sexta-feira à noite alguns feirantes começam a ocupar o Largo da Epatur. Isso se deve ao fato de muitos deles virem de cidades distantes – alguns até mesmo de Pelotas, a aproximadamente cinco horas de distância de Porto Alegre – para fazer a feira da Epatur no sábado de manhã, e outra feira aos domingos pela manhã, na Avenida Assis Brasil. Para não dirigirem a noite toda, preferem passá-la no Largo mesmo. Os feirantes que vem de mais perto – de Porto Alegre ou de cidades vizinhas - começam a chegar no Largo por volta das quatro horas da madrugada para montar o “cenário” para o início do espetáculo.

Henrique faz parte também da “diretoria” da ASSUMEC, a associação de que falei acima que organiza esta e algumas outras feiras na cidade. Diferente de Fonseca, Henrique sempre estava pronto para uma conversa, o que permitiu que eu passasse um bom tempo na sua banca. Através de Henrique fui conhecendo outros feirantes que tinham bancas próximas a sua e, ao mesmo tempo, Henrique ia relatando-me o que conhecia da realidade de cada um deles.

No período de maio de 2002 à setembro de 2003, fui à feira praticamente todos os sábados pela manhã, em horários diversos, ficando algumas vezes desde o início da montagem das bancas até o término da feira. Nestas visitas, dividia meu tempo entre circular pelos corredores formados pelas bancas, interagindo com alguns fregueses ou mesmo “fazendo a feira” com algum informante, e permanecer dentro das bancas participando do cotidiano de alguns feirantes em seus fazeres. As situações de observação participante na feira-livre suscitaram diversas ocasiões informais de entrevista que paulatinamente foram apresentando alguns aspectos importantes a serem discutidos nesta dissertação.

A observação participante, delineada por Malinowski (1976) como uma técnica importante de “descoberta” das formas de vida do “nativo”, a partir da convivência intensa com o grupo ou sociedade a ser estudada, apresentou-se como um instrumento importante de análise da dinâmica da feira-livre, onde a participação em algumas situações “dentro da banca” proporcionavam uma constante “vigilância epistemológica” da pesquisadora, também habitante da cidade e freqüentadora da feira-livre para a interpretação (GEERTZ; 1989) deste fenômeno social no meio urbano. Neste sentido, retomo as análises de Gilberto Velho (1980) sobre o “estranhamento do familiar” necessário ao antropólogo que pesquisa sua própria cidade pois, ao estudar as práticas cotidianas que se desenrolam a partir da feira-livre, também me coloco como sujeito participante deste universo simbólico, ao freqüentar o espaço da feira não só como pesquisadora mas também muitas vezes como consumidora e moradora do

bairro Cidade Baixa⁷. Estas questões refletiram-se, de certa forma, na própria interação com os fregueses da feira-livre, dificultada principalmente pelo anonimato que uma situação pública suscitava, como a aglomeração de pessoas pelos corredores da feira.

Não obstante a relação com os feirantes ter sido pouco a pouco constituída e consolidada através destas “idas à feira”, com os fregueses a situação de pesquisa se mostrou de forma diferente. Nas bancas em que estava, algumas vezes pude conhecer fregueses, travar uma conversa mais alongada e até mesmo acompanhá-los em seu trajeto pela feira, mas dificilmente criava-se uma situação de maior aproximação e intimidade, necessária para uma entrevista mais aprofundada ou até mesmo uma visita à sua “cozinha”, à intimidade de seus lares. Neste sentido, passei a refletir sobre a peculiaridade de estar realizando uma “etnografia de rua” (ECKERT; ROCHA; 2001) e as implicações e escolhas que isto traria para minha pesquisa pois, de certa forma, a transposição desta situação etnográfica para o espaço privado da casa não era de maneira nenhuma banal, ou ordinária.

Assim, no que tange aos fregueses, optei por outros caminhos que não o da interação no espaço da feira para a realização de entrevistas e até mesmo para uma ida às compras na feira-livre, recorrendo a pessoas que de alguma forma eu sabia freqüentarem este tipo de comércio de rua, como é o caso de Rita, com quem já trabalhei, tendo compartilhado alguns de seus momentos de culinária, assim como Dona Geni, que é minha vizinha e vai à feira todos os sábados. A intenção de percorrer os atos e gestos da cozinha relacionados com o fazer específico das compras na feira-livre indicava-me a necessidade de uma maior “intimidade e aproximação” com o cotidiano destes informantes que não estava encontrando nas relações com os fregueses da feira. No caso de Dona Geni, acabamos indo juntas até a feira-livre da Epatur algumas vezes e Rita, antiga moradora do bairro Cidade Baixa, me recebeu em sua casa, narrou-me suas receitas e falou-me das feiras que freqüentou e das suas preferências atuais de compras.

O fato de ter optado por pessoas de minha própria rede de relações⁸ para efetuar as entrevistas e observações na dimensão da “vida privada” parece colocar-se, aqui, como uma

⁷ “A possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não nos deve iludir a respeito das inúmeras descontinuidades e diferenças providas de trajetórias, experiências e vivências específicas” (VELHO, 1980:16).

⁸ “Ora, seja estudando os Esquimós, índios do Xingu, camponeses, operários ou membros de seu próprio grupo, o pesquisador sempre terá que se defrontar com dois aspectos ou características de qualquer investigação antropológica. Como mostra Geertz seu trabalho é de natureza *interpretativa*. Não uma interpretação de dados brutos, ‘objetivos’ e ‘naturais’, mas uma *interpretação de interpretações*. O antropólogo lida e tem como objetivo de reflexão a maneira como culturas, sociedades e grupos sociais *representam, organizam e classificam* suas experiências” (VELHO; 1980:18).

característica dos estudos de antropologia urbana realizados com camadas médias da sociedade (VELHO; 1980) que, diferenciando-se, por exemplo, dos estudos com classes populares, exige um outro tipo de abordagem, onde a intimidade e o acesso ao âmbito privado apresentam-se, muitas vezes, a partir de outras relações. Neste caso, a especificidade do trabalho do antropólogo, ou seja, o constante estranhamento (VELHO; 1980) da realidade observada, quando refere-se aos estudos de antropologia “na cidade” e principalmente no que tange às camadas médias, leva a um estranhamento e relativização de seu próprio cotidiano como membro desta sociedade.

Na mesma direção, outros dois personagens desta dissertação, Paulo Renato e Dona Alda, “fregueses de outras feiras”, me foram apresentados por também freqüentarem feiras para fazerem suas compras semanais de alimentos. Nos dois casos foi em suas residências que realizei as entrevistas e pude também desfrutar de um tempo de seu cotidiano. No caso de Paulo Renato, participei de um “almoço de família”, onde gravei em vídeo toda a sua preparação para a refeição. Neste mesmo dia conheci Dona Alda, sua mãe, com quem, em outros momentos, realizei entrevistas e visitei a feira que freqüenta hoje.

O trânsito entre este espaço público da rua e as manifestações culturais que daí decorrem para o âmbito privado da casa são aspectos importantes a serem considerados nesta análise sobre as “artes de fazer” (DE CERTEAU; 1994) que compõem o cenário urbano a partir da feira-livre e dos espaços de mercado, pois busquei nesta análise uma dimensão relacional entre as práticas dos diferentes atores presentes à cena da feira. Não restringi, portanto, o trabalho de campo somente à situação de feira, optando por investigar os arranjos sociais da cidade e a conformação de uma estética peculiar do comércio de rua com um olhar atento ao âmbito da intimidade e da subjetividade presentes à trajetória social de certos freqüentadores destes espaços, por entender a importância de pensar as formas de vida na cidade a partir do caráter afetivo da relação destes personagens com lugares específicos do âmbito urbano.

Neste sentido, transito entre “a casa e a rua” (DAMATTA; 1985) na investigação destes gestos e “artes de fazer” que compõem a especificidade das relações de comércio de rua, estabelecendo um diálogo entre a observação participante e a constituição de narrativas biográficas dos informantes entrevistados. As entrevistas não diretivas (THIOLLENT, 1980) sistemáticas com cada informante, neste caso, possibilitaram a reconstituição de trajetórias e histórias de vida que “falam da cidade”, a partir de itinerários e experiências peculiares nestes espaços de mercado.

1.4 UMA ETNOGRAFIA VISUAL E SONORA

Realizar uma etnografia “na cidade” (ECKERT; ROCHA; 2001) requer um mergulho nos meandros da constituição humana deste espaço, nas diversas camadas de tempo que se sobrepõem na conformação desta paisagem urbana, em que os gestos de ocupação do homem sobre a “paisagem natural”, em seu afã de controlar o tempo – as imagens do devir – a partir de sua ação no espaço, conferem à cidade – ou às cidades – seu caráter dinâmico de vida que pulsa e se transforma. As construções ora erguidas, ora demolidas que caracterizam a expansão e modernização da “urbis” retratam esse movimento constante de criação e recriação de si mesma, num jogo no qual tensionam-se as estratégias (DE CERTEAU; 1994) dos arquitetos e urbanistas que “pensam” os espaços da cidade através dos planos diretores, e as táticas (DE CERTEAU; 1994) de seus habitantes em “produzir” (DE CERTEAU; 1994) o espaço urbano a partir de suas práticas cotidianas e suas formas de viver este espaço.

Neste sentido, pensar a estética destes arranjos sociais no meio urbano e as formas de ocupação e apropriação do espaço traduziu-se, para mim, em pensar esta cidade, por um lado, a partir das imagens com que é representada nas pinturas, gravuras e fotografias de outros tempos e, por outro lado, narrá-la a partir de imagens que podia produzir a partir de minha experiência em campo. Ao falar da cidade por suas imagens evoco minha experiência como pesquisadora associada ao núcleo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV, ligado ao Laboratório de Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) que, com o projeto “Coleções Etnográficas, Itinerários Urbanos e Patrimônio Etnológico: a criação de um museu virtual”, realiza a construção de narrativas sobre a cidade de Porto Alegre a partir da imagem, seja ela visual, sonora ou escrita, cruzando estas diferentes linguagens para tecer as continuidades e descontinuidades que conformam a paisagem urbana da cidade.

Ao compor a equipe deste núcleo de pesquisa, a etnografia na cidade de Porto Alegre que passo a realizar, a partir da feira-livre, conta também com o suporte da imagem, num diálogo entre as “formas de estar em campo”, a “coleta de dados” e a construção de uma narrativa etnográfica. Este transitar entre diferentes temporalidades que são evocadas nas imagens que constituem o acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais que realizei durante o tempo desta pesquisa foi – e ainda tem sido – fundamental para a constituição do meu olhar sobre os fenômenos culturais no meio urbano e em especial no que tange às formas de comércio de rua e de abastecimento de Porto Alegre.

A produção destas imagens em campo como parte da etnografia sugere uma série de questões a serem discutidas, que transitam entre a negociação com “o outro” no instante de fazer a fotografia ou “gravar sons” e as técnicas e procedimentos que decorrem desta prática,

além da própria restauração da situação etnográfica ao tomar conhecimento do resultado do que foi produzido. No caso desta etnografia, a máquina fotográfica acompanhou praticamente todo o processo de pesquisa, enquanto realizava as observações participantes nos corredores da feira-livre. Este recurso facilitou, muitas vezes, a aproximação com os informantes e suscitou, também, muitos questionamentos por parte deles sobre quais eram as minhas intenções. Neste processo de negociação da imagem, de representação “do outro”, podia ir desvendando pouco a pouco o fenômeno urbano de que estava tratando e suas formas de expressão e representação, principalmente nos momentos em que voltava a campo para “devolver a imagem” produzida.

O uso da fotografia, bem como da “imagem-movimento” na decorrência de algumas situações de gravação em vídeo que foram realizadas em campo aparecem nesta etnografia como uma forma de estetizar o fenômeno destas trocas sociais que venho analisando a partir da “construção de um olhar” particular sobre elas, que se constitui nesta constante negociação entre a pesquisadora e os informantes na situação de campo. A construção de uma narrativa etnográfica que componha imagens visuais e textuais, dessa forma, apresenta-se como um esforço de conceituação sobre os gestos e práticas cotidianas que estão presentes na feira-livre. As “cores e sabores” que formam este espaço da cidade, bem como a diversidade e heterogeneidade das “formas de vida” ali presentes e a narrativa dos gestos que o constituem demandam que se restaure esta ambiência a partir de várias linguagens, não com uma pretensão de “retratar” o todo do fenômeno em questão, mas justamente enfatizar alguns meandros que falam deste espaço peculiar de feira-livre na cidade, tensionando-os com seu próprio limite – que é também, me parece, o limite do antropólogo – de “narrar” estas peculiaridades que o constituem. É neste esforço de restauração de uma situação etnográfica e de uma ambiência particular que adoto, principalmente, a etnografia sonora durante a realização desta pesquisa.

O registro de imagens sonoras⁹ na ambiência da feira-livre já num primeiro momento ocorreu nas anotações no diário de campo dentro da própria feira, na surpresa das sonoridades que lhe são peculiares. Logo após, passei a realizar gravações com um gravador digital de

⁹ O conceito de imagem sonora é colocado aqui a partir dos referenciais de Michel Chion (1998) que, ao tratar da questão sonora no cinema, chama a atenção para a importância do som como imagem (o *i-som*) no que concerne de uma construção de sentido onde imagem visual e imagem sonora tenham o “mesmo valor”, ou seja, o som não é mero “reforço” para a imagem visual. Ao tratar o som como imagem, Michel Chion (1998) enfatiza o caráter cultural desta linguagem, vinculando as sonoridades de uma ambiência às palavras que podem ser usadas para descrevê-la, conceituá-la e assim, narrá-la seja no cinema, seja na escrita.

minidisc, microfones e fone de ouvido¹⁰, uma parafernália que também “rendeu” boas piadas e situações de interação com os informantes bastante peculiares, já que me constituía também como um “personagem estranho”. Muitas vezes passava por algumas bancas e, acostumada a ouvir o clássico “tira uma foto aqui do mamão”, acabava ouvindo um “alô, som, testando, som” dos feirantes sempre dispostos a uma brincadeira ou encenação.

Assim, no tempo em que a feira está “montada”, com suas bancas colorindo o antigo Largo da Epatur, hoje Largo Zumbi dos Palmares, possibilitando uma estética peculiar a um trecho da Perimetral Loureiro da Silva aos sábados de manhã, sentia-me envolvida pelas sonoridades das performances orais dos feirantes, bem como dos utensílios que fazem parte do “figurino” de diversos moradores do bairro que freqüentam a feira-livre.

A descoberta deste universo de comércio de rua se deu principalmente pelo som, pois no caminho de minha casa até a feira, a paisagem visual e sonora do bairro vai se modificando, homens e mulheres arrastando seus carrinhos de metal pelas calçadas irregulares da Cidade Baixa, conduziam-me até a Perimetral, onde o trânsito intenso de veículos roubava a cena. No entanto, atravessando a rua e alcançando o espaço da feira-livre, imediatamente colocava-me em uma outra paisagem sonora (CHION; 1998), onde as vozes que oferecem e brincam com os alimentos têm primazia. Aos poucos, fui descobrindo a feira-livre na voz dos feirantes que, para atraírem a freguesia, anunciavam seus produtos:

“VAMOS LÁ FREGUESA, PODE EXPERIMENTÁ, O TOMATE TÁ BONITO, HOJE”

“É UM CACHO DE BANANA UM REAL! SÓ UM REAL O CACHO DE BANANA! É BOA A BANANA DO NEGÃO!!”

Neste sentido, a imagem sonora se colocou como um desafio premente na descoberta deste território urbano. O registro destas imagens sonoras me permite desvendar alguns dos elementos desta estética urbana, na diversidade de práticas sociais que a compõem. No entanto, esta descoberta da cidade através dos sons não se refere a um mero registro do que se está escutando, ela pede uma escuta atenta, investigativa, nos moldes do que Sérgio Peixoto afirma sobre o olhar: “o olhar não acumula e não abarca, mas procura; (...) o olhar pensa; é visão feita interrogação” (CARDOSO; 2000:349). A percepção destes “sons da feira” me leva a um lugar de descoberta desta feira na cidade, um ponto de vista ou de escuta a partir do qual

¹⁰ O equipamento de som que utilizei nestas gravações pertence ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Tive a oportunidade de utilizar este material, pois mantenho o vínculo de pesquisadora associada a este núcleo de

teço minhas interpretações e retomo minhas perguntas sobre este espaço de mercado-livre em Porto Alegre.

É na decorrência destas reflexões sobre a imagem na etnografia – trazida de forma bastante sucinta aqui - que opto por retomar meus percursos sobre estes espaços de comércio de Porto Alegre no tempo, a partir de imagens visuais e textuais que possibilitem um cruzamento de informações e percepções sobre estes lugares e as práticas cotidianas daí decorrentes. Busco no acervo do BIEV a inspiração para apresentar alguns aspectos da história de Porto Alegre, na esteira destes gestos de “produção” (DE CERTEAU; 1994) dos espaços da cidade, a partir de uma prática específica como o comércio de rua, na tentativa de estabelecer vínculos entre as formas de vida e práticas cotidianas que busco analisar atualmente na feira-livre da Epatur.

Assim, no sentido de uma arqueologia do espaço vivido de Porto Alegre, procuro apresentar a cidade através de imagens visuais e textuais que possam narrá-la ao leitor, na tentativa de “traduzir” paisagens e formas de uma urbanidade que se apresenta, nesta pesquisa, a partir, principalmente, das trocas sociais engendradas na relação da cidade com o comércio de rua. Ainda é importante ressaltar que muitas destas imagens de Porto Alegre que compartilho com o leitor fizeram parte de minhas primeiras indagações sobre a estética urbana e as formas de mercado-livre que a compõem, e a partir delas procurei os indícios de gestos que descrevo nos próximos capítulos no que tange às práticas cotidianas de fregueses e feirantes da feira-livre da Epatur e suas “táticas” de constituir o espaço urbano de Porto Alegre.

No cruzamento entre estas linguagens a que me refiro aqui para percorrer estes espaços da cidade, não há o objetivo de uma correspondência exata ou absoluta entre a imagem visual e a escrita, mas sim a tentativa de compor uma pequena narrativa que evoque alguns aspectos da constituição urbana de Porto Alegre, convidando o leitor a compartilhar imagens que falam da cidade e de seus espaços e temporalidades a partir de um “enquadramento” específico que são estas trocas sociais de mercado.

pesquisa, inserindo a produção de narrativas “sonoras” sobre a feira entre as demais narrativas que compõem as coleções etnográficas do BIEV.

“A região de Porto Alegre já conhecia um primitivo povoamento em primórdios do século XVIII. Por volta de 1725, acampamento mais ou menos permanente de tropeiros existia na península que abrigaria a cidade à beira de um dos caminhos por onde se costumava tropear o gado. (...) O acampamento de tropeiros e changadores não tinha o caráter de permanência. Mesmo existindo alguns desses acampamentos, quase sempre predominava o espírito da efemeridade, muito evidenciado pela improvisação”
 (CARNEIRO; 1992:11)



“Em 1732 Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos estabeleceu-se no Porto de Viamão. O local escolhido para construir a sede de sua sesmaria foi o Morro Santana (fundos da atual escola de Agronomia). (...) A Sesmaria de Santana destinada à ‘estância de criar’ teve a legalidade de sua posse requerida logo após a sua ocupação (...) Tinha as seguintes confrontações: ao norte com a fazenda do Ten. Francisco Pinto Bandeira, tendo como divisa o Rio Gravataí; ao sul com as terras de Sebastião Francisco Chaves, tendo como divisa o Rio Jacaré (mais tarde chamado Arroio Dilúvio ou simplesmente Riacho); a oeste as praias do Rio Grande e a leste com as terras de Francisco Xavier de Azambuja, tendo como divisa o atual Arroio Feijó e seu afluente mais tarde conhecido por Arroio Dorneles, incluindo todo o morro Santana.
 (OLIVEIRA; 1993:31)



“No final de 1752, os primeiros açorianos, que deveriam seguir para a região dos Sete Povos das Missões, desembarcaram da nau Nossa Senhora da Alminha no Porto de Viamão, ancoradouro nos fundos da sesmaria de Jerônimo de Ornellas, onde agora está a Praça da Alfândega. Cansados e fracos, alguns atacados de bexiga (variola), acamparam nas terras devolutas da margem da Lagoa de Viamão (o Rio Guaíba)” (História Ilustrada de Porto Alegre; 1997:22)

“Pelo final da década de 60 do século XVIII, a primeira capela de madeira já tinha sido substituída por uma de tijolos de adobe e cobertura vegetal, nas imediações um mercado de escambo e lugar de conversas. E em torno deste eixo crescia o povoado.(...) O povoado, por este tempo, não tinha configuração precisa, e nem ao menos poderíamos considerá-lo uno. Ao longo da margem do rio, outros povoados existiam.



O tempo os interligou. Da mesma forma que as mudas de grama crescem, umas para as outras, em lento movimento rastejante, aos poucos as casas açorianas preenchem a península.” (CARNEIRO; 1992: 13)

“Apesar de iniciado o povoamento, não se pode falar ainda de núcleo urbano, em vista da dispersão dos habitantes, inexistência de ruas e da demarcação dos lotes. (...) Em 1763, com a invasão espanhola na vila de Rio Grande a sede do Governo de Rio Grande de São Pedro transfere-se para Viamão.”(MONTEIRO; 1995:22)



“Em 1773, a capital da Província é transferida de Viamão para a freguesia de São Francisco dos Casais, que passa então a se chamar oficialmente Porto Alegre.”(MONTEIRO; 1995:23)

“Em 1778 o Governador Marcelino terminou a construção da linha de fortificações em volta do casario, aproveitando o relevo e outras peculiaridades do terreno. Esta linha também servia para delimitar a zona urbana”. (OLIVEIRA; 1993:68)



“O espaço interior é o espaço povoado, protegido de ataques, lugar do comércio e mesmo de algumas chácaras situadas dentro das fortificações. Fora das fortificações existiam, como outros pólos de desenvolvimento da povoação as chácaras de produção agrícola”.(MONTEIRO;1995:24)



“Os escravos suavam também no mercado de escambo vendendo produtos da horta do senhor e nas duas charqueadas que a partir de 1794 se estabeleceram no município. (...) No final do século, a zona urbana permanecia restrita a península, em torno da qual havia uma verdadeira zona rural de pequenas propriedades.”(História Ilustrada de Porto Alegre; 1997:43)



“O povoado cresceu e seu novo status político exigiu construções mais duradouras. Trouxeram-se telhas e tijolos de Laguna e importaram-se vidros; as primeiras olarias surgiram apenas no século XIX. Em 1784 iniciava-se a construção do Palácio do Governo, ao lado da Igreja Matriz, prédios em estilo colonial que seriam demolidos e reconstruídos no século XX.” (MONTEIRO; 1995:26)



“Desde 1803 se registravam movimentos para transformar a Freguesia da Madre de Deus de Porto Alegre em Vila. Um documento enviado ao reino pelo sargento-mor Domingos Marques Fernandes, em 1804, faz um relato das ruas existentes na época. Em apenas sete havia edificações: três paralelas à margem do Guaíba e quatro transversais. As paralelas eram a Rua da Praia, a Rua da Ponte (Riachuelo), e a Rua Formosa (Duque de Caxias); as transversais, de leste para oeste eram a Rua da Bragança (Marechal Floriano) a Rua do Ouvidor (General Câmara), a Rua Clara (João Manoel) e a Rua do Arroio (Bento Martins).” (História Ilustrada de Porto Alegre; 1997:45)





“Ponto chave da navegação, sede do governo, sede dos principais serviços públicos, Porto Alegre entrou o século 19 consolidando outra característica que manteria pelos tempos afora: o de centro comercial” (História Ilustrada de Porto Alegre;1997:47)

“Em torno deste cais aglomeram-se os comerciantes para a prática de seus negócios. O prédio próprio da alfândega, na praça, só seria erguido em 1820.” (História Ilustrada de Porto Alegre;1997:47)



"De facto, pouco depois, 1841-1842, erguia-se na então praça do Paraíso, quasi na esquina da rua da Bragança, fronteiro ao beco do Rosário, o nosso primeiro mercado público – construído por uma associação. (...) Era nesta praça que se alinhava as pesadas carretas a bois, que traziam gêneros para o mercado. A boiada ficava solta, ao pé da praia, pastando na farta relva que cobria o solo, que o progresso transformou e poliu.(...) Também fronteiro ao mercado ficavam os importantes estabelecimentos comerciais, logo em seguida a loja da esquina do velho Paranhos e Antônio Carneiro da Fontoura (...). O movimento, entretanto, era enorme, em relação ao tempo. O seu comércio interno, isto é, o de tableiros, resumia-se em frutas, verduras, queijos, requeijões, rapaduras, mel e pouco mais, tinha, entretanto, o seu lado pitoresco, e este lhe emprestavam as pretas minas, que tinham também ali as suas quitandas, que constavam de caldeirões com mocotó e cangica aos domingos e de pés-de-moleques, amendoins torrados e farinha de cachorro diariamente. O movimento do mercado, mormente aos domingos, era enorme e principiava ao lusco-fusco do dia. Os rapazes que saíam dos bailes, os que passavam as noites em serenata e até os que a perdiam num velório- era no mercado que iam tomar seu café matinal com pão e manteiga, nos mesmos trajes de gala, de boemia ou de luto com que haviam atravessado a noite."



(Aquiles Porto Alegre, Noutros Tempos, 1922)



“Os arraiais cresciam de importância e recebiam nomes, como o do Menino Deus e da Cidade Baixa. Os cruzamentos de estradas com funções comerciais ganharam significado na estrutura urbana, entre eles: São Manoel, São João e Navegantes. Esses Caminhos partiam do núcleo inicial em forma de leque e, com o correr dos anos, foram prolongando-se.

O núcleo inicial ganhava contornos de centralidade realizando a ligação entre os arraiais” (MONTEIRO; 1995:32)

"A cidade progrediu bastante, graças a iniciativa particular. os seus limites urbanos foram-se pouco a pouco dilatando. A principio iam até a rua Senhora dos Passos. Atualmente, prolongam-se, povoados e ativos, até aos confins dos municípios vizinhos. Os antigos arrabaldes Menino Deus, Partenon, Navegantes são hoje artérias vitais do coração da cidade. Alguns, surgidos à última hora, como o arraial de São João, que é atualmente, pelo estupendo comércio, progresso e cultura, uma cidade na cidade, revelam poderosa atividade da gente portoalegrense."

(Aquiles Porto Alegre, *Noutros Tempos*, 1922)



“As chácaras mais próximas do núcleo principal já se encontravam em pleno processo de parcelamento em lotes menores e caía, por ali, a produção agrícola. A Cidade Baixa estava definitivamente abandonando sua vocação rural inicial. O Caminho de Belas ganhava significado como lugar de veraneio e uma lenta expansão podia ser sentida, em direção àqueles lados, desde que ficara pronta a Ponte de Pedra.” (CARNEIRO; 1992:46)



“A Ponte de Pedra, no Largo dos Açorianos, começou a ser construída em princípios de 1846, sobre o Riachinho (Arroio Dilúvio), que desembocava no Guaíba logo adiante.” (História Ilustrada de Porto Alegre;1997:77) *“A foz possuía bancos de areia e juncais. A enseada da Praia de Belas, que possuía muitos jacarés, foi aterrada na década de 60”* (Atlas Ambiental de Porto Alegre;1998)



“As lavadeiras, que estavam à praia, ali na Ponte de Pedras, entregues a sua lida, mal ouviam o grito monótono dos peões que vinham acompanhando o gado, disparavam, refugiando-se espavoridas nas casas fronteiriças”. (Aquiles Porto Alegre, *Noutros Tempos*, 1922) *“Quem margeia certos sítios de nossas praias, vê por toda parte roupa lavada, enxugando ao sol ou ao vento. Impressiona bem a quem contempla de perto esse aspecto de trabalho das humildes para ganhar o pão de cada dia.”* (PORTO ALEGRE ; 1940:202)





“Em 1890 a população de Porto Alegre era de 52 mil habitantes e, em 1900, de 73 mil com uma concentração de 32 Habitantes por metro quadrado. Os melhoramentos do equipamento urbano surgiram primeiramente na área central. As reformas atendiam a nova concepção burguesa de cidade veiculada pela elite, o centro deveria ser o lugar da conduta ‘civilizada’” (MONTEIRO;1995:34)

“Em 1908 começaram a circular os primeiros bondes elétricos ao lado dos automóveis particulares, coches e carroças. Melhora-se a pavimentação e o calçamento das ruas centrais e becos” (MONTEIRO;1995:35)



“Nas duas primeiras décadas do século, a rua é o espetáculo. Os comportados saraus e recitais da nata da sociedade cedem lugar ao cinema, ao teatro, aos cafés e confeitarias e também, ao ‘footing’ na Rua da Praia...” (História Ilustrada de Porto Alegre;1997:122)

“Eu acho, por exemplo, pelo que nós conversamos, pela história que a gente conhece de Porto Alegre... eu acho que o grande desenvolvimento do centro de Porto Alegre deu-se realmente em função do Mercado Público, em função do rio estar próximo ao mercado, do mercado ser abastecido pelas barcas aqui atrás (...) basta ver como a Prefeitura está localizada ao lado do mercado, os centros bancários estão em volta (...) eu acho que o mercado público é um marco histórico fundamental para o desenvolvimento da nossa cidade” (Documentário Memórias do Mundo;1997)





“Entre 1913 e 1920, foi aterrado um grande trecho de praia do Guaíba e iniciada a construção do cais do Porto (...). Essa obras possibilitaram um grande desenvolvimento da navegação fluvial através do Jacuí e seus afluentes” (MONTEIRO;1995:37)



“Na história da cidade, nenhuma obra alterou tanto a paisagem quanto a retificação do Arroio Dilúvio, o antigo Riacho.(...) O Arroio nasce em Viamão e depois de percorrer mais de 20 quilômetros deságua no Guaíba. Na altura da João Pessoa, desviava-se para a direita e percorria um trajeto de 2.900 metros, correndo junto a avenida João Alfredo, passando por trás do prédio do Pão dos Pobres e chegando ao centro” (História Ilustrada de Porto Alegre;1997:152)



“Rua da Margem. Como o nome diz, é a que acompanhava a margem do Riacho pelo lado leste. Iniciava nas imediações da Ponte de Pedra e alcançava a Ilhota” (OLIVEIRA;1993:97)



“A Rua da Margem, atual João Alfredo, formou-se espontaneamente, porque era caminho do matadouro que existiu por longos anos na Venâncio Aires, próximo à Praça Garibaldi. O Gado, transportado em balsas, vinha da Ilha da Pintada...” (História Ilustrada de Porto Alegre;1997:93)



"O antigo Porto dos Casais, dos fundadores açorianos, é hoje uma cidade moderna que ostenta orgulhosa, seu progresso na silhueta dos arranha-céus(...) O vão móvel da Ponte Rio Guaíba é um dos orgulhos da engenharia brasileira(...) O belo portão do porto abre-se para a Avenida Sépulveda e suas palmeiras (...) Há os que dizem que Porto Alegre imita Nova Iorque fazendo uma Manhattan em miniatura."

("É Domingo em Porto Alegre", Revista do Globo, 1966)

"Porto Alegre, no seu extraordinário avanço civilizador, chega a causar espanto. De lustro em lustro o seu progresso é espantoso.(...) Realmente, muitos dos nosso mais belos edifícios saíram das cinzas de verdadeiros casebres. Isto no miolo da cidade."

(Aquiles Porto Alegre, Através do passado, 1920)



"A tendência natural das cidades, ao contrário do ser humano, é tornarem-se cada vez mais juvenis, é que elas descobriram o elixir da vida eterna: o progresso.(...) Porto Alegre, com seus dois séculos de existência efetiva, tem muita coisa a contar e terá muito mais a dizer, ainda no futuro."

("Porto Alegre: a fonte da eterna juventude", Revista do Globo, 1967)

CAPÍTULO 2

É DIA DE FEIRA

A etnografia das práticas de comércio de rua na cidade exige uma disposição do pesquisador para o deslocamento constante, para um “vai-e-vem” intenso de pessoas de todos os lados, tendo em vista que seu objeto de estudo, mesmo alojado em um lugar determinado no espaço, é puro movimento. Por isso mesmo, grande parte desta etnografia realizou-se em caminhadas sistemáticas pelos corredores da feira-livre da Epatur, nas quais me apropriei de imagens das práticas cotidianas de mercado, observando as bancas em suas diversidades de produtos a serem oferecidos, os fregueses que ao longo do tempo fui reencontrando e reconhecendo em suas escolhas e compras, os feirantes e suas estratégias de conquista dos fregueses. Nestas caminhadas, pude perceber as mudanças de estações pela alternância dos alimentos, os gestos rotineiros de quem trabalha e de quem compra, numa interação singular a esta prática de “fazer a feira”.

As minhas descobertas desta ambiência particular, constitutiva do espaço urbano nas suas origens, estão vinculadas a um processo de observação participante intenso, de um longo tempo em que estive “dentro” da feira, convivendo e interagindo com os personagens que fazem parte deste cenário, buscando conhecer suas práticas e compreender a estética da feira livre no contexto urbano de Porto Alegre.

Dentro da feira-livre da Epatur, estamos imersos em corredores de bancas repletos de pessoas circulando de um lado a outro, disputando espaços em frente às bancas de frutas e verduras para escolher suas compras. A cada passo, faz-se necessário desviar de alguém que, vindo na direção contrária, em geral olha para os lados na sua pesquisa atenta de produtos. As bancas, enfileiradas uma ao lado da outra, oferecem alfaces, tomates, cenouras, beterrabas,

bananas, laranjas, uma grande variedade de produtos, não só alimentícios, compondo um cenário multicolor em plena Perimetral Loureiro da Silva, uma das grandes avenidas de Porto Alegre, próxima a área central da cidade. Essa estética é ainda enriquecida por um cheiro peculiar, revelando a mistura de tipos diferentes de frutas e verduras, legumes e carnes, expostos ao sol e ao toque de cada freguês. Trata-se de um cheiro que remete à durabilidade destes mesmos alimentos que, no decorrer da feira passam por um rápido processo de deterioração, restando ao final da manhã apenas resquícios da beleza apresentada no início da feira.

Neste circuito intenso, a diversidade de freqüentadores da feira-livre que circulam pelos corredores não se refere apenas aos fregueses que todos os sábados vão em busca de suas compras. Competem pelo espaço também os vendedores ambulantes de loterias, guarda-chuvas, algodão-doce, cortador de legumes, panelas, chinelos, e quaisquer quinquilharias que possa se imaginar, além de algumas crianças ansiosas pelas sobras de final de feira que ganham para levar para casa. Inúmeras vezes percebi que muitas destas crianças que esperam as sobras da feira também passeiam pelos corredores, em busca das “frutas rejeitadas”, que caem da banca ou estragam pelo chão, e assim vão lentamente enchendo suas sacolas com os alimentos que não serão “escolhidos” pelos fregueses de classe média que freqüentam a feira. Outras vezes, estas mesmas crianças são “contratadas” por alguma pessoa mais velha - já com menos força para carregar suas compras - para acompanhá-las durante a feira recebendo em troca algum dinheiro ou até mesmo parte das compras.

A heterogeneidade de estilos de vida que fazem parte deste universo evidencia o caráter urbano desta feira, revelando que não estamos em qualquer lugar, mas numa feira-livre de uma cidade grande, moderna e urbanizada. Esta multiplicidade de atores sociais que convivem neste espaço estabelecem relações que evocam as estruturas de classe presentes na vida cidadina, reveladas a partir destes pequenos biscates acionados pelas crianças que percorrem os corredores da feira, pelo trajeto dos vendedores ambulantes que mudam periodicamente, e também pelos diferentes tipos de fregueses que freqüentam a feira, constituindo esta ambiência por uma complexidade e diversidade (VELHO; 1999) em termos de práticas cotidianas e formas de apropriação do espaço público que ali se expressam.

“MAMÃO PAPAIA É CINCO POR DOIS!”

“CINCO PAPAIA POR DOIS!”

“É SÓ LEVÁ FREGUESA!”



“É SÓ UM REAL A BANANA! É UM REAL O CACHO DE BANANA!”



“TÁ BARATO O TOMATE!”

“VAMO CHEGANDO FREGUESIA”

Durante o trajeto singular de cada ator pelos corredores que formam a feira, ouve-se os feirantes gritarem para atrair seus fregueses, numa sinfonia ritmada dos anúncios de seus produtos. Podemos passar por algumas bancas mais “silenciosas”, mas uma das estratégias dos feirantes é surpreender o freguês que “pesquisa” os produtos, incentivando-o a comprar. No decorrer de minha etnografia, pude diferenciar quais eram os “corredores mais barulhentos” dos “corredores menos barulhentos” da feira, bem como as competições entre os feirantes a respeito de quem gritava mais alto, não necessariamente, numa lógica de “ganhar no grito”, mas como uma forma de estabelecer os limites do espaço a partir das sonoridades. Nas primeiras idas a campo, ao me verem passar diversas vezes pelos corredores com as mãos vazias, alguém gritava de dentro de uma banca:

- E AÍ FREGUESA, VAI COMPRÁ OU NÃO VAI? DUAS HORAS PASSEANDO E DE MÃO VAZIA?

Estas paisagens visuais e sonoras impregnam minha imaginação sobre este tipo de comércio de rua, e, a partir delas, visualizo as festas de praça públicas descritas por Mikhail Bakhtin (1996), enquanto ando pela feira fazendo parte também daquele cenário. As formas como se expressa esta ambiência de feira-livre me remetem, se posso dizer assim, a uma viagem no tempo. É como se andasse por uma daquelas aglomerações das ruas de cidades medievais que podemos ver nos filmes ou ler nos livros, onde comerciantes e mercadores oferecem seus produtos à venda e disputam o espaço público entre si e com os passantes, numa aparente desordem.

A estética da feira-livre guarda, entretanto, as peculiaridades do tempo da modernização. Meus passos, ao observar esta ambiência e as interações que ela proporciona, estão calcados sobre o concreto, “as ruas” deste espaço “medieval” não são de terra, mas de cimento, material predominante nas construções das cidades modernas. Sobre este chão de concreto, todos os sábados pela manhã, são erguidas estruturas de madeira que formam as bancas de verduras, frutas, legumes, carnes, etc, que constituem a feira, estabelecendo uma ritualização do tempo no cotidiano do bairro. As compras no supermercado parecem não exigir um encontro com horário marcado, num dia determinado da semana - vai-se ao supermercado conforme a necessidade de compras a serem feitas - seguindo uma temporalidade diversa daquela estabelecida pela feira, como vamos ver em alguns relatos de informantes mais adiante. Na feira-livre, ao contrário, as compras são ritualizadas pela periodicidade de sua ocorrência na dinâmica urbana, ou seja, uma vez por semana o cenário

destas interações é montado, abrindo uma brecha no cotidiano destes freqüentadores dos espaços urbanos de feira-livre para viverem as situações sociais próprias deste ambiente.

As “encenações” que podem ser observadas na feira-livre, a partir das performances de feirantes e suas interações com os fregueses, sugerem uma aproximação com as análises de Victor Turner (1974) sobre os rituais no processo de “estruturação e desestruturação” do cotidiano, tendo em vista a peculiaridade das relações que são estabelecidas, as “inversões de papéis” (TURNER; 1974) que podem ocorrer no momento da interação e a própria noção de “liberdade” (BAKHTIN; 1996) que está associada a esta ambiência da feira¹¹.

Desta forma, a feira-livre apresenta-se como o lugar de uma ordem diferenciada em relação a outros estabelecimentos comerciais modernos, como o exemplo do supermercado que na comparação acima. Na feira, dificilmente vemos filas, mas sim a parte da frente das bancas sempre lotada de pessoas que se acotovela para escolher o que vão comprar e, do outro lado, o grito incessante dos feirantes para atrair sua freguesia. Este contato direto entre os freqüentadores da feira e destes com o alimento a ser comprado, bem como com as piadas e brincadeiras de feirantes entre si e com os fregueses, evidencia um caráter diferenciado destas compras na feira em relação ao supermercado ou outros estabelecimentos de comércio das grandes cidades. Na feira, o espaço é aberto e público, os fregueses trocam receitas e apalham os alimentos que estão soltos em cima da banca – nada das embalagens plásticas do supermercado. Com este cenário, ainda enriquecido pelas cores de cada produto e pelos cheiros peculiares de matéria orgânica dos alimentos, a imaginação ganha mesmo grandes dimensões para poder se transportar ao desconhecido, às imagens de outros tempos que são restauradas nestas práticas de comércio de rua.

Estas imagens que evocam uma ambiência particular das aglomerações do espaço da rua nas “origens” das formas urbanas (WEBER; 1979) estão referidas na relação que é estabelecida com o alimento na hora da compra. Numa das idas que fiz até a feira acompanhando uma de minhas informantes, a Dona Geni, uma moradora antiga do bairro Cidade Baixa e freqüentadora assídua da feira da Epatur, me surpreendia com seus gestos de escolha dos alimentos, na sua forma de se relacionar diretamente com os produtos que iria comprar, procurando descobrir a sua essência a partir de sua matéria exposta nas bancas pelo toque e pelo cheiro.

¹¹ “Esta sutil dialética entre liberdade e regra, entre individualismo e forma coletiva, torna-se então um poderoso esquema imaginário para a experiência da relação entre a realidade e o desejo, entre o social e o individual. A



Diário de campo, 28/06/2003.

Quando paramos na banca das abóboras, Dona Geni me ensinou que quibebe se faz com abóbora de pescoço, a mesma que se faz doce de abóbora. Nesta banca Dona Geni alisou como pôde a abóbora, com seu dedo deslizando sobre a superfície úmida e laranja, decidindo se iria comprar ou não. Na verdade, acho que até já havia decidido, mas estava apreciando aquela fruta, sua textura, sua cor e seu cheiro. Era um contato necessário.

Estes gestos de contato com os alimentos oferecidos nas bancas são comuns entre os fregueses que, em geral, param na frente das bancas, analisam o produto oferecido em um primeiro momento com o olhar, um olhar analítico que se pergunta sobre o desejo de comprar isto ou aquilo. Logo depois, do olhar passamos para o toque, apalpa-se a fruta para descobrir se ela está realmente boa, saudável, pesquisa-se em todos os seus ângulos, para então verificar o cheiro. Em geral, esta análise dos alimentos vem acompanhada de conversas com os feirantes ou com outras pessoas que também estão ali escolhendo suas compras.

Este “contato necessário” com o alimento a ser comprado restaura um gesto de aproximação do corpo com as formas da comida, tornando possível uma interação da ordem do simbólico e não de uma razão prática no que se refere ao ato de cozinhar, na qual a manipulação destes produtos na compra, no toque no alimento, no cheiro, estão vinculados aos esquemas digestivos e aos símbolos da intimidade (DURAND; 2001) expressos na relação sensorial com os alimentos. Estes gestos arquetípicos (DURAND; 2001) estão ligados ao simbolismo do alimento e trazem em si um núcleo de imagens voltadas a um ciclo de vida, morte e renascimento do corpo reconfigurado no ato de comer, engolir digerir, representado na própria periodicidade da feira-livre no contexto do bairro que atualiza estas práticas de alimentação em esquemas gestuais da intimidade (DURAND; 2001).

Escolher compras em um ambiente aberto, sob o sol ou a chuva, disputar o espaço a todo o instante com outros passantes que estão na mesma procura, dividir não só o espaço da compra, como também as atenções dos vendedores, evidencia uma outra maneira de viver a cidade a partir destas práticas da rua. Na perspectiva de uma “fenomenologia do espaço cotidiano” (MOLES; ROHMER; 1982), esta estética da feira-livre oferece uma motivação

vitória do indivíduo sobre a norma na vitória da norma sobre o indivíduo é uma experiência agradável, de natureza essencialmente estética” (Enciclopédia Enaudi;1994:347)

(SANSOT; 1988) à circulação por seus corredores, caracterizada pelos gestos de viver o espaço e “desvendar os labirintos”¹² que o compõem. A motivação de caminhar por entre os corredores da feira parece estar para além de uma ordem prática de aquisição dos produtos necessários à semana, relacionando-se com as situações de certa intimidade vividas neste espaço e proporcionadas pela peculiaridade dos atos de compra e venda dos alimentos que evocam estas imagens simbólicas da digestão e da intimidade (DURAND; 2001) a que me referi antes. A fala dos feirantes, seja em tom de piada ou deboche, seja envolvendo o freguês em gentilezas, introduz uma espécie de intimidade nas relações de compra e venda normalmente marcadas pelo individualismo e anonimato. Neste sentido, percorrer os labirintos (MOLES; ROHMER; 1982) se refere à forma particular como cada freguês se apropria deste espaço de feira, descobrindo seus pequenos trajetos, os lugares de parada, estabelecendo um referencial próprio em termos de espaço vivido.

Uma das peculiaridades da feira da Epatur em relação a outras feiras da cidade – as chamadas feiras de bairro – é a forma como se dispõem as bancas no espaço do Largo, desenhando “ruas e esquinas”, “espaços públicos e privados”. Em outras feiras de Porto Alegre, as bancas são dispostas acompanhando a forma da rua que as recebe, uma ao lado da outra, como uma grande fila de bancas ao longo da rua. No Largo da Epatur, por ser um amplo espaço vazio e retangular, é possível que se formem corredores de bancas paralelos e perpendiculares uns aos outros, desenhando, no espaço do Largo, ruas para se transitar e esquinas que possibilitam uma mudança na direção da caminhada. Esta estética peculiar na composição da feira-livre da Epatur é um dos indícios que a constituem como um Mercadão – seu nome oficial – um grande aglomerado de produtores e vendedores que preenchem o vazio do Largo aos sábados pela manhã, transformando este lugar a partir de suas práticas e interações. A estética de um “mercadão” diz respeito ainda às antigas formas de comércio de hortifrutigranjeiros que compunham o cenário do bairro Cidade Baixa antes da construção da Avenida Perimetral e do Largo da Epatur, práticas que se estabeleciam nas margens do Rio Guaíba em barcos ou caminhões e dali abasteciam a cidade.

¹² “Un labyrinthe est une structure qui assure à la fois une limitation du champ de présence : le regard du passant est arrêté dans une scène que est à peu près à son échelle – et d’autre part, une grande densification géométrique, puisque la population totale que peut être contenue dans le volume architectural du labyrinthe est considérable” (MOLES; ROHMER; 1982:155)



A forma deste Largo¹³ é dada pelas ruas que estabelecem seus limites. De um lado está a Avenida Perimetral Loureiro da Silva, fronteira entre os bairros Cidade Baixa e Centro, e que atravessa a cidade desde a Independência – rua onde se situa a Santa Casa de Misericórdia – até a Usina do Gasômetro, na outra extremidade. Paralela a Perimetral – e contrastando com ela - temos a Travessa do Carmo, uma ruela estreita e ainda de paralelepípedos, evocando os ares do bairro Cidade Baixa antes da construção deste Largo. Nas duas outras extremidades do Largo estão a rua José do Patrocínio e a rua João Alfredo, antiga Rua da Margem¹⁴, que recebia os barqueiros vindos de outras paragens para vender hortifrutigranjeiros em Porto Alegre antes da retificação do Arroio Dilúvio. Cada um destes limites evocam paisagens da transformação da cidade e dão ao Largo um caráter de um espaço que “sobrou no tempo”, tendo em vista que os usos do lugar no cotidiano do bairro onde se situa são bastante restritos.

¹³ Os Largos se constituem historicamente como espaços importantes na dinâmica urbana de Porto Alegre. Lugares de reunião e sociabilidades, existiram vários Largos (Largo da Quitanda, Largo do Arsenal, Largo dos Ferreiros, etc) no espaço público da cidade que caracterizaram-se pelo reforço de certos laços sociais a partir das diversas atividades a que davam lugar – trabalho, comércio, festas e religiosidades, por exemplo – conformando-se assim em espaço importante na caracterização de uma estética peculiar a Porto Alegre. Ver ROCHA; 1994 e MONTEIRO; 1995.

¹⁴ A rua João Alfredo era chamada de Rua da Margem, pois antes da retificação do Arroio Dilúvio - que atualmente acompanha o percurso da Avenida Ipiranga – este passava onde hoje esta situada a rua João Alfredo, sendo que os fundos das casas ali construídas estavam às margens do arroio.

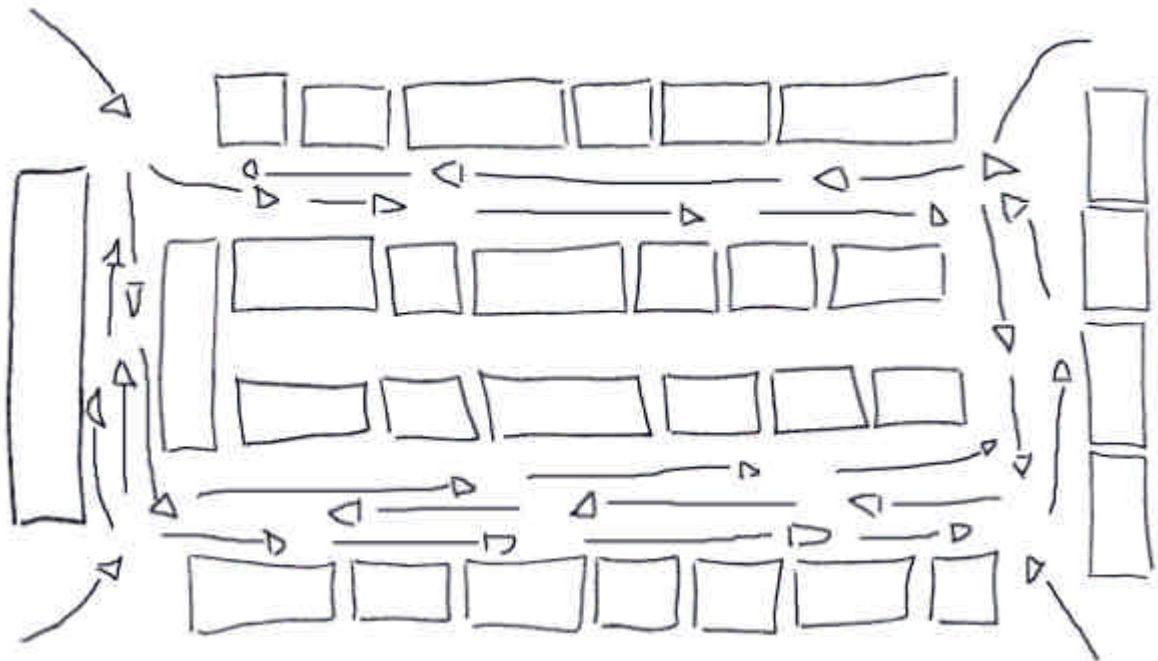
A feira-livre da Epatur é o único evento semanal que ocupa este espaço cotidianamente, adquirindo um valor afetivo (MOLES; ROHMER; 1982) a partir das práticas dos atores que o habitam. A estrutura formada pelas bancas preenche o espaço do Largo como se ele tivesse corredores. São quatro filas de bancas: uma de costas para a Perimetral e as outras duas, uma de costa para outra, no meio do Largo e, por fim, uma fila de bancas de costas para a Travessa do Carmo. Fechando estes corredores temos filas menores, próximas às extremidades do Largo que são limitadas pelas ruas José do Patrocínio e João Alfredo. Contornando o “espaço externo” da feira, ainda no Largo da Epatur, ficam carros estacionados de fregueses que vêm de outros bairros para fazerem suas compras.

Assim, este ambiente de feira-livre pode ser “vivido” pelos fregueses a partir de trajetos singulares, optando por “ruas e esquinas” a serem percorridas durante as compras, e em cada uma delas, encontrando situações particulares que configuram este espaço como um território específico, constituído não apenas pelo tipo de bancas e feirantes que ali estão alocados, como também pelas preferências da freguesia em percorrer estes corredores. Além disso, existem também as “esquinas” que formam as “entradas” da feira, cada uma delas oferecendo um caminho a ser percorrido para as compras. Estas esquinas correspondem também às esquinas entre as ruas que limitam o Largo.

Muitas de minhas caminhadas na descoberta destas práticas de fazer a feira foram com o intuito de acompanhar alguns fregueses em suas compras, o que me permitiu perceber a diversidade das escolhas possíveis de percursos neste espaço. Dona Maria, por exemplo, uma moradora antiga do bairro Cidade Baixa que tive oportunidade de acompanhar durante suas compras, escolhia um trajeto para fazer a feira bastante diferente de outros que eu já tinha acompanhado. Desenhando um “zig-zague” pelos corredores, parando em uma banca, fazia suas compras, ajeitava sua sacola no carrinho de feira e logo em seguida atravessava o corredor direcionando-se a uma banca do outro lado. Dona Maria seguia um roteiro estabelecido que tornava suas compras na feira bastante rápidas, mesmo que em cada banca parasse para escolher cuidadosamente seus produtos. Já Dona Geni, que acompanhei em outra oportunidade, namorava vagarosamente os alimentos com os olhos antes de se aproximar de uma banca, e apresentava suas preferências em relação a algumas bancas, mas nunca deixava de “reparar nas outras”.

Estas duas maneiras de “habitar” o espaço da feira são referenciais para destacar as múltiplas possibilidades de percurso que ela oferece. Assim, reunindo a estes dois trajetos descritos acima todos os outros que simultaneamente exploram o lugar, podemos imaginar uma trama que é tecida aos sábados, conferindo ao Largo e à feira o caráter de espaço afetivo

(MOLES; ROHMER; 1982) constituído nas práticas cotidianas (DE CERTEAU; 1994) de seus frequentadores.



Além desta dimensão pública do ambiente da feira, a disposição das bancas favorece a constituição de espaços privados, ao alcance apenas dos feirantes – e de alguns fregueses preferenciais – um lugar do trabalho e sociabilidade, de relações que não são explícitas ao público de uma forma geral. Este espaço privado a que me refiro pode ser analisado a partir da categoria “pedaço” colocada por José Guilherme Magnani (1996) ao tratar da apropriação do espaço da rua para o lazer em classes populares. No caso da feira-livre, o espaço interno da banca “funciona” como um lugar intermediário entre as formas de sociabilidade e a apropriação do espaço que acontece “nos corredores”, na rua, e um espaço mais íntimo, no âmbito até mesmo das relações familiares que ocorrem na parte interna. Não se trata, neste caso, de uma “privatização” do espaço público do Largo por estes feirantes, mas de práticas sociais que re-significam o lugar (MAGNANI; 1996) em dias de feira, estabelecendo alguns territórios de circulação irrestrita e outros com algumas restrições.



Para entender um pouco desta dinâmica é preciso imaginar que há uma fila de bancas formando um corredor e que atrás dela, como que fechando um recinto, ficam os caminhões dos feirantes (caminhões, kombis, ônibus, etc, o veículo que dispõem para transportar suas cargas). Este recinto, ao qual me refiro, é formado por uma gama de elementos que compõem o espaço de trabalho dos feirantes, assemelhando-se imagetivamente à idéia de pátio ou quintal (BACHELARD; 1996), onde ficam dispostos alguns “utensílios da casa”. Em meio às caixas de frutas que ficam espalhadas pelo chão e também pelo caminhão, outros objetos identificam este lugar como “privado”, como garrafas de bebidas ou chimarrão, alguma roupa jogada por cima das caixas, um rádio que toca.



Henrique, um dos feirantes com que tive um contato mais próximo, leva seus dois filhos, todos os sábados, para a feira junto com ele. O mais velho, um menino de onze anos, já ajuda nas vendas. O mais novo, também ensaiando os primeiros gestos de feirante, tem cinco anos de idade. A parte interior da banca de Henrique é decorada por brinquedos de criança e cobertores, bem como mamadeiras e outros objetos que indicam a infância ali presente. Como esta banca está situada no meio do Largo, os “fundos” da banca do Henrique dão para os “fundos” de outras bancas que formam o corredor paralelo a este, constituindo um lugar dificilmente atravessado por algum freguês. No caso da banca do Henrique, há peculiaridades importantes de se enfatizar, pois como trabalha sempre com os filhos e tem uma banca pequena em relação às demais bancas da feira, seu espaço e sua dinâmica de trabalho diferenciam-se, de certa forma, de outros feirantes. As singularidades da banca do Henrique, em termos de seu “pátio interno”, também refletem na relação que vai estabelecer com seus fregueses, como iremos ver mais adiante.



Durante esta pesquisa, tive algumas oportunidades de “entrar” neste “espaço privado” e participar da sociabilidade e das interações entre os feirantes, observando seus gestos e suas práticas, rindo de suas piadas e jocosidades, o que me possibilitou compreender sua forma de trabalho e os sistemas simbólicos ligados a estes fazeres. No interior da banca, o trabalho é intenso, dividido entre atender os vários fregueses e abastecer a banca. Os feirantes passam a maior parte do tempo em pé, caminhando de um lado a outro neste “espaço privado”, para dar conta de todas as suas tarefas.

2.1 A ESTÉTICA DO ESPAÇO: A FEIRA-LIVRE CONSTITUÍDA DE MICRO-EVENTOS



“SABE COMO EU FAÇO A MORANGA, PARA TIRAR A CASCA? EU COLOCO NUMA PANELA COM ÁGUA QUENTE, ESPERO AMOLECER E AÍ EU TIRO. SAI TUDINHO.”

“PAI, O QUE É AQUILO ALI? É CHARQUE?”



“FEIRA COM CHUVA É BRABO.”

Nas interações possíveis entre os personagens que compõem os “espaços públicos” e os “espaços privados” na feira-livre, estão estabelecidos os micro-eventos¹⁵ (MOLES; ROHMER; 1982) ou micro-dramas (SANSOT; 1988), ou seja, pequenas cenas ou acontecimentos que representam a apropriação do espaço por estes atores sociais. Estes micro-eventos constituem-se de pequenos atos que conformam a ambiência que venho descrevendo, dando um significado para este espetáculo do cotidiano que acontece na feira-livre através das sociabilidades entre os fregueses que se encontram, nas brincadeiras e jocosidades dos feirantes entre si e com o público.

A noção de micro-evento (MOLES; ROHMER; 1982) é colocada aqui como uma maneira de viver o espaço público através das inter-relações entre os atores envolvidos em alguma cena social, como acontece na feira-livre, principalmente na interação entre fregueses e feirantes que, em geral, reúne diversos atores em uma situação de brincadeira ou piada. Um micro-evento, por excelência, aglutina grupos de pessoas em torno de um objeto comum que, segundo Abraham Moles (1982), pode ser de diversos tipos no que tange ao percurso de um “passante” pelas ruas, desde um “artista de rua” que realiza suas performances na calçada, até mesmo um encontro entre conhecidos em alguma esquina. No caso da feira-livre, o objeto principal destas interações são os alimentos a serem vendidos e comprados e os gestos que decorrem disso.

Na perspectiva de uma antropologia do espaço, opto por dividir esta descrição etnográfica a partir dos lugares ou territórios que pude identificar ao longo desta pesquisa, procurando dimensionar a feira-livre por seus micro-eventos, ou seja, pelas situações momentâneas que caracterizam esta ambiência. Neste sentido, evoco algumas falas, pequenos encontros, gestos de habitar este espaço durante as horas em que a feira-livre da Epatur ocupa o Largo. A descrição destes territórios e suas temporalidades permite cruzar diferentes situações, simultâneas ou não, que oferecem este caráter de heterogeneidade e multiplicidade de formas de “fazer a feira”, bem como dos personagens que a habitam. Estes fazeres evocam “maneiras” de enunciar (DE CERTEAU; 1994) o espaço urbano, tensionando-se os usos cotidianos e ordinários do lugar público pelos habitantes da cidade com as formas de regulamentação e constituição deste espaço pelo Poder Público.

Conforme Edward Hall (1973), o espaço é produzido culturalmente a partir da ordenação das atividades e comportamentos humanos, de acordo com seu aspecto público ou privado. Neste caso, a organização do espaço da feira-livre oferece uma gama de dimensões

¹⁵ “Les micro-événements sont les fibres du tissu du spectacle de la rue” (MOLES; ROHMER; 1982:148)

para a análise, desde sua localização no contexto urbano até sua própria organização interna, permitindo-nos descobrir as diferentes facetas deste uso do espaço no que concerne à ordem estabelecida para o uso dos espaços públicos e às práticas que produzem este espaço.

Num primeiro momento, privilegio as características internas desta ambiência, tentando narrar os diferentes territórios (PARK; 1979) que a constituem, bem como os acontecimentos que definem sua estética. Para tanto, é importante termos em mente que a constituição deste espaço da feira não é estático, mas se define, principalmente, pela intensidade de situações diferentes que podemos observar. No decorrer desta pesquisa, aconteceram algumas alterações nesta ordenação do espaço da feira, como bancas que mudaram de lugar, ou feirantes que deixaram a feira. Todas estas alterações provocam formas diversas de interação, seja dos feirantes entre si e com sua “vizinhança”, seja com os próprios fregueses que em determinados casos acabam mudando seu itinerário.

Tendo em vista a noção de “espaço referencial” de Abraham Moles (1982), cada um destes territórios que identifiquei como expressivos desta ambiência da feira-livre estão vinculados às experiências vividas, às conversas e histórias que tive oportunidade de ouvir, às interações que possibilitaram o reconhecimento deste espaço e das práticas que o constituem. Relaciono-o, dessa forma, com o contexto urbano de Porto Alegre, com as camadas de tempo que são possíveis de evocar através destes atos e gestos de fazer a feira como constituintes de esquemas de imagens simbólicas que acabam por produzir este espaço, para além de sua concretude física, ou seja, na própria experiência dos sujeitos que a frequentam.

É importante ainda estabelecermos as diferenças entre “espaço” e “lugar” (DE CERTEAU; 1994) para a restauração da feira-livre como um ritual cotidiano que reinventa o ato de habitar o bairro, atualizando determinadas práticas de mercado que estão presentes nas camadas de tempo da Cidade Baixa. O lugar é algo de referencial e relacional, uma ordem que distribui os elementos ou as coisas em posições diversas, atribuindo uma coexistência entre os mesmos, ou seja, refere-se ao lugar ou posição de cada banca dentro da feira. O espaço, por sua vez, é produzido pelas operações humanas na sua relação com o meio, é dotado de um ritmo de existência nas trajetórias e ações dos sujeitos, “o espaço é um lugar praticado” (DE CERTEAU; 1994: 202). Esta relação entre lugar e espaço inscreve a existência da feira e do Largo da Epatur na estética do espaço urbano de Porto Alegre, restaurando um sistema de práticas ligadas à rua e ao comércio. Neste sentido, a descoberta destes labirintos e lugares da feira, o passeio por estes corredores e suas peculiaridades permite desvendar estas “práticas do espaço” (DE CERTEAU; 1994) na cidade, e as formas de produção do urbano em Porto Alegre sob a ótica destas práticas de comércio.

A forma deste espaço e sua matéria anunciam-se tanto nas práticas cotidianas como nas sonoridades destas práticas, e, portanto, opto por uma descrição desta situação social, não apenas pelas cenas visuais que ela apresenta, mas também pelas imagens sonoras que estão ali presentes, isto é, pela composição de sons que se mesclam nas falas dos feirantes com os sons do trânsito da Perimetral, por exemplo. De acordo com Pierre Sansot (1988), há uma linguagem das ruas que se manifesta nos ruídos e nas falas dos passantes e que produz uma “poética da cidade” (SANSOT; 1988), imprimindo uma cadência aos micro-dramas (SANSOT; 1988) cotidianos, e assim dando forma à matéria das ruas. Desta perspectiva, pensar a feira-livre do ponto de vista da ocupação do espaço é atentar também para as sonoridades componentes deste cenário como linguagens que comunicam as formas simbólicas do “fazer a feira”, na conformação da feira como uma metáfora da cidade em suas “ruas e esquinas”, “espaços privados e espaços públicos”.

2.1.1 Um lugar de passagem: entrando na feira



Como referi antes, as ruas que limitam o Largo da Epatur¹⁶ oferecem “entradas” diferentes para os fregueses da feira. Durante o tempo em que realizei esta pesquisa, algumas vezes fui até lá acompanhada de algum informante, o que me proporcionava “entrar na feira” a partir do lugar do “Outro”, ou seja, era guiada pelos lugares de preferências das pessoas que acompanhava. Nos dias em que chegava até a feira sozinha para realizar minha observação participante, sempre preferi a entrada situada na esquina entre a Avenida Perimetral e a Rua José do Patrocínio, pois esta constituía, para mim, uma espécie de “entrada principal”, um lugar de maior movimento – não só de pedestres como também de veículos que circulam pela avenida - onde a disposição das bancas formava uma abertura que ritualizava minha entrada no espaço da feira.

Esta entrada refere-se ao corredor mais curto e estreito da feira que se estende da Avenida Perimetral até a Travessa do Carmo, costeando a Rua José do Patrocínio. Passando pela entrada, tem-se a primeira banca, que vende doces de frutas e sorvetes, formada por um balcão que lembra as sorveterias antigas, com um vidro alto por onde podemos enxergar os sorvetes lá embaixo, como os balcões refrigerados dos antigos armazéns. Ao lado desta, estão outras duas bancas, uma de carnes e a outra de frangos, também com o mesmo balcão alto e refrigerado¹⁷. Em seguida temos uma banca que vende salames e queijos e outra banca com biscoitos, docinhos, cucas e pães, as duas seguindo a estrutura de madeira das demais bancas. Outra característica importante desta “entrada” da feira é que, de tempos em tempos, algum vendedor ambulante se instala do lado “de fora” da feira, para vender ervas, chás, amaciantes de roupas, detergentes, artesanatos. Estes são vendedores que não fazem parte das regulamentações da feira para se inserirem na parte “interna” e acabam ficando uns poucos meses vendendo seus produtos “nas esquinas”, pelo lado de fora da feira.

Mesmo entrando por este corredor, somente presto atenção nele na hora de sair da feira e por isso trato-o aqui como um lugar de passagem. Este corredor é o único lugar da feira onde as pessoas estabelecem uma espécie de fila para comprar, até porque esta estrutura de balcões não permite que os fregueses toquem nos produtos vendidos, podendo, tão somente, escolher o produto apontando para o vendedor o que querem comprar. Observei muitas vezes que destas filas, os fregueses se direcionavam para a saída, indo embora da feira. Para os fregueses que estavam entrando, este corredor dificilmente se configurava como um lugar de parada, pois passavam direto para os outros corredores. Segundo Abraham Moles (1982), um

¹⁶ O Largo mudou de nome no meio de meu processo de pesquisa, passando a chamar-se largo Zumbi dos Palmares, mas não adoto este nome para a tecer minhas interpretações, preferindo o nome antigo, Largo da Epatur.

lugar de passagem é definido pela densidade e tipo de acontecimentos, de seres e de coisas que habitam o espaço. No caso deste “corredor de entrada”, o fluxo de pessoas circulando era muito maior do que o de pessoas que ficavam¹⁸ por ali, mesmo que paradas arrumando suas compras em seus carrinhos. Do mesmo modo, os feirantes que têm suas bancas neste corredor, não costumam chamar os fregueses ou anunciar seus produtos aos gritos, o que, associado ao tipo de estrutura das bancas, favorece uma interação com o freguês bastante diferenciada dos outros feirantes, que me parece mais próxima das relações estabelecidas no ambiente do supermercado.

Este caráter de passagem é evidenciado ainda mais, tendo em vista a circulação de pessoas por ali não variar muito no decorrer do dia, diferente de outros corredores que apresentam uma maior ou menor concentração de pessoas ao longo da manhã. Por ali, enquanto dura e feira existem pessoas passando, seja para entrar, seja para sair, seja para “dobrar à esquina” e percorrer outro corredor da feira. Em épocas de eleição, não por acaso, quando os militantes dos partidos políticos ocupam o espaço da feira para fazer campanha, este é seu lugar preferido de panfletagem, aproveitando o vai-e-vem dos fregueses para distribuir suas propagandas.

Em comparação com os outros pontos de entrada da feira, que ao atravessá-los entramos repentinamente já no “espaço dos acontecimentos”, este corredor de passagem se constitui eminentemente como uma ligação entre os demais corredores, um *carrefour* (MOLES; ROHMER; 1982) onde começam e terminam alguns caminhos. Por outro lado, em alguns momentos este ponto de entrada se torna para mim uma espécie de observatório, de onde observo o movimento dos outros corredores até decidir que caminho seguir. Muitas das fotografias que fiz, pensando em evocar a dimensão deste mercado livre, têm como enquadramento a “vista” que este lugar de passagem me possibilita, um olhar que alcança a outra extremidade da feira, muitos metros depois da Rua José do Patrocínio, lá na Rua da Margem.

O “outro lado” deste corredor é formado pela lateral das bancas dos outros corredores e pelas entradas dos mesmos, ou seja, deste corredor podemos escolher duas outras possibilidades de trajetos pela feira, que se referem aos corredores mais compridos, com o maior número de ofertas de produtos e de bancas. Cada um destes corredores tem uma estética bem diferente, evidenciando os diversos territórios que podem ser identificados no

¹⁷ A energia para a refrigeração destes balcões é retirada dos caminhões que ficam atrás das bancas.

interior do espaço da feira-livre. Embrenhando-se neste espaço, podemos começar a descoberta dos labirintos (MOLES; ROHMER; 1982) que constituem a feira-livre da Epatur.

2.1.2 A “estética da desordem”¹⁹: o cenário de um “corredor agitado”

Depois da rápida passagem pela entrada da feira da Epatur, vamos para o corredor que está mais próximo da Travessa do Carmo e que se estende da Rua José do Patrocínio até a Rua João Alfredo.²⁰ A diversidade de situações e sonoridades que podemos encontrar aqui nos remetem ao conceito de animação²¹ das ruas (MOLES; ROHMER; 1982), pois, ao entrarmos neste corredor, somos envolvidos em uma ambiência de grande efervescência.

Segundo Abraham Moles (1982), a animação das ruas está diretamente ligada à idéia de micro-eventos, ou seja, aos pequenos acontecimentos ou situações inesperadas que produzem o espetáculo do cotidiano e tornam as ruas um lugar de *s’arrêter pour être, exister* (MOLES; ROHMER; 1982:134). São cenas efêmeras, mas que imprimem um ritmo às interações e às sociabilidades que compõem o cotidiano das ruas da cidade. O mesmo pode ser referido no que tange às formas de “fazer a feira” que se constituem também por pequenas cenas e interações, por encontros fortuitos entre vizinhos e por brincadeiras de feirantes com seus fregueses. Esta prática que conforma a ambiência da feira-livre da Epatur enuncia a forma de apropriação deste lugar na cidade (SANSOT; 1988), contrastando com o vazio do Largo durante a semana. Neste sentido, os labirintos e trajetos diversos a que me refiro ao descrever o espaço da feira são “realizações” (DE CERTEAU; 1994) dos fregueses e feirantes deste mercado sobre o espaço urbano em questão, atualizando e inventando o espaço do Largo da Epatur na estética das trocas sociais estabelecidas pelo comércio de rua.

Para um leitor da cidade (CERTEAU; 1994), esta ritimicidade das situações da rua e do espaço público, ditada pelo uso cotidiano dos habitantes da cidade, evoca um “ser urbano” que se constitui no olhar e na vivência deste espaço, pois a cidade²² é escrita no caminhar dos “praticantes do ordinário” (CERTEAU; 1994), ou seja, na atribuição de significado a este espaço a partir da experiência dos sujeitos em relação a ele. Na estética da feira-livre, o

¹⁸ Em francês, o verbo utilizado para indicar esta ação é *rester*, que me parece traduzir de forma mais fiel o que Moles denomina de densidade do lugar, pois indica um ficar em função de algo que acontece, que liga as pessoas ao lugar.

¹⁹ A noção de estética da desordem é referida por Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994) a partir de sua tese de doutoramento sobre a conformação e a estética urbana das cidades no Brasil.

²⁰ As referências que faço às ruas limites do largo são meramente para localizar geograficamente a disposição dos corredores de bancas da feira, pois as mesmas se encontram no interior do largo e não às margens das ruas.

²¹ “Activité. Anime, actif sont deux mots très voisins, impliquant une certaine synonymie: vivre, c’est agir; une rue animée est une rue qui vit.” (MOLES; ROHMER; 1982:147).

²² “Uma cidade *transmutante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível” (CERTEAU; 1994 : 172).

caminhar de seus fregueses e as práticas de seus feirantes conformam territorialidades específicas que tento desvendar a partir das situações que pude observar ou participar.

Na diversidade destes territórios da feira-livre da Epatur, o corredor que entramos agora se apresenta como o mais “agitado”²³. Ao “dobrando a esquina”, a partir do corredor de passagem, vemos ao lado direito uma banca que vende produtos diversos como tomates, pimentão, vagem, cenouras, beterrabas, etc. A multiplicidade destas formas dos alimentos é enfatizada pela gritaria dos feirantes que trabalham ali ao anunciarem seus produtos. Nesta banca, são quatro ou cinco homens de várias idades trabalhando, que brincam com seus fregueses, chamando-os às compras. A banca é extensa e convida os passantes a dirigirem seu olhar até seus produtos e, como se localiza na entrada do corredor, também chama os clientes a percorrê-lo.

A estética da feira-livre é composta também pela sonoridade que preenche o espaço do Largo na voz dos feirantes, conduzindo os passantes a manter ou mudar sua trajetória, prestar a atenção em algum produto específico ou em alguma promoção. Estas sonoridades da feira apresentam-se também como uma maneira de habitar o Largo, de produzir e estetizar este espaço que é peculiar a este tipo de atividade. Segundo Pierre Sansot (1988), a “vida das ruas” é introduzida a partir desta linguagem de enunciação que a caracteriza, na voz dos vendedores que marcam um compasso com a temporalidade no anúncio de suas frutas.

²³ Uso o termo “agitado” em referência às análises de Abraham Moles (1982) sobre a circulação de pessoas pelos espaços da cidade, na perspectiva de caracterizar o movimento intenso de pessoas por este corredor ao longo da manhã, bem como a também intensa cena das interações sociais que ali se constituem.

“UM PILA! É SÓ UM REAL, VAMO QUE É SÓ UM REAL O PACOTE MINHA GENTE! BOM DIA MINHA AMIGA! SÓ PAGA UM CADA PACOTE! O ESQUINÃO DA ECONOMIA!”



“VAMO LEVÁ ESSA BÓIA FREGUESIA! AQUI QUE É O BARATO! O FIM DE SEMANA TÁ CHEGANDO, E A VISITA TAMBÉM!”

“VAMÔ CHEGANDO, FREGUESIA, QUE TÁ BARATO O TOMATE! OLHA O TOMATE MACIO E CHEIROSO! VAMOS ENTRANDO FREGUESA QUE TÁ NA HORA DE APROVEITAR! PODE ESCOLHER!”



A intensidade destes anúncios refere-se, também, a uma comunicação entre os feirantes de bancas diferentes. No caso do corredor em que estamos, composto de bancas de vários tipos, o início e o fim da feira são caracterizados pelas brincadeiras e piadas que os feirantes trocam do interior de suas bancas. Os períodos de menor circulação de pessoas pelos corredores da feira possibilitam que exista uma certa sociabilidade entre os feirantes, mas que é entrecortada pelo atendimento dos fregueses. Segundo Henrique, o feirante que citei anteriormente, que tem sua banca neste corredor, são poucos os momentos em que podem travar alguma conversa, pois o movimento da feira é bastante intenso durante toda a manhã. Apenas quando já estão desmontando as bancas é possível então conversar um pouco, mas é o tempo de desmontar a banca e deixar o espaço do Largo. Desta forma, as brincadeiras e piadas jogadas em alguns momentos de “visibilidade” no corredor são formas importantes de comunicação entre os feirantes, compondo também o ritmo deste “fazer a feira”.

Entre um lado e outro do corredor temos uma distância de aproximadamente três metros, espaço que durante os horários de maior movimento de pessoas na feira fica quase que totalmente preenchido, impedindo que os feirantes que têm suas bancas uma de frente para a outra conversem ou troquem piadas. Nestes momentos, os feirantes estão anunciando seus produtos, enquanto muitos fregueses passam pelo corredor conversando, puxando seus carrinhos de feira ou carregando suas sacolas. A “paisagem sonora²⁴” (SHAEFFER; 1995. CHION; 1998) dessa ambiência compõe-se de uma mistura de sons que preenchem o Largo “dando-lhe uma espécie de corpo sonoro”²⁵ (BACHELARD; 2000:68) onde os personagens deste evento estão envolvidos. A ênfase que dedico às sonoridades dessa ambiência deve-se a intensidade com que preenchem o espaço em questão, tornando-se como que representações destas práticas de “fazer a feira”, ou seja, estas sonoridades da feira-livre evocam uma particularidade destas formas de comércio de rua e de apropriação do espaço público que direcionam-se às considerações de Mikhail Bakhtin (1996) sobre as festas populares de praça pública.

Esta circulação intensa de pessoas diminui a distância entre elas, fazendo com que tenham que desviar umas das outras para que não se esbarrem. Neste sentido, as noções de proximidade e distância públicas, analisadas por Edward Hall (1973), são redimensionadas, já que o toque e o olhar “cara a cara” são praticamente inevitáveis. Na procura de seus produtos,

²⁴ Segundo Robert Muray Shaeffer (1995) a paisagem sonora “consiste em eventos ouvidos e não vistos” (SHAEFFER; 1995:24).

²⁵ “Le son est une onde qui, à la suite de l’ébranlement d’une ou plusieurs sources nommés corps sonores, se propage, selon des lois bien particulières et, au passage, touche ce qu’on appelle l’oreille, où elle donne matière a

ou para alcançar uma banca em especial, os fregueses precisam muitas vezes aproximar-se muito, espremendo-se uns contra os outros quando chegam na frente da banca de sua escolha. Nem todas as bancas apresentam esta mesma característica, algumas são mais fáceis de se aproximar outras nem tanto, depende do que está à venda, mas mesmo no corredor em que se está caminhando é difícil sair-se ileso do contato com outros passantes, dada a quantidade de elementos que compõem este cenário.

Nos aproximando da metade deste corredor que entramos, chegamos à banca do Henrique, que vende alhos e temperos. Antes disso passamos por outras bancas vendendo vários tipos de frutas e legumes e uma outra banca que vende pães, etc, sempre acompanhados pelas vozes dos feirantes. Na banca de Henrique, os anúncios são ouvidos na voz de seus filhos, o que sempre atrai fregueses para conversar com os meninos, comentar algo sobre seus gestos de venda, possibilitando uma interação diversa da que pode ser notada em outras bancas. Esta é uma banca menor do que as outras, o que favorece também uma certa aglomeração de clientes em busca de alho ou temperos para a comida. Uma das primeiras conversas que tive com Henrique foi sobre um dos jogos da Copa do Mundo: Alemanha X Arábia Saudita. Recordo deste episódio muito bem, pois nestas datas festivas (dia das crianças, copa do mundo, natal) a feira está sempre caracterizada. No caso da Copa do Mundo, os feirantes penduram fitas verde-amarelo em suas bancas para comemorar os jogos de futebol. Quando passei em frente à sua banca, Henrique estava gritando para um feirante da banca da frente:

Henrique: ALÁ ABANDONOU A COPA, RESOLVEU FICAR SÓ COM A JADE NA NOVELA²⁶, EM CAMPO TEM MUITO HOMEM DESNUDO....

Assim, parei para perguntar quanto estava o jogo, afinal quase todos os caminhões estavam com seus rádios ligados para ouvi-lo: naquele momento, 4 X 0 para a Alemanha. Outras pessoas pararam também para comentar sobre os jogos e a Copa – “os alemães são maiores, tem mais chance”; “Alá não vai ajudar”; etc – e, assim, um pequeno grupo já se formou em frente à banca do Henrique, tecendo suas opiniões, conversando, rindo. No entanto, estes micro-eventos são efêmeros, logo a aglomeração se dispersa para em seguida outras se formarem, em torno de outros assuntos. Estas situações, não necessariamente, se dão

des sensations auditives, non sans toucher aussi d'autres parties du corps, où elle déclenche des chocs, des vibrations, etc” (CHION; 1998:23).

em frente a alguma banca, pois também acontecem no meio do corredor, com o encontro entre freqüentadores da feira que se conhecem e param para conversar e, assim, dificultam a passagem de outros fregueses. Estas pequenas cenas ou micro-eventos, efêmeros mas constantes, estabelecem o ritmo e a animação deste território da feira-livre da Epatur.

Já quase no final deste corredor a densidade da paisagem sonora é ainda maior, pois em todas as bancas a brincadeira com os fregueses é constante. Insisto na relação do espaço com a oralidade destes personagens, pois evoco uma forma de ocupá-lo (DE CERTEAU; 1994) e de produzi-lo (HALL; 1973) que configura a estética da feira-livre como um grande mercado de frutas, narrando os diversos usos deste espaço do Largo dentro da cidade²⁷. O corpo sonoro a que me refiro aqui está vinculado à relevância de se pensar o som como uma imagem constitutiva destes espaços urbanos, que, no caso da feira-livre, evoca não só a oralidade dos personagens em cena, como também a sonoridade das práticas cotidianas ali presentes nos gestos dos fregueses e feirantes. Neste sentido, corpo sonoro (BACHELARD; 2000) ou paisagem sonora (SHAEFFER; 1995. CHION; 1998) referem-se à escrita (DE CERTEAU; 1994) de uma ambiência, de uma estética peculiar da paisagem urbana. Assim, perto de uma banca que vende bananas podemos ouvir o feirante chamando seus fregueses, um pouco mais adiante outro feirante, agora da banca de queijos e salames, quase no meio do corredor também anunciando seus produtos, do outro lado descreve-se a beleza das frutas oferecidas à venda.

Neste jogo de oralidades, os fregueses vão escolhendo suas compras, pesquisando as bancas, entrando na brincadeira dos feirantes, reunindo-se na frente das bancas. Ocorre uma “transformação das formas” do corredor da feira-livre, abrem-se possibilidades diversas de trajetos e encontros, de cenas que revelam a ambiência e a estética deste mercado de rua. As imagens que compõem este cenário falam de dias quentes de verão, nos quais o concreto do chão aquece ainda mais esta caminhada, ou de dias frios, com vento forte, ou chuvosos, nos quais os guarda-chuvas são assessórios necessários que também disputam o espaço do corredor e das bancas. Assim, se olharmos agora para o caminho que já passamos, para o início do corredor que vamos deixando para trás, podemos ver vários nichos de pessoas reunidas em frente a algumas bancas com seus carrinhos de feira e suas sacolas, desenhando uma forma sinuosa e movediça para este corredor aparentemente retilíneo.

²⁶ Referência a uma novela que estava sendo transmitida pela Rede Globo de Televisão em 2002, ano em que aconteceu a última Copa do Mundo de Futebol.

²⁷ Refiro-me às atividades culturais ou políticas que esporadicamente povoam o Largo da Epatur e por outro lado o lugar “invisível” que ele se transforma durante a semana no cotidiano do bairro Cidade Baixa, quando está

... LEVA UMA PENCA PRA SOGRA,
PRA AQUELE SOBRINHO
DESEMPREGADO, É DOIS QUILOS
POR UM REAL! TÁ INDO EMBORA O
CAMINHÃO DA BANANA, NÃO
DEIXA PRA COMPRAR NA VOLTA,
COMPRA AGORA QUE TÁ EM
PROMOÇÃO A BANANA!

“CALABRESA, BACON,
LEVA O PEDAÇO QUE
QUISER. OLHA O
QUEIJINHO, O
SALAMINHO,
O MEL, A COPA,
A LINGUICINHA, A
PROVA É DE GRAÇA!”

“VAMO CHEGANDO,
OLHA O MAMÃO
MADURO E BONITO,
OLHA O MORANGO
GRAÍDO”



vazio. Esses diferentes usos (DE CERTEAU; 1994) dos espaços da cidade conformados pela vivência dos habitantes nestes lugares inscrevem uma narrativa do urbano a partir das práticas cotidianas dos sujeitos.

Por outro lado, é claro que nem todas as provocações e jocosidades dos feirantes são bem aceitas por seus fregueses e, em alguns momentos, podem suscitar discussões ou mal entendidos. Neste mesmo aglomerado de fregueses, formado pela junção da banca das bananas com a banca dos queijos e salames, pude presenciar alguns conflitos, em geral entre o senhor que fica do lado de fora da banca falando os preços de queijos, salames e mel, e algum freguês. Numa destas caminhadas, ao passar por ali percebi que ele discutia com uma freguesa sobre a “prova”²⁸ que é oferecida pela banca, dizendo que sim, era de graça, mas que era para provar e não para encher a mão. A freguesa saiu dali ofendida, chamando-o de mal educado, esbravejando. O que às vezes começa com uma brincadeira ou deboche pode acabar em uma discussão mais séria, em uma alteração dos ânimos, mas que também se dispersa em outras situações, outras conversas.

Depois destas duas bancas, já estamos praticamente na outra esquina deste corredor, que nos leva a um outro território da feira. Passamos, então, por uma banca que vende cocadas de diversos tipos e que são produzidas ali mesmo, na feira, deixando este final de corredor com um cheiro forte de doce e açúcar queimado. Na frente desta, vemos outra banca vendendo praticamente os mesmos produtos da primeira (tomates, berinjelas, cenouras, etc.), mas com uma estética bastante diferente em função da forma como os feirantes organizam a banca, das suas brincadeiras mais amenas com os fregueses, já anunciando o próximo corredor.

2.1.3 A esquina e seus encontros: “o casarão de esquina” da feira

Ao “dobrar à esquina”, encontramos um outro tipo de estética a partir da ocupação do espaço pelas bancas na feira-livre da Epatur. Novamente temos um corredor curto, paralelo à Rua João Alfredo e que se estende – na direção que resolvemos seguir nesta caminhada - da Travessa do Carmo até a Avenida Perimetral Loureiro da Silva. Este corredor é constituído por apenas duas bancas, uma delas vende verduras de todos os tipos, como alfaces, espinafre, brócolis, etc. É uma banca pequena que tem suas estruturas muito precárias em relação às demais bancas, e, principalmente, em comparação com a que está a sua frente, vendendo laranjas.

²⁸ Prova, no caso desta banca, são alguns pedaços de queijo ou salame que ficam cortados sobre a banca que os fregueses possam experimentar e avaliar a qualidade do produto, uma espécie de “gentileza” do vendedor. Nas outras bancas que vendem frutas, por exemplo, os fregueses pegam deliberadamente uma delas para experimentar, sem precisar necessariamente do consentimento do feirante.



As bancas da feira-livre são constituídas por estruturas de madeira, como uma mesa que além de pés possui também colunas para sustentar a lona que serve de cobertura e proteção do sol e da chuva. Tais estruturas podem se diferenciar muito dependendo da banca que estamos observando. Existem, ainda, bancas pequenas, de um metro, por exemplo, e outras muito grandes, ocupando um espaço de três a quatro metros de comprimento. Estas diferenças se referem, por um lado, ao tipo de produto oferecido e, por outro lado, às próprias condições econômicas do feirante que trabalha ali. No caso das duas bancas que formam este corredor, estas diferenças são bastante evidentes. A banca das verduras é pequena, sua lona está muito velha, apresentando em sua aparência os muitos anos de uso que provocaram alguns rasgos e uma mudança de coloração, o que a distancia do laranja vibrante das outras lonas. Estas características contrastam com a banca das laranjas que está na sua frente, muito maior e imponente.

A banca que vende laranjas é uma das maiores da feira, o que é ainda enfatizado pelo lugar de destaque que ocupa. Com aproximadamente quatro metros de comprimento, esta banca se parece com um “casarão de esquina”, de onde se pode olhar para os dois corredores perpendiculares a ela em toda a sua extensão. O seu destaque está também no número de fregueses que todo o tempo estão ocupando a parte da frente da banca e na relação que os

feirantes dali estabelecem com estes fregueses. Foi nesta banca que realizei boa parte das observações do “espaço interno” de trabalho dos feirantes, podendo até mesmo participar das vendas por alguns dias e, assim, conhecer melhor as práticas deste comércio de rua. Na banca do Cláudio, como é conhecida na feira, há uma agitação própria de seu lugar, atraindo os fregueses que chegam até este corredor a se aglutinarem à procura de laranjas, bergamotas ou limões.

A algazarra de Cláudio e Pirilampo preenchem todo o espaço do corredor, direcionando-se não só aos fregueses como também às outras pessoas que trabalham nesta banca, marcando sua posição pela fala e pelo som, afinal, o rádio do caminhão está sempre ligado. A referência às sonoridades desta ambiência não se reflete simplesmente nas músicas que tocam no rádio, ou nas falas destes feirantes isoladamente, pois a densidade de uma ambiência sonora está na composição destes elementos que povoam o Largo da Epatur, moldando o espaço a partir de um ritmo próprio. De acordo com Michel Chion (1998), o que caracteriza a imagem sonora é sua propriedade de fluidez e maleabilidade, evocando formas diversas de composição de uma narrativa a partir do som. No caso da feira-livre, a composição destes elementos sonoros estabelece uma particularidade na vivência deste espaço.

Um aspecto importante da estrutura deste corredor é que a banca do Cláudio é sempre a última a ser desmontada, sendo que eles se retiram do Largo quando já não há mais nenhum feirante, apenas os garis que fazem a limpeza do espaço. O processo de desmontagem das bancas ocorre em meio às últimas compras dos fregueses que ainda circulam pela feira, enquanto as lonas vão sendo baixadas e as frutas que não foram vendidas voltam para as caixas e para dentro dos caminhões. Da banca do Cláudio pude inúmeras vezes observar toda a feira ir se desmontando até não existir mais nenhuma banca e o Largo da Epatur voltar a ser um espaço vazio e silencioso, tomado pelo asfalto e pelo concreto, sob a luminosidade das três horas da tarde.

Depois de desmanchadas as bancas alguns garis começam a varrer o Largo, mas mesmo assim, antes de cada feirante deixar o seu espaço, precisam limpá-lo das frutas e restos que ficaram no chão. No caso desta banca de laranjas e bergamotas, como é muito comum que os fregueses comam várias frutas enquanto escolhem as suas, ou então depois de comprar parar ali mesmo para comer suas bergamotas, o Cláudio deixa uma grande lixeira quase no meio do corredor para que possam jogar no lixo e não no chão o resto das frutas. No entanto, isso é apenas um paliativo, em geral o chão fica mesmo repleto de cascas de frutas e coisas do gênero. Assim, é preciso limpar o lugar depois de usá-lo, mesmo porque dentro da banca a

bagunça e a sujeira também são grandes. Cada banca tem sua maneira de desmontar e limpar o Largo, o que depende do número de pessoas que trabalham, do tipo de produtos que vendem, etc. Alguns até mesmo “contratam” as crianças que circulam pela feira para fazer este trabalho em troca de algum alimento.

Além do realce para a banca do Cláudio, o espaço “de corredor” também se diferencia dos outros por ser mais amplo, facilitando a formação de mini-grupos (MOLES; ROHMER; 1982) que aproveitam este corredor como um lugar de parada para decisões sobre o trajeto a seguir, para conversas rápidas, ou para comer algumas bergamotas, sem impedir a passagem dos demais fregueses. Neste corredor é como se as pessoas ficassem mais “espalhadas”, com mais espaços para seus movimentos. Dessa forma, os micro-eventos que ocorrem aqui são de outra ordem, mais voltados para a circulação dos fregueses entre os dois outros corredores. Em geral encontrava um dos seguranças da feira sempre em uma das “esquinas” deste corredor, cuidando a circulação das pessoas pela feira.

2.1.4 A volta para o ponto de partida



Novamente dobramos à esquina, agora para alcançar o corredor que faz margem com a Avenida Perimetral, estendendo-se da Rua João Alfredo até a Rua José do Patrocínio. Este é também um corredor bastante extenso, mas as formas de apropriação deste espaço são mais específicas. A maior parte das bancas que vendem utensílios domésticos, chinelos, bolachas, pães e até algumas roupas e panos de prato situam-se aqui, misturadas com as bancas de hortifrutigranjeiros, o que confere, em termos de anúncios e sonoridades, um caráter diferenciado a este espaço, lembrando um pouco a estética dos camelôs²⁹ do centro da cidade. As aglomerações e micro-eventos que percebemos no outro corredor ganham aqui uma dimensão mais esporádica e estão mais associadas a pequenos encontros entre os próprios fregueses, pois as brincadeiras dos feirantes não são tão explícitas.

Neste corredor está situada a banca da Rosane, que vende lanches – *cheeseburger*, torrada, refrigerante, café, cerveja, bolos, etc. – e que serve como espaço de sociabilidade em alguns momentos da feira. Nesta banca os feirantes e seguranças vão buscar algo para comer no decorrer da manhã, param para beber uma cerveja e conversar sobre como vai o dia e também a semana de feira. Muitas vezes fiquei com a Rosane em sua banca, bebendo um café e observando a movimentação do decorrer do dia, conversando com as pessoas que passavam por ali, os pequenos grupos de fregueses que paravam para conversar antes de ir embora. Deste ponto vista, a banca da Rosane configurou-se, muitas vezes, como um lugar estratégico para minhas observações de campo, pois podia ficar ali durante muito tempo, como se estivesse parada em um “bar na rua” a observar os passantes. Neste momentos, percebia o ritmo diferenciado de se “fazer a feira”, tanto no tempo do dia de feira, como na passagem dos meses que iam modificando sutilmente a estética da feira-livre.

A ritmicidade deste fazer evoca as temporalidades da cidade. Nos meses de inverno um maior número de pessoas freqüentam a feira e também a banca da Rosane. Nos meses de janeiro e fevereiro tudo muda, são menos fregueses comprando e também menos feirantes no Largo. Esta mudança de fluxo, segundo Rosane, se relaciona ao bairro onde a feira da Epatur se situa, eminentemente de camadas médias, pois muitas pessoas vão para a praia no final de semana. Em uma outra feira em que ela trabalha aos domingos, na Avenida Assis Brasil, zona norte da cidade, não percebe a mudança de movimento de fregueses com o passar dos meses.

²⁹ Camelô é uma categoria utilizada pela SMIC (Secretaria Municipal de Produção Indústria e Comércio de Porto Alegre) para designar vendedores de diversos produtos – desde roupas até equipamentos eletrônicos - que utilizam o espaço da rua para fazer suas vendas, montando bancas como estas dos feirantes. Para maiores detalhes sobre o comércio de rua efetivado por Camelôs em Porto Alegre ver: PINHEIRO MACHADO, Rosana. “Estudo antropológico das formas de sociabilidade do centro de Porto Alegre: Vida de Camelô”. *Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, número 24. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000.

No calor de janeiro, pude observar, junto com Rosane, que, quando o concreto do Largo da Epatur ferve, a ambiência deste espaço muda, o caminhar dos fregueses torna-se mais lento e pesado. Se o calor do verão torna os cheiros e cores da feira mais intensos – o resultado deste calor nas frutas e verduras é evidente - por outro lado, os gestos do fazer dos fregueses – principalmente – adquirem um ritmo mais lento. No inverno, mesmo com o vento frio “que vem do Guaíba”, toda a manhã a feira é bastante movimentada.



Por outro lado, estes ritmos urbanos estão presentes também no fazer de cada freguês. Enquanto alguns caminham rapidamente pela feira, já com um percurso prévio, outros passeiam lentamente, tomando chimarrão, parando para conversas com outros fregueses, revelando em seus fazeres, estilos de vida (VELHO; 1999) diferenciados que habitam o espaço da feira-livre. A complexidade dos papéis sociais e da vida urbana de Porto Alegre é ressaltada pela imagem dos automóveis que cruzam a Avenida Perimetral, os quais podemos ver através das bancas, como se fossem janelas para a rua.

O caminhar por este corredor evoca a heterogeneidade presente ao cenário urbano, pois de dentro da feira, imbuídos de imagens e gestos ligados ao simbolismo do alimento e da digestão, da viscosidade da matéria orgânica que compõe esta ambiência (DURAND; 2001), podemos ver os grandes prédios que povoam a Avenida Perimetral, os automóveis passando em alta velocidade, os *outdoors* anunciando os produtos da modernidade. Dessa forma, o “dentro da feira” entrelaça-se com “o lado de fora”, com a rua e os caminhos e itinerários da cidade que nos conduzem a outros lugares, outras situações.

Depois da parada para um café na banca da Rosane, seguimos pelo corredor em direção à mesma saída por onde entramos. A última banca que vamos encontrar, antes de alcançarmos novamente a calçada da Perimetral, é uma banca que vende flores de todos os tipos, relembrando as cores dos alimentos que vimos durante a estada na feira, mas contrastando em sua forma e matéria, solicitando, assim, um outro gesto de compra, mais delicado e sutil, já que a escolha de flores não necessita da mesma manipulação com que se escolhe os alimentos.

A realização deste percurso pelos espaços da feira evoca esquemas de imagens (DURAND; 2001) que me remetem a uma “geografia imaginária” do Largo da Epatur, como se a forma de um “quadrado vazio” que ele apresenta durante os dias da semana se transformasse aos sábados, moldada pelos gestos de fregueses e feirantes que “se ocupam” deste espaço. A forma “imaginária” que este Largo parece adotar em dias de feira-livre é a de um “objeto continente” (DURAND; 2001), isto é, forma de imagens que sugerem os gestos de “penetração ao interior” (DURAND; 2001) dadas pelos percursos e caminhos dos frequentadores desta feira, que parecem ser atraídos “para dentro” do espaço do Largo, diferente dos dias da semana, quando os itinerários de certos sujeitos parecem desenhar uma trajetória que se afasta dali. Estes esquemas de imagens ligados às formas da intimidade e ao gesto digestivo (DURAND; 2001) que parecem “emanar” do Largo da Epatur em dias de feira, indicam algumas particularidades deste espaço e as atividades e gestos “que contém” na sua relação com a própria cidade, dos significados que este tipo de espaço pode revelar em termo do contexto urbano e as diversas formas de vida que o compõem.

Assim, já passando pela “saída”, encontramos muitos fregueses com seus carrinhos de feira e sacolas esperando para atravessar a rua. Ao abrir o sinal nos espalhamos, cada um seguindo seu itinerário para casa, acompanhados agora pelas sonoridades do trânsito da cidade e de alguns carrinhos de feira que pouco a pouco se afastam da paisagem sonora da feira-livre. O gesto anterior, de convergência para “dentro” da feira, transforma-se agora no

seu contrário, na dissolução de pequenos grupos ou aglomerações, o que se pode perceber a partir das linhas imaginárias do percurso de cada freguês que agora dispersam-se pelo bairro.



PARTE II

DAS ARTES DE DIZER ÀS ARTES DE NUTRIR: AS TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE SER FEIRANTE E SER FREQUÊS



CAPÍTULO 1

ARTES DE DIZER

Nossas descobertas na parte anterior sobre o cenário da feira-livre da Epatur realizaram-se através da perspectiva de que este “lugar” é um espaço praticado (DE CERTEAU; 1994), moldado pelas práticas cotidianas dos personagens que o compõem.

Nesta parte, proponho um mergulho nestas práticas, num diálogo entre uma “entrada” na banca e a descoberta dos gestos e atos que constituem o fazer e a “arte de dizer” (DE CERTEAU; 1994) dos feirantes, e uma “conversa na cozinha”, observando agora os gestos e atos dos fregueses em suas “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996), como um prolongamento das situações vividas no espaço da feira-livre e que compõem um *ethos* (GEERTZ; 1989) diverso daquele dos feirantes.

Nestes atos de fazer a feira, as práticas dos feirantes engendram as práticas dos fregueses, evocando situações e relações de reciprocidade (MAUSS; 1974) entre estes atores que conformam a substância que diferencia estes atos de compra e venda no contexto das relações de mercado modernas.

O trânsito entre estas práticas de comércio, peculiares no contexto da cidade contemporânea, apresenta temporalidades que constituem a ritualização, no cotidiano urbano, das diferentes tradições que o compõem (DE CERTEAU; 1994). A estética da feira-livre é, portanto, marcada pela efervescência de uma linguagem que, segundo Pierre Sansot (1988), anuncia-se como uma “linguagem das ruas”, conferindo um caráter dinâmico e coletivo às mesmas. São, também, formas de viver o espaço urbano na ritmicidade das práticas individuais, no sentido apresentado por Gilberto Velho (1999) ao discutir a relação entre

projetos coletivos e projetos individuais na constituição da subjetividade dos sujeitos no meio urbano.

Neste caso, os atos de compra e venda de alimentos na feira-livre, os gestos de “manipulação da matéria” (LEROI-GOURHAN; 1965), que são acionados na escolha de cada produto, parecem redobrar-se nos atos cotidianos de cozinhar, nas intimidades da casa (BACHELARD; 2000), evocando uma trama na qual são negociados diferentes projetos individuais e coletivos, ligados às práticas de comércio de rua que sugerem a constituição de estilos de vida (VELHO; 1999) peculiares a determinados sujeitos no meio urbano.

As imagens evocadas a partir destes gestos são significativas para pensarmos os sistemas operativos que constituem o espaço urbano, a partir da ação humana de ocupação do mesmo (LEROI-GOURHAN; 1965), num entendimento de que estas práticas diversas de manipulação do alimento, na venda, na compra, e no cozimento estão permeadas de simbolismos que constituem o gesto humano de habitar um lugar, o que nos termos de Michel de Certeau (1994) refere-se a uma poética de constituição deste espaço. A linguagem destes gestos fala de táticas e estratégias de estar no mundo (DE CERTEAU; 1994)³⁰ acionadas tanto por feirantes como por fregueses na experiência cotidiana.

Num diálogo com Gilbert Durand (2001), vamos descobrindo que estes esquemas gestuais de manipulação do alimento – na feira e em casa – trazem em si imagens alquímicas da transmutação (DURAND; 2001) da matéria, numa adesão ao simbolismo da circularidade do tempo – ciclo de vida, morte e renascimento - a partir destes gestos que se repetem na periodicidade da feira, nos atos de escolha, preparação e digestão dos alimentos, na ritmicidade das práticas de fazer a feira, nas transformações dos espaços da cidade.

No cruzamento destas práticas, direciono-me a pensar o contexto urbano e a complexidade de papéis sociais (VELHO; 1999) que o compõem numa perspectiva temporal (ROCHA; 1994), tendo em vista os “esquemas gestuais”³¹ como elementos constitutivos das

³⁰ “O intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos, marcados pela inspiração e pelas paixões, toda uma hierarquia de informações complementares, necessárias para interpretar uma mensagem além do simples enunciado” (DE CERTEAU; 1994:337).

³¹ Nos termos de André Leroi-Gourhan (1965) estes esquemas gestuais aos quais me refiro são relativos a operações do corpo – mãos, pés, boca, dedos, etc, – na sua forma de interagir com o meio, produzindo um “comportamento técnico humano”. Assim, “As práticas elementares constituem os programas vitais do indivíduo, tudo aquilo que nos gestos cotidianos se relaciona com a sua sobrevivência como elemento social: hábitos corporais, práticas de alimentação ou de higiene, gestos profissionais, comportamentos com relação a seus semelhantes. Estes programas, cuja base é imutável, organizam-se em cadeias de gestos estereotipados, cuja repetição assegura o equilíbrio normal do sujeito no meio social e o seu próprio conforto psíquico no seio do grupo” (LEROI-GOURHAN; 1965:27)

ações humanas (LEROI-GOURHAN; 1965) que produzem as formas do espaço (DE CERTEAU; 1994). Para tanto, convido o leitor a fazer parte, inicialmente, do cotidiano de uma banca da feira-livre da Epatur e embrenhar-se nas imagens destas práticas e jocosidades, constituintes de um sistema operativo dos esquemas simbólicos de ação dos sujeitos na formatação do espaço a sua volta, ou seja, de práticas que são reveladoras de estilos de vida e contextos culturais específicos.

Neste sentido, a compreensão de uma estética do espaço urbano está calcada na busca dos “mecanismos populares, minúsculos” (DE CERTEAU; 1994) de enunciação e produção deste espaço no cotidiano, tendo em vista as artes de fazer (DE CERTEAU; 1994) dos atores sociais em questão. Na descrição destas práticas, retomo o espaço da feira como um território moral (PARK; 1979) da cidade para restaurar, a partir das práticas cotidianas, uma *poética* do espaço urbano de Porto Alegre.

1.1 FEIRANTES E AS PRÁTICAS DE ANUNCIAR E MANIPULAR OS ALIMENTOS

A descrição das práticas cotidianas acionadas pelos feirantes do mercadão da Epatur, aos sábados pela manhã, passa pela narrativa de algumas situações das quais fiz parte, em momentos nos quais a observação participante não ocorria em meio ao movimento constante de pessoas nos corredores, mas dava-se no espaço interno às bancas, lugar que me possibilitava um outro ponto de vista em relação ao fazer à feira.

As imagens que constituem este “espaço interno” das bancas, proporcionadas pelos gestos de manipulação da matéria (LEROI-GOURHAN; 1965) executados pelos feirantes evidenciam formas específicas de estar no mundo (DE CERTEAU; 1994) a partir de esquemas de ação estabelecidos na relação social presente ao momento da feira, mas que ao mesmo tempo permitem uma dinâmica de criação e invenção (DE CERTEAU; 1994), no que tange à ocupação do espaço do Largo por estes personagens que compõem o cenário da feira-livre para vender seus produtos.

No caso das práticas cotidianas dos feirantes, pode-se referir que estão ligadas às “artes de dizer”³² (DE CERTEAU; 1994), ou seja, às formas do riso e jocosidade (BAKHTIN; 1996) com que operam suas representações sobre o mundo e enunciam suas formas de

³² “Restituir importância científica ao gesto tradicional (é também uma gesta) que sempre narra as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a tratar. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um saber dizer exatamente ajustado ao seu objeto e, a esse título, não mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria”. (DE CERTEAU; 1994: 153).

produção do espaço vivido. Nos jogos verbais com os quais os feirantes travam suas relações na feira-livre, estão evidenciados os sistemas simbólicos que mediam a ação destes sujeitos no mundo, ordenando e interpretando o presente e a realidade vivida a partir da fala (LANGDON; 1999). Das situações de interação na feira-livre é que emergem, a partir da performance oral dos feirantes em questão, as formas simbólicas de comunicação acionadas para estabelecer as relações entre si e com os fregueses (LANGDON; 1999) que se dão na forma de piadas e brincadeiras. A “estética do riso e da comédia” (DUVIGNAUD; 1985) que permeia as relações que se estabelecem entre fregueses e feirantes indica, através dos jogos performáticos que são acionados nestas interações, uma dinâmica de “sátira e farsa” (DUVIGNAUD; 1985), representada nas encenações nas quais é possível estabelecer, na performance, a inversão da ordem dada socialmente no que tange aos papéis sociais destes atores.

Dessa forma, procuro apresentar aqui as artes de dizer destes feirantes a partir da “banca do Cláudio”, onde fiz meus primeiros contatos com a parte “interna” da banca, passando alguns dias de trabalho com os personagens ali presentes. Tomo como ponto de partida esta banca, complementando as análises a partir de experiências vividas em outras, tentando apresentar aspectos importantes destes fazeres dos feirantes da Epatur que produzem a ambiência e a estética deste mercado livre e as particularidades destas práticas.

1.1.1 Um convite inesperado

Dia 12 de outubro de 2002, Dia das Crianças. Saio de casa³³ por volta das oito horas da manhã, para ir até a feira da Epatur fazer minhas observações, conversar com as pessoas, enfim, habitar também aquele espaço. No percurso rotineiro pelos corredores, percebo que existem balões pendurados nas bancas para comemorar o Dia das Crianças, como sempre acontece em alguma data especial. Neste dia, poucas pessoas estão circulando na procura de suas compras, provavelmente tanto em função do horário como pelo feriado, facilitando o olhar para as bancas e suas ofertas. Como é cedo, os produtos expostos guardam ainda a beleza do início do dia, já que ao longo da manhã vão sofrer seu processo natural de deterioração, sendo que alguns alimentos chegam ao final da feira metamorfoseados em matéria orgânica inútil à alimentação. O dia está bastante quente, com um sol forte, diferente do resto da semana em que choveu o tempo todo. A luz do sol reflete nas lonas alaranjadas das bancas compondo uma explosão de cores pelo Largo da Epatur, ressaltando o aspecto de *rue vivante* (SANSOT; 1988) que caracteriza a estética da feira-livre.

Para Pierre Sansot (1988) a “vida das ruas” emerge de formas, cores e sons que compõem o seu cenário cotidiano, vivido pelos habitantes da cidade em seus trajetos e percursos. Esta metáfora na qual as “ruas da feira” evocam as ruas da cidade - quase imediatas em minhas “figurações” sobre a feira da Epatur – me remete às representações que estas atividades de mercado de rua sugerem na constituição do espaço urbano, como se as formas de “habitar” (DE CERTEAU; 1994) o espaço da feira-livre se redobrassem (DURAND; 2001) nas formas de viver a cidade.

Caminhei até o final do “corredor agitado” – que não estava tão agitado assim - até chegar na banca do Cláudio, onde me surpreendi com o pequeno número de pessoas que estavam em frente à sua banca, pois em geral está sempre com um número considerável de fregueses à sua volta, seja a hora que for. Fui me aproximando da banca e vi o Cláudio e as demais pessoas que trabalham com ele sentados em caixas de laranjas vazias, rindo e conversando. Quando ele me viu, gritou com sua voz estridente:

Cláudio: E AÍ GURIA, TAVA SUMIDA?

³³ É importante constar aqui que sou moradora do Bairro Centro em Porto Alegre, exatamente na divisa com o bairro Cidade Baixa, onde estão situados a feira-livre e o Largo da Epatur. Da janela de meu apartamento, no quarto andar de um prédio que tem os fundos voltados para a Avenida Perimetral, posso enxergar a Feira a uma distância de aproximadamente 200 metros. Além de ver, é possível também ouvir ao longe alguns anúncios dos feirantes sobre os seus produtos. Esta proximidade me levou a refletir sobre o “estranhamento do familiar” (VELHO; 1980) durante todo o processo de pesquisa, negociando com minhas representações a respeito deste

Referia-se aos dois últimos sábados em que não tinha feito campo. Começamos então a conversar e rir, como sempre, a partir das piadas que Cláudio e Pirilampo (outro feirante da mesma banca) trocavam, na dinâmica de sempre, um começa e o outro continua, infinitamente. O contexto de trabalho de muitas bancas da feira-livre é permeado destas performances orais, que no caso da banca do Cláudio ou “dos guris de Montenegro”³⁴, é levada ao extremo, numa composição de falas e de gestos peculiares aos personagens em questão.

Cláudio tem aproximadamente trinta e cinco anos, é o “dono”³⁵ da banca, um homem magro e não muito alto, sempre vestido com um avental do Mercadão aberto e sem camisa por baixo, bermudas ou calça jeans e chinelos havaianas. Tem a pele, os cabelos e os olhos muito claros, evidenciando sua origem alemã, o que durante a Copa do Mundo rendeu muitas brincadeiras em que afirmava aos berros que era irmão do goleiro da seleção da Alemanha. A constituição física de Cláudio já indica os traços de sua “performance corporal”, pois traz em seus movimentos a jocosidade de suas palavras. Além das brincadeiras e piadas que inventa todo o tempo, ainda comunica-se a partir de seus movimentos corporais, fazendo quem quer que seja rir de seus trejeitos e contorcionismos, numa atitude de caricatura das formas de movimento e de corpo humanas (BAKHTIN; 1996).

Para complementar sua performance, ao anunciar suas piadas, Cláudio transforma a sonoridade de sua voz, forçando a garganta para apresentar uma forma bastante aguda, num volume alto o suficiente para atrair a atenção dos fregueses que alcançam o corredor onde se situa a sua banca. Nestas performances que realiza durante a manhã de feira, dirige seus gracejos tanto aos fregueses que se aproximam da banca como para o pessoal que trabalha com ele, narrando situações absurdas e engraçadas com estes personagens e imprimindo assim um certo ritmo para o trabalho. Assim, é também pelo som de sua voz, transformado em diferentes tipos de caricaturas da fala humana (DUVIGNAUD; 1985) que Cláudio

espaço do bairro e as observações que fazia na feira para a interpretação destas práticas cotidianas de fazer a feira como situações de produção do espaço público por certos habitantes.

³⁴ São chamados assim por alguns feirantes referindo-se à cidade de Montenegro, fora da grande Porto Alegre, de onde vem para vender sua produção.

³⁵ Esta não é uma expressão usual, os feirantes se referem, geralmente, ao “ponto” que eles possuem em determinada feira, não se dizem donos da banca. Chamo ele aqui de dono da banca para marcar uma diferença hierárquica do Cláudio em relação aos seus colegas, pois de certa forma, ele é responsável pela organização das tarefas de cada um dentro da banca. Esta hierarquia a que me refiro não é meramente uma relação de empregador-empregado, no caso da banca do Cláudio as diferenças são mais sutis, dadas também na oralidade, ou seja, na atitude afirmativa de cada um frente a seus colegas e aos fregueses, marcando as posições diferenciadas no trabalho da feira, não só no que tange às tarefas a serem realizadas, mas também no que se refere a questões de gênero.

estabelece uma especificidade de seu trabalho e, conseqüentemente de sua banca, no contexto da feira-livre da Epatur.

No meio de nossas conversas e risadas, aproxima-se um casal de meia idade, possivelmente já conhecidos do Cláudio, para escolher suas laranjas, e acabam entrando na conversa. Eu e o casal permanecemos do lado de fora, enquanto o Cláudio, Pirilampo, a Edí e a Elisa³⁶ estão na parte interna, numa das extremidades da banca. Continuamos conversando com a chegada do casal, o que os insere também na conversa, iniciando-se a constituição de uma espécie de micro-evento (MOLES; ROHMER; 1982) comum à banca do Cláudio estabelecido na relação com o freguês desta banca. Em um dado momento, alguém se refere ao Cláudio chamando-o de criança, quando o freguês que ali está entra na conversa:

Freguês: MAS É POR ISSO QUE ELE ESTÁ TÃO FELIZ HOJE, É O DIA DELE!

Cláudio, é claro, não perde a “deixa”, confirmando a fala do freguês, afirmando que sim, que ele era mesmo uma criança por dentro, fazendo alusão à sua juventude. Neste momento, a freguesa resolve participar da conversa, dizendo que tudo bem, pois todos nós temos uma criança por dentro, ao que o marido responde:

Freguês: EU TENHO É UM JARDIM DA INFÂNCIA! O PROBLEMA É SER JOVEM POR DENTRO E POR FORA ESTAR ESTA CARÇAÇA!

Cláudio: É, MAS TEM UMAS MÁQUINA VELHA QUE FUNCIONA QUE NEM NOVA!!

Depois das risadas, entramos no assunto da idade, sobre ser jovem ou velho, e a aparência destas idades. Cláudio, é claro, transforma a conversa em uma dança, gesticulando e caminhando de um lado a outro, enquanto debocha da condição humana de existência na sua luta contra a ação do tempo. Caricaturando a juventude e a velhice, a fala de Cláudio desafia o freguês a aderir às imagens grotescas (BAKHTIN; 1996) desta passagem do tempo, trazendo a partir do riso uma maneira de olhar para a transformação do corpo e o “inacabamento” da existência humana³⁷ (BAKHTIN; 1996). Lembrei de uma ocasião anterior, em que estávamos todos dentro da banca e o dia estava muito quente, fazendo o suor dos corpos misturar-se com

³⁶ Todos trabalham nesta banca, mais o Nêne (Paulo) que em geral fica longe das brincadeiras e piadas, e conseqüentemente é um alvo constante.

os odores das frutas. Era já metade da manhã quando alguém reclamou do tempo que não passava, pois ainda eram dez horas. Foi uma das poucas ocasiões em que vi Cláudio sério, dizendo que isso era bom, pois quanto mais rápido passava o tempo, menos vida tínhamos para curtir. Mas a transição entre seriedade e riso é momentânea, predominando o princípio cômico (BAKHTIN; 1996) para vivenciar a feira-livre. As jocosidades relativas à idade continuam até mesmo depois da saída do casal de fregueses que iniciou a conversa.

Cláudio: TU VÊ O PIRILAMPO, TEM UM FILHO DE DEZESSEIS ANOS E OUTRO DE DOIS, LEVÔ QUATORZE ANOS PARA FAZER OUTRO FILHO!

A dinâmica destas jocosidades se expressa a partir das respostas rápidas que possibilitam a continuidade das piadas. Os homens exercem um papel preponderante em relação às mulheres que trabalham na feira, mas elas também participam, até precisam participar destas situações de piadas e jocosidades, como numa espécie de afirmação de um lugar ocupado neste trabalho. O teor de suas respostas, no entanto, é claramente diferenciado das piadas dos homens no sentido do desafio proposto, utilizando-se de uma linguagem mais explícita e, portanto menos intensa no que se refere às jocosidades evocadas. A próxima resposta veio da Elisa:

Elisa: PIOR É OS QUE TEM TRINTA E POUÇOS, QUASE QUARENTA ANOS E NEM UM FILHO CONSEGUE TER!!

Ela referia-se a Cláudio, que é visto como um “solteirão” que volta e meia faz referência às mulheres como um “incômodo”, dizendo que é preferível ter um carro, afinal, um carro pode ser desligado, a mulher não. Estas disputas de “gênero”, dadas pela fala, instauram o tipo de relações que se dão no espaço do mercado livre não apenas entre os feirantes, mas também entre estes e seus fregueses. De acordo com Michel de Certeau (1994) os papéis sociais presentes a uma interlocução são evidenciados na fala, na expressividade oral como golpes ou táticas (DE CERTEAU; 1994) que engendram uma “arte de fazer” ordenada nestas oralidades. O fluxo do riso por um lado subverte os lugares de poder e por outro lado os reforça, identificando estas diferenças de lugar existentes entre os atores envolvidos no drama social (GEERTZ; 2001) que se desenrola. É neste sentido que parece se

³⁷ “O humor destrutivo não se dirige contra os fenômenos negativos isolados da realidade, mas contra toda a realidade, contra o mundo perfeito e acabado” (BAKHTIN; 1996:37).

dar a teatralidade das formas de estar na feira, num jogo de palavras em que todo o tempo o que está sendo dito apresenta-se tendo um duplo sentido, ambíguo, de inversão de papéis.

Elisa é uma moça de vinte anos que trabalha na banca do Cláudio junto com sua irmã, a Edi, que tem dezoito anos. As duas estudam e moram em Canoas, e Cláudio passa na casa delas nas madrugadas de sábado para virem à feira e, ao final, leva-as de volta para casa. Elas começaram a trabalhar na feira pelo fato de seu pai - Lírrio - também ser feirante, possuir uma outra banca no Mercado da Epatur e conhecer Cláudio, que precisava de ajudantes. Assim estabeleceu-se uma rede entre eles. Não conheci pessoalmente o pai das meninas, sabia quem era pois algumas vezes ele passava pela banca do Cláudio, conversava rapidamente com elas, mas Edi e Elisa nunca falaram muito a respeito do pai. Tentei ser apresentada a ele pelas meninas algumas vezes, mas nunca aconteceu e acabei conversando com ele em função de meus passeios pelos corredores da banca e, principalmente, por causa das fotografias que tirei de algumas bancas, inclusive a sua. A banca do pai das meninas faz parte de outro território (PARK; 1979) da feira, situando-se no corredor paralelo a avenida Perimetral, um espaço que não é tão agitado ou festivo como o corredor da banca do Cláudio.

Ainda no meio de algumas risadas, Cláudio fica sério de repente e me pergunta à queima-roupa:

Cláudio: TU NÃO QUÉ TRABALHA AQUI SÁBADO QUE VEM? EU VOU PRECISÁ DE MAIS UMA PESSOA!

A princípio eu não entendi, ou não acreditei e devo ter expressado isso, pois logo ele completou:

Cláudio: EU TÔ FALANDO SÉRIO!

Não pensei muito e, mesmo sem entender por que ele resolveu me convidar para trabalhar com ele, resolvi aceitar. Imaginava que em termos da minha etnografia seria muito interessante mudar a posição que ocupava dentro da banca, que se dava sempre no sentido mais “da observação” do que “da participação”, pois em geral ficava sentada em uma das caixas de laranjas vazias aos fundos da banca, um pouco observando, um pouco conversando, ajudando em uma coisa e outra. Participar das vendas me colocaria de frente com a realidade de ser feirante, com seu ritmo cotidiano de trabalho. Combinamos que eu iria às oito horas da

manhã para a feira no sábado seguinte. Cláudio me explicou, claro que fazendo uma piada, que o Pirilampo não poderia ir no próximo sábado, pois iria para a praia:

Cláudio: UMA VEIZ NÉ, O PIRILAMPO ESTAVA SURFANDO E AÍ COMEÇOU A CHOVER E ELE DISSE: “MELHOR EU SAIR, PORQUE SENÃO VÔ ACABÁ ME MOLHANDO!”

Claro que Pirilampo não estava indo para a praia e nem pratica *surf*, mas tudo é motivo para começar uma sátira (DUVIGNAUD; 1985). Os dois riram muito e começaram a trocar pilhérias entre eles, se afastando para atender aos clientes que agora chegavam em grande número na banca. Eu fiz a volta e entrei na banca para dar ao Cláudio o meu número de telefone, conforme ele havia pedido. Ele pegou o papel sem me dar muita atenção, guardou e continuou atendendo os clientes. Já havia um grande movimento de fregueses pela feira-livre.

Quando Cláudio se afastou, a Edi, que até então estava quieta, virou para mim e perguntou sobre o “meu namorado”³⁸, respondi que estava bem, mas que hoje ele não iria “fazer feira” pois estava “trabalhando”. Mais uma vez evidencia-se as hierarquias marcadas pela relação de gênero, que as piadas trazem em tom de brincadeira. Durante muito tempo, minhas conversas com as meninas giraram em torno da minha possibilidade de estar ali sem que o “meu namorado” se importasse, pois havia para elas uma certa inversão de papéis num casal em que o homem “faz a feira” e também a comida, enquanto a mulher “fica na feira conversando com as pessoas”, principalmente em se tratando de uma banca formada por homens solteiros. Depois de ter recebido a resposta, Edi voltou-se para o freguês que estava atendendo, enquanto eu resolvia como continuaria meu campo depois de tal convite.

³⁸ O “meu namorado” é também antropólogo e por muitas vezes foi a feira enquanto eu realizava a pesquisa. Como já relatei no capítulo anterior, moramos próximos à feira-livre, mas o costume de fazer compras na feira todos os sábados surgiu no decorrer da pesquisa e na maior parte das vezes não foi realizada por mim, pois me dedicava as observações de campo.

1.1.2 Estágio probatório



Como a situação de conversa se desfez, resolvi caminhar mais um pouco pela feira. O dia ficava cada vez mais quente e claro. Um número considerável de pessoas circulava pelos corredores. Mais uma volta e parei novamente “na esquina” da banca do Cláudio, observando de longe os seus movimentos e a quantidade de fregueses do lado de fora. Perguntava-me como seria no próximo sábado. O Pereira, segurança da feira, passou por ali, conversamos um pouco sobre o seu trabalho. Disse-me que estava com muito sono, pois “pegou mais um trabalho”, estava trabalhando também de segurança de um dos candidatos ao Governado do Estado, por isso quase não dormia. Disse isso e já saiu. Nossas conversas são rápidas, um segurança não pode ficar muito tempo parado.

Eu não sabia que a feira tinha seguranças até encontrar o Pereira na banca do Cláudio, em um dos finais de feira que passei por lá. Ele já sabia da minha pesquisa e quando me viu encostada na banca em um dos primeiros dias de campo, veio diretamente perguntar sobre o que era meu trabalho. Expliquei que fazia uma pesquisa para o mestrado em antropologia, queria estudar a feira, como fazem as pessoas que trabalham e que compram ali, etc. Depois deste dia, sempre que me encontrava, o Pereira perguntava como ia “o meu relatório”. Tem um estilo marcado, típico de segurança, sempre sério, desconfiado e parecendo ter “mil

olhos”, caminhando pela feira com as mãos para traz ou parado em frente a alguma banca, observando. Um homem novo, de uns trinta anos, Pereira é segurança e “brigadiano”, e pelo que me contou, trabalha sem parar durante a semana, “intercalando suas funções”. Além dele, mais dois outros seguranças circulam pela feira fazendo a “vigília”, estão à paisana, não os identificamos através de um uniforme, mas por sua postura em relação ao público. Pereira me disse que em momentos de muita circulação de pessoas na feira é preciso atenção, pois acontecem muitos roubos tanto das bancas como dos fregueses desatentos, às vezes também alguma confusão ou alguma briga, mas isso, segundo ele, é mais raro. Nos dias em que chegava na feira da Epatur com algum equipamento como máquina fotográfica ou microfone e aparelhos de gravação de sons, Pereira “me encontrava” mais vezes, parava para conversar sempre olhando para os lados discretamente, de certa forma depositando um olhar de “proteção” sobre minha estada por ali.

Depois da conversa com o Pereira resolvi comprar algumas laranjas e, como de costume, entrei na banca do Cláudio para escolher minhas frutas. Em seguida, acabei por ficar por ali, encostada em uma caixa de laranja fazendo minhas observações rotineiras. O Cláudio estava na minha frente e quando uma freguesa alcança sua sacola para que ele pese, vira-se pra mim e anuncia:

Cláudio: PODE EXPERIMENTÁ!!

Fala e sai. Para não deixar a freguesa ali esperando pego a sacola e começo o meu estágio como vendedora de laranjas na feira-livre da Epatur. O meu dia, que estava relativamente calmo e corriqueiro, transforma-se numa grande movimentação. Com o corpo encostado na banca, um feirante precisa coordenar muitos movimentos: pesar as sacolas de compras, digitar na balança o preço de cada produto, calcular o troco e já pesar novamente outra sacola de compras, numa ação constante de estender o braço para o freguês, pegar a sacola, devolver, pegar o dinheiro, abaixar-se até a caixa de dinheiro para fazer o troco, levantar novamente para devolvê-lo já pegando uma outra sacola. No meio disso, dar alguma explicação sobre os produtos que estão expostos, e é claro, fazer suas piadas conforme a situação que se apresenta em cada momento.

Na primeira vez que o Cláudio me viu falando o preço para um freguês, aproveitou para começar seus ensinamentos. Na balança marcava R\$ 1,63 e eu disse:

Pesquisadora: É R\$ 1,60.

Rapidamente o Cláudio passou por mim e disse no meu ouvido: TRÊS ARREDONDA PARA CINCO, MENOS DE TRÊS PARA ZERO!! Saiu e eu já comecei a atender outra pessoa. Além do Cláudio, Elisa também participou da minha “formação” com feirante, me ensinando como guardar o dinheiro, como cortar a laranja para o freguês experimentar, alguns macetes para “fazer o troco”, cálculos rápidos para não deixar ninguém esperando. Tudo isso enquanto estávamos ali trabalhando, atendendo os fregueses.

Como a banca é extensa, ficam distribuídas em seu espaço umas quatro ou cinco balanças e cada uma delas é responsabilidade de um feirante, enquanto o Cláudio, e, por vezes, também o Pirilampo, são responsáveis pela orquestração de todo o trabalho. Além disso, na parte de baixo da banca, longe da vista de quem está do lado de fora, ainda estão três caixas pequenas de madeira, um pouco maiores do que uma caixa de sapato, com algumas divisórias para notas de dinheiro e moedas, facilitando na hora de fazer o troco. Na extensão da banca, ficam expostos produtos diferentes, tipos diversificados de laranjas, bergamotas e limões, às vezes, milho ou melancia em uma das extremidades. Isso cria uma relação particular com o freguês, que muitas vezes escolhe suas frutas em um ponto da banca e se desloca até o outro extremo para escolher outro produto, sem maiores problemas de se afastar da banca com sua sacola de compras. Tudo isso é muito bem cuidado por quem está ali vendendo, mesmo que não possamos perceber.

O espaço que forma a parte interna da banca é bastante restrito em sua largura, aproximadamente um metro e meio separa o caminhão da estrutura de madeira que a forma. Entre o caminhão e a banca, ainda são acumuladas as caixas plásticas que comportam as laranjas e que vão sendo esvaziadas ao longo da manhã, voltando para o caminhão no final da feira. Dentro do caminhão, um som ligado em uma rádio popular ou com algum CD de músicas gauchescas ou sertanejas anima o trabalho dos feirantes. Neste recinto é que acontece, todos os sábados, no largo da Epatur, o espetáculo da feira-livre do ponto de vista dos feirantes, este é o seu lugar no cenário da feira.



Na “correria” destes gestos “da beira da banca”, o compasso são as piadas e jocosidades a que precisamos estar atentos. Quando se aproximam os seguranças da feira para uma conversa com os feirantes, estas brincadeiras sempre ganham uma conotação sexual, numa afirmação da masculinidade que acaba sempre num grande deboche. No contexto destas brincadeiras, a construção de sentido para a vida cotidiana re-atualiza o estar solteiro ou casado, o divórcio, um “fora” recebido de alguém, que tratam de forma zombeteira e maliciosa, rindo de si mesmos e dos outros. No âmbito das práticas e artes de fazer destes personagens, a oralidade sugere uma estética peculiar a este espaço de convivências, onde o ato performativo (LANGDON; 1999) é instituído para marcar uma situação e expressar uma maneira de se colocar no mundo.

Na aproximação de um dos seguranças da feira à banca do Cláudio, disputavam as risadas de quem estava ao redor com seus gracejos, claramente orientados para as mulheres que estavam presentes. Cláudio dizia, respondendo a uma provocação do segurança que não pude ouvir:

Cláudio: AÍ TU FICA NO CAIXA E EU FICO ENROLADO NOS LENÇOL!

Segurança: AH É! COM QUEM?

Cláudio (às gargalhadas): NÃO VÔ DIZER!

Segurança (insistindo): COMO NÃO VAI DIZER? COM QUEM!

Pirilampo (atraindo para si as risadas): ORA COM QUEM! COM O PRÓPRIO LENÇOL!

A infinidade das formas de manifestação do riso (BAKHTIN; 1996) trazem à tona imagens do princípio corporal e material, em que a manipulação dos alimentos dá ensejo para as sátiras de conotação sexual, uma e outra vinculadas a partir do simbolismo da fertilidade e alimentação que inscrevem o corpo na dimensão do cosmos (BAKHTIN; 1996), atravessando as barreiras sociais do indivíduo para dialogar com uma construção coletiva de significados para a realidade vivida. A possibilidade das inversões de sentido, de dizer “o não dito” através das piadas e deboches, enfocam um caráter de negociação da realidade (VELHO; 1999) que toma como código simbólico os esquemas de imagens ligados à intimidade e à digestão (DURAND; 2001), aderindo a um isomorfismo entre o alimento e as figurações da oralidade.

Neste sentido, participar destes momentos de jocosidade, contribuir para a continuidade da pilhéria, estabelece uma comunidade de sentidos necessária à interação social estabelecida na feira e ritualizada pelo riso. A cada momento, a “vítima” do deboche muda, pois muda a direção do que está sendo dito conforme o arranjo dos sujeitos presentes, o que,

de acordo com Jean Langdon (1999), afirma uma construção contextual do ato performático. A realidade interpretada e reinterpretada a partir destas situações de jocosidade vai instituindo as táticas (DE CERTEAU; 1994) destes feirantes no seu relacionamento com o espaço urbano e com os outros atores presentes à cena da rua, marcando um *ethos* (GEERTZ; 1989) específico na constituição destes personagens.

É claro que as performances e encenações que ocorrem na banca do Cláudio são, de certa forma, arquetípicas (DURAND; 2001) – o que se reflete até mesmo pelo lugar de destaque que ocupa no espaço da feira - no sentido da construção do personagem feirante destes atores, principalmente Cláudio e Pirlampo, no contexto destas interações com os fregueses. Dessa forma, outras maneiras de “fazer-se feirante” estão presentes na cena da feira-livre, mas de qualquer maneira, todas estas estão permeadas de certos aspectos de riso e comicidade que são potencializados por Cláudio e Pirlampo em seus fazeres na feira-livre. Um feirante que citei no capítulo anterior, o Henrique, por exemplo, constitui sua performance como feirante de forma diversa, apostando em relações mais próximas com os seus fregueses, mas de fato, o caráter cômico se faz presente mesmo nestas relações de proximidade que Henrique institui. Esta diversidade será abordada no decorrer do texto, próximos capítulos, cabendo aqui apenas ressaltar esse caráter arquetípico da banca do Cláudio, no que se refere ao riso e às jocosidades nas relações estabelecidas com seus fregueses.

No caso da banca do Cláudio, um rapaz que trabalha ali nunca participa destas brincadeiras, sendo, portanto, o alvo predileto nos momentos em “que nada está acontecendo”, no que se refere ao espaço externo à banca. O nome dele é Paulo, mas na banca o chamam de Nêne e aparenta ter aproximadamente vinte e cinco anos, não sei ao certo, pois raras vezes trocamos uma ou duas palavras. Volta e meia ouvimos o Cláudio gritar pela banca:

Cláudio: MAS NÊNE, PORQUÊ TU NÃO VAI NO MOTEL? É BONITO LÁ DENTRO
TU PODE ATÉ ASSISTIR UNS FILME PRA SE ANIMÁ!

Nêne não responde, dá uma risada discreta e continua o que está fazendo. Em geral fica numa das extremidades da banca e sempre tem um trabalho manual para realizar, além do atendimento ao freguês, ou está cortando mandiocas ou descascando milho, dois produtos que acompanham a venda de laranjas da banca do Cláudio. Ele fala muito pouco e pelas

informações do Cláudio, sei que ele é de Montenegro também (fisicamente “tão alemão” quanto o Cláudio).

É importante salientar aqui que a entonação da voz e alguns “erros de português” na fala são deliberadamente provocados pelos narradores das piadas, como uma forma de enfatizar o que está sendo dito, chamando a atenção para um ou outro aspecto da fala. Desta forma, instaura-se uma linguagem específica, performática, na qual a construção de sentido passa também pela sonoridade das palavras inventadas ou deformadas³⁹, que se configura como mais um elemento à interpretação destas jocosidades.

Acompanhando estes gestos e piadas estão também os atos de comer e beber. Durante a manhã, come-se muita bergamota e laranja, principalmente no verão de calor intenso, ou então alguns doces e cocadas vendidos em outras bancas. Além disso, há também os lanches da banca da Rosane, estes últimos consumidos com uma certa rotina de horários que não se aplica, é claro, às frutas vendidas na banca. Além dos “comes”, temos também os “bebes”. Um copo de plástico que circulava pelas proximidades da balança em que eu estava revelou seu conteúdo pelo odor, a mistura de refrigerante com aguardente que acompanha a manhã “dos homens”. As meninas vi somente bebendo cerveja, uma ou outra vez, em dias de muito calor.

Já próximo ao meio dia eu estava exausta – estado físico que ninguém mais demonstrava. Sentei numa caixa de laranja e o Pirilampo, ao me ver, gritou:

Pirilampo: CLÁUDIO, TUA FUNCIONÁRIA EM TREINAMENTO JÁ CANSOU!

Cláudio: QUÊ? JÁ TÁ CANSADA? MAS ASSIM NÃO DÁ!

E saíram os dois rindo de mim. Chamei o Cláudio para avisá-lo que iria embora, pois o estágio já estava de “bom tamanho”. Ele me olhou, sério, e disse que ligaria na sexta-feira para combinarmos o sábado. Nos despedimos e ele arrematou uma gracinha:

Cláudio: UÉ, O MARIDÃO NÃO VEM HOJE PRA CARREGÁ AS SACOLA?

³⁹ “Prioridade do ilocutório, àquilo que não diz respeito à palavra nem à frase, mas à identidade dos locutores, à circunstância, ao contexto, à materialidade sonora das palavras trocadas. Aqui se insinua toda a inventividade

1.1.3 Feirante por um dia

Dia 19 de outubro. Saí de casa um pouco antes das oito da manhã, como havia combinado com o Cláudio no sábado anterior, pois ele não me ligou na sexta-feira para os últimos acertados. Imaginei que poderia ter arranjado uma pessoa “mais experiente” para trabalhar ali, mas fui disposta a ficar na banca. Andei rapidamente pela feira, sem perceber muito como estava o movimento.

Cheguei na banca e ele estava tomando café em cima do caminhão, com uma mulher que eu não conhecia. Depois que a banca já está montada, tomar o café-da-manhã no caminhão é um costume dos feirantes. Nos dias em que fui até a feira ainda de madrugada, para participar da montagem das bancas, podia ver ao final deste processo os feirantes reunidos no interior da banca ou na caçamba do caminhão, sentados nas caixas de frutas, uma delas servindo de mesa para o pão feito em casa, para as garrafas de café e para a manteiga. O chimarrão também faz parte deste ritual matutino dos feirantes. Cedo da manhã, entre as sete ou sete e meia, ainda é possível tomar um café sossegado, mesmo que alguns fregueses já estejam fazendo suas compras.

Aproximei-me do caminhão, cumprimentei as pessoas que estavam na banca e perguntei ao Cláudio porque ele não havia me ligado. Sem virar pra mim, continuando seu café-da-manhã, disse-me que havia perdido o papel com o meu telefone. Perguntei se continuavam “de pé” nossas combinações. Ele, ainda sem tirar atenção de seu café, disse:

Cláudio: TUDO CONTIGO.

Larguei minha bolsa em uma das caixas de laranjas vazias e me aproximei de uma das balanças (logo depois o Pirilampo veio e me disse que bolsas ficavam dentro do caminhão e avisou que estava levando a minha para dentro). Vi que na banca estavam o Nêne, como de costume, na extremidade próxima a Avenida Perimetral - que para mim é a “entrada” que sempre utilizo. Depois dele, mais para o meio da banca estava eu – ainda um pouco desconfiada dessa idéia de ser feirante – e do meu lado a Priscila, uma menina que eu já tinha visto por ali algumas vezes, mas que ainda não conhecia, e que depois soube ser vizinha da Elisa e da Edi em Canoas e, por isso, trabalha na feira de vez em quando. Depois da Priscila, no canto da banca que “faz uma curva” (a banca é arranjada em forma de L), estava o Pirilampo que cuidava da “organização” enquanto o Cláudio tomava seu café.

dos jogos de linguagem, através de uma encenação de conflitos e de interesses assinalados a meia-palavra” (DE CERTEAU *et alli*; 1996: 338).



O Pirilampo, como é conhecido na banca chama-se Paulo. Algumas vezes ouvi também o Cláudio ser chamado de Saracura, o que me leva a pensar que estes apelidos se referem a dois personagens de uma antiga novela da Rede Globo de Televisão, que formavam uma dupla sertaneja e tinham estes nomes. Pirilampo é uma espécie de “continuador” das piadas do Cláudio, pois mesmo que esteja na outra extremidade da banca, presta atenção no que ele diz para poder responder com outra piada, fazendo com que a gozação siga adiante. Muitas vezes eles continuam a piada um do outro mesmo sem se olharem, estão atendendo algum freguês ou realizando outra atividade qualquer, e suas vozes preenchem o espaço da banca com essas brincadeiras, feitas para todos ouvirem. Estas intermináveis idas e vindas estabelecidas pelos dois evocam uma circularidade do riso (BAKHTIN; 1996) que se desenrola como se existisse uma única piada que dura todo o tempo da feira.

Pirilampo tem, aproximadamente, a mesma idade que Cláudio, também é magro e usa avental aberto, sem camisa, com o sotaque carregado de quem mora no interior do Rio Grande do Sul. Os dois são produtores de laranja em Montenegro e vêm até Porto Alegre em alguns dias da semana para vender sua produção em algumas feiras da cidade. Na Epatur, estão trabalhando há oito anos, pois, segundo Cláudio, começaram a fazer a feira no lugar de um parente que trabalhava ali antes deles.

Não demorou muito e o Cláudio desceu do caminhão com a mulher que tomava café com ele, cujo nome era Nair, e estava ali para trabalhar na banca também. Ela ficou na balança onde eu estava e me desloquei para perto das melancias. A princípio, eu e Nair não conversamos muito, apenas para reclamar de troco ou coisas deste tipo, apenas no final da

feira é que fomos interagir com maior intensidade. A essa altura já sabia que Edi e Elisa estavam viajando para o Estado do Mato Grosso em função de um casamento na família. Nair mora em Canoas e é prima de Lírio, o pai das meninas, por isso já conhecia o Cláudio, já tinha até mesmo participado de outras feiras, “assim, para ajudar”, mas revelou que não gosta deste trabalho.

Ficar no “setor das melancias” significa carregá-las do caminhão até a banca, cortá-las pela metade ou em pedaços, de acordo com o gosto do freguês. No início, Cláudio insistia em fazer isso, me deixando apenas com a tarefa de vendê-las, mas com o aumento do número de fregueses acabei fazendo isso sozinha. Cortar a melancia deixa as mãos “melecadas” com o suco que sai da fruta, e ali não temos panos à disposição para limpar as mãos após o corte. Assim, depois de cortar e pesar uma melancia para entregá-la a algum freguês, pega-se o dinheiro, faz-se o troco e, logo em seguida, já está-se atendendo a outro freguês, ou seja, na próxima melancia já existe uma mistura de resíduos diferentes na mão, e isso é visto pelo freguês, o que fazia com que eu me perguntasse como ainda continuavam comprando. É claro que para as situações “críticas”, podíamos ir até o outro lado do caminhão, onde há uma espécie de barril com uma torneira e, finalmente, água para lavar as mãos, o rosto, etc. Mas em geral, não há muito tempo para isso.

Outra imagem que me causava um certo estranhamento era a forma como manipulavam, muitas vezes, as frutas por ali. No sábado anterior, vi Elisa pegar laranjas que estavam no chão com os pés, como se fosse uma bola de futebol, e arremessá-las para dentro da banca, uma atitude que me parecia completamente contrária a idéia que fazia sobre o “cuidado com o alimento”, presentes a uma ideologia moderna e de classe média que encontrei em algumas feiras ecológicas em Porto Alegre. Evidente que a feira da Epatur guardava outras características, no que tange à relação com os produtos vendidos por parte tanto de feirantes como de fregueses.



1.1.4 Manipulação do alimento

Estes gestos de manipulação do alimento, presentes ao cotidiano da banca, os trazem à dimensão do corpo que, de acordo com André Leroi-Gourhan (1965), é o instrumento primeiro do homem na sua relação com o meio. O uso deste corpo como instrumento, ou utensílio, coloca em evidência uma ritmicidade corporal orientadora da ação humana no mundo a sua volta, numa combinação entre movimento e forma que estetizam esta ação operatória (LEROI-GOURHAN; 1965) sobre as coisas.

Neste caso, são os dispositivos de referência como o gosto, o olfato e o tato (LEROI-GOURHAN; 1965) que vão coordenar estes ritmos corporais e instaurar, a partir da linguagem, uma rede de símbolos que integram o comportamento do homem em relação ao meio, ou seja, é na expressão destas experiências da percepção sensorial do corpo, através de imagens que o homem vai refletir sobre sua ação e ter consciência do caráter fugidio do tempo.

Neste fluir da vida percebido simbolicamente pelo homem encontra-se justamente o elemento de suas preocupações, o domínio do tempo e a conquista do espaço (LEROI-GOURHAN; 1965), preocupação que vai inscrever no corpo um controle sobre seus ritmos, forjando novos comportamentos⁴⁰.

Neste sentido, as práticas cotidianas e os gestos que as tecem, no que tange os atos de nutrição e contato com o alimento, são socialmente delineadas e regradas, apresentando-se como formas de expressão de uma cultura particular, ou melhor, de um conjunto de símbolos que orientam as crenças e valores de uma determinada comunidade ou grupo social.

Estas formas de manipulação da comida estão, conforme André Leroi-Gourhan (1965), inseridas em cadeias operatórias de ação que constituem a humanidade, ou seja, partem de princípios comuns ligados ao funcionamento do corpo e formas de pensamento na relação com o mundo.

A busca de controle sobre o fluir do tempo é também a busca de normas sociais (ELIAS; 1990) que engendram o controle do corpo e as regras de comportamento coletivo. As imagens da feira-livre, evidenciadas nos gestos destes feirantes, retomam esta dimensão de domínio do corpo e de “regras de etiqueta” a partir de seu inverso, das imagens de uma

⁴⁰ “Visto pelos animais, ou por seres fundamentalmente distintos de nós, o homem surgiria como um obcecado pelo tempo e pelo espaço, elementos que dominam suas preocupações em todas as formas de seu pensamento, desde o aparecimento da civilização. A conquista material do espaço geográfico, seguida da do espaço cósmico, o esboroamento do tempo pela velocidade e os esforços desenvolvidos pela invenção médica, tecem a sua vida prática; as especulações sobre a astronomia e a luz, sobre a meteorologia e a física do átomo, embalam os seus sonhos filosóficos e científicos; a conquista da eternidade e das esferas celestes, alimenta o seu sonho espiritual.

comunhão do corpo com o cosmos (BAKHTIN; 1996), um corpo que se abre para o mundo exterior que penetra nele (BAKHTIN; 1996), afirmando uma dimensão de liberdade estetizada a partir do riso. As formas “grotescas” deste corpo aparecem nas falas e nos gestos destes feirantes, numa brincadeira sobre a condição humana. Em uma das situações em que levei as fotos que tinha tirado na parte interna da banca, todos os comentários giravam em torno desta aparência “grotesca”:



Cláudio: NENÊ, NÓS SOMO MUITO FEIO, NÊNÊ... IMAGINA FORA DAS FOTO...

PIRILAMPO, PORQUE TU SAI COM OS OLHO ARREGALADO EM TODAS AS FOTO?

Imbuí-me destas imagens para compor o meu personagem de feirante enquanto trabalhava ali. Observando as suas “técnicas corporais” (MAUSS; 1974), procurei levar o meu corpo a desempenhar a agilidade de movimentos necessários a este fazer. Olhar firme em direção aos fregueses, para prestar atenção em quem estamos atendendo, atenção também para a quantidade de frutas expostas, para as repor sempre que necessário. O corpo precisa deslocar-se rapidamente da “beira da banca” para o caminhão, na busca de mais melancias (no meu caso), braços erguidos segurando um peso de quatro a cinco quilos que devem ser “deitados” na banca. Depois disso, com um facão na mão, dividir a melancia em duas ou três partes, expondo para os fregueses as intimidades do interior da fruta, sua textura e sua cor. Com o mesmo facão, fazer um pequeno talho, retirando uma “miniatura” de melancia a ser provada e aprovada – ou não – pelo freguês. No caso de repor laranjas, Cláudio ou Pirilampo subiam no caminhão para transferir mais caixas para baixo, num sincronismo em que um acompanhava o movimento do outro. Desce a caixa do caminhão, vira-a em cima da banca e uma montanha de laranjas está formada. Todos estes gestos são rápidos, ao mesmo tempo firmes e delicados, compõem uma cadeia de operações (LEROI-GOURHAN; 1965) do corpo como matéria do homem.

A sua atividade principal desde há vários milênios consiste em organizar o tempo e o espaço a nível do ritmo, do calendário, da arquitetura” (LEROI-GOURHAN; 1965:94).

1.1.5 Manipulação do dinheiro



Das imagens de manipulação do alimento, passo para as imagens da manipulação do dinheiro. O próprio ato de manipular a fruta evoca o ato de “mexer com o dinheiro”, no caso da feira, pois um gesto decorre do outro. Nas caixas de madeira espalhadas no interior da banca ficam as moedas e notas de dinheiro referentes aos pagamentos que são efetuados a partir das compras. No início da manhã, Cláudio distribui algumas notas e muitas moedas nestas caixas para “fazermos o troco” e ao longo da manhã vai recolhendo as notas de maior valor. Neste sábado, entretanto, não estava muito fácil de “fazer o troco”, muitas notas de cinquenta reais eram trocadas por valores muito baixos, acabando rapidamente com as possibilidades de troco. Além disso, em geral estamos atendendo duas ou três pessoas diferentes ao mesmo tempo, cada uma delas fez compras que resultaram em valores diferentes e, raramente, nos entregam o valor exato de suas compras. Assim, é preciso “fazer o troco” para valores diferentes de troco e notas de dinheiro, e é claro, sem errar, senão a confusão é certa.

Ainda temos as pessoas mais velhas, alguns idosos que confiam toda sua carteira para pegarmos o dinheiro necessário para pagar suas compras, ou então aqueles fregueses que pesam diversas vezes as compras, até atingirem o valor exato que pensam em gastar. Dessa forma, uma das sonoridades constantes durante a manhã são as moedas que caem na caixa de madeira, revelando as idas e vindas do dinheiro que circula por ali. Circula em todos os sentidos, pois o Cláudio, conforme o movimento de fregueses pela banca, vai trocando estas caixas de lugar, recolhendo algumas notas, depositando outras. Ao final de feira, sempre uma das mulheres conta e separa todo o dinheiro que foi ganho com as vendas.

Esta relação peculiar com o dinheiro evoca as análises de Georg Simmel (1991) sobre o seu papel no valor atribuído às coisas e às relações entre as pessoas no mundo moderno⁴¹, mas num sentido em que o valor objetivo (SIMMEL; 1991) das mercadorias parece deslocado em função de um valor subjetivo, dado pela interação entre os atores em questão. Os preços das mercadorias, pela possibilidade de negociação apresentada na feira-livre, são relativos a esta interação, pois o resultado final da escolha destes produtos da compra vai depender do tipo de relação que é estabelecida entre freguês e feirante⁴².

Em muitos casos, o freguês já é conhecido antigo dos feirantes que trabalham na banca, as conversas travadas apresentam um teor explícito de certa intimidade, as compras demoram mais a serem feitas, ritmadas pelas conversas estabelecidas, ao final das escolhas. Assim, depois de pesadas as sacolas de frutas, discretamente mais uma ou duas frutas são colocadas dentro da sacola pelo feirante, que a entrega para o freguês com um olhar de cumplicidade. Outras vezes a iniciativa parte do próprio freguês, que decide “arredondar” o valor das compras, claro que arriscando uma reação negativa por parte do feirante, mas que raramente acontece.

Neste caso, o valor do alimento, enquanto mercadoria na dinâmica do mercado-livre, apresenta-se como uma decorrência das trocas simbólicas (MAUSS; 1974) que se estabelecem entre freguês e feirante, sendo que o preço de cada produto, indicado em cada umas das plaquetas penduradas na banca, é relativizado a partir desta relação, tomado apenas como parâmetro de um valor objetivo que acaba por ser subjetivado nestas relações (SIMMEL; 1991). O valor monetário do dinheiro, que segundo Georg Simmel (1991) vai se colocar entre os relacionamentos modernos, “entre as pessoas e o objeto particular de desejo”, produzindo uma impessoalidade entre estes atores, é atravessado pela dimensão simbólica da moeda como elemento de troca e circulação, indicada como um aspecto a mais nesta interação, e não mais como o objetivo principal da troca.

Como um gesto decorrente do trato com o alimento, a circulação destas moedas, que ouvimos cair nas caixas de madeira durante a manhã de feira, sugere imagens dos ciclos do

⁴¹ Para considerações a respeito do dinheiro e seu valor relacional na sociedade brasileira ver OLIVEN; Ruben G. “Looking at Money in América”. In: *Critique of Anthropology*, vol. 18, n° 18, 1998. OLIVEN; Ruben G. “O vil metal: o dinheiro na música popular brasileira”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 12, n° 33, São Paulo, 1997.

⁴² “Assim, comprar não é apenas trocar dinheiro por alimentos, mas além d isse ser bem servido quando se é bom freguês. O ato de compra vem *aureolado* por uma *motivação* que, poder-se-ia dizer, o precede antes de sua efetividade: a fidelidade. Esse algo mais, não contabilizável na lógica estrita da troca de bens e serviços, é diretamente simbólico: é o efeito de um consenso, de um acordo tácito entre freguês e seu comerciante, que transparece certamente no nível dos gestos e das palavras, mas que jamais se torna explícito por si mesmo” (DE CERTEAU *et alli*;1996: 52).

devir (DURAND; 2001), de vida-morte-renascimento, marcando um ritmo do tempo na repetição incessante destes gestos de compra e venda mediados pela moeda. Estas imagens, de um lado cíclicas, presentes na periodicidade semanal da feira-livre e na matéria orgânica do alimento que se decompõe e renasce, e de outro circulares, enfatizadas no dinheiro que “que passa de uma mão à outra”, são constitutivas de uma certa estrutura de imagens que está subjacente às práticas de “fazer a feira”. Nos termos de Gilbert Durand (2001), trata-se de uma estrutura mística de pensamento, que é constituída pelos símbolos da inversão e da intimidade (DURAND; 2001)

Assim, os ritmos desta circulação da moeda – das idas e vindas que são estabelecidas na feira-livre – guardam um caráter de repetição cíclica do tempo, dada na representação simbólica desta troca efetivada na intimidade e subjetividade que vão definir seu valor. A relação evocada entre os gestos de manipulação do alimento e os gestos de manipulação da moeda evidencia um caráter de abundância, de fartura, associada às imagens da vida e da passagem do tempo, pois os contratos implícitos entre freguês e feirante, dados mais no olhar e no gesto do que na palavra, garantem nesta troca mais do que uma repartição entre os termos da negociação, enfatizando uma comunhão destes valores em jogo e um processo de negociação dos mesmos.

A imagem da abundância, evocada aqui, se refere a este valor subjetivo estipulado nas relações que se dão na feira, em que os alimentos a serem escolhidos estão ao alcance do olhar e do toque do freguês, e não embalados e separados, ou seja, a fartura aparece nesta “não separação” – se é possível falar nestes termos – de um produto ou alimento em recipientes definidos para cada freguês, mas na possibilidade de escolher o que bem desejar a partir dos próprios sentidos.

Dessa forma, a peculiaridade desta relação entre freguês e feirante, que é mediada pelo dinheiro, está calcada numa imagem de riqueza implícita a estes atos, riqueza que decorre de um lado da matéria orgânica dos alimentos expostos, ou seja, da vida que se anuncia a partir das frutas, e de outro na relativização de um valor monetário estrito – definido por leis de mercado impessoais – subjetivando-o a partir de um caráter temporal de circularidade moeda, evocando, por seu turno, os ciclos de vida dos próprios alimentos e seres. Essa cadeia de inter-relações é restaurada a cada ato de compra e venda que se estabelece na feira.

Além disso, é preciso reconhecer que a dimensão da riqueza tratada aqui se refere a “esquemas de imagens” ou estruturas de pensamento (DURAND; 2001) que operam de maneiras diversas com as trocas comerciais estabelecidas na feira-livre e, ao mesmo tempo, com um sistema econômico global, no qual estas trocas comerciais estão inseridas. A “arte de

fazer” de um feirante está evocada no trânsito que estabelece entre estas relações pessoais da feira, onde o valor de cada produto é dado na relação com os fregueses, e todo um sistema produtivo e econômico que o leva a calcular o valor de suas vendas ao final da manhã, os prejuízos que pode ter e os lucros que vai ganhar ao trabalhar a cada sábado na feira-livre. Assim, retomando as considerações de Georg Simmel (1991), a impessoalidade e autonomia das trocas comerciais, possibilitadas pela mediação do dinheiro na sociedade moderna, guardam ainda aspectos de uma relação de interdependência entre os atores sociais, no sentido da circulação do dinheiro presente nestas trocas, ou seja, para o Cláudio, o resultado final desta manhã de vendas significa uma certa divisão do dinheiro para pagar seus impostos, as pessoas que trabalham com ele, as despesas do caminhão, etc. Este dinheiro é distribuído a lugares e pessoas diferentes, gerando, dessa forma, toda uma cadeia de interdependências no que tange ao valor monetário do dinheiro.

Por outro lado, esta manipulação da moeda que evoco quando falo do “fazer o troco” e das relações estabelecidas com cada freguês, está subjacente a um esquema de imagens (DURAND; 2001) da abundância e da riqueza, não referidas a uma lógica do valor do dinheiro em si, mas da imagem da quantidade, da repetição de gestos de troca, das moedas e notas de dinheiro que “amontoam-se” ao longo da feira. Assim, como a banca é constantemente recheada de laranjas formando montanhas de frutas ao gosto do freguês, a “caixa do dinheiro” vai sendo também recheada de moedas. Dessa forma, podemos ter dois esquemas de imagens (DURAND; 2001), um associado à quantidade e a abundância, às sonoridades das moedas que caem “e se multiplicam” na caixa de madeira, “ao tesouro” também evocado na abundância do alimento e que está presente na relação freguês-feirante, e outro esquema de imagens associado à circulação do dinheiro, a um ritmo anunciado nestas trocas comerciais da feira que refletem um sistema mais amplo de trocas sociais, restaurando no desdobramento destas imagens a noção de passagem do tempo, do devir também associado ao ciclo semanal da feira e ao ciclo de “vida e morte” dos alimentos.

A complexidade destes encadeamentos de imagens evidencia o caráter peculiar das trocas sociais estabelecidas na feira-livre, nas quais os elementos em jogo estão para além dos valores objetivos estabelecidos por um sistema econômico, pois são atravessados por uma série de outros elementos, como a relação que se estabelece com o freguês e com o próprio produto a ser vendido.

1.1.6 Manifestação do riso

A dimensão simbólica do trato com o dinheiro e com o alimento é estetizada, também, nas jocosidades da performance oral destes feirantes que evocam nas suas piadas a fragilidade de um sistema social que impõe suas regras, afirmando, de certa maneira, as múltiplas possibilidades de “inventar o cotidiano” (DE CERTEAU; 1994) e subverter ou se apropriar destas “normas” a partir de “maneiras de viver” específicas.

Na feira livre, os gestos de compra e venda, as escolhas e estratégias de convencimento são compartilhadas em um espaço de experiências comuns, onde a brincadeira e o riso ganham um destaque especial ao desafiarem as “normas” de conduta da sociedade moderna, marcada pela separação entre o indivíduo e sua atividade econômica (SIMMEL; 1991), onde o dinheiro é ator principal. Ocorre um outro tipo de interação, baseada nas formas de produzir o riso.

Cláudio: Ô PIRILAMPO, VAMÔ COMÊ HOJE ALI NO COQUEIROS? (referia-se a uma churrascaria próxima ao Largo da Epatur)

Pirilampo: VAMÔ! VAMÔ SENTAR ALI E COMEÇAR A COMER COM AS MÃO!

Cláudio: POBRE DO POBRE!

Ou então ao ver aproximar-se uma moça com um cachorro no colo:

Cláudio (grita para a moça várias vezes, mas ela não responde): COMO É O NOME DO CACHORRO!! COMO É O NOME DO CACHORRO!

Cláudio: O CACHORRO É AMIGO DO HOMEM PORQUE ELE NÃO CONHECE DINHEIRO, SE ELE CONHECESSE NÃO ERA MAIS! NÉ? (passa a latir para o cachorro, muito alto, até que o cachorro resolveu latir para ele também).

Cláudio: VIU!! ELE SE COMUNICA COMIGO!!!

No decorrer da manhã, enquanto estamos atendendo aos fregueses, cuidando do abastecimento da banca e, no caso do Cláudio e Pirilampo, controlando o dinheiro que circula, as conversas giram em torno destas brincadeiras e piadas que parecem lançadas ao ar. Por estarem trabalhando, num movimento frenético de atender fregueses, abastecer a banca com frutas que ainda estão no caminhão, fazer troco, etc, algumas frases ditas no transcurso desta atividade parecem não identificar necessariamente, uma interação ou um interlocutor. No entanto, estes jogos de palavras e brincadeiras estão marcando os papéis dos personagens presentes, podendo suscitar o início de uma interlocução, em que o tom de piada e deboche

autoriza a liberdade na relação com o outro, mesmo que distanciados pela hierarquia dos papéis sociais. Entre uma ou outra piada, Cláudio ou Pirlampo repetem, como uma espécie de “conclusão” a que chegaram:

Cláudio/Pirlampo: POBRE DO POBRE!!

Pobre do pobre de humor! Nas suas brincadeiras, o riso expressa essa outra maneira de estar no mundo, um riso que num primeiro momento pode apresentar um caráter agressivo, ao trazer à tona o que normalmente não se explicita, “a inconveniência” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) de desafiar, através da linguagem, os ouvintes/fregueses a assumirem outro ponto de vista no que concerne à circularidade da vida, o ponto de vista do riso, refletindo o trânsito entre os esquemas de imagens (DURAND; 2001) que orientam os gestos em direção ao dinheiro e ao alimento.

Assim, enquanto a banca estava repleta de fregueses ávidos em suas escolhas, na maioria senhoras e senhores entre sessenta e setenta anos, ouço o Cláudio gritando de cima do caminhão, enquanto descarrega algumas caixas de laranja, como se estivesse falando sozinho, “pensando alto”:

Cláudio: É BOM MESMO IR NO BAILE DA TERCERA IDADE, TU DANÇA COM AS VELHA E ELAS TE PAGAM CERVEJA!!

E já emendando, dirigindo a um dos fregueses que está comprando:

Cláudio: OH VÉIO, É VERDADE QUE QUANDO TU VAI NOS BAILE E COMEÇA A DANÇAR AS PEÇA TUDO COMEÇAM A CAIR!?



Eu, é claro, já havia escutado estas jocosidades antes, enquanto fazia observações participantes, tanto dentro como fora da banca, mas nesta situação em que estava trabalhando ali com eles, praticamente não conseguia olhar para os fregueses, imaginando que teriam uma reação ruim às “brincadeirinhas” do Cláudio, enquanto ele, sossegadamente e depois de rir muito, descia do caminhão e ia atender a estes mesmos fregueses. Este gesto fala de uma relação freguês – feirante pautada em outros termos que não a polidez do anonimato. Cláudio chama as senhoras de “gurias”, faz elogios, e “o véio” continua a piada do Cláudio referindo-se a ele também, aos seus fracassos em “arranjar mulher” nos bailes e etc.

A “arte de fazer” destes feirantes está calcada nestas táticas⁴³ (DE CERTEAU; 1994) de transitar entre uma ordem geral da economia de mercado e suas exigências de lucro, e um sistema de trocas estabelecido “na ocasião”, no momento da interação com o freguês. Neste sentido, falo de relações de reciprocidade (LÉVI-STRAUSS; 1976) que permeiam estas trocas engendradas na feira-livre, tendo como uma de suas formas de expressão as jocosidades anunciadas pelos feirantes, mas que guardam também peculiaridades no que tange o trato com o freguês, nas conversas e cumplicidades acionadas por outros tipos de interação que se sucedem neste espaço, como veremos mais à frente neste capítulo. No caso das relações instituídas na banca do Cláudio, em sua maioria são pautadas por muitos momentos de riso e deboche, o que pode ser observado também em outras bancas. Por outro lado, há ainda uma gama de elementos que serão tratados mais adiante e que falam desta “arte de ser feirante”, a partir de outros pontos de vista destas intimidades e cumplicidades entre estes atores da feira-livre.

Já passava do meio-dia, eu e Nair estávamos então bastante cansadas com as vendas do dia. O movimento de fregueses na feira ainda não tinha diminuído, mas resolvemos sentar nas caixas de laranja que ficam nos fundos da banca para descansarmos um pouco e conversar. Alguns feirantes já começavam a desmontar suas bancas enquanto ainda vendiam seus últimos produtos. Como sabia que Cláudio e Pirilampo são sempre os últimos a saírem, nem me animei com os primeiros vestígios de final de feira indicando o fechamento deste ciclo temporal que é estabelecido no cotidiano do bairro por estes fazeres.

Aos poucos, o movimento de fregueses foi diminuindo, a Priscila se aproximou de mim e Nair, também sentando em uma caixa de laranja. Agora já podíamos ver melhor o

⁴³ “É preciso portanto especificar esquemas de operações. Como na literatura se podem diferenciar estilos ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” – de caminhar, ler, produzir, falar, etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo o sistema da indústria), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro. (DE CERTEAU; 1994: 92)”.

espaço do Largo da Epatur, sem tantas pessoas e suas mãos na frente da banca escolhendo laranjas, o dia apresentava uma calma que anunciava o fim da feira. Cláudio e Pirilampo se aproximaram e começaram a atender os fregueses a partir do lugar que tínhamos escolhido para sentar, praticamente no meio do espaço interno da banca, para poderem também participar das conversas. Somente eles atendiam agora, fazendo questão que permanecêssemos ali sentadas, conversando. É claro que as “gracinhas” continuavam e agora se dirigiam a nós, mas o teor e o “tom” destas brincadeiras eram outros. Estávamos em ritmo de final de feira, e os dois decidiam se iriam ou não em um “baile” à noite, afinal *Os Atuais* iriam tocar. Cláudio fingia que dançava, puxava a Priscila para dançar com ele, mil peripécias que faziam com que eu me perguntasse se eles não cansavam nunca, eu estava literalmente “acabada”!

Quando a maior parte das bancas já estavam desmontadas, Cláudio anunciou que poderíamos começar a guardar as frutas. Cada um de nós – mulheres e o Nêne – foi para um canto da banca devolver as laranjas para dentro das caixas ou então jogar no lixo as frutas que estragaram. Cláudio e Pirilampo arrumavam coisas na caçamba do caminhão, deslocando caixas que ainda estavam lá, desatando a corda que amarra a lona em cima da banca, estavam mais sérios, fazendo algumas combinações sobre a feira do dia seguinte, conversando sobre a mercadoria que sobrou e as vendas que tinham sido efetuadas. Conforme as caixas iam ficando cheias, Pirilampo e Nêne as devolviam para dentro do caminhão.

Ao terminarmos este processo, com nossas mãos completamente imundas, vamos para a parte de traz do caminhão para lavá-las. Num dos dias em que fiquei até o final da feira, Elisa e Edi estavam lá. Neste momento em que se termina de guardar as laranjas, as meninas vão até um bar situado na rua João Alfredo para usar o banheiro e “pegar o Diário Gaúcho” com a dona do armazém. Foi quando “descobri” que existem tarefas “de homem” e tarefas “de mulher”, pois, ao voltarmos, Cláudio e Pirilampo “sugeriram” que poderíamos ir para dentro do caminhão – para a boléia – conversar e ouvir música, enquanto eles terminavam de desmontar a banca. Neste sábado em que trabalhei, nem Nair nem Priscila sugeriram tal passeio, muito menos ficar dentro do caminhão enquanto “os meninos” faziam o serviço. Tiramos “a saia” da banca e a lona, enrolamos as duas – que pesam muito – enquanto Cláudio e Pirilampo “divertiam-se” nas lidas com a arrumação do caminhão para a volta. Neste momento já não havia mais nenhum caminhão no Largo além do deles, todos já haviam passado por nós “buzinando”, sinal de despedida. O cenário que se desmonta pouco a pouco dá espaço para uma ambiência muito diferente quando o dia de feira acaba, restando alguns sinais das atividades em torno do alimento que ali aconteceram.

Podia ver os resquícios da feira que tinha acontecido pelas sobras de alimentos no chão. Uma das exigências da Prefeitura em relação a cedência do espaço para a feira-livre, como não poderia deixar de ser, é que os feirantes limpem o espaço ao final do evento, e isso realmente acontece. Enquanto nós desmontávamos a banca do Cláudio, pude ver que os feirantes de bancas já desmontadas varriam a sujeira de seu espaço, que em geral é bastante volumosa. O espaço interno da banca sempre fica repleto de “restos” de alimentos que não foram vendidos, que caem no chão, ou estragam. Pelo lado de fora, cascas de frutas experimentadas pelos fregueses, papéis e panfletos que são distribuídos durante a manhã, sacolas plásticas largadas ao chão. Neste momento de “desmontagem” das bancas algumas crianças que antes ajudavam fregueses a carregar suas compras, passam agora pelas bancas pedindo os restos de produtos que sobraram. Algumas vezes ganham algo, outras não. A paisagem do Largo muda da exuberância dos alimentos para a imagem do lixo, dos restos que são recolhidos por estas crianças levando-me a refletir sobre as diferentes significações destes alimentos – os que são escolhidos e os que sobram – na dinâmica das relações de troca que se estabelecem na feira-livre. De certa forma, a idéia de “pureza” (DOUGLAS; 1976) evocada pela estética da feira volta-se agora para a imagem do lixo que restou no Largo.

A “liberdade” de subverter (BAKHTIN; 1996), pelo riso e jocosidades, os relacionamentos estabelecidos socialmente, enfatiza, em contrapartida, uma “duplicidade” de formas de uso do espaço, onde a domesticação (LEROI-GOURHAN; 1965) do mesmo, em termos de sua produção pelas práticas cotidianas de fregueses e feirantes no Largo da Epatur, passa por um momento de efervescência das imagens da abundância e da vida – as frutas, a moeda - que são convertidas nos restos e vestígios de uma celebração que se acabou – a imagem degradante do lixo, o Largo agora vazio - ao chegarmos no final da feira.

A circularidade da feira-livre chega ao estágio da morte, indicada na “não vida” do Largo vazio, mas já evocando o renascimento da próxima semana, anunciada nas buzinas dos feirantes que se despedem, mesmo sinal que acionam em sua chegada. Neste processo o início e fim da feira no cotidiano do bairro parece apresentar um caráter ritualístico de “renovação do tempo” (ELIADE; 1947), onde colocam-se os gestos de manipulação do alimento e da moeda como aspectos definidores de um certo ritmo da vida social que é compartilhado neste espaço da feira.

Enquanto observava estes restos finais da feira, busquei a vassoura para limpar a parte da banca do Cláudio, com uma grande dificuldade de varrer restos de frutas de um chão de concreto. Como já eram quase três horas da tarde – o processo de desmontagem da banca é bem demorado – chegou um fiscal da Prefeitura para avisar que estávamos fora do horário, já

devíamos ter limpado a sujeira e saído do Largo. Cláudio ficou argumentando com o fiscal e Pirlampo, vendo minha dificuldade, veio pegar a vassoura, sem perder a oportunidade de um deboche, perguntando se eu não tinha uma destas em casa.

Ainda antes de todos se ajeitarem no caminhão para a volta fui conversar com o Cláudio, dizendo que iria embora. Ele pegou novamente meu telefone, anotou-o na agenda e disse que agora não iria perder, não poderia perder sua agenda. Perguntou quanto me devia e eu respondi que poderíamos negociar umas laranjas na próxima semana, ou algo assim, quem sabe. Rimos, com uma certa cumplicidade, e eu lembrei de uma ocasião “muitas feiras antes”, em que o Cláudio me disse, debochando, que se quisesse saber como era o trabalho dele, teria também que trabalhar. Esperei o caminhão sair do Largo e também buzinar para atravessar a Perimetral e voltar para casa. Já não estava mais cansada.



CAPÍTULO 2

ARTES DE NUTRIR

2.1 FREGUESES E AS PRÁTICAS DE TRANSFORMAR A MATÉRIA

Diante das brincadeiras e jocosidades dos feirantes, estão os fregueses, aderindo ou não às suas provocações e às imagens de uma “estética do grotesco” (BAKHTIN ; 1996), propostas em suas piadas e gestos. Parte da estética desta ambiência de feira-livre, das formas de viver este espaço, estão calcadas na relação entre feirantes e fregueses e, destes últimos, com o próprio espaço da cidade e as apropriações afetivas que fazem dele. Neste sentido, penso nas noções de “socialidade” e “estética do cotidiano” de Michel Maffesoli (1987), para adentrar nestas imagens da feira e direcionar o olhar para as formas de habitar o espaço público a partir deste tipo de comércio de rua na diversidade de situações que suscita.

Neste caso, ao voltar a análise para os fregueses que freqüentam a feira-livre, insere-se este evento no contexto urbano de Porto Alegre, a partir das diferentes trajetórias sociais destes personagens que vão compor suas referências em relação a este espaço e às formas de trocas sociais que ali ocorrem. Trata-se de perceber que a escolha por fazer compras na feira-livre passa por uma série de elementos que vão, a princípio, de uma razão prática do consumo a um menor custo, até os aspectos simbólicos que envolvem estes gestos de compra dos fregueses.

Dentro desta perspectiva, aderir às imagens apresentadas pela feira-livre como espetáculo do cotidiano é dar-se conta das multiplicidades de formas culturais que estão presentes no contexto urbano, o formatando a partir de diferentes trajetórias sociais e diferentes estilos de vida.

A diversidade de público que freqüenta a feira-livre da Epatur evidencia-se também pelo caráter do tratamento acionado pelos feirantes para com os clientes que estão comprando produtos das suas bancas. Na verdade, nem todos que circulam pelos corredores são realmente

fregueses, pois na relação estreita com o feirante, esta categoria “freguês” está diretamente associada a alguns elementos centrais, como a assiduidade do “fazer a feira”, bem como as reciprocidades e intimidades que se estabelecem como princípio destas relações de compra e venda entre freguês e feirante. Estes aspectos delineadores de “ser freguês” na feira-livre são construídos a partir dos gestos destes personagens no momento de interação com os feirantes, ou seja, ser freguês de uma determinada banca da feira proporciona algumas regalias, como escolher os produtos pelo lado “interno” da banca ou mesmo direto das caixas que ainda não foram despejadas sobre a mesma. No entanto, estes privilégios são conquistados na interação constante com o feirante, nas conversas mais prolongadas, na participação nas brincadeiras.

Para a voz que anuncia os produtos, quando passamos ao longo do corredor, todos são fregueses em potencial, e assim são chamados às compras pelos feirantes das bancas, mas é a partir da relação que se estabelece com o feirante que se pode virar um freguês de determinada banca e, desta forma, receber um tratamento diferenciado.

Os gestos de compra dos fregueses que habitam o espaço da feira-livre também estão carregados de simbologias que se referem aos alimentos e às imagens da intimidade e da digestão (DURAND; 2001). Nas escolhas destes alimentos, um olhar que pesquisa e busca desvendar os mistérios do interior de cada fruta é acompanhado da percepção tátil que “analisa os volumes”, recriando-os a partir dos movimentos das mãos e dos dedos (LEROI-GOURHAN; 1965) ao analisar cada produto, numa dimensão estética que busca, na forma destes alimentos, a perfeição de sua existência, desvendando sua matéria para “projetar” sua transformação.

A imaginação destas figurações engendradas pelo gesto tátil está presente na manipulação destes alimentos no âmbito da cozinha, da transformação da matéria que vira refeição. As “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) evocadas aqui se referem aos “gestos arcaicos” (LEROI-GOURHAN; 1965) de manipular a matéria-prima, de organizar, combinar, misturar, modificar elementos e inventar algo novo. São mais do que simples culinária, atividade prosaica e relegada, no que tange à cultura ocidental, às “tarefas de mulher”, a um plano das coisas sem importância no âmbito doméstico. Estas elaborações, a partir da matéria bruta, revelam um caráter alquímico destes gestos (DURAND; 2001) da manipulação dos alimentos por parte dos fregueses no contexto da feira-livre.

A alquimia engendrada por estes gestos de compra e pelos atos de escolha dos produtos que são acionados pelos fregueses indica um outro aspecto das práticas cotidianas que compõem o cenário da feira-livre e que, para Michel de Certeau (1996), seriam as “práticas do bairro”, ou seja, as peculiaridades da apropriação de um “pedaço” do espaço

urbano por um determinado grupo social e suas escolhas de uso deste espaço. No caso da feira-livre da Epatur, além dos moradores do bairro Cidade Baixa, onde está situado o mercado livre, ainda pessoas de outras localidades da cidade o freqüentam, conferindo uma “diversidade de territórios” no que tange à procedência do público que circula por seus corredores. De certa forma, este aspecto diferencia a feira-livre da Epatur das feiras de bairro, pois estas acabam atingindo, preferencialmente, apenas uma fração do bairro onde estão situadas, sem apresentar um maior alcance no que concerne a outros bairros ou territórios⁴⁴ da cidade. A feira-livre da Epatur, por outro lado, apresenta como uma de suas particularidades o fato de que pessoas de vários bairros da cidade optam por fazer suas compras ali, aos sábados pela manhã.

Na perspectiva de uma “etnografia de rua” (ECKERT; ROCHA; 2001), pensar as práticas cotidianas que compõem o espaço da feira-livre a partir do ponto de vista dos fregueses insere-se em uma preocupação com as “escritas das caminhadas” (DE CERTEAU; 1994) que narram o espaço urbano e o compõem nos fragmentos de trajetos acionados por seus habitantes.

A diversidade dos freqüentadores do Largo da Epatur em dias de feira evoca as diferentes tradições que compõem a paisagem urbana de Porto Alegre, apresentando o Largo como um território, nos termos de Erza Park (1979), que aglutina e atrai sujeitos com diferentes projetos individuais (VELHO; 1999), mas que compartilham por um determinado tempo de um núcleo comum de valores (VELHO; 1999) onde estão inscritas as sociabilidades e práticas de fazer a feira. A adesão a estas práticas e imagens específicas de um comércio de rua onde a reciprocidade e a intensa sociabilidade entre os atores são fundamentais, evoca o caráter estético destes fazeres que formatam e produzem (DE CERTEAU; 1994) o espaço urbano.

A evidência de uma cidade que se constitui nas operações cotidianas dos sujeitos que a habitam está colocada nas transformações provocadas pela feira-livre neste espaço do bairro Cidade Baixa aos sábados pela manhã, quando podemos ver uma série de caminhos a serem percorridos pelos fregueses até o Largo da Epatur que, na sonoridade dos carrinhos de feira

⁴⁴ No decorrer desta etnografia procurei observar outras feiras-livres da cidade, com o intuito de perceber continuidades e descontinuidades nas formas de uso do espaço (relação entre feirantes e fregueses, fluxo de pessoas no período da feira, etc) e destas em relação a feira-livre da Epatur. Isto para que pudesse ter alguns parâmetros de comparação entre os diferentes tipos de feira existentes na cidade. Não é meu objetivo, neste trabalho, traçar uma análise comparativa entre estas feiras, mas considero importante fazer referência a alguns dados de outras feiras-livres que possam ser demonstrativos das peculiaridades da feira-livre da Epatur que procuro descrever nesta análise.

que percorrem o asfalto das ruas e calçadas, anunciam uma temporalidade peculiar no cotidiano do bairro, dada pela ritmicidade dos fazeres da feira.

Dessa forma, convido o leitor a percorrer os corredores da feira agora na companhia de uma freguesa antiga da feira-livre da Epatur, buscando na singularidade de seus gestos e de suas escolhas, compor o quadro da complexidade de trajetórias e estilos de vida que configuram o espaço urbano de Porto Alegre, a partir destas práticas de comércio de rua que agregam num mesmo espaço estas diferentes trajetórias. Este percurso procura evocar o caráter de heterogeneidade de papéis sociais e a diversidade de subjetividades (VELHO; 1999) que estão por traz das relações entre fregueses e feirantes, referidas no capítulo anterior, indicando algumas formas de negociação da realidade (VELHO; 1999) que possibilitam a interação e comunicação entre estes atores.

Tendo em vista que estas práticas são constituidoras do espaço urbano e que são permeadas e mediadas por sistemas de símbolos (LEROI-GOURHAN; 1965) comuns à ação humana, podemos nos envolver com os esquemas gestuais e imagéticos que anunciam as formas de habitar e produzir o espaço urbano.

2.1.1 Fazer a feira: gestos de escolha



Sábado, 28 de junho de 2003. Conforme combinei com Dona Geni, iríamos juntas até a feira da Epatur, pois gostaria de, além de acompanhar seu trajeto e seus gestos de escolha dos produtos a serem comprados, ainda fazer uma gravação em imagens videográficas e sonoras para um futuro documentário e, também, para o acervo de dados de campo para minha etnografia.

Vale referir que instrumentos audiovisuais de diversas naturezas fizeram parte de todo o processo desta pesquisa. No primeiro dia de campo já estava com a máquina fotográfica, que me acompanhou em quase todas as outras saídas de campo, além da captação de sons que comecei a realizar a partir da metade deste percurso de pesquisa. A opção por realizar uma etnografia visual e sonora parte fundamentalmente de dois eixos: de um lado as discussões que tive oportunidade de participar como pesquisadora associada do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV/PPGAS/UFRGS – Laboratório de Antropologia Social, e de outro, a própria estética apresentada pela feira-livre que se expressa numa multiplicidade de cores e de sons, elementos para os quais voltei minha atenção com bastante frequência.

Ainda considero importante colocar que as reflexões surgidas durante a etapa de pesquisa de campo, bem como da posterior escrita, são decorrentes, em muitos sentidos, desta preocupação com uma construção e restauração da imagem do Outro e do lugar do próprio antropólogo como autor/produtor destas imagens (ECKERT; ROCHA; 2002) fotográficas, sonoras ou videográficas produzidas em campo. No caso das gravações em vídeo que ocorreram nesta etnografia, não apenas com Dona Geni, mas também com outros informantes, contei com “os saberes e fazeres” na produção de imagens visuais de Rafael Devos – também pesquisador associado do BIEV – e Ana Luiza Carvalho da Rocha – coordenadora do BIEV – duas pessoas fundamentais na minha formação como antropóloga que se volta à reflexão sobre as narrativas imagéticas possíveis na pesquisa etnográfica. Nesta “ida a feira” com Dona Geni, Rafael Devos também participaria para gravar em vídeo “nossas compras”.

Num domingo, dia primeiro de junho de 2003, depois de uma entrevista de algumas horas com Dona Geni, uma freqüentadora assídua da feira-livre da Epatur e também moradora antiga do prédio onde moro, combinamos de “fazer a feira” juntas no próximo sábado. Neste ponto, cabem algumas considerações importantes. A entrevista realizada com Dona Geni antes da situação de gravação foi fundamental para estabelecermos o nosso “contrato etnográfico” que percorreu a continuidade do processo de pesquisa, ou seja, o fato de nos encontrarmos em uma relação de vizinhança – moramos inclusive no mesmo andar do prédio

– passou a ser relativizado e de certa forma também reforçado pela interação que instituímos a partir da entrevista sobre as experiências cotidianas de Dona Geni como moradora antiga do bairro e também freqüentadora assídua das feiras-livres que já haviam existido nas redondezas.

A surpresa de descobri-la como uma das primeiras moradoras do prédio em que habito e das suas recordações de uma rua onde quase não haviam edifícios, mas sim pequenas chácaras, com pomares e coisas do gênero, colocou-nos em uma situação de “transposição” de imagens/fragmentos da memória (ECKERT; ROCHA; 1998a), em que Dona Geni, com o gesto de suas mãos, apontava para um espaço imaginário para indicar “onde eram as coisas antes” e, com a reflexividade de seu olhar, procurava dentro de si as imagens a serem relatadas sobre a estética deste território da cidade.

Esta conversa era ainda tensionada pelo fato de que estes anos em que morou no prédio – mais ou menos quarenta anos – estavam chegando ao fim, pois procurava outro apartamento para morar, onde não precisasse subir tantas escadas, afinal mora no quarto andar de um edifício sem elevador. Foi já nesta entrevista que Dona Geni passou a colocar-me como uma aprendiz de seus “saberes” culinários, pois em meio a alguma história que relatava, aproveitava também para me “passar” alguma receita, alguma “maneira de fazer” a feira, transitando entre as coisas que aprendeu “quando morava na roça” e as suas aprendizagens do contexto urbano, no próprio ambiente da feira. A idéia de acompanhá-la durante suas compras na feira estava ligada aos seus relatos sobre suas experiências na cidade, que nesta situação estariam ainda reforçados por esta relação de “transposição de saberes” em que nos colocamos.

Assim, como de costume para Dona Geni, às oito horas da manhã de sábado, Dona Jane, sua ex-empregada doméstica que mora no edifício vizinho ao nosso, chama-a para irem até a feira. Durante a entrevista anterior a esta saída de campo, quando me falava das suas lembranças do bairro e da cidade, Dona Geni contou-me que Dona Jane cuidou de sua filha durante muitos anos e que desde que ela está aposentada vão à feira juntas. Dona Geni, dá metade das compras que faz a Dona Jane, pois avalia que, atualmente, Dona Jane não tem quase dinheiro para se sustentar e por isso, tudo que ela compra é dividido entre as duas. Em contrapartida, Dona Jane fica responsável pelo carrinho e pela arrumação das compras no mesmo. As “trocas” entre as duas se dão a partir de um contrato implícito, inscrito pelo longo tempo que se conhecem e compartilham as vivências das ruas do bairro onde moram há muitos anos.



No percurso que fazíamos até a feira, que era diferente do que eu estava acostumada a fazer, Dona Geni retomava as lembranças da Porto Alegre de outros tempos que havia me contado na entrevista. Neste sentido, o caminho escolhido para alcançarmos o espaço da feira parecia remontar o espaço percorrido em outros tempos, pois Dona Geni aproximava-se da Ponte de Pedra e da rua João Alfredo como se percorresse resquícios de um caminho antigo. Apontava para espaços em sua memória ao falar do “tempo em que não havia a Perimetral” e das “casinhas baixas” que ocupavam o que é hoje o Largo da Epatur, lembrando da feira-livre que freqüentava próximo a Ponte de Pedra e da estética das ruas, muito diferente da composição atual do espaço. Nas suas lembranças não havia um ar de saudade, mas sim de surpresa de já ter visto tantas mudanças nas ruas que habita, refletindo ainda, no percurso até a feira, sobre o quanto conhece estas ruas por onde andamos.

Geni: *Se duvidar até os cachorros me conhecem por aqui!*

A importância de se retomar aqui as lembranças de Dona Geni, no breve percurso até a feira, está associada aos esquemas gestuais e simbólicos (LEROI-GOURHAN; 1995) de estabelecer relações com o espaço habitado. Na caminhada até a feira, Dona Geni desenha na

sua memória os quadros de um território particular da cidade, que “em outros tempos” contava com características muito diversas daquelas que podemos ver agora nas ruas e avenidas de concreto que separam o bairro Cidade Baixa do bairro Centro.

A fronteira física que institui estes limites é ultrapassada pelas imagens da memória, evocando as continuidades e descontinuidades de interpretação deste espaço vivido (ECKERT; 1993) nas lembranças de Dona Geni, que são re-elaboradas na sua narrativa atual sobre sua vivência na cidade e no bairro, a partir de suas práticas cotidianas de habitá-lo. Neste caso, o “fazer a feira” de Dona Geni está associado a diferentes temporalidades de sua trajetória como moradora do bairro Centro, pois a feira-livre vai “mudando de lugar” conforme as transformações na cidade vão reformulando a paisagem urbana.

É importante destacar que antes da construção da Avenida Perimetral, a rua que Dona Geni habita hoje pertencia ao bairro Cidade Baixa, como pude constatar ao rever a escritura de compra do apartamento, o que configura formas diversas de relacionar-se com o espaço da cidade que ultrapassa os limites instituídos pelas modificações arquitetônicas em Porto Alegre. Passa-se a morar no bairro Centro a partir das construções das grandes avenidas como a Perimetral, que recoloca os limites entre os bairros da cidade, instituindo fronteiras e limites para o espaço físico que não se apresentam necessariamente em termos dos usos deste espaço (DE CERTEAU; 1994) pelos moradores do bairro.

Dona Geni, a partir de suas lembranças, imprimia um ritmo seu a nosso percurso, parando de tempos em tempos para transformar o espaço da rua que estávamos vendo no espaço de suas memórias de quarenta anos atrás.

Dona Geni: *Aqui antes tinha um circo, bem aqui onde agora é a rua. Antes aqui não tinha nada, era o lugar aonde ficava o circo... a gente vinha no circo...*

Foi na trajetória destas lembranças que alcançamos o espaço da feira-livre. Atravessamos a Avenida Perimetral em direção ao Largo da Epatur. Dona Geni não usou nenhuma das entradas “instituídas” da feira-livre, mas cruzou o espaço entre duas bancas na metade do corredor que faz fronteira com a Avenida Perimetral, e eu a segui. Ao alcançar o espaço interno à feira, foi direto até uma banca que vende alfaces na qual, segundo ela, já compra suas verduras há muitos anos. Dona Geni parecia bastante à vontade com os equipamentos de gravação e a situação de entrevista peculiar que se estabeleceu, assumindo uma postura de “narradora” (BENJAMIN; 1994), na qual estetizava o tempo a partir das escolhas de suas lembranças (BACHELARD; 1988) que iria relatar sobre este espaço vivido

da feira-livre. Assim, reconfigurava (RICOUER; 1994) as práticas cotidianas acionadas neste evento numa dialogicidade entre o presente e o passado, tendo como referência suas próprias experiências como freguesa da feira e moradora do bairro.

Ao assumir este lugar de narradora, Dona Geni apresenta-me para o feirante da banca de alfaces, cujo apelido é Alemão – produtor de verduras em Osório - , e começa a entabular com ele um diálogo sobre a feira, trazendo à tona outras formatações deste espaço, nos vinte anos em que a feira-livre se encontra ali no Largo. O diálogo que ela passa a estabelecer com este feirante situa-se a partir dos questionamentos que eu havia colocado a ela na entrevista realizada dias antes, passando a organizar e interpretar sua trajetória a partir da situação etnográfica (ECKERT; 1993) que é criada com esta entrevista.

Neste sentido, Dona Geni e Alemão compartilham das lembranças das configurações temporais deste espaço vivido na mudança de lugar da feira, nas disposições das bancas que também mudaram ao longo do tempo, nos feirantes que já morreram e que também faziam parte da estética da feira-livre em outros tempos. Todos estes elementos configuram as formas de uso do espaço público (DE CERTEAU; 1994) que estão sendo discutidas ao longo deste trabalho, a partir das práticas cotidianas destes atores sociais num ambiente particular de feira-livre.



As lembranças de Dona Geni transitavam da memória do lugar, quando narrava a cidade a partir da feira-livre, para seus saberes das “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) que direcionavam suas escolhas, saberes também vinculados à sua trajetória social e a seus projetos individuais (VELHO; 1999) relacionados à sua vinda para a cidade de Porto Alegre, suas escolhas de moradia e de sociabilidades neste espaço urbano. Diante da banca de alfaces do Alemão, Dona Geni refletia sobre o tempo em que já freqüentava aquela feira e confidenciava sua surpresa com a passagem do tempo, construindo uma relação de cumplicidade que colocava outros atores, como o próprio Alemão, dentro de suas reflexões sobre a vida cotidiana.

Começo a caminhar pelos corredores da feira, com Dona Geni sempre guiando nossos passos e nossas paradas em determinadas bancas. Antes de aproximar-se de cada banca, Dona Geni observava atentamente o que estava sendo oferecido e a que preço. Analisava as possibilidades e vantagens “alquímicas” de cada alimento ali exposto para sua satisfação semanal em suas “produções culinárias”, pensava em como tinha sido sua alimentação durante a semana que passou e que tipos de produtos tinham ainda sobrado.

Esta reflexão estava sempre acompanhada de uma confiança para “seus acompanhantes” sobre suas receitas e sobre suas preferências em relação às compras na feira-livre. Dessa forma, o olhar atento, voltado para os alimentos, já previa a transformação possível da matéria bruta que ali se encontrava, expressando-se numa cadeia de gestos que levavam Dona Geni a se aproximar, ou não da banca de frutas e nesta aproximação acionar uma outra relação, agora tátil com estes alimentos.



Dona Geni: *Este tomate paulista aqui é o melhor pra molho. Sabe como eu gosto de fazer... eu compro uma galinha média daquelas da Perdigão e cozinho na água até que dá para desfiar, aí misturo com o molho... Então eu faço uma camada de polenta com uma camada de queijo e outra camada de molho e assim vai intercalando... fica uma coisa!!*



Na continuidade destes gestos e olhares de conformação dos alimentos dentro de suas imagens das artes de nutrir, Dona Geni lembrava e narrava algumas receitas com as quais produzia uma imagem de si no contexto da feira. Dessa forma, no saber desta arte de manipular a matéria e transformá-la, ela re-elaborava suas lembranças de uma “vida na colônia” e as aprendizagens decorrentes desta realidade, com as experiências na cidade que a levaram a buscar cursos de culinária para aprender alguns refinamentos da cozinha em função de seus primeiros empregos em hotéis de Porto Alegre. Nesta caminhada pela feira, Dona Geni revela suas negociações com uma vida no espaço urbano, onde resgata certos elementos de um “passado rural” para definir suas escolhas nas compras de seus produtos e, por outro lado, as formas de habitar o espaço urbano. Ao mesmo tempo, enquanto Dona Geni procurava narrar-me a cidade a partir de seus “saberes” das artes de nutrir e das artes de fazer a feira, eu relativizava minha completa ignorância e rejeição ao âmbito das práticas de culinária, curiosa que estava sobre a alquimia apresentada por ela em cada banca em que parava, ou seja, ao dedicar minha atenção aos seus “ensinamentos” sobre as compras nas feiras e as receitas que eram transmitidas, repensava a minha própria noção de “feminino” no que tange às artes de nutrir, até então sempre vinculadas a um papel secundário nas atividades cotidianas de “uma mulher moderna”.

Dona Geni: *Eu não compro ovos que não sejam da colônia, porque eles são melhores, por isso venho sempre na feira comprar, compro sempre na mesma banca... O Seu Ernani ele traz sempre ovos da colônia... ele é de Montenegro... ele chega a guardar os ovos pra mim porque às vezes é pouco... é caro aqueles ovos, três pila a dúzia, mas também um ovo amarelinho, amarelinho, né... e eu compro ali, ele traz e as vezes me diz “tinha só a sua, Dona Geni”... e eu compro sempre, posso ter bastante ovos que eu compro, porque ele sempre traz pra mim, né. E ele passou duas semanas sem trazer ovos e eu fiquei sem ovos, aí eu fui ali naquela... onde é da colônia... “Produtos da Colônia”, ali perto da ferragem Tupanci... o homem vendeu meia dúzia de ovos a... eu comprei só para ver se era bom, né... a R\$ 1,50, era três pila a dúzia, né... e cheguei em casa, fui fazer o ovo... branco, branco, branco... Aí eu fui lá dizer “olha, perdeu a freguesa porque eu não gosto que me mintam, se tu me dissesse, não é da colônia, eu não tenho da colônia, podia até me cobrar os três pila, mas não vender por da colônia e não é” E ele veio me dizer que era de colônia, “isso é tudo de granja” eu disse... Criei galinha, não vou saber o que é da colônia...*

Dona Geni: *... antigamente, a gente saía com as gurias de noite só para olhar as vitrines porque amanhecia aberta... tudo na Rua da Praia...*

Nesta negociação de realidade, que intercala relatos de sua história na cidade com a narrativa de suas artes de nutrir (DE CERTEAU *et alli*; 1996), ainda podemos evocar os pequenos atos cotidianos que, segundo Michel de Certeau (1994) são imbuídos de intencionalidades de invenção, são como golpes no campo da ordem estabelecida (DE CERTEAU; 1994) que perpetuam práticas heterogêneas na vida social. As compras na feira expressam estas possibilidades de invenção nos pequenos detalhes que suscita, como pude observar na atenção que Dona Geni depositava sobre os produtos oferecidos, mesmo que não constassem em sua “lista mental” de compras. Assim, ao pararmos na banca que vende cocadas, Dona Geni analisa tudo que está ali, contando das suas receitas de cocada e evocando uma situação em que precisava de coco ralado para uma receita de doce e não havia na banca. Sua solução foi de comprar a cocada já pronta para desmanchar e poder fazer a pretendida receita de doce. Perguntei a ela se não era melhor, dessa forma, comprar o coco ralado no supermercado, afinal ele estaria lá já pronto para ser usado.

Dona Geni: *Não!! Não precisa, é só desmanchar e tá pronto, não precisa nem botar o açúcar...*

Ao pararmos em alguma banca para uma análise “mais meticulosa” dos produtos pelos quais Dona Geni estava interessada, sempre perguntava alguma coisa para o feirante ou para outro freguês que estivesse por ali, comentava sobre a qualidade das frutas, falava dos preços. A sociabilidade das compras na feira passa pela aprendizagem de algo novo relacionado aos alimentos ou produtos que estão sendo escolhidos e que são revelados nesta interação entre fregueses e destes com os feirantes. De acordo com Michel Maffesoli (1987) estas “formas sensíveis” e corriqueiras da vida cotidiana preenchem de sentido as ações e interações entre os sujeitos no espaço urbano, ou seja, a idéia de que a modernidade “esvaziou” as relações humanas em função do individualismo é relativizada pela idéia de uma “comunidade emocional” (MAFFESOLI; 1987), na qual a estética das relações cotidianas ganha destaque⁴⁵.

⁴⁵ “A sensibilidade coletiva originária da forma estética acaba por construir uma relação ética” (MAFFESOLI; 1987: 27).



Em uma das bancas em que paramos, Dona Geni escolhia cebolas e chamei sua atenção para os grãos – feijão, lentilha, grão de bico – que estavam expostos na mesma banca, disse a ela que gostava de forma como este tipo de produto era disposto. Ela voltou seu olhar para estes grãos e começou a brincar com eles, colocando uma das mãos dentro da caixa onde estavam as ervilhas, enchendo a mão e depois as soltando para vê-las cair novamente na caixa. Repetiu este gesto algumas vezes, como se nada mais estivesse à sua volta, prestando atenção na forma e na matéria (LEROI-GOURHAN; 1965) das tais ervilhas, analisando-as, de certa forma, como parte dela mesma, até que se voltou para o feirante desta banca e perguntou se as ervilhas “cozinham bem”. O feirante disse que sim, que cozinham bem e, então, Dona Geni decidiu que levaria um pouco para casa, “para experimentar”. Essas pequenas conversas aconteciam a cada banca, pois se não era Dona Geni a perguntar algo sobre os alimentos, temperos, etc, outro freguês o fazia, indicando a dinâmica das relações que estão presentes na feira-livre, nas trocas de receitas e dicas entre os fregueses.

Dona Geni: *Oh vizinha, para que que é esta Periperoba aqui?*

Freguesa: *Diz ela que é anti-inflamatório, mas eu quero para botar na cozinha para enfeitar, botar num vazinho sabe...*

Pesquisadora: *E dá para fazer chá então, se é anti-inflamatório?*

Dona Geni: *É para fazer chá sim, isso aqui é para fazer chá. Quanto que é duas moço?*

Dona Geni: *Lá em casa tem desse... é eu tenho lá em baixo...*

Pesquisadora: *Ah, plantado lá a senhora tem... aí dá para fazer chá...*

Dona Geni: *Ah, mas é para tosse que isso é bom... e é anti-inflamatório para botar em ferida, se tem uma ferida botar uma rolha, pegar e murchar ela assim, no fogo, né... murcha e bota ali naquela ferida, né...*

Pesquisadora: *E como é que a senhora aprendeu tudo isso?*

Dona Geni: *eu era lá de fora, né...*

A recorrência dos gestos de “experimentar” os alimentos que são vendidos na feira, através do toque e do cheiro, com o olhar atento, evocam as imagens da manipulação dos alimentos acionadas pelos feirantes, mesmo de situações que não presenciei, como a “colheita” destas frutas, verduras e legumes que são vendidos todos os sábados na feira-livre. Como relatei anteriormente, as formas de manipular os alimentos por parte dos feirantes remonta a uma estética do grotesco (BAKHTIN; 1996) em suas associações com os aspectos corporais e digestivos destas imagens (DURAND; 2001). No caso dos fregueses, sua relação se estende para a transformação desta matéria em algo novo, através dos gestos da mistura, da combinação de elementos (DE CERTEAU *et alli*; 1996), mas que também guarda suas relações com o aspecto corporal simbólico deste gesto, até mesmo no que tange às questões

nutricionais do alimento como essência da vida e como representante de uma temporalidade marcada pela circularidade da feira-livre no cotidiano do bairro.

A escolha de Dona Geni pelo ovo da colônia, vendido na feira-livre, atribui a este alimento um “mana”⁴⁶(MAUSS; 1974), ou seja, um valor simbólico que é compartilhado por outros fregueses e também pelos feirantes por situar-se num âmbito de humanidade, como se cada produto manipulado por fregueses ou feirantes estivesse imbuído de um pouco de cada pessoa, e assim, ao ser levado para casa e para a cozinha, levasse consigo a emanção “desta energia coletiva” vivida e compartilhada na feira⁴⁷.

Neste sentido, no percurso da feira, percebo que a relação de Dona Geni com os feirantes está baseada na confiança e na reciprocidade (LÉVI-STRAUSS; 1979) estabelecida nas trocas sociais que engendram. Mesmo que com alguns converse mais intimamente e com outros menos, todas as vezes que estava em frente a alguma banca escolhendo suas compras, acabava perguntando ou comentando alguma coisa com o feirante, sobre um ou outro produto, e na maioria das vezes aceitou suas sugestões de compras. Dona Geni mostrava-se voltada para estas trocas simbólicas que institui as relações na feira-livre, enquanto transmissão de saberes. Da mesma forma, quando observava que as frutas que estava escolhendo estavam “feias” ou “passadas”, também se dirigia ao feirante para reclamar da qualidade do produto a ser vendido. Muitas destas interlocuções estabeleceram-se a partir do riso e da brincadeira, como quando Dona Geni escolhia abobrinhas em uma banca e o feirante lhe sugeriu uma delas:

Dona Geni: PREFIRO UMA MAIS GORDINHA!

Feirante: AH, BOM, MAS MAIS GORDINHO AÍ SÓ EU MESMO.

Riram, o feirante sempre falando mais alto para incluir na conversa também outros fregueses que está atendendo. Dona Geni continua em sua análise meticulosa.

Dona Geni: *não, esta não, está muito feia... que nem eu...* (risadas)

⁴⁶ “Ao contrário do que se acreditava em 1902, as concepções do tipo *mana* são tão freqüentes e tão disseminadas que convém perguntar se não estamos em presença de uma forma de pensamento universal e permanente” (LÉVI-STRAUSS; 1979: 29).

⁴⁷ “O *mana* não é simplesmente uma força, um ser; é também uma ação, uma qualidade e um estado (...) o *mana* é exatamente o que dá valor às coisas e às pessoas – valor mágico, valor religioso, até mesmo valor social. A posição social dos indivíduos e particularmente a posição na sociedade secreta está na razão direta da

As comparações do alimento com as formas do corpo são infinitas e caracterizam, segundo Michel de Certeau (1996) as práticas sociais de “conveniência” no espaço do bairro, num sentido de enunciar o que não poder ser dito através das ambigüidades de significados das palavras, ou seja, a sexualidade se expressa nos jogos-de-palavra (DE CERTEAU *et alli*; 1996) que brincam com os sentidos do que é dito. As formas de sociabilidade do bairro que evocam estes jogos-de-palavra de teor erótico (DE CERTEAU *et alli*; 1996) são, fundamentalmente, os lugares de mercado, na sua relação com “os usos do espaço público” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) onde podemos situar a feira-livre. A permissividade alocada neste duplo sentido atribuído às comparações dos alimentos com o corpo e do teor erótico atribuído à descrição das qualidades do alimento conformam uma estética particular às relações que são estabelecidas no espaço de mercado-livre, nas apropriações do espaço da rua por estes atores sociais.

De certo modo, a feira-livre representa uma interrupção no cotidiano das conveniências do bairro (DE CERTEAU *et alli*; 1996) ao possibilitar e constituir estas relações entre fregueses e feirantes, baseadas no riso e nos jogos-de-palavra, cuja temática, muitas vezes, é a sexualidade. Deste ponto de vista, a feira-livre apresenta-se como o lugar por excelência da produção do cotidiano (DE CERTEAU; 1994) a partir das táticas diversas que engendra na ação dos personagens em questão.

Retomando as jocosidades que vimos no capítulo anterior na relação entre fregueses e feirantes, percebemos que os gestos de Dona Geni nas escolhas dos alimentos da compra e seus atos de fala, direcionados não apenas ao interlocutor feirante, mas também a mim, em seus gestos de confidências com os quais narra suas reflexões a respeito destes alimentos, estão também permeados das imagens simbólicas dos esquemas digestivos (DURAND; 2001) que perpassam as formas de pensar o mundo e o tempo para certos sujeitos, neste caso, certos fregueses e feirantes da feira-livre.

Os esquemas de símbolos a que me refiro estão ligados a imagem dos ritmos do tempo (DURAND; 2001), pois nas escolhas de Dona Geni expressa-se sua reflexividade sobre a passagem do tempo, representadas no decorrer da semana e no resultado do “fazer a feira” que realizou uma semana antes. Neste sentido, as artes de nutrir marcam uma combinação de adesão às imagens do devir (DURAND; 2001) no sentido de pertencer a esta comunidade de sentidos constituída no momento da feira-livre, com uma luta contra esta temporalidade da

importância de seu *mana* (...) a idéia de *mana* compõe-se de uma série de idéias instáveis que se confundem umas nas outras. É, a cada vez e ao mesmo tempo, qualidade substância e atividade.” (MAUSS; 1974:139)

morte que “termina” com os alimentos da semana. A repetição dos gestos de “fazer a feira” atualizam e ritualizam, assim, as formas de viver esta passagem do tempo no contexto urbano.

Da banca em que estávamos, passamos para uma banca que vende abóboras e morangas. Enquanto Dona Geni acariciava as frutas, Cláudio passou por ali e, ao me ver gravando, gritou:

Cláudio: GRAVA EU AQUI COM MEU NAMORADO!

Em meio aos seus contorcionismos, abraçou o feirante de uma banca próxima. As pessoas que estavam em volta riram de sua performance. Não ficou ali por muito tempo e, antes que Dona Geni terminasse a sua escolha dizendo *esse aí é bem louco, né !!*, voltou para a sua banca. Nestas brincadeiras fica bastante evidente que são os feirantes os *performers* da jocosidade e do riso, cabendo ao freguês aderir ou não às suas brincadeiras, definindo sua forma de participar deste espetáculo da feira-livre. A existência deste tipo de comércio no cotidiano do bairro e também da cidade, insere seus habitantes em relações diversas das socialmente estabelecidas e este é um caráter importante para compreender as questões colocadas por Michel de Certeau (1994) sobre a “produção do espaço público pelos caminhantes”, relacionadas com o conceito de “socialidade” definido por Michel Maffesoli (1987), ou seja, as formas estéticas de habitar o espaço urbano estão calcadas nestas relações e interações “minúsculas” (DE CERTEAU; 1994), nas quais a negociação da realidade (VELHO; 1989) parte de esquemas simbólicos arcaicos (LEROI-GOURHAN; 1965) de ocupação do espaço⁴⁸.

Neste percurso das bancas, depois de cada compra, Dona Geni passava a sacola para Dona Jane que a arrumava delicadamente dentro do carrinho de feira, cuidando a ordem de cada produto para não colocar “coisas mais pesadas” em cima de “coisas mais leves”, e, assim, estragar o que fica embaixo. Na verdade, a arrumação de um carrinho de feira segue uma técnica particular que acaba também por definir a ordem das compras, no caso principalmente dos fregueses que não vão acompanhados para a feira-livre. Como Dona Jane arrumava as sacolas a cada compra, a ordem de bancas a serem visitadas não era tão importante, afinal, o arranjo do carrinho era constantemente reformulado até o último produto a ser comprado. Enquanto Dona Geni escolhia suas frutas, Dona Jane “cuidava o movimento”

⁴⁸ “essa vida cotidiana, em sua frivolidade e superficialidade, é certamente o que torna possível qualquer forma de agregação, seja ela qual for. Eu já disse que o *Exis* ou o *Habitus*, tão bem descritos por M. M auss,

dos corredores, cumprimentando muitos fregueses, comentando os preços dos produtos, admirando a beleza de algumas frutas. Raramente chegava à beirada da banca para tocar e escolher também os alimentos comprados.

A próxima banca que visitamos foi a banca do Cláudio. Dona Geni parou para escolher laranjas e ficou insatisfeita com as frutas que viu, mostrando-me que elas tinham um “bicho” dentro, o que podia perceber pelo “furo” que tinha na casca. Chamou então o Pirilampo para reclamar:

Dona Geni: OH PAULO! PAULO!

Pirilampo: SIM!

Dona Geni: PORQUE AS LARANJAS TÃO COM ESSE BICHO...
TÃO TUDO ASSIM ESSE ANO...

Pirilampo: ISSO AÍ NÃO É BICHO! É PIPOCA...

Dona Geni: AH NÃO! QUERO VER SE EU ABRIR SE TU COME!



determinam os usos e costumes que nos constituem, determinam o meio no qual nos banhamos num plasma nutriente. Ora, estes últimos são tudo, menos conscientes” (MAFFESOLI; 1987).



Dona Geni volta-se para mim com uma cara de nojo, diz que “detesta” bichos nas frutas e que estes da laranja são moles, da mesma cor da fruta. Rafael pede para ver a laranja estragada e Dona Geni a mostra para a câmera, apontando o buraco por onde “entra” o bicho. Cláudio e Pirlampo parecem não dar muita atenção para as reclamações sobre as frutas que vendem, sabem que ela tem razão, mas, provavelmente, as laranjas de outras bancas também apresentam esse problema e, de qualquer forma, sua banca está repleta de pessoas comprando. Uma destas pessoas vira para Dona Geni e começa a contar que as laranjas do céu que está comprando são boas para fazer um doce, e rapidamente já “passa” a receita – *rala a casca, espreme o caldo, deixa na fervura por uns dez minutos com açúcar, cuidar para não endurecer, tá pronto.*



Depois de aproximadamente meia hora na feira, entre escolhas e conversas, o carrinho de Dona Geni e Dona Jane estava praticamente lotado. Paramos para comprar batatas, Dona Geni reconhece o feirante, dizendo que ele abastece alguns armazéns da Cidade Baixa e passa a falar-lhe de uma briga que aconteceu em um desses “bares da noite” que existem na Rua Lima e Silva, a rua mais boêmia do bairro, repleta de barzinhos com mesas na rua onde as pessoas ficam tomando cerveja em qualquer dia da semana. Conversaram um pouco sobre o acontecido, com alguns detalhes, e quando Dona Geni abriu sua pequena carteira para pagar as batatas refletiu sobre “a quantidade de dinheiro” que gasta na feira.

Na verdade, não é exatamente uma carteira que ela carrega na feira, mas uma “niquelira” pequena que, além de moedas, guarda também notas de dinheiro bem enroladinhas. Dona Geni conta que sempre vai de calças com bolsos na feira, para poder guardar essa sua carteira. O gesto de retirar o dinheiro ou as moedas destes “pequenos recipientes” é recorrente a vários fregueses. A carteira, ou a “niquelira” deve facilitar o ato de pagar as compras, ou seja, não pode estar dentro de uma bolsa em que a todo tempo tenha-se que procurar para achar o dinheiro, precisa estar o mais próximo possível das mãos. No momento de pagar as compras, os fregueses em geral colocam essa carteira bem perto do corpo, contam as moedas ou notas necessárias para pagar suas compras e retiram dali para entregar ao feirante. Muitas pessoas já vão para a feira com uma grande quantidade de moedas, que é a forma principal de pagamento das compras, pois facilita o troco. O cuidado com este “lugar do dinheiro” é que levou Dona Geni a refletir sobre seus gastos, quando olhou sua “niquelira” e percebeu que já tinha gasto bastante.

Dona Geni: *Como eu gasto na feira! Bah. No começo do real eu gastava R\$ 5,00 e **dava para encher** o carrinho... depois foi passando para dez, depois pra quinze, depois pra vinte, agora já tá vinte e cinco...*



As considerações de Dona Geni sobre os seus gastos com as compras da feira revelam um outro aspecto deste “fazer a feira” na sua peculiaridade em relação às compras feitas no supermercado, pois está justamente na relação que se estabelece com o dinheiro. A troca de mercadoria pela moeda feita a cada ato de compra expressa-se a partir de uma ritmicidade, na qual esta troca é apenas mais um elemento da interação entre freguês e feirante, interação composta de outros valores que são fundamentais na negociação semanal entre os personagens que conformam o cenário da feira-livre, como a reciprocidade e a confiança, a liberdade dos jogos-de-palavra e as jocosidades que permitem à Dona Geni fazer suas escolhas sobre em qual banca comprar seus alimentos da semana. Neste sentido, a qualidade e o preço do produto oferecido estão diretamente relacionados com a relação estabelecida entre feirante e fregueses ao longo do tempo, estando subordinados a outras trocas que vincula freguês e feirante em uma razão simbólica das trocas sociais estabelecidas na feira-livre.

Dona Geni: *Eu sou mais é viciada, mas eu levo um monte de coisa, pra semana inteira... eu uso... vai tudo numa semana... Eu sou viciada em feira...*

A expressão que já ouvi de outros informantes, “ser viciado em feira”, revela-se na vivência destas diferentes temporalidades do cotidiano, o qual Dona Geni passa a restaurar em suas lembranças de tantas feiras onde já fez suas compras e nas suas reflexões sobre a repetição dos gestos de todo o sábado ir fazer compras na feira-livre da Epatur. Subjacente a estas escolhas de fazer compras na feira, e pensar nos alimentos que vão ser levados para casa e transformados em receitas diversas, estão as razões simbólicas (SAHLINS; 2003) que constituem a vida social e as formas humanas de relacionar-se com o meio e com “os outros”.

Neste sentido, tanto a produção econômica como as relações comerciais estabelecidas em um contexto urbano, por exemplo, vivenciadas por Dona Geni nas suas compras realizadas na feira-livre, estão voltadas para além de um objetivismo racionalista (SAHLINS; 2003) como único possível para a estruturação das trocas sociais e do arranjo da vida cotidiana. Segundo Marshall Sahlins (2003) as formas de produção e consumo não são meras forças objetivas necessárias à sobrevivência humana, pois os homens não “sobrevivem” simplesmente (SAHLINS; 2003), mas recorrem a meios específicos definidos culturalmente para engendrar a produção necessária para um determinado grupo ou sociedade. Ou seja, são

as formas simbólicas de consumo e de produção que vão orientar, por exemplo, os esquemas de ação de Dona Geni na relação com as compras na feira-livre e não no supermercado⁴⁹.

Neste sentido, estas escolhas colocadas nos gestos de “fazer a feira” refletem-se também nas práticas de alimentação, nas quais as tradições e complexidades de estilos de vida estão refletidas nas “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) que conduzem às compras na feira. A “escrita” destes estilos de vida, que perde-se na fragmentação de papéis presentes à sociedade moderna (VELHO; 1999), se dá na produção do espaço público vinculada às diferentes práticas que envolvem as “artes de fazer” (DE CERTEAU; 1994), seja nas formas de estabelecer uma relação com o bairro ao frequentar a feira-livre, seja nas jocosidades e desafios propostos pelos feirantes que anunciam a circularidade e temporalidade da vida. Nas “artes de nutrir” estão contidas também as “artes de dizer”, pois ao relatar suas experiências da cidade e desvendar suas receitas, Dona Geni se coloca como narradora que pensa sua trajetória em Porto Alegre a partir das interações concernentes ao comércio de rua. Além disso, a escolha por fazer parte deste cenário coloca o freguês, inevitavelmente, “em cena”, no que tange às artes de dizer dos feirantes, atribuindo, assim, um valor simbólico ao valor de compra de cada alimento adquirido. No percurso das “artes de dizer” para as “artes de nutrir”, a matéria ou essência destes alimentos é apresentada como um caráter humanizante da comida em sua forma e sua plasticidade de ser transformada em algo novo, inventado, criado (DE CERTEAU *et alli*; 1996)⁵⁰.

Assim, as imagens antes associadas aos gestos dos feirantes em sua manipulação do alimento, são retomadas aqui nas práticas cotidianas dos fregueses, representando os ciclos de vida-morte-renascimento enfatizados por Mikhail Bakhtin (1996) a partir da estética do grotesco para anunciar “o olhar do povo” sobre a vida e o devir (BAKHTIN; 1996). Desta forma, a perspectiva que busco ressaltar está voltada para os esquemas simbólicos que ordenam as ações e escolhas do sujeitos no cotidiano urbano, onde tensionam-se ou negociam-se realidades, tendo em vista diferentes tradições de pensamento sobre o mundo,

⁴⁹ “Mesmo em condições materiais muito semelhantes, as ordens e finalidades culturais podem ser muito diferentes. Porque as condições materiais, se indispensáveis, são potencialmente *objetivas e necessárias* de muitas maneiras diferentes, de acordo com a seleção natural pelas quais elas se tornam *forças* efetivas” (SAHLINS; 2003: 168).

⁵⁰ “Cada invenção é efêmera, mas a sucessão das refeições e dos dias tem valor durável. Nas cozinhas *luta-se contra o tempo*, o tempo desta vida que sempre caminha para a morte. A arte de nutrir tem a ver com a arte de amar, portanto também com a arte de morrer. Outrora, na aldeia, o enterro era uma ocasião de reunião da grande família em torno de um sólido banquete, grave e feliz, depois do sepultamento. Começava-se então o trabalho de luto partilhando alimentos terrestres. Outrora a morte fazia parte da vida, e me parece que não era tão terrível” (DE CERTEAU *et alli*; 1996: 233).

colocados em diferentes estilos de vida que vão compor o quadro do contexto urbano moderno.

Dona Geni: *é a gaúcha... é a gaúcha essa aqui?*

Pesquisadora: *que enorme né, essa laranja!*

Dona Geni: *é a gaúcha essa aqui, né?*

Feirante: *é...*

Dona Geni: *me esqueci que era aqui que eu tinha que comprar... a melhor laranja que tem é a gaúcha...*

Dona Geni: *a natureza, né, o que é a natureza, olha que coisa mais linda... eu tenho uma grandona assim lá em casa, nem comi laranja essa semana...*

Pesquisadora: *olha, essa aqui é de umbigo...*

Dona Geni: *é... bem que nem as pessoas mesmo, umas de umbigo grande, outras pequeno (risadas)*

Final do percurso, carrinho lotado de compras para a semana, Dona Jane com alguma dificuldade para arrastá-lo, pára e arruma as últimas compras para que nenhuma delas caia. Enquanto vamos saindo pelo mesmo lugar por onde entramos, um pequeno espaço entre duas bancas do corredor, Dona Geni me ensina a fazer creme de abacate. Ao narrar suas receitas, percebo o prazer que ela atribui a todo o ato de preparar, combinar cheiros e sabores, produzir esta mudança nos alimentos a partir de seu “saber fazer”. Este prazer estende-se para o comer, é o ápice da satisfação para ela e para quem oferece seus dotes culinários. Atualmente, Dona Geni mora sozinha em um pequeno apartamento, mas cozinha para a filha e o genro que moram nas proximidades.

Depois destes dias de pesquisa, passei a “receber presentes” de Dona Geni, que ao cozinhar algo novo, batia em minha porta para me deixar “uma provinha” e então já me apresentava a receita, *é bem fácil, eu faço assim...* Este gesto de “dar e receber” (MAUSS; 1974) que estabelecemos, a partir do diálogo iniciado na visita à feira, revela os meandros das “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996), nos quais o ato de cozinhar e “transformar a matéria” envolve uma descoberta e um desafio àquele a quem se oferece a comida, ou seja, cozinha-se, prepara-se o alimento para alguém, para o prazer do outro. Estes gestos estão imbuídos de valores e tradições, de saberes que atravessam a vida cotidiana, instaurando as relações entre os sujeitos.



Enquanto caminhava com Dona Geni, em meio a confusão da feira, com corredores cheios de outros carrinhos e sacolas, feirantes anunciando seus produtos, pessoas se encontrando no meio dos corredores, percebi que sua agilidade em movimentar-se naquele espaço e escolher suas compras indicava as várias vezes em que esteve naquele território, ou em outros como esse, disputando e constituindo o espaço. A intriga que perpassava minhas perguntas em relação às suas opções de compra voltava-se também para o grande número de outros fregueses que estavam compondo aquele cenário, ou seja, as formas diversas que os sujeitos adotam ao “habitar” o espaço público, no sentido dado por Michel de Certeau (1994), quando fala de uma cidade que é “escrita” pela ação de seus habitantes. Junto a isso, refletia sobre a noção de “campo de possibilidades” definida por Gilberto Velho (1981), no que concerne à trajetória social dos moradores de um centro urbano que, no caso de Dona Geni, revela-se a partir de uma rede de acontecimentos e de escolhas que vão orientar sua “conduta” ou seu comportamento (DE CERTEAU *et alli*; 1996) no que tange às práticas sociais de viver no meio urbano e fazer compras, preferencialmente, na feira-livre.

Nas memórias de Dona Geni, ao remontar uma receita aprendida “na colônia” ou nos cursos de culinária que realizou nos primeiros anos em que morou em Porto Alegre, são estabelecidos vínculos entre momentos diferentes de sua trajetória, onde se colocam as táticas (DE CERTEAU; 1994) e um sistema de valores e crenças com as quais negocia estas diferentes realidades. Na fala de Dona Geni, a escolha por fazer suas compras na feira explicita suas formas de negociar estas diferentes realidades vividas, re-significando sua própria trajetória na lembrança de suas vivência em Porto Alegre, diretamente relacionadas com um estilo de vida peculiar.

Neste sentido, outros personagens desta história compartilham destes esquemas simbólicos e esquemas gestuais (LEROI-GOURHAN; 1965) que envolvem os saberes e fazeres presentes às trocas sociais da feira-livre e que serão apresentados no decorrer desta descrição etnográfica. Cabe ainda ressaltar que a condição de negociação da realidade (VELHO; 1981) de que tratamos aqui, está pautada na noção de campo de possibilidades (VELHO; 1981), a partir do qual Dona Geni pode optar por ordenar suas práticas cotidianas em função da temporalidade apresentada pela dinâmica semanal da feira-livre, relegando para um segundo plano as compras realizadas no supermercado, já que *tem coisas que só se compra na feira!*

Essas “coisas que só se compram na feira” caracterizam um estilo de vida peculiar que venho procurando desvendar nesta análise, pois o fato de organizar os dias da semana para que as compras dos alimentos sejam feitas no sábado de manhã, parece identificar um certo

modo de se vivenciar o cotidiano que foge da impessoalidade de ambientes de comércio como o supermercado, por exemplo, tendo em vista o que vimos acima no que concerne o valor simbólico das frutas e verduras que são adquiridas na feira-livre. Neste caso, um discurso da razão prática (SAHLINS; 2003) que vincula as compras na feira ao baixo custo de alguns produtos abrange aspectos mínimos de todo o “fazer” que está por trás da opção pela feira-livre como lugar de compra. Isso porque, mais do que um lugar de compras, o comércio de rua apresenta-se como um teatro, no sentido dado por Victor Turner (1974) aos “dramas sociais”⁵¹, nos quais os personagens interagem compondo um cenário onde invertem-se as regras sociais “da conveniência” (DE CERTEAU *et alli*; 1996), tanto pelas piadas e jocosidades, como pela relação com o alimento.

Neste sentido, tomo como contraponto das escolhas de Dona Geni as artes de fazer de outra informante, a Dona Alda, que me levou a *sua feira*, tentando tecer na trajetória relatada destas duas mulheres um percurso pelas formas de viver o espaço da cidade que navega entre a “casa e a rua” (DAMATTA; 1985), revelando a intensidade que estas “aglomerações públicas” podem atribuir a constituição de uma paisagem urbana. O diálogo entre Dona Geni e Dona Alda, é importante esclarecer, é construindo pelo trabalho/artesanato do antropólogo que, na sua escrita etnográfica, articula encontros e conversas entre pessoas que não se conhecem, na tentativa de desvendamento destes inúmeros usos e diferentes “produções” (DE CERTEAU; 1994) do espaço da cidade.

2.1.2 Outras feiras, outros fazeres

Dona Alda é uma senhora de 81 anos, hoje moradora do bairro Menino Deus, e que, segundo o seu relato, “sempre fez feira”. Uma das peculiaridades de suas lembranças relatadas foi a descrição que me fez de várias feiras-livres da cidade que já frequentou, embora tenha passado a maior parte de sua vida morando no bairro Teresópolis, onde situava-se a feira que “fazia” todas as sextas-feiras com os filhos pequenos há tempos atrás.

Durante as duas entrevistas que realizei com ela, uma no dia em que a conheci, durante uma gravação na casa de seu filho Paulo, que é também informante de minha pesquisa, e outra na sua casa, no dia em que ela me levou para conhecer a *sua feira*, e eu

⁵¹ A análise do espaço de interações da feira-livre sob a ótica do “drama social” e da performance de seus personagens sugere uma gama de interpretações importantes para o estudo das relações estabelecidas neste ambiente. Esta temática não é tratada nesta dissertação de maneira aprofundada tendo em vista a atenção dada a outros aspectos como a constituição do espaço urbano partir das práticas cotidianas dos atores em questão, focalizando os diferentes “saberes e fazeres” que o compõem, mas pode suscitar a escritura de artigos específicos sobre o assunto das interações sociais futuramente, principalmente vinculado a questão da imagem visual e sonora que acompanha o processo desta etnografia e em função dos quais acumulo uma série de dados de campo.

acrescentaria, a sua feira atual, Dona Alda navegava em suas lembranças situando alguns bairros da cidade a partir das feiras que conhecia, “a feira do campo do Grêmio”, “a feira da Glória”, “a feira de Teresópolis”, “a feira do Menino Deus”. Todas estas feiras foram relatadas como referências de alguns itinerários (ECKERT e ROCHA; 2001) que traçou pela cidade.



Dona Alda

- nós já tínhamos feira ali na praça... na... no Alto da Bronze lá já tinha feira... na Duque, o Alto da Bronze ali perto tinha um colégio... nós íamos ali... eu morava na General Alto, onde tem o colégio Paula Soares onde eu estudava, depois morei na Demétrio Ribeiro...

A trajetória de Dona Alda pelos espaços da cidade foi diversa daquela apresentada por Dona Geni, o que me leva a interpretar suas escolhas no que tange às compras feitas na feira muito mais aproximadas de uma relação com a “casa⁵²” e com as atividades voltadas para o âmbito doméstico de cuidado com os filhos e o marido, do que uma relação com os “espetáculos de mercado” da rua, aos quais Dona Geni apresentou-se bastante inclinada, tanto na entrevista como no percurso da feira. Para desvendarmos os meandros destas trajetórias e escolhas definidoras de uma maneira particular de viver a cidade⁵³, podemos traçar alguns pontos de contato e outros de distanciamento entre os projetos individuais (VELHO; 1999) destas duas personagens, que vão nos permitir identificar as diferenças que procuro analisar, sobre o “fazer a feira” como uma forma de habitar o espaço urbano e, portanto, constituí-lo em suas peculiaridades e descontinuidades. Estas particularidades de trajetórias entre as

⁵² Neste aspecto, gostaria de situar dois autores fundamentais para compreender estas relações entre os usos do espaço público e as questões de gênero, especificamente. De um lado Roberto DaMatta (1985) e suas considerações sobre a “casa e a rua” e de outro Gilberto Freire (1985) que, com sua obra *Sobrados e Mucambos*, traça a estética do início da constituição urbana das cidades do nordeste do Brasil e a hierarquia entre senhores e escravos, adultos e crianças e homens e mulheres na formatação de um *ethos* urbano.

⁵³ “Os espaços urbanos construídos e vividos, como objeto etnográfico, vão se revelando não meros reflexos de políticas urbanísticas mas suportes de tradições e biografias de seus habitantes cujas narrativas expressam uma linguagem coletiva que comunica uma pluralidade de identidades e memórias, remetendo seus territórios aos pretextos e às manipulações humanas” (ECKERT; ROCHA; 1998a:249).

informantes são tomadas aqui como paradigmáticas, no sentido da heterogeneidade (VELHO; 1999) das formas de viver e habitar o espaço urbano, compostas a partir das escolhas e projetos individuais negociados com os projetos coletivos e sociais dos sujeitos ao longo de sua trajetória na formatação de uma paisagem urbana.

Um dos aspectos ressaltados na entrevista com Dona Alda, foi a importância que ela atribui em organizar e controlar a economia doméstica. Segundo Michel de Certeau (1994), a invenção do cotidiano passa principalmente por atos simples, diria até “ordinários”, que vão definir o que ele chamou de táticas (CERTEAU; 1994) de contornar as imposições de uma ordem estabelecida a partir de “desejos e astúcias”⁵⁴ (DE CERTEAU; 1994) diferentes. No caso de Dona Alda, as “astúcias” estavam situadas em “caminhar para achar o mais barato”, combinando isso com a qualidade necessária para alimentar a família, que pode ser encontrada também no supermercado.

Dona Alda

- ah é o preço, né, o preço... na feira é tudo muito mais barato... muito mais... principalmente o Zaffari ali né... o Zaffari é diferente de preço até do Nacional lá do shopping... só que as verduras... na feira não, porque as verduras são boas né... ali do Zaffari é tudo coisa boa... não tem nada assim que tu veja... tu tem que estar escolhendo um pé de alface... ali não precisa, mas a diferença é... o preço... toda a vida... frios, verdura, batata tem uma diferença... ovos, eu não compro ovo, por exemplo a não ser na feira... ah não gosto de ovo de supermercado, ovo de caixa assim... compro na feira que eu escolho... compro as vezes de duas gemas... que eu trazia aqui pro Pedro... ovo da colônia.. ovo sadio, tu não tira nenhum ovo estragado... essas coisas assim eu não compro no super... fruta... a fruta é bem mais barata na feira...



- mas olha, eu vou te dizer uma coisa, eu ficaria muito triste se terminassem as feiras, porque a feira é uma coisa que tu pode escolher né, não... no supermercado também né, mas a gente sabe que no supermercado vai pagar mais caro... se bem que esses tempos eu disse pro rapaz lá da banca de batata... eu disse pra ele “olha, como vocês tão carero com essas batatas, o supermercado faz... terça-feira é dia de feira e a batata às vezes tá mais barata...” aí eu compro no supermercado, né...

⁵⁴ “Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis no fraco na ordem estabelecida pelo forte, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidade nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos” (DE CERTEAU; 1994: 104).

Diferente de Dona Alda, para Dona Geni, comprar na feira passa a ser um ritual semanal, no qual encontra uma série de elementos que a fazem refletir sobre “seu vício” em fazer a feira, o que confere um outro lugar para estas compras no seu cotidiano, tornando as compras no supermercado como um complemento das compras na feira, ou seja, vai ao supermercado para procurar o que não é possível encontrar na feira-livre. Neste sentido, mais do que procurar um lugar “bom e barato” para suas compras, as táticas (DE CERTEAU; 1994) de Dona Geni estavam diretamente relacionadas com um prazer do momento de compra que ocorre no âmbito da feira-livre.

Dona Geni

- eu gosto de ir mais na feira... Sabe porque que eu gosto de ir na feira? Tem mais escolha e é mais barato, olha aqui os laranja que comprei, ó... é e as bergamota, ó... é tudo da feira, e do Záfari é o dobro de caro... E eu acho que é vício, também sabe, eu tenho que ir, e eu compro aqueles ovos da colônia bem amarelinho, é eu compro aqueles ovos, compro feijão, compro... compro de tudo, eu trago para a semana inteira... depois eu compro alguma... só na feira, é difícil eu comprar verdura aqui do Záfari... muito difícil...

pesquisadora

- e porque a senhora acha que é vício?

Dona Geni

- porque a gente fica... chegou sábado, tem que ir... eu trabalhava no sábado às oito hora, eu tinha que me levantar seis hora, sete hora eu tinha que tá lá na feira comprando já porque às oito hora eu tinha que estar lá no colégio, e eu ia... Eu trazia e pá, pá pá, deixava por cima da mesa, às vezes dava para arrumar um pouco, às vezes não dava pra arrumar nada, e eu me ia, mas pelo menos tava garantido, depois na volta que eu chegava meio dia, cansada, daí eu tinha que guardar... e eu tenho a Jane, aquela que desce comigo que... é ela cuidou da Luciana doze anos, levava pra mim lá no Sevingné, ela ficou doze anos aqui em casa, e agora ela mora aqui no Marcelo...

Retomando sua história ao chegar em Porto Alegre, para trabalhar na cidade, percebemos que em suas escolhas estão subjacentes um sistema de valores e crenças (GEERTZ; 1997) forjado em uma negociação entre “visões de mundo” diferentes a partir dos lugares em que habitou e trabalhou, como a roça e a cidade. Nesta negociação entre valores de realidades distintas, destaca-se o “projeto” justamente de “fazer parte” deste mundo urbano, de descobri-lo e explorá-lo através de seu trabalho e de suas experiências.

Neste ponto, Dona Geni diferencia-se substancialmente de Dona Alda, pois veio sozinha para a cidade trabalhar, enquanto a segunda vem com a família, trazendo consigo uma série de valores que estão subjacentes as estas relações, chegando em Porto Alegre ainda adolescente para estudar e só começando a trabalhar por motivos que fugiam de suas possibilidades de escolha naquela situação, de acordo com a avaliação que faz sobre ter parado os estudos. Os momentos de ruptura escolhidos pelas personagens para narrar suas trajetórias, como a chegada em Porto Alegre, por exemplo, são fundamentais para entender as diferentes escolhas que acionam os gestos de “fazer a feira” de cada uma destas personagens no cotidiano da vida urbana e seus percursos nas ruas da cidade, tendo em vista as “províncias de significado” (VELHO; 1999) que estão subjacentes a estas relações com o espaço público.

Dona Geni

- é, eu sou da roça, sou da roça mesmo... é eu vim de São Luiz Gonzaga do interior também... aí eu vim de lá, eu saí de lá e de lá fui pra Serro Largo e de Serro Largo fui pra São Borja, de São Borja à Santo Ângelo, de Santo Ângelo à Porto Alegre... Viajava porque não tinha pai nem tinha mãe, né, e não queira trabalhar mais na roça... daí eu vim vindo, né. Trabalhei em Santo Ângelo em hotel... depois em vim pra Porto Alegre trabalhei em hotel 29 anos... Aí eu trabalhei 29 anos, depois eu saí de lá e fui para o Colégio Sevingné, aí fiquei mais 17 anos lá... tou a dezessete anos... Vim para trabalhar, eu estudei lá um pouco e um pouco aqui, tirei até o... a quarta série quando muito... quarta, quinta série... Aqui eu morei... eu morei na Espírito Santo, depois morei na João Alfredo, morei no Menino Deus, na... naquela André da Rocha...

A diversidade de Dona Geni em relação a Dona Alda se estabelece em várias dimensões, pois o projeto de trabalho na cidade para ela era uma opção que viria depois de seus estudos. Por outro lado, atribui a sua necessidade súbita de enfrentar um emprego toda a sua relação de “controle e domínio” de um saber que está ligado ao dinheiro e a economia doméstica. Neste seu relato sobre suas habilidades e responsabilidades com o “uso do dinheiro”, Dona Alda está evocando ainda aos valores que estão na base da estrutura familiar, pois, por ser a filha mais moça da casa, acaba por ter que sustentar a mãe quando todas as suas irmãs se casam. A partir de seu relato, sua trajetória, estetizada por suas lembranças, encontra a de Dona Geni pois Dona Alda passa, a partir desta situação, a trabalhar em lojas do Centro da cidade, nas proximidades das ruas onde Dona Geni também trabalhou durante muitos anos.

Dona Alda

- eu nasci mesmo em Tupanciretã, mas fui registrada em Santa Maria. Eu tinha dois anos quando eu vim para Santa Maria, dois três anos... fiquei até doze anos em Santa Maria... cheguei aqui com doze anos. Aí já não tinha mais o pai né, perdi meu pai quando tinha sete anos... Aí fiquei o resto do tempo aqui em Porto Alegre, né...estudei aqui, terminei meus estudos...quer dizer não cheguei a terminar né... eu sempre digo pra eles que eu sou uma pessoa que tou com 81 anos e então, mas... eu sou uma pessoa assim, muito decidida, né... Que meu marido... meu marido era uma pessoa que fazia tudo, me ajudava e tudo, mas esse negócio de pagamento... era tudo comigo... ele largava... chegava e me dava o dinheiro e eu que decidia... vamos pagar isso, vamos pagar aquilo e sempre fui assim porque eu com 12 anos comecei os meus estudos aqui e depois eu tive que parar porque eu tirei... eu fiz o sexto ano no Paula Soares... dali eu vim pro Instituto de Educação e fiz até o segundo ano, aí eu tive que parar, porque as minhas irmãs casaram e não quiseram mais tomar responsabilidade da mãe e então eu fui trabalhar... Hoje eu me arrependo, né, devia ter deixado elas tomarem conta né, inclusive de mim, mas não, eu fui trabalhar e ali já tomei conta da despesa da casa e então sempre tive isso né, não faltava nada pra mãe... eu que fazia armazém... porque naquela época eram armazéns, não existia supermercado... a gente comprava no armazém, por mês... então eu sempre fui assim, né e continuo...

Os diferentes estilos de vida e campos de possibilidade (VELHO; 1999) em que estas personagens estão inseridas no contexto urbano de Porto Alegre acabam por delimitar suas ações neste espaço. Essa diferença é basilar para os diversos esquemas de imagens (DURAND; 2001) que estão por trás destes gestos de compra na feira, dos atos de manipulação do alimento e da moeda que evocam imagens do esquema digestivo e da abundância (DURAND; 2001), pois enquanto Dona Geni adere às jocosidades e piadas dos feirantes, às simbologias do corpo e do baixo ventre (BAKHTIN; 1996) colocadas na interação da feira-livre, Dona Alda mantém uma relação hierarquizada com os feirantes, o que pude observar quando fomos a feira juntas.

Nesta situação, diferente de Dona Geni, que se colocava como narradora de um espaço urbano estetizado pela feira-livre – fazendo acompanhar de sua performance corporal em escolher os alimentos também suas interações verbais com os feirantes – Dona Alda aproximava-se muito pouco das bancas, somente quando necessitava, realmente, comprar alguma coisa e raramente trocou alguma palavra com o feirante que a estava atendendo. Durante nossas conversas, na feira e em casa, descobria que seu prazer e seu saber estavam

alocados na possibilidade de fazer uma boa compra, de garantir os mantimentos necessários para a alimentação mais voltada para o âmbito da casa, dos fazeres das artes de nutrir na cozinha.

Entretanto, estas observações, ligadas de um lado por seu discurso em relação às compras na feira, e, de outro, por sua postura mais distanciada na feira-livre em relação aos feirantes, eram todo o tempo relativizadas ou contrastadas com o fato de já ter freqüentado muitas feiras e, segundo relato de seu filho Paulo, em tom de brincadeira, até mesmo na praia ela procurar uma feira para fazer compras. De qualquer forma, sua trajetória e suas escolhas parecem estar ligadas a laços familiares mais fortes do que a de Dona Geni, que evocou em sua entrevista, a imagem de uma mulher que enfrenta sozinha as dificuldades e também os benefícios de morar na cidade. Este aspecto é ressaltado pelo fato de mostrar-se muito independente em suas opções de “maneiras de viver” neste espaço urbano, onde as relações com o trabalho, com a filha e a vizinhança são construídas a partir de seus projetos individuais, no trânsito entre estes diversos papéis que desempenha cotidianamente.

No caso de Dona Alda, suas escolhas de estilo de vida parecem ser negociadas (VELHO; 1999) mais diretamente no campo das relações familiares do que para Dona Geni, o que se reflete na forma como transitam no “espaço da rua” e nas suas opções em relação a sociabilidade neste ambiente. É importante colocar que ao tratar-se de trajetórias sociais de duas mulheres – Dona Geni e Dona Alda – que transitam entre o espaço público e privado no contexto urbano, estou reportando a certas especificidades de modos de vida que aparecem diferentemente no relato destas personagens, mas que marcam, ao mesmo tempo, um certo lugar social – e/ou um determinado papel social – comum que as insere em um “campo de possibilidades” (VELHO; 1999) a partir do qual vão ocorrer as negociações de realidade para a constituição de seus projetos pessoais.

Certamente, o fato de serem mulheres que por volta da década de 1950 trabalhavam no comércio, na região central de Porto Alegre, coloca-se como aspecto importante no relato destas narrativas, como o lugar a partir do qual estas mulheres contam hoje as suas histórias⁵⁵.

⁵⁵ No que tange às relações de gênero no decorrer desta pesquisa, é possível trazer alguns indícios que compõem a complexidade atual deste tema no caso das sociedades complexas. O “fazer a feira”, como pude observar, não é apenas uma atividade de mulheres, muitos homens transitam pelos corredores da feira em busca de suas compras, alguns acompanhados de suas mulheres, outros sozinhos. Da mesma forma, conversei com muitos homens, de várias idades, que tomam pra si a tarefa de cozinhar em casa, ou pelo menos dividem muito essa atividade com suas esposas cotidianamente. Neste sentido, cabe ressaltar que não trago em destaque nesta dissertação as diferenças de gênero neste “fazer”, pois dediquei-me mais atentamente ao próprio fazer como um elemento de transmissão de saberes – tanto para homens como para mulheres – no qual as trajetórias pessoais estão completamente vinculadas às artes de nutrir, buscando nas trajetórias dos personagens que aqui apresento interpretar suas escolhas por fazer compras na feira-livre e de certa forma, dedicar-se às artes de nutrir e a relação destes saberes com seus percursos na cidade de Porto Alegre, produzindo-a enquanto espaço urbano.

Dona Alda

- ... aí passei para o Instituto de Educação, ali fiz até o segundo ano, mas não continuei, porque aí minhas irmãs casaram e me deixaram... me responsabilizaram... porque eu tinha que trabalhar para sustentar a mãe... e só eu e a mãe... aí eu larguei os estudos e fui trabalhar, né... comecei a trabalhar muito moça... Dali sempre trabalhando, né, sempre no comércio... Trabalhava primeiro nas lojas... Brasileiras, depois eu passei pra Galeria Chaves, para uma casa de perfumarias... depois eu sai porque... eu encontrei um... emprego, mesmo de loja... mas aí loja de... louças, a Casa Hoffmann... aí ganhava mais... passei pra lá, né... E lá fiquei, né... até me casar... Aí quando fiquei pra ganhar o Paulo, que é o mais velho... eu enjoava muito então... eu continuei trabalhando, mas o gerente... como eu era uma funcionária antiga, ele resolveu me fazer uma proposta porque eu tinha enjôo que as vezes tinha que deixar de atender a cliente... aí ele me fez uma proposta né, de me indenizar, né... aí eu tive lá o resto da gravidez em casa... Aí compramos a casa onde a gente morava lá em Teresópolis, compramos o terreno e com aquela indenização eu paguei todo o terreno e ficamos pagando só a casa... E aí moramos toda a minha vida lá né... eu fui pra lá com... recém casada com vinte e dois anos... saí de lá com sessenta e tantos... Depois, quando os guris cresceram e casaram, aí eu disse pro meu marido, “olha, eu não fico em casa..” e eu sai fui na Galeria Chaves onde eu tinha uma amiga, e ela me fez uma proposta “porque tu não vem trabalhar aqui ?” Aí falei como o marido e ele consetiu e eu trabalhei mais cinco anos na Galeria Chaves... eu sempre gostei de trabalhar fora, sempre gostei de ter o dinheiro assim pra... mas aí o marido começou a reclamar que eu chegava cansada... e ele queria às vezes sair, ir a baile ele começou a reclamar aí deixei de trabalhar, né...

Para Dona Geni, os momentos importantes de sua trajetória estão marcados por uma série de experiências singulares em seus lugares de emprego, como por exemplo, ao conhecer pessoas famosas nos hotéis que trabalhou e nos “fazeres” que procurou aprender para “qualificar” os seus dotes, como os cursos de culinária. Dona Geni une estas aprendizagens às suas experiências na cidade, aos passeios “com as gurias” na Rua da Praia e às suas lembranças das mudanças em Porto Alegre, da transformação da rua em que mora. Por outro lado, seu relato, no que tange às relações familiares, restringe-se apenas à filha⁵⁶, transitando

⁵⁶ Dona Geni refere-se ao pai da filha apenas uma vez nas entrevistas realizadas, quando comenta sobre a confusão que existia na sua época, na roça, para o registro dos filhos, o que no seu caso resultou em sobrenomes diferentes entre os irmãos. Disso, fala do sobrenome da filha, que combinou o de sua avó materna que Dona

de uma temporalidade⁵⁷ onde vivia sozinha em Porto Alegre e trabalhava num hotel, para outra em que morava com a filha já adolescente e trabalhava em um colégio, intermediando seus papéis de mãe e mulher que trabalha fora precisando então articular as demandas domésticas.

São escolhas como estas, de interpretação da própria trajetória (ECKERT; 1993), que conformam as províncias de significado (VELHO; 1999) a partir das quais elabora suas práticas cotidianas e estilos de vida no âmbito urbano. Neste sentido, ao relatar suas lembranças sobre o tempo em que viveu em Porto Alegre, adere às imagens da transformação do espaço urbano como parte dele, reconfigurando em sua narrativa as formas do espaço a partir de seus trajetos e de suas vivências.

Dona Geni

- aqui não tinha nada... aqui era uma casa lá na frente... só uma casa, uma casa baixa, sabe, e depois aqui do lado era tudo um pátio, tinha arvoredos, tinha figueira, tinha até pé de loro... e naquele... e depois desse pedacinho aqui que fizeram esse edifício amarelo aqui, né, aí compraram na frente e fizeram todo esse amarelo... esse Marcelo... Depois do Marcelo, onde é aquelas garagem, era um casarão, tinha abacateiro, tinha laranjeira, tinha cebola, madioca... plantado ali sabe, tinha pato, marreco, cantava o galo... essa, Ponte de Pedra ali, tinha casa dali do lado de lá, era cheio de casa, e essa rua que vem ali pelo Ipê, tudo era... era só pelo pão dos pobre que era rua sabe, o resto tudo era rio...

pesquisadora

- então não tinha a Perimetral também, não tinha nada disso aqui, o Largo da Epatur...

Dona Geni

- não, não, ali era tudo casinha... casinha assim uma grudada na outra, mas casa de material, né... ali era a Avai, e aqui era a João Alfredo... vinha até a Caixa Econômica, mais ou menos, até ali a Ponte de Pedra, ali começava a João Alfredo...

- na época que eu vim pra Porto Alegre a gente saía com as gurias assim, namorá e e olhá as vitrine, toda a rua da

Geni herdou como se fosse o do pai, e o sobrenome “Zanella” do pai da filha, o único que manteve depois de casada.

⁵⁷ “Porque a análise temporal [da cidade] conduz o antropólogo a pensar a ondulação dramática dos fenômenos culturais no mundo urbano, ela lhe dá acesso a refletir sobre a unidade dos fenômenos culturais como uma adesão global de grupos/indivíduos e a determinadas ações/desejos/expectativas comuns tanto quanto pensar a sua diversidade como recusa a outras, numa sucessão descontínua” (ECKERT; ROCHA; 1998a: 253-254)

Praia era tudo aberta as vitrine pra gente olhá... a gente olhava de noite pra comprar de dia, olhava de noite, todas as vitrines amanheciam aberta, tudo aberto e era todo mundo passeando pela rua da praia, olhando as vitrine...

No relato de Dona Geni, este tempo de transformação das ruas e das coisas do bairro pode ser interpretado como um “tempo feliz” (BACHELARD; 1988), onde as mudanças do espaço se acomodam com as suas próprias mudanças interiores, colocando-a como narradora deste lugar ao refletir sobre a sua trajetória a partir destas mudanças no bairro e na cidade, não como algo que passou, mas como um tempo estetizado a partir das narrativas (BACHELARD; 1988) de seus itinerários e experiências no espaço urbano. Ao relatar-me as suas histórias no contexto urbano de Porto Alegre, Dona Geni revive e resignifica suas experiências ao tecer as continuidades e descontinuidades das mudanças na cidade a partir de suas lembranças.

Estas “experiências temporais” de Dona Geni podem ser representadas por exemplo, pelas imagens narradas da filha que cresce, estuda e se casa, seguindo o percurso das projeções de futuro de Dona Geni, que durante a entrevista intercalava suas memórias das vivências de uma Porto Alegre antiga com os relatos sobre ela e a filha hoje, casada, “bem de vida”, mas que apesar de cozinhar muito bem, detesta a “trabalheira” que é dedicar-se a cozinha. Dona Geni, de seu lado, não se importa de continuar cozinhando para a filha e o genro, afinal de contas, sabe que a transmissão de suas “artes de fazer” ultrapassam o âmbito doméstico, grudados que estão a uma trajetória de vida a partir da qual estabelece suas relações com o mundo, ou seja, estas artes de nutrir transmitidas na forma de um saber cotidiano estão dialogando com a “arte de viver”.

Para Dona Alda, o “tempo longo” em que esteve morando em Teresópolis, “toda uma vida” em que viu passar lá, são interpretados como um tempo que passou, visto com um certo distanciamento de uma continuidade inevitável do devir. Assim, nas imagens relatadas de Dona Alda sobre o espaço vivido “antigamente”, a surpresa das transformações sobre as quais reflete Dona Geni, ao dar-se conta “do quanto o rio caminhou”⁵⁸, voltam-se mais para uma constatação de um crescimento urbano contínuo, onde suas lembranças estão alocadas, não tanto como uma vivência destas mudanças, mas na observação da passagem do tempo.

⁵⁸ Referia-se aos aterros do Rio Guaíba e a retificação do arroio dilúvio que transformaram completamente a paisagem do bairro Cidade Baixa, trazendo mudanças bastante significativas para o itinerário dos moradores, a partir da década de 40. Estas questões referentes às transformações da paisagem urbana de Porto Alegre serão retomadas nos próximos capítulos, pois são elementos fundamentais para compreendermos as formas de apropriação deste espaço por seus habitantes.

Dona Alda

- hoje não é afastado, mas naquele tempo Teresópolis era um... quase um mato, né... ali... a zona ali que nós fizemos casa não tinha nada né, todo mundo comprando os terrenos, para depois irem fazendo as casas, foram construindo... ali bem pertinho do Hospital Espírita sabe, uma zona boa... aí fiquei todos esses anos lá... eu cheguei em Teresópolis nova e sai idosa, né... por isso que... mas cansei também de Teresópolis... imagina, chego lá com uma idade e saio de lá... velhinha...

... uma casa grande, né... com quatro quartos e quintal pra varrer todo dia... deus-u-livre... e eu sempre tive vontade de morar em apartamento... ah não morava porque o marido não queria... cada vez de tentar vender a casa... tinha um quê pra não ir pra apartamento...

- passaram a ter ônibus pra lá pra cima, que não tinha... a gente ia só até o fim da linha, né, como se diz... fim da linha era em Teresópolis... dali subia pra casa... fim da linha era na avenida, ali na igreja, na praça... mas daí depois começaram os ônibus a passar ônibus lá para a Vila Nova, a Cavallhada, Belém Novo... e... aí fizeram lá para a São Caetano também, né... ele entra lá por traz, lá pela Aparício Borges e agora... depois que... quando eu fui pra lá... começou a construção de casas ali, que a gente ia comprando os terrenos e mandando fazer... na vila São Caetano depois... com o tempo e agora... o morro todo aquele tá completamente urbanizado... eles fizeram casas e coisa no morro... primeiro a gente só ia lá pra passear com as crianças, subia o morro aquele pra fazer piquenique...

Nestas trajetórias e itinerários vividos na cidade⁵⁹, as formas diversas de habitar o espaço urbano são compostas de gestos humanos de ocupar e “domesticar” (LEROI-GOURHAN; 1965) os lugares vividos, a partir das escolhas que definem estes gestos.

No caso de Dona Geni e Dona Alda, suas trajetórias encontram-se e distanciam-se em aspectos diversos, mas a tessitura que as reúne nesta narrativa são as artes de nutrir (DE CERTEAU *et alli*; 1996) que povoam suas lembranças e seus gestos de ir a feira-livre para fazer suas compras, recusar ou adotar o supermercado como estratégia de compras mais baratas, enfim, suas táticas de consumidoras deste espaço público da cidade e as formas que se oferecem a aquisição dos alimentos.

Estas formas da vida social ligadas aos espaços de mercado, privilegiadamente nesta dissertação, espaços de mercado-livre ou comércio de rua, estão vinculadas aos arranjos da

⁵⁹ “É através do estudo dos itinerários urbanos e das formas de sociabilidade, das intrigas e dos dramas que configuram o teatro da vida cotidiana, apreendidos como uma espécie de mapeamento simbólico do movimento da vida que se pode, nos dias de hoje, refletir sobre a complexidade sociológica das estruturas espaço-temporais

vida urbana, sua estética percebida como um fenômeno que resulta da ação de grupos ou indivíduos no plano das trocas sociais (ECKERT; ROCHA; 2001).

Dessa forma, as discontinuidades presentes a estes relatos evocam os meandros da memória (ECKERT; ROCHA; 1998a) destes lugares vividos da cidade a partir da experiência temporal destas personagens, que organizam a narrativa de suas trajetórias a partir de sua relação com o espaço público. Por outro lado, as imagens presentes nestes relatos voltam-se também para o espaço da casa, para o momento da preparação do alimento e sua transformação em uma refeição, evocando os símbolos da intimidade.

Os gestos de preparar, misturar e combinar o alimento, no caso de Dona Geni e Dona Alda, apresentam-se como um saber-fazer (DE CERTEAU; 1994) que é transmitido e ensinado direta ou indiretamente para os “outros”. Isso porque ambas, mesmo no espaço da feira, referiam-se a alguns produtos pelas características e possibilidades de refeição que traziam consigo. *Este feijão aqui é muito bom para a salada! Com estes tomates eu faço molho para a massa!* Frases que iniciavam receitas as quais, ao contrário das receitas vistas nos livros de culinária, não apresentavam quantidades certas e bem delimitadas, mas abrem um espaço para a invenção de cada um sobre a preparação da comida. Doces e salgados, estas formas de manipular o alimento voltadas para as imagens da intimidade e da digestão (DURAND; 2001) mesmo que relatadas a partir de uma receita rápida, guardam uma aura de mistério, de não dito, como um tempero a mais que deve ser colocado no momento exato e com toda a precisão. Este “algo a mais” percebido no relato de cada receita são as próprias experiências vividas pelo cozinheiro, é o que se atribui de si mesmo para a “feitura” da refeição (DE CERTEAU *et alli*; 1996).

Estas artes de nutrir (DE CERTEAU *et alli*; 1996) são arcabouços de saberes tradicionais reinventados a cada gesto de preparação do alimento, gestos que não são transmitidos diretamente, como ensinamentos formais, mas a partir das vivências da cozinha, dos cheiros e sabores que compõem este cenário, das memórias destas vivências, destes cheiros e destes sabores.

O percurso pelas imagens da cozinha evoca os “gestos arcaicos” (LEROI-GOURHAN; 1965) da humanidade, onde o ato de comer coloca-se como basilar no trajeto antropológico do homem (DURAND; 2001), nas diversas formas culturais e simbólicas que pode manifestar-se. No sentido elaborado por André Leroi-Gourhan (1965) para estes gestos de manipulação das formas e dos utensílios, da confecção dos alimentos e da comida,

sob as quais se assentam os fenômenos da alteridade e da experiência humana no mundo contemporâneo” (ECKERT; ROCHA; 1998a).

encontra-se a possibilidade de simbolizar, ou seja, de constituir-se através de esquemas simbólicos (DURAND; 2001) que orientam as ações humanas e estes esquemas de gestos vinculados a conjuntos de símbolos constitutivos da linguagem, característica humana por excelência.

Tendo em vista a constituição destes gestos e destes esquemas de símbolos associados às artes de nutrir como um saber a ser transmitido, procuro nas imagens da cozinha e do ato de cozinhar, da combinação e mistura que compõem estes atos, percorrer os indícios deste trajeto antropológico (DURAND; 2001) humano no meio urbano nos fazeres e saberes, nas memórias e trajetórias de outros informantes que compõem esta narrativa.

PARTE III:

COMBINANDO CORES E SABORES - OLHANDO PORTO ALEGRE DA COZINHA



CAPÍTULO 1

GESTOS DA COZINHA

Ao tratar, nesta dissertação, dos gestos de ocupação (LEROI-GOURHAN; 1965) do espaço público por certos grupos sociais, suas formas de habitar a cidade e de constituí-la como tal, através da produção de sua paisagem e de sua estética, como uma escrita (DE CERTEAU; 1994) que se desenrola a cada ato de apropriação deste espaço, inevitavelmente direciono-me a refletir sobre as imagens da intimidade (DURAND; 2001) que estão subjacentes a esta tessitura urbana. Estas imagens se fazem presentes em função do tipo de interação que tomo como ponto de partida para pensar as formas de viver na cidade de alguns sujeitos ou grupos, as interações e trocas sociais engendradas pelos espaços de mercado-livre, onde a relação que se estabelece com a compra e venda de alimentos apresenta-se de forma peculiar no contexto urbano de uma cidade como Porto Alegre.

As reflexões que povoam minhas indagações e motivam minha escrita sobre o espaço urbano e as complexidades das formas de vida que o compõem estão voltadas para o entendimento de como os gestos de manipulação do alimento, a partir das “artes de nutrir” e das “artes de fazer” (DE CERTEAU; 1994), estão associados a trajetórias específicas e a formas particulares de habitar o espaço público. Isto tendo em vista os esquemas simbólicos (DURAND; 2001) que compõem e dimensionam as ações humanas no mundo e que, no caso da arte de preparar uma refeição, estão relacionados com as imagens da intimidade e da digestão redobradas da cozinha para a feira-livre e desta novamente para a cozinha, vinculadas que estão com os ciclos de vida-morte-renascimento em seus diferentes aspectos.

De outro lado, estas inquietações voltam-se também para as diversas formas de abastecimento de alimentos presentes em um centro urbano e as táticas acionadas por certos

habitantes da cidade, em adquirir este tipo de produto, negociando com valores tradicionais e/ou modernos para suas escolhas de como comprar e onde realizar esta compra, transitando em um percurso de rua para a casa (DAMATTA; 1985) e vice versa.

A relevância de evocar aqui estas imagens redobradas do esquema digestivo (DURAND; 2001) parte de uma reflexão sobre as “formas como a cidade se alimenta” e, neste sentido, procuro desvendar as cadeias de ações e operações que se desenrolam destas situações de mercado como elementos fundamentais para compor o quadro de uma estética urbana fundada na própria ação dos sujeitos que habitam a cidade. Nestas cadeias de operações e de atos, encontro os indícios de um trajeto antropológico (DURAND; 2001) humano no qual repetem-se e reatualizam-se os atos que instauram uma constituição urbana e ao mesmo tempo a modificam constantemente.

Nestes fazeres das artes de nutrir – tanto da feira como da cozinha – está subjacente uma rítmica que remonta as diferentes formas de perceber o mundo e, de certa maneira, também as primeiras “etapas da humanização” (LEROI-GOURHAN; 1965), em que o corpo do homem é o lugar de suas experiências com o meio que lhe é exterior, estendendo-se para a fabricação do utensílio, para os gestos de percussão e repetição que são as bases de constituição da linguagem (LEROI-GOURHAN; 1965), ou seja, expressão de esquemas simbólicos a partir dos quais o homem pensa o mundo e age sobre ele.

De acordo com as análises arqueológicas de André Leroi-Gourhan (1965) sobre este “trajeto de humanização”, a ação humana direciona-se à domesticação simbólica do espaço e do tempo, transformando os “ritmos da natureza” em ritmos ordenados por esquemas de símbolos que compõem as sociedades⁶⁰.

Portanto, analisar também as “artes de nutrir” a partir do lugar da casa e, mais particularmente da cozinha, nas formas como os gestos de manipulação do alimentos se apresentam e representam, é voltar-se ao âmbito das práticas sociais e das “visões de mundo” presentes ao mundo urbano contemporâneo, em seu aspecto de “invenção do cotidiano” (DE CERTEAU; 1994) que procuro estabelecer como característica das “formas sensíveis” (MAFFESOLI; 1987) da vida na cidade, composta de diversos saberes e itinerários que se entrecruzam num mosaico de situações particulares que vão prender a atenção do antropólogo.

⁶⁰ “O ritmo das cadências e dos intervalos regularizados substitui-se, assim, à ritimicidade caótica do mundo natural, tornando-se o principal elemento da socialização humana, na própria imagem da inserção social, a tal ponto que a sociedade triunfante passa a ter como cenário uma teia de cidades e de estradas em que a hora comanda todos os movimentos dos indivíduos” (LEROI-GOURHAN; 1965:124).

No caso desta pesquisa, a entrada na cozinha faz-se necessária principalmente através dos gestos da mão, “mão como utensílio que transforma” (LEROI-GOURHAN; 1965) a matéria e oferece-a aos “convivas”, compartilhando esquemas de imagens que estão associados às simbologias do alimento e do ato de comer. Aproximamo-nos, então, das próprias jocosidades e brincadeiras da feira-livre, ao tomarmos o corpo como ponto de referência desta ação humana no mundo, mediada pelo alimento, voltando-nos para o ciclo e a ritimicidade das formas de vida e de comércio na cidade.

Neste sentido, a alimentação e o ato de comer⁶¹ são culturalmente definidos e organizados, compondo níveis diversos da vida social e coletiva que vão, desde as escolhas sobre o que é comestível ou não, até as formas de evolução das técnicas e da economia (DE CERTEAU *et alli*; 1996) que imbricam-se nas possibilidades e combinações de produção, distribuição e conservação dos alimentos em cada sociedade. Estes níveis diversos nos quais podemos situar o ato de comer e a “satisfação da necessidade de nutrição” dos indivíduos são construções coletivas que se referem aos arranjos da vida social, estabelecendo os lugares de cada atividade relacionada a estes gestos mais primordiais do ser humano na estrutura da sociedade. O percurso entre o universo “micro” da cozinha, envolto nos mistérios e minúsculos gestos de combinar, misturar, experimentar, na invenção cotidiana e alquímica de cada refeição produzida, e o caráter “macro” das relações econômicas voltadas à produção e distribuição dos alimentos no contexto das cidades é permeado, tecido, nos redobramentos das imagens da intimidade e da digestão (DURAND; 2001) que conferem à cidade o caráter de um grande organismo em constante alimentação.

No mundo íntimo da cozinha e de seus fazeres ordinários estão colocadas experiências “milenares” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) da aquisição de saberes sobre a alimentação e a produção da comida, que desdobram-se em formas diversas de imbuir-se das artes de nutrir, a partir da inscrição de uma temporalidade que transforma ou “deforma” estes atos e gestos de estar em contato com os alimentos, manipulá-los e oferecê-los a outrem. Entre o comer e o cozinhar desenrolam-se os meandros da memória e dos saberes adquiridos “à beira do fogão” que são reinventados e restaurados por cada aprendiz. Trata-se aqui de um olhar sobre as “aprendizagens informais” calcadas no prazer de experimentar, de estar em contato com um sabor agradável não apenas ao paladar, mas que envolve uma “mística” (DURAND; 2001), uma ambiência peculiar onde evocam-se gestos, cores, sabores e odores de experiências

⁶¹ “Comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo” (DE CERTEAU *et alli*; 1996:250).

vividas na intimidade doméstica e que instauram valores e visões de mundo particulares, referência a um tempo vivido e, afetivamente, acomodado nas imagens da passagem do tempo.

Estas reflexões que trago aqui estão colocadas nas trajetórias narradas de dois outros informantes desta pesquisa que abriram-me as portas de suas cozinhas, conduzindo-me pelo “mundo onírico e poético” das artes de nutrir (DE CERTEAU *et alli*; 1996) e de suas descobertas e aprendizagens em relação a elas. Neste percurso, transitamos também da casa para a rua (DAMATTA; 1985) e vice-versa, tecendo as experiências e itinerários que compõem os cenários da memória destas formas de estar no mundo, peculiares a certos estilos de vida (VELHO; 1999) que estão presentes ao contexto urbano.

1.1 A MESA DA COZINHA: OS SEGREDOS DA BOA COMIDA

Depois de algumas combinações por telefone, acabei por conseguir que Paulo Renato me recebesse em sua casa com uma equipe de gravação, para complementarmos a entrevista que tinha sido realizada dias antes. Disse a ele, já no momento da primeira entrevista, que gostaria de gravar em vídeo um de seus momentos “de cozinha”, em que fosse preparar uma refeição para a família e também um dia de feira, na realização de suas compras e ficamos de ajustar algum dia possível – preferencialmente um sábado – para a gravação. Avisei-o que não seria eu quem operaria a câmara, necessitando dessa forma, de mais pessoas para realizar tal “empreitada” e ele não se opôs.

A entrevista realizada com Paulo Renato – filho de Dona Alda – foi umas das primeiras que realizei durante esta etnografia e ocorreu a partir do intermédio de Ana Luiza Carvalho da Rocha que, sabendo de meu tema de pesquisa, através das reuniões de trabalho do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, e conhecendo os hábitos de freqüentar a feira e a “arte da cozinha” de Paulo Renato – com quem também trabalha e convive no âmbito familiar – possibilitou nosso encontro.

Nestas entrevistas, compartilhamos de muitas imagens alquímicas da manipulação do alimento, que se destacavam na forma poética como eram representadas pela fala de Paulo Renato, nos envolvendo com seu prazer em “tratar destes assuntos” da culinária. Paulo Renato, na época, com cinquenta e dois anos de idade, nasceu em Porto Alegre, no Bairro Teresópolis, onde passou toda a sua infância e “foi iniciado” nas artes de cozinhar e de “fazer a feira”. Neste local, igualmente, foi percebendo as transformações da cidade e a urbanização de Porto Alegre, questões também de seu interesse, enquanto Engenheiro Sanitarista que “pensa a cidade” e suas formas de vida. Quando combinamos a gravação de seus gestos de

culinária, disse-me ser importante chegar bem cedo em sua casa se quisesse participar de todos os preparativos da comida que iria fazer – o prato preferido de seu filho Pedro – carne de panela e massa.

Assim, cheguei em sua casa por volta das oito horas de uma manhã de sábado. A paisagem da rua onde situa-se a casa de Paulo Renato, no Bairro Rio Branco, é parecida com muitas ruas de Porto Alegre, transversais às grandes avenidas como a Protásio Alves. Uma “subida” com calçamento de paralelepípedo e não asfalto, muitas árvores plantadas na frente das casas, com calçadas pequenas e irregulares em função das raízes, passarinhos cantando e uma luz do sol da manhã que oferecia um ar de tranqüilidade para o dia, apesar do frio que fazia, próprio ao mês de junho. Não obstante apresentar-se com uma ambiência bucólica de tranqüilidade, ainda assim transitavam alguns carros por ali, o que indicava que durante a semana ou em outros horários o tráfego seria intenso.

Na casa amarela de Paulo Renato, todas as janelas estavam fechadas, titubeei por alguns instantes, pensando se todos ainda dormiam, mas aproximei-me do portão que separa a casa da rua. Em torno da casa de dois andares está uma grade alta, igual a muitas outras nesta rua e em toda cidade, sinal dos tempos em que o muro baixo que limitava, simbolicamente, as casas e as calçadas é substituído por grades e portões que protegem as moradias das ameaças externas. Assim que acionei a campainha fui recebida por seu cachorro, e, logo em seguida, Paulo Renato aparece, de alpargatas e roupas confortáveis próprias a um sábado de manhã, ainda acompanhado de sua cuia de chimarrão, para abrir a porta.

Cumprimentamo-nos rapidamente, já com a câmera ligada, e passamos direto para a cozinha, palco das cenas que queria gravar. As imagens visuais que desejava registrar nesta situação relacionavam-se com a forma que Paulo descrevia suas “artes de nutrir”, as palavras que utilizava para narrar-me seu prazer em “comer bem” e “cozinhar bem”, e com o quanto isto estava relacionado às suas lembranças e experiências desde a infância. A entrevista com Paulo Renato surpreendia-me na forma poética como tratava estes “fazer”, expressando um prazer intenso em estar envolvido com as imagens da intimidade do alimento (DURAND; 2001).



Paulo Renato

- ...o fazer é assim, tem um momento que eu não quero ninguém na minha volta porque eu tô me relacionando com as coisas... e depois eu quero que alguém esteja conversando comigo, dizendo bobagem, trocando, tomando vinho, não sei o quê... entende, tu tá na fase de forno, né... de... de acompanhar já, de mexer no fogo, mas a hora que mistura é meio químico assim, a hora que mistura é uma... é aquelas coisas...

- ... tem a erva... tem essa coisa assim, meio maluca, meio mágica de... eu toco na folha... esse jardineiro novo que está aí, o Ezequiel disse assim “mas que coisa engraçada essa casa de vocês... a gente levanta as folhagem e tá cheio de erva, parece uma farmácia..”. Claro que a coisa que eu mais gosto é ir ali colher... a folha... eu toco nela... ah, essa tá áspera, essa tá fina, essa tá não sei o quê... essa tá aquilo... lavá, parti, enfiar dentro da comida... tem a ver com o toque, isso que a gente falou antes de... eu sinto o cheiro, às vezes boto na boca... tem a ver com essa coisa meio de bruxa assim, “pera aí um pouquinho, agora eu vou misturar”...



Já devidamente avisada do funcionamento do ritual da cozinha, começo a preparar o equipamento de som⁶² para a gravação, enquanto Paulo dirige-se para o balcão da cozinha onde realiza suas misturas. Em seus gestos ágeis de relacionar-se com o alimento que começa a preparar, no olhar atento que calcula “sem medir” as quantidades necessárias de cada condimento, expressam-se os saberes que herdou, mesclados a suas próprias invenções. Enquanto movimenta-se pela cozinha - espaçosa e iluminada pela luz do sol que entra pelas janelas - em busca de utensílios necessários a realização de sua obra, relembro a entrevista anterior, quando dizia-me que não cozinhava nada com receitas⁶³. De fato, os gestos rápidos que picavam e misturavam os temperos para o recheio da carne que estava sendo preparada, mostravam a habilidade em manipular os alimentos e utensílios à sua volta, como se todos eles fossem uma extensão de seu corpo (LEROI-GOURHAN; 1965). Gestos da transformação da matéria, totalmente imbuídos de um saber transmitido ao longo do tempo, observados nos gestos de outras mãos.

Paulo Renato

- Uma outra coisa engraçada e que difere eu e Malu [sua esposa] na cozinha é que eu não tenho receita de nada... e a Malu não erra nunca né, mas ela também segue rigorosamente a receita. Mas eu aprendi tudo com o pai e a mãe.. é um tanto... bota um tanto de banha, um tanto disso e um tanto daquilo e tu faz... “é um ovo” “ah eu botei dois” “tudo bem” Como tudo bem, muda tudo né, mas para eles não mudava... pro pai então, não mudava nada a receita do pai... por isso que eu não aprendi a tal da massa podre, porque quando eu quis aprender ele já não fazia mais, já estava doente...

Momento de intimidade irrestrita, os únicos sons que podíamos ouvir relacionavam-se aos elementos da cozinha, facas largadas em cima do balcão de pedra, a porta da geladeira abrindo ou fechando, as portas de armários no mesmo movimento, a torneira aberta e a água escorrendo. Paulo começa o preparativo de sua refeição apenas com uma bacia, cujo conteúdo era a carne a ser cozida e, pouco a pouco, vai explorando o espaço da cozinha em busca dos outros elementos necessários. Facas para picar os temperos, uma tábua pequena onde pode realizar tal tarefa, algum condimento na geladeira. Sai da cozinha de repente, em direção ao pátio dos fundos de sua casa, cuida seus movimentos e vejo que procura algo entre as folhagens variadas que existem neste espaço, arranca algumas folhas e volta em seguida para lavá-las e picá-las, gestos precisos e minuciosos, mas também ágeis. Em pouco tempo, o

⁶² Por equipamento de som refiro-me ao gravador digital de *minidisc* e a dois tipos de microfones diferentes, um direcional e outro multidirecional que utilizo para as captações de som em campo.

⁶³ “À medida que se adquire experiência, o estilo se afirma, o gosto se apura, a imaginação se liberta e a receita perde sua importância para tornar-se apenas ocasião de uma invenção livre por analogia ou associação de idéias” (DE CERTEAU *et alli*; 1996:271).

“momento da mistura” vai chegar ao fim e a carne vai para a panela. Mas antes ela precisa ser recheada e, então, Paulo vai tomá-la para si e com uma faca atravessá-la, para que seja possível inserir a mistura preparada.

Impossível não evocar as formas analisadas por André-Leroi Gourhan (1965) no que diz respeito ao gesto humano de relacionar-se com o ambiente à sua volta, ao domínio das técnicas e aos esquemas simbólicos que tecem estas maneiras de integrar-se no cosmos. O cuidado devotado ao alimento a ser produzido, criado, revela o ponto culminante dos atos que observamos, primeiramente, no espaço da feira-livre. As trocas sociais estabelecidas lá, através da jocosidade e do riso, são restauradas neste momento de concentração alquímica que destina-se a satisfação do outro (DE CERTEAU *et alli*; 1996) através do contato físico, corporal com a matéria a ser digerida⁶⁴. Neste sentido, as imagens da transformação da matéria redobram-se infinitamente do alimento bruto transmutado em refeição, e desta, em uma massa disforme a ser digerida, transformada no excremento expulso do corpo (DURAND; 2001).

Depois da carne estar devidamente recheada e “lambuzada” com a mistura de temperos feita por Paulo, ainda há a preparação da panela. Mistura de óleo com um pouco de açúcar, “para dourar”, leva a panela ao fogo até que esta mistura chegue a um determinado ponto ideal para que receba a carne. Estamos no limiar do próximo momento, o deleite da sociabilidade em volta das panelas da cozinha, na espera da ação do fogo no tempo para que a refeição esteja pronta. Ainda não conversamos, e Paulo analisa cuidadosamente as mudanças na mistura da panela até que julgue possível colocar a carne. Como esta lá dentro, resta-nos esperar que fique pronta e saborosa.

Paulo ainda preocupa-se com a cozinha, com a Impeza de seus utensílios, com a ordem que deve ser restabelecida ao seu *atelier* cotidiano. O tempo de preparo não foi muito longo, entretanto, não saberia precisar em minutos, quinze, vinte, meia hora, não sei, pois a ritimicidade dos gestos de preparo da refeição não me parecia compatível com a cadência dos minutos do relógio. Em minha percepção da passagem do tempo em relação ao início da “arte de fazer” de Paulo, estavam colocadas minhas representações sobre o “tempo despendido com os fazeres da cozinha”, um tempo longo, “gasto”, confrontado com a celeridade de

⁶⁴ “O último elemento cuja importância eu gostaria de assinalar nas condutas alimentares e que tem um papel fundamental é sem dúvida a proximidade íntima, corporal e afetiva, com as práticas amorosas. Evidência concreta: nós comemos com a nossa boca, orifício corporal cujas partes (lábios, dentes, mucosas internas) e funções (saborear, tocar, lambear, acariciar, roçar, salivar, mastigar, engolir) intervêm em alto grau na relação amorosa [...] O amor é cheio de uma fantasmagoria de devoração, de assimilação canibal do outro a si mesmo, nostalgia de uma impossível fusão identificatória” (DE CERTEAU *et alli*; 1996:264).

movimentos e o prazer da criação que eram expressos na concentração de Paulo para com a comida.



Mas ainda não são nove horas da manhã, seus familiares começam a surgir do interior da casa para a cozinha onde já está uma mesa posta para o café-da-manhã. As sonoridades mudam com as vozes que começam a preencher o espaço da cozinha, pois já passamos para um segundo momento da “feitura” da comida, no qual a concentração dá lugar a sociabilidade, às trocas de palavras. Enquanto prepara um suco para seu filho e termina de arrumar as coisas da cozinha, Paulo brinca com a situação de estar sendo gravado, reflete sobre o preço do *cachê* que vai cobrar, das coisas que vai poder comprar depois da gravação. Passamos para um momento mais lúdico e descontraído que vai dar ensejo para a continuidade da entrevista. É claro que seus cuidados para com a carne que está assando na panela não cessaram, sabe que vai precisar colocar mais água, virar a carne, pequenos detalhes que compõem a cadeia de gestos necessária para a realização e sucesso da refeição que está por vir⁶⁵.

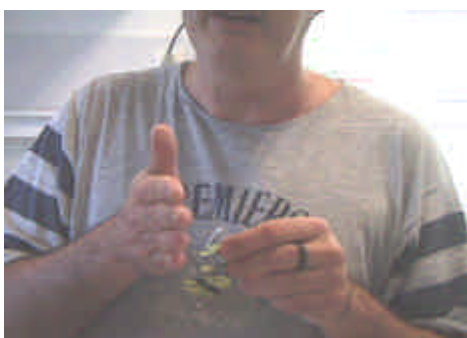
Depois de observar seus gestos rápidos de preparação da comida, nada melhor do que uma descrição da receita, ou melhor, uma descrição das práticas aprendidas, repetidas e inventadas de preparo da refeição. O próprio ato de “passar uma receita” já a reinventa para o interlocutor, colocando as “artes de nutrir” em uma dimensão do saber que pede a observação e “imitação” do gesto (DE CERTEAU *et alli*; 1996). Com a carne na panela, estamos no momento de satisfazer as curiosidade e descobrir os segredos do prato a ser preparado. No entanto, estes segredos não são possíveis de serem relatados, pois são inerentes ao ato de cozinhar de cada um, composto a partir de suas peculiaridades.



Paulo Renato

- Como é que faz? Bom, quanto não tem, né... tu sabe que eu não sei dizer o quanto... Pega... pode ser tatu ou... ou... ou alcatra que são carnes macias, o tatu é um pouco mais rígido, mas dá pra furar e rechear do jeito que a gente quer... bom, daí... primeiro é os... agora começa os tanto... umas três ou quatro folhinha... é... daquele chá que se faz... eu não sei o nome daquele chá... tomilho, alecrim, manjerição... que é da... da... que eu tenho lá no vaso da frente e... tomilho que é seco... Bom aí é aquilo que vocês viram, pica aquele negócio todo, bota um tanto de sal que eu não sei quanto é... um punhado, depende da quantidade... se é um tatu grande, se é um tatu pequeno e... alho... bem picado para ele não ficar... antigamente eu fazia assim com a fatia né, mas aí tem gente... as pessoas não gostam... quem não gosta de alho não curte morder o alho, então tem que picar bastante porque o gosto é o

⁶⁵ “A receptividade sensorial também intervém: mais do que o tempo teórico de cozimento indicado na receita, o que informa sobre a evolução do cozimento e sobre a necessidade de aumentar ou diminuir o calor é o cheiro que vem do forno” (DE CERTEAU *et alli*; 1996:219). Neste sentido, podemos constatar ainda uma vez que o ato de cozinhar está diretamente relacionado com o corpo e suas sensações e percepções.



mesmo e ninguém sente depois, na hora que cozinha... Que mais... aí mistura... pra ficar vermelhinho bota um pouco de massa de tomate e vinagre... Quando é tatu recheado mesmo a gente fura e bota lá dentro um pouco de tempero com um recheio... ou cenoura, ou ovo, ou... aí é recheado, eu não faço recheado quase... eu abro para ajudar a enfiar tempero lá pra dentro pra temperar por dentro, né... e aqueles talhos também é pra isso, é pra poder enfiar o tempero... o tatu é uma carne muito densa... digamos assim... então se não furar, o tempero custa a entrar... E... para ela ficar douradinha, bota um pouco de óleo... na... na panela e bota açúcar, bota açúcar porque quando o açúcar começa a... a dourar... larga a carne lá dentro e aí ela fica com essa cor, né... se não ela fica com cor também, mas leva tempo, assim acelera... E uma coisa que me ajuda é que eu tenho tendência de usar muito sal e o caramelado me... eu fico mais tranqüilo porque empata... dificilmente eu erro e faço uma carne salgada... para o gosto médio, né... porque pra mim particularmente ela nunca é salgada... outra comida que eu não faço isso às vezes eu erro... coloco sal demais... Bom, aí tem que deixar fritar, fritar... a gente vai virando enquanto não tem água, pega e doura tudo, aí depois quando ela tiver bem douradinha, de tudo que é lado, bota água aí ela vai ficar aí cozinhando... A mãe usa panela de pressão agora, a mãe se modernizou primeiro do que eu... E às vezes, se eu quero que ela fique mais dourada, eu deixo essa água que está aí secar, até ela fritar de novo, até quase queimar, aí bota água de novo... Ela vai ficar aí por uma hora, uma hora e pouco, em fogo baixo cozinhando. Bom depois é o final... tira a carne, o molho que sobrou prova pra ver se tá legal, se não tá faltando alguma coisa, coloca mais o que tiver faltando, aí é o gosto do freguês... e o resto é uma massa comum, cozinhada em caldo Knorr e com sal... e depois joga aí dentro...



1.2 AO REDOR DA MESA: “O VALOR ONÍRICO DOS ALIMENTOS”

As imagens “narradas em gestos” por Paulo Renato ao preparar a comida, e, logo após, ao relatar a receita compõem uma cadeia complexa de “saberes e fazeres” que, segundo as histórias que relembrou durante a entrevista, foram sendo construídos ao longo do tempo, desde os “tempos da infância”, enquanto ficava ao redor da mesa observando e experimentando as comidas, doces e salgados que iam sendo preparados por sua mãe e suas tias, ou por seu pai. Neste sentido, o gosto pelos assuntos da cozinha, pelo cuidado e preparo dos alimentos, os gestos de misturar, picar, amassar, o saber de preparar o condimento adequado para cada tipo de produto relacionam-se a esquemas gestuais (LEROI-GOURHAN; 1965) vinculados a uma elaboração simbólica do mundo, que no caso de Paulo Renato, vão sendo apreendidos na observação de outros fazeres (DE CERTEAU; 1994), na poética de outras mãos, fazeres que são reelaborados no seu cotidiano.

Paulo Renato

- o pai era confeitiro... então ele que enfeitava os nossos bolos de aniversário e essas coisas todas... aquilo também era uma cena deliciosa em volta da cozinha, porque parava eu e o Deto para chupar aqueles canudos que ele fazia com papel cera... enfiava o merengue colorido lá pra dentro... cada um mais delicioso que o outro... a gente chupava saía assim no final ... até os olhos de tanto açúcar, né... mas isso era um ritual... todos os aniversários todas as festas que tinham bolo e torta tinham essa cena em volta, né... Por outro lado, a mãe, a Nilza, elas preparavam os docinhos e os salgadinhos, né... então tem histórias que eu me lembro... tem a história do croquete da bota, o croquete da bota foi um dia que a massa do croquete caiu inteirinha no chão em cima das botinhas de lã delas... elas juntaram tudo e continuaram amassando, e aí ficou... o croquete da bota, nunca mais ninguém esqueceu, não era pra contar pra ninguém mas a gente sabia porque a gente estava sempre em volta, né... E era com muito gosto... elas faziam... elas se juntavam... também isso né, elas se juntavam mesmo... isso eu tenho até hoje...



As cenas lembradas por Paulo ganham a dimensão de um ritual – de certa forma alquímico e mágico – que se passa na cozinha, na fabricação dos mais variados tipos de alimentos que faziam parte de seu cotidiano na infância, onde misturavam-se os gestos paternos e maternos na confecção de vários sabores. A particularidade representada pelo fato do pai ser padeiro e portanto, também compartilhar do “universo da cozinha”, ocupando um espaço eminentemente feminino, possibilita um trânsito entre diferentes formas de situar seu gosto pela culinária que estão referidas nos gestos da mãe e do pai nas suas respectivas “artes de nutrir”. As imagens destes espaço íntimo da casa e da cozinha, resignificadas em ritual e festa, tecem uma trama de relações e significados atribuídos ao ato de cozinhar que translada o caráter ordinário⁶⁶ geralmente atribuído a este fazer para uma dimensão poética das relações e afetividades colocadas no alimento produzido a partir dos gestos compartilhados.



Paulo Renato

- a mãe abastecia a casa... a mãe comandava a casa... bom dizer que a mãe comandava a casa é uma... é uma repetição, um pleonasmo... A mãe comandava realmente, ela escolhia, ela comprava, mas ela sabia, né que tinha coisas que o pai fazia... então ela também comprava coisas que eram da cozinha do pai... A cozinha do diário era ela que fazia... o pai era o cozinheiro de fim-de-semana, invariavelmente... ou pelo churrasco, ou por massas deliciosas que ele fazia... Bom, ele era padeiro, então ele sabia fazer pastelões... o famoso pastelão de camarão que o ‘desgraçado’ morreu e não me ensinou a fazer, a massa podre que eu não sei fazer e não vou saber fazer então vou morrer também sem fazer... é maravilhoso, uma massa podre que ele colocava na forma e recheava com molho de camarão que também era ele que sabia fazer e tapava em cima, pincelava com ovo e aquilo era uma delícia...



- A cozinha... na cozinha eu gostaria de saber mais, na cozinha eu gostaria de ter mais domínio sobre ela, quase que teórico assim, né, das coisas da cozinha que eu descubro sozinho, porque... eu não dividia a cozinha com eles, entendeu... eu fui obrigado a aprender a fazer as coisas todas a partir deles mas eu não dividia, assim... a gente acompanhava os rituais de decoração do pai, mas não... ele que fazia... eu aprendi a fazer pão, não sei o quê com ele, pastel com a mãe, mas ela que fazia... por isso que eu acho... algumas coisas é dele... Eu acho que o prazer de cozinhar é do pai... aquilo era muito prazeroso... o famoso

⁶⁶ Por “caráter ordinário” quero referir ao pouco valor atribuído ao ato de cozinhar como prática cotidiana que envolve províncias de significados específicas, colocadas na trajetória social de determinados grupos/indivíduos no âmbito da sociedade moderna, mais especificamente no mundo urbano. No caso desta pesquisa, as “artes de nutrir” a que me refiro estão voltadas justamente para esta dimensão cotidiana do ato de cozinhar, na tentativa de estabelecer relações deste gesto com as formas de vida na cidade.



pastelão, a massa que ele fazia, o nhoque que ele fazia... acho que o prazer de cozinhar é do pai... e a qualidade é da mãe, porque a mãe cozinha muito bem, então talvez a busca da qualidade, a busca da excelência talvez venha dela, das coisas dela... Até hoje tu come aquele arroz com lentilha que é de chorar de cabeça para baixo... Isso o pai nunca buscou, ele fazia bem as coisas e ponto, ele gostava muito, ele... A mãe, como em quase tudo, as coisas da cozinha eram muito formais, assim... o pai era uma esculhambação na cozinha... eu não sou esculhambado, mas... é como se ele vestisse a cozinha, ele se enfiava dentro dela, isso eu gosto de fazer também... sou organizado, né... quando eu termino de cozinhar não tem nada sujo... mas eu gosto de me enfiar lá dentro, eu gosto de me sentir... por isso que não pode falar comigo na hora que eu tô misturando, naquele momento eu tô absolutamente dentro da cozinha...



Retomando as imagens dos gestos que Paulo Renato acionou a cada momento em que preparava a refeição que acompanhei, evoco os “tempos” de sua narração, ao relacionar sua intimidade com as “artes de nutrir” aos saberes dos pais, aos atos cotidianos que pôde experimentar na cozinha da casa de Teresópolis. Mais do que nunca, aqui o termo de Michel de Certeau (1996), “artes de nutrir”, ganha uma densidade que está presente no fato deste gesto direcionar-se ao nutrir o outro, gesto sobre o qual Paulo Renato passa a refletir enquanto persegue as suas lembranças das aprendizagens da cozinha. Reconfigurando (RICOUER; 1994) as imagens de sua infância na cozinha de sua casa atual, Paulo oferece ao seu filho, os saberes que aprendeu de seus pais, não estabelecendo uma situação formal de transmissão direta de um saber-fazer, mas no desejo de satisfazer suas vontades e prazeres degustativos a partir da restauração de sabores que também aprendeu.

Enquanto espera e cuida a carne que está sendo cozida, prepara já um novo ritual, este tão ou mais importante do que o anterior, pela simbologia a que remete: a ciência de fazer pão. Talvez, penso agora, Paulo Renato não concorde comigo ao me ver falar de ciência para designar seu “fazer o pão”, sem um método preciso, sem especificar as quantidades de cada ingrediente, enfim, sem uma receita “formal”, mistura quantidades “não medidas” dos ingredientes – farinha, fermento, sal, açúcar, leite, etc – e com as mãos começa a amassar a mistura que se formou, até que adquira uma consistência e textura adequada para o alimento desejado. Neste fazer, também “molda a matéria do tempo” (BACHELARD; 1988), ao confrontar suas lembranças dos gestos dos pais e as aprendizagens decorrentes disto, com sua maneira de “estar no mundo” hoje. Neste sentido, o ato de fazer o pão ganha uma dimensão infável na sua reelaboração de tantos gestos, na reflexão de quantos “outros” compõem a matéria de si mesmo de Paulo Renato. Então, preparada a massa do pão, ela agora precisa crescer até que esteja pronta para ir ao forno. Paulo coloca-a numa bacia enrolada em um plástico e dirige-se até a frente de sua casa, onde deixa a bacia com a massa do pão em cima de uma cadeira, ao sol.

Paulo Renato

- na família da mãe, as mulheres, as irmãs dela sempre... me parece né, essa é a minha leitura de criança, né... sempre nos pareceram velhas do interior, algumas delas excelentes cozinheiras, mas eu me lembro, da família da mãe, todas as irmãs de fazerem excelentes pães de casa... então isso é direto assim, o meu gosto por fazer pão, por aprender a fazer pão vem delas, direto delas... a minha avó fazia um pão que era de chorar nos canto... de tão bom,. a avó da mãe... Teve uma época que o pai fez um forno de



barro lá e era um terror assim... E o pão tem ritual... a mãe como não tem ritual de nada ela acabou... Mas ela acabou fazendo pães mais deliciosos ainda que o da minha avó, só que eram completamente diferentes, minha avó levava um dia para fazer pão... preparava o fermento, não sei o que, tinha toda uma posição aonde se faz na cozinha... era do tempo do fogão de ferro, então crescia do lado do fogão de ferro... tinha toda uma cena que a mãe acabou com tudo... A mãe chegou, batia e tá bom, tá pronto...claro, para variar os pães da mãe eram maravilhosos, enormes... enquanto o da vó era pão de fora mesmo, assim aquele pesadão, duro, delicioso... bom eu sinto o cheiro do pão de milho na folha da figueira que a minha avó fazia no fogão de ferro da mãe... Então o pão tem isso, né ele faz parte de um ritual, porque... bom aí vem a parte do pai... o pai era padeiro, né... então o pai também fazia pão... e era diferente delas, né... o pai fazia um pão batido, mais na linha de um pão de padaria... que eu aprendi a fazer também...



Minha surpresa com seu gesto de levar o pão para a rua é acomodada por suas próprias lembranças da morada em Teresópolis, das suas relações com um bairro muito afastado do centro da cidade, quase um bairro rural. Nas suas palavras e na forma com transita hoje por sua casa de peças amplas e arejadas, vê-se a resignificação de uma vida vivida em outro ritmo. Neste caso, Paulo Renato transita entre as imagens de um passado “quase rural” nos “arrabaldes” de Porto Alegre e as formas da vida moderna compostas de “um tempo agitado” (BACHELARD; 1988) e das imagens da evolução da tecnologia que permeiam o *modus vivendi* de algumas camadas urbanas. Nas suas palavras, morar, atualmente, em uma casa onde pode plantar suas ervas e temperos, “fuçar na terra”, permite associar ritmos distintos e igualmente agradáveis ao seu cotidiano, resgatando uma série de elementos que se referem ao tempo em que morava em Teresópolis e vinculando-os a atual ritimicidade de sua vida e de seu trabalho. Não se trata de recolocar aspectos de um cotidiano que já passou, mas perceber as formas que estes indícios do passado tomaram na sua vida atual. Estas considerações sobre sua forma de vida se colocam a partir de um gesto reflexivo sobre o tempo e suas transformações, as mudanças e escolhas pelas quais passou e que agora são reconfiguradas em seus atos cotidianos de nutrir a casa.

Paulo Renato

- Teresópolis... eu nasci em 51... Teresópolis... a Vila São Caetano, que é bem a esquerda, na frente da igreja, ali, né, a esquerda pra cima é a Vila São Caetano. Aquilo era um loteamento, que na época era um loteamento de classe média, tanto que a minha mãe e o meu pai puderam comprar um terreno e construir uma casa, classe média mesmo, média média e... aquilo era um loteamento bastante afastado do centro da cidade, nós tamos no início da década de 50, então havia uma... bem como tem agora essas áreas de expansão que são longe da malha urbana, longe, né da... Existia só... o acesso era através da... da antiga e atual ainda Av. Teresópolis, e contam eles que naquela época tinha... eram uns microônibus que iam pra lá quase como se fosse uma lotação hoje, só que aquelas bicudas e... e os táxis tinha que chamar e eram os velhos táxis cristaleira, foi com o qual eu particularmente, a mãe foi levada para o hospital para mim nascer...

- tinha, tudo o que a gente tinha direito como boa cida... bairro quase do interior, né... a Silvério Souto é a última rua quando... na beira de um arroio, do outro lado do arroio é uma outra rua, Costa Lima, que não faz parte da Vila São Caetano, então realmente o arroio é o limite. E ... bom esse arroio, além de ser uma imundice, quer dizer, uma imundice depois, na época a gente brincava como se tivesse brincando no mato, escalava árvore, tinha ponte de madeira, tinha corda pra fazer Tarzan e volta e meia caía dentro d'água e nunca ninguém foi para o hospital por causa disso e nem pegou pereba nem nada, mais adiante não tinha como entrar mesmo que aí começou a crescer o processo de urbanização e é engraçado porque era um misto, né, um misto de urbanização, com o hospital que largava seus esgotos e larga ainda, com coisas rurais, por exemplo as casas que ficavam de fundos para minha, do

outro lado do... a tal da avenida Costa Lima que na verdade era uma rua... nem calçada era... era uma rua absolutamente rural assim, eram terrenos imensos e criavam porco, cavalo, gado, não sei o que, galinha... já na Vila São Caetano a gente fazia tudo isso mas tudo confinado, né a galinha tinha galinheiro, porco não existia, né, porco não, e cavalo e vaca também não...

No relato de suas lembranças, as artes de nutrir com as quais conviveu estão estetizadas no contexto de um bairro em formação, longe do centro de Porto Alegre, onde nasceu e morou durante muitos anos. Ainda na década de 50, alguns bairros da cidade que hoje estão completamente urbanizados e modernizados, viviam uma realidade de “arrabalde”, onde existiam algumas chácaras, casas bastante afastadas umas das outras, inseridos em uma temporalidade distinta daquela existente nos bairros mais centrais, com maior facilidade de transporte, comércio, abastecimento de alimentos, etc. As imagens do bairro Teresópolis, evocadas tanto por Paulo Renato, como por Dona Alda, convergem para a ambiência de um lugar distante e de acesso não muito fácil, e onde começavam a ser estruturadas alguns sistemas de moradias que iniciariam o processo de urbanização do bairro, quando o terreno da casa onde moraram foi comprado.

Ao refletir sobre o tempo e suas transformações, Paulo Renato, descobre as peculiaridades deste contexto que compõem seu “estilo de vida” atual, inserindo em sua vida cotidiana uma série de atos e hábitos que dizem respeito a sua significação da rítmica deste tempo (BACHELARD; 1988) de Teresópolis.

Neste caso, enquanto esperamos que o pão cresça e a carne fique pronta, Paulo Renato narra histórias sobre a feira-livre que freqüentava junto com a mãe – Dona Alda – em Teresópolis, como uma parte significativa destas vivências do bairro, de tal forma que ainda estão presentes na maneira como procura estruturar suas atividades cotidianas e semanais hoje. Na cadeia de gestos que compõem as suas artes de nutrir, estão colocadas também as práticas de “fazer a feira”, como um aspecto fundamental de sua construção de um estilo de vida que permita o trânsito entre as diferentes ritmicidades a que referi acima. Paulo Renato “remexe” nas imagens da memória se para perguntar se o seu prazer em freqüentar a feira-livre decorre das inúmeras vezes em que foi à feira-livre com a mãe, das cenas que presenciava, das situações das quais fazia parte.

Paulo Renato

- essa feira grande que volteava toda a praça todas as sextas-feiras, era às sextas-feiras de manhã, a feira... sempre foi ali, ou era atrás da igreja, ou era na frente da igreja, mas sempre foi ali em volta da praça de Teresópolis... Bom, primeiro todos os caras das bancas conhecem a gente pelo nome, hoje

não, mas na época conhecia... Havia... não tinha jeito da mãe parar na frente de uma banca pra comprar sem armar uma conversa com todos eles então, fazer a feira na época levava a manhã toda. E a mãe gostava de conversar, e tinha que chorar, e tinha que não sei o quê, e de vez em quando tinha que botar uma alface a mais na bolsa e tinha que enrolar o cara, tu entendeu, tinha toda uma cena na feira... então tinha que comprar bolacha aí “essa bolacha tá quebrada”, né... Então, aí tinha que comprar quebrada mesmo, né... porque aí o pai começou a passar mal, tinha... era 62, então era quebrada mesmo, mas claro que a mãe negociava até o último cartucho para não ser tão quebrada quanto ela tinha dinheiro para pagar... então era muito engraçado... é por isso que talvez eu goste, né...

- Então ela comprava muito e a feira, de lá de casa, dá mais ou menos uns quinhentos metros... só que quinhentos metros lomba a cima... eu era criança, ela... tinha força, mas não tinha como carregar quatro, cinco, seis sacolas de rancho, né, de coisa. Então lá na feira de Teresópolis tinha uns guris que tinham uns carrinhos de madeira, com roda de madeira e com... eles botavam é... eles botavam uma borrachinha assim em volta pra roda... pra não fazer barulho, não porque aquilo era um critério, a qualidade do carro era um critério para escolher... e a gente olhava “ ah não, essa roda tá uma merda...”, o cara que ia fazendo barulho também ninguém gostava porque ia nas pedra brlbrlbr... então tinha uns que eram mais sofisticados e tal... carrinho de obra... e esses guri cobravam uma grana para subir a lomba, e era muito engraçado porque a mãe entupia aqueles pobre daqueles guri com um monte de coisa, de rancho, e alguns eram magrinho, e subiam, suavam, suavam, suavam... eu morria de pena porque eu imaginava os sacos dos guris caindo pelo caminho, quando as compras não caíam e a mãe ia tocando como se fosse tocando ovelha, ia acompanhando e xingando o pobre do guri que tava deixando cair as coisas... quando a roda não trancava numa pedra do calçamento e o guri quase caía...

Esta condição de freqüentar a feira-livre com a mãe em outros tempos, de estar imerso nesta ambiência de anúncios de produtos e negociações com os feirantes, são retomadas em suas preferências atuais no que concerne ao ato de fazer as compras. De certa forma, toda a sua relação de envolvimento e intimidade com os alimentos, no momento de preparação da comida, é retomada também na relação espacial que estabelece com o “estar na feira”, as trocas verbais com os feirantes, a grande quantidade de pessoas que compõem este cenário, a possibilidade de aproximar-se do produto que é colocado a venda, experimentá-lo, tocá-lo. O elemento que Paulo Renato procura na feira-livre é mais do que simplesmente o alimento a ser comprado, mas sim um certo prazer de estar envolvido com os esquemas de imagens que estetizam a ambiência da feira para além do momento presente, em que está percorrendo os corredores e escolhendo seus produtos, mas que reúne pontos importantes de sua história na conformação de seu estilo de vida, de sua forma de estar no mundo hoje.

Em seus relatos, esta relação com o espaço da feira-livre, o tipo de ambiência, a descrição destas relações sociais que acontecem neste tipo de evento, evoca também uma

relação com o espaço da cidade e com as formas de comércio de rua que compõem e compuseram o cenário urbano de Porto Alegre, tendo em vista o fato de um bairro afastado do centro, um “arrabalde”, já contar com um feira-livre para as compras semanais. A atualização destas práticas de “fazer a feira” de Paulo Renato, hoje, remetem ao lugar destas trocas sociais no âmbito da cidade e das cenas que habitavam e ainda habitam o cotidiano urbano no sentido de “produção” (DE CERTEAU; 1994) deste espaço.

Paulo Renato

- Porque que eu detesto supermercado, não é porque tem um monte de gente, porque a feira também tem um monte de gente, na feira tu também briga por espaço na frente da banca, chuta as... as canela do cara que tá na frente... as bolsa na tua frente, enfim... a diferença é porque a feira ela continua até hoje com aquele... aquele estilo gritado, né aquela coisa de... de... é uma relação direta mas também... Porque isso tu não tem no supermercado, né, não tem isso é uma coisa chata, é uma... é uma... escolha tua e aquelas coisas ficam parada ali, tu não tem com quem brigar, não tem com quem bater boca, não tem com quem fazer essas coisas... Fora isso, a sensação de que na feira as coisas são mais naturais, mais saudáveis, mais bonitas... Claro que é sensação, mas elas não estão empacotadas, elas não estão todas na frente do teu olho, tu pode julgar com os teus... com os teus... teu toque, teu cheiro, teu gosto, se for o caso, né, sempre te dão uma provinha, sempre... não tem isso no supermercado, tu não vai provar melancia lá... a feira é uma festa, porque o cara grita, o cara chama, “Ó freguesa”, “tira a mão...”, não sei o quê, xinga o outro da outra banca, tem toda uma cena que se estabelece que é um teatro que é diferente.. É uma triangulação, né. Porque o cara diz que o produto é bonito, tu quer saber se é mesmo, tu tá olhando e vê que é mas tu fica negociando com o cara, então se forma essa triangulação que no supermercado...

As imagens evocadas da feira-livre são colocadas na narrativa de Paulo como uma tática (DE CERTEAU; 1994) de relacionar-se com o espaço público de forma prazerosa, referindo-se a um estilo de vida particular, no qual importa as relações de sociabilidade que pode estabelecer com outros indivíduos ou grupos. De acordo com Michel Mafesolli (1987), tratam-se das “formas sensíveis” da vida cotidiana que dão significado a diferentes hábitos e costumes dos grupos sociais no meio urbano, ou seja, a experiência das peculiaridades das relações que são estabelecidas no ambiente da feira-livre, a partir das trocas diretas entre fregueses e feirantes, indicam uma dimensão “coletiva” (MAFESOLLI; 1987) da vida social, na qual o diálogo entre indivíduo e sociedade é deslocado em função deste plano de relações pessoais. Trocar o anonimato das compras no supermercado para a pluralidade das formas de se relacionar com “os outros” na feira-livre, evoca a adesão a um “estar junto”, num

compartilhar de simbologias e imagens que na sua diversidade – das trajetórias sociais que se cruzam – compõem um mosaico complexo que aproxima “estilos de vida” diferentes.

Paulo Renato

- Porque que é diferente no super? Porque aí eu não tenho relação nenhuma com aquilo, tu vai passando vai pegando, botando no carrinho, tu tá pagando... tem até propagandas que o cara volta, né... porque no hábito ele pegou e se esqueceu de uma que tá melhor, que tá não sei o quê. Tu olha preço e deu, né... porque é tudo uma massa... Lá eu não quero ficar tanto tempo... A feira não importa, a feira pode tá lotada, eu vou a todas as feiras... eu vou naquela do Bom Fim.. eu ia... quando tinha o atelier lá... na José do Patrocínio... tinha aquela lá da Epatur, eu ia lá... No Rio de Janeiro quando eu passava a maior parte do tempo estudando ou fazendo curso, eu ia sempre na feira em Copacabana, tem uma maravilhosa lá, com peixe, entendeu... em São Paulo, em Pinheiros, tem uma feira que sobe a Teófilo Sampaio inteira, é uma delícia, é feira que não acaba mais..

Esta ruptura com certas formas de vida urbana que separam, isolam, os indivíduos em seus mundos, coloca esta ambiência de mercados e feiras como um espaço privilegiado de trocas e sociabilidades no contexto do espaço urbano, tendo em vista o trânsito que é permitido entre o público e o privado, ou seja, entre as relações diretas com os feirantes e vendedores ou o simples caminhar por entre os corredores do mercado, apreciando a estéticas das formas de “estar no mundo” (DE CERTEAU; 1994). Na transição entre estas formas de habitar o espaço urbano, a negociação com diferentes “universos simbólicos” (VELHO; 1999) compõe uma gama de possibilidades de relações sociais que se tornam constituidoras de certos sujeitos ou grupos sociais. Neste sentido, o caráter de “festa” evocado por Paulo Renato, ao situar a feira-livre em sua experiência temporal, sugere as múltiplas formas de vida que são acionadas na constituição de suas preferências atuais.

Paulo Renato

- Eu vou na feira mais próxima de mim, a feira do bairro. A relação é essa é espacial.. é a do Teresópolis, mesmo, quer dizer, aquilo era a minha feira, mas era a minha feira porque ela... Faz parte da minha gente aqui, da minha turma, eu encontro sempre as mesmas caras na feira do Bom-Fim... tá certo que não é aqui pertinho, mas as caras são as mesmas... eu me reconheço mesmo que eu não me dê com as pessoas, mas eu vou tantas vezes que eu olho e... ah, lá tá o fulano de novo, lá tá a velhinha, lá tá o cara do cachorrinho, eu acabo me sentindo parte daquele negócio embora nem cumprimente as pessoas.

No caso de Paulo Renato, ele relata, enquanto tomamos chimarrão em frente a sua casa e esperamos que a comida fique pronta, suas escolhas em termos de um estilo de vida na

cidade, relacionadas aos campos de possibilidades (VELHO; 1999) em que insere sua trajetória social e sua vida cotidiana, ou seja, é restaurando certos costumes que viveu, em um ritmo diferenciado que o atual, que elabora táticas de organizar sua vida cotidiana. O “fazer a feira” exige, necessariamente, um tempo em que se esteja voltado para as atividades “domésticas”, isto é, à preocupação em comprar comida e suprir a casa, atos que estão imbuídos de uma rede de significados (GEERTZ; 1989) constituída nas suas vivências. A preferência pelas compras na feira-livre estabelece, para ele, um momento específico de seu cotidiano, onde sua atenção está voltada para as “artes de nutrir”, ou seja, para os gestos e atos que dimensionam aspectos de prazer e de criação, de um contato quase que corporal com “as coisas”. De certa forma, voltamos às análises de Mikhail Bakhtin (1996) sobre a “liberdade” das relações e festas de praça pública, onde a vida é reinventada nas formas lúdicas de estar no espaço público. Esta estética da praça pública (BAKHTIN; 1996) é restaurada nos atos da cozinha, nas maneiras de organizar o tempo da casa e da culinária, aderindo às imagens da digestão (DURAND; 2001) presentes nos gestos de misturar, amassar, picar, etc.

Paulo Renato

- a feira é tipicamente uma questão de sobrevivência mesmo, a feira é.. é pra botar na... na despensa... feira é pra fazer a despensa... despensa é o quilo de batata da semana... é uma questão de semana, né... porque a feira é semanal... porque que o ato de fazer rancho, para mim pelo menos, é semanal.. é por causa da feira, por que a rigor, a rigor mesmo eu não preciso, né, o supermercado tá ali o tempo todo..

- A feira é o oposto do conceito de praticidade, obriga a sair de casa, tu não pode usar cartão de crédito, tu tem que levar as moedinhas tudo num cantinho porque tudo é dez centavos, três centavos, não sei o quê, tu tem que negociar com o cara, então não é nada prático uma feira, o contrário... tu tem que estacionar longe, tem que levar um carrinho porque se tu quer fazer... ou tem que levar uma sacola diferenciada porque não tem... agora já tem saco plástico também na feira, mas tu não vai vim com trezentos sacos plásticos, então tu tem que levar uma outra sacola para enfiar tudo aquilo dentro, ou um carrinho de feira, não é prática, a feira não é prática, logo ela te obriga a sair dessa loucura...

Estas conversas na frente de casa sobre a feira e as formas de vida na cidade, iam sendo intercaladas por outras narrativas, nos quais interrogava-se sobre suas “artes de nutrir”, refletindo à respeito de uma dimensão “onírica” da culinária, pois os temperos e ervas que utiliza para compor os “suas receitas” são primeiramente “imaginados” através do cheiro, com determinados alimentos e, é a partir desta combinação, que vai produzir uma refeição nova, uma carne vermelha ou um frango, por exemplo, que exigem tipos diferentes de ervas ou temperos para ficar com o sabor desejado. Em alguns momentos desta situação informal de

entrevista, Malu também participava narrando suas “bruxarias” com ervas e chás de algumas plantas, “bom para o cabelo, para cicatrização, para cólicas”. Malu é artista plástica e compartilha com Paulo Renato dos prazeres da cozinha, embora não faça compras na feira. Neste diálogo que se estabeleceu na frente da casa de Paulo Renato, fomos transitando entre as “artes de nutrir” e os gestos da cozinha, e as compras na feira-livre, tudo isso numa reflexão sobre a cidade e seus espaços de trocas e sociabilidades.

Quando o pão já estava crescido o suficiente para ir ao forno assar, desfez-se a situação de entrevista e Paulo Renato foi buscar sua mãe para o almoço. Foi quando conheci Dona Alda e iniciei com ela também um contato para ouvir suas histórias sobre a feira de Teresópolis. Como vimos, anteriormente, nos relatos de Dona Alda sobre a sua relação com as compras e a feira, e mesmo com Dona Geni, a forma de ver estes hábitos de “fazer a feira” guarda diferenças marcantes, tanto no que se refere ao gênero com a idade em relação a Paulo. As escolhas de Paulo Renato em frequentar a feira-livre, voltam-se para a outras significações atribuídas a estes gestos, sempre na relação estreita com a trajetória narrada. Dona Alda coloca este fazer, como também a culinária e suas artes de nutrir, no âmbito das táticas (DE CERTEAU; 1994) acionadas para driblar as dificuldades do cotidiano, como o alto preço das coisas no supermercado, a necessidade de “nutrir” e cuidar da casa e da família. Para Paulo Renato, por sua vez, todas estas atividades adquirem outras formas e outros significados, vinculados ao prazer de uma invenção.

Enquanto fiquei na sala conversando com Dona Alda sobre suas histórias, Paulo Renato cuidava dos últimos preparativos para a refeição, com a ajuda de Malu, o que ele diz ser uma cena raríssima, estarem os dois na cozinha preparando uma comida. Colocar a mesa, fazer a salada, nova cadência de gestos que compõem as artes de nutrir, afinal, o momento de sentar à mesa para comer é o *grand final*, no qual se compartilham gostos, sabores, cheiros e gestos que estão em todo o percurso desta manhã, desde os primeiros preparativos para o tempero da carne. É a realização do “potlatch⁶⁷” (MAUSS; 1974) entre os convivas, forma simbólica de celebrar o contrato de cada um com todos os outros e com cada outro, reafirmando, desta forma, um contrato ainda mais tácito, com a vida mesma e suas formas de manifestação. É nesta cena de sabores, compartilhados em volta da mesa, que retomamos a circularidade das imagens da digestão e dos esquemas simbólicos da intimidade (DURAND;

⁶⁷ “Potlatch quer dizer essencialmente ‘alimentar’, ‘consumir’,” (MAUSS; 1974) e está associado as formas de celebração de contratos nas tribos estudadas por Marcel Mauss (1974). M. Mauss vai usar o termo potlatch como um conceito a partir do qual pode refletir sobre as formas de contrato e associações, bem como de celebrações e trocas sociais não só referidos às sociedades que estuda, mas estende esta noção para todo o tipo sociedade,

2001) para experienciá-las em nosso próprio corpo, reafirmando nossos vínculos com o mundo.



tendo em vista o caráter, econômico, político, social, religioso, enfim, o caráter de fato social total agregado a este termo.

CAPÍTULO 2

A ARTE DE COZINHAR, EU ACHO, É A ARTE DE FAZER AMIGOS

As imagens que povoaram minhas inquietações durante o processo de pesquisa, convergiam para esquemas gestuais da manipulação da matéria (LEROI-GOURHAN; 1965) em diferentes âmbitos da vida cotidiana, redobrando-se da mão que apalpa uma fruta na feira, analisa, escolhe, para a mão que corta, pica, amassa, prepara uma refeição.

No trânsito entre estes gestos, buscava compreender como a cidade podia ser produzida (DE CERTEAU; 1994), e/ou também produtora destas formas de habitar o espaço público que se expressam nas trocas sociais presentes ao mercado-livre e ao comércio de rua e como estes gestos de adesão as imagens da intimidade digestiva (DURAND; 2001) reproduziam-se no âmbito da casa, no contexto “micro” das vidas cotidianas de certos sujeitos como constituidores de uma “visão de mundo” específica.

Assim, foi com este olhar que passei a me interrogar sobre Rita e suas artes de nutrir, uma psicopedagoga com quem tive a oportunidade de trabalhar por algum tempo em uma organização não-governamental voltada para a alfabetização de jovens e adultos. Muitas vezes a vi chegar nas reuniões, das quais participei, com uma grande sacola de palha contendo compras feitas na feira - frutas, temperos, alguns produtos diferentes - que eu, particularmente, não conhecia. Rita é uma mulher de seus sessenta e seis anos, que traz em seu andar e na sua postura corporal um ar de alizez e de leveza que podem ser representados na figura dos muitos lenços coloridos que alterna em seu vestuário, às vezes usando-os nos cabelos, outras vezes na cintura, ou ainda em volta do pescoço. Com o tempo, fui descobrindo que Rita possuía diversos dotes culinários e um certo refinamento que podiam ser “experenciados” quando ela preparava alguns molhos para saladas ou cremes que acompanharam alguns momentos de refeição da equipe de trabalho da instituição.

Estes gestos acionados por Rita na sua preocupação com a comida a ser servida, com a estética do prato produzido, com a arrumação da mesa, apresentavam sempre um ar de solenidade, em que todos os detalhes eram precisamente verificados e arranjados com todas as minúcias necessárias ao “artesanato da mesa”. As compras feitas e bem selecionadas na feira, a composição de saladas diversificadas e coloridas, os molhos com temperos específicos e “secretos”, compunham uma espécie de artesanato, no qual cada elemento era meticulosamente ordenado em relação a todos os outros. No entanto, mesmo com todo este requinte e precisão, Rita construía seus pratos e principalmente os molhos, de uma maneira única, que não poderia se repetir, pois nem ela mesma conseguia saber mais tarde todos os ingredientes que havia utilizado. Seguindo sua “intuição”, ia compondo sabores e cheiros para descobrir um produto final novo.

Foi na observação destes gestos que busquei dialogar com Rita sobre suas “artes de nutrir”, explicitando meu tema de pesquisa e propondo algumas conversas, nas quais, aos poucos, ia juntando fragmentos de sua história, inserindo-a de certa forma em um “contrato etnográfico” que resultou em entrevistas e outras conversas informais, nas quais muitas vezes trazia-me recortes de jornal sobre questões que tínhamos discutido, como os lugares de comércio de rua em Porto Alegre em outros tempo – Mercado Livre, Doca das Frutas, etc.

Neste sentido, comparo Rita com Dona Geni, pois enquanto Rita trazia-me, esporadicamente, dados importantes para o corpo da pesquisa, na forma de recortes de jornal e revistas ou de lembranças advindas de nossas conversas, Dona Geni ainda durante o processo de escritura desta dissertação, batia à minha porta para presentear-me com alguma de suas delícias, como bolos, pastéis, pães. Estes momentos se tornaram muitos importantes, pois mesmo que em um curto espaço de tempo, com uma conversa rápida, estabelecíamos uma espécie de troca, cujos termos não eram evidentes, mas eram tecidos a cada encontro, nos pequenos atos de fala e de escuta que envolviam tais situações.

Assim, ao ouvir o relato das histórias vividas por Rita, fui envolvendo-me em um “clima” diferenciado, numa cadência de palavras que constantemente retomavam as simbologias do alimento, a partir de metáforas das suas próprias concepções sobre o mundo. Ao anunciar sua relação com a preparação da comida e com os gestos delicados que executava nestas atividades, Rita parecia evidenciar sua forma de lidar com a vida e com as pessoas. Não somente o ato de cozinhar, como também o ato de comer ganham uma dimensão de solenidade. Nestes seus gestos, procura enfatizar um tipo de interação com as pessoas a sua volta que é mediada pelo papel fundamental que atribui ao ato de “nutrir-se”.



Rita

- e a arte de cozinhar eu acho que é a arte de fazer amigos, de se entrosar, porque... meu Deus... cozinhar é uma coisa tão... tão assim aconchegante, tão humana... que eu acho que não pode ser... eu acho tão terrível a minha mãe não gostava de cozinhar, eu sou o contrário da minha mãe, ela não gostava, ela preferia ler e então a gente tinha que se virar... E então eu comecei a pensar... “um dia eu vou cozinhar melhor para poder comer bem.”

- Bom.. é um gosto assim, uma intuição de misturar, digo assim, “bom se eu coloco isso dá um sabor diferente, mas que bom que fica isso”... eu fazia pesquisa, e na verdade ainda continuo fazendo pesquisa... é, então isso mistura com isso, esse sabor fica divino e isso aqui... eu curto assim de sair a comprar e preparar e descobrir, fazer... eu curto muito, mesmo com pouco tempo... eu acho que tem todo um ritual, um querer bem...

Na narrativa de Rita, a alimentação e a cozinha estão imbuídas de imagens que convergem para o esquema místico⁶⁸ das estruturas do imaginário humano (DURAND; 2001), pois faz emergir as formas e os símbolos da intimidade, dando ao gesto de misturar e combinar um valor humano, “aconchegante”, encontrando nestes gestos um “prolongamento” da própria vida no cosmos (DURAND; 2001), pois também “mistura-se com a matéria a ser moldada”, no mesmo sentido evocado por Paulo Renato ao “enfiar-se na cozinha”.

A indicação destas imagens da “viscosidade” (DURAND; 2001) e da mistura coloca em evidência mais uma vez a questão corporal como um aspecto essencial destas maneiras de “estar no mundo” ligadas ao ato de cozinhar e também ao ato de comer.

Seguindo as análises de Norbert Elias (1990) a respeito do “processo civilizatório” e às regras de comportamento impostas ao corpo humano, estreitamente ligadas às formas de alimentação, tanto no que se refere ao preparo da comida, como na própria situação de “sentar à mesa” para comer, podem ser percebidos alguns indícios de uma reelaboração constante de valores e de símbolos que permeiam as relações humanas com os alimentos, como no caso da Rita com suas misturas, pois mesmo apresentando um grande refinamento, ainda assim evocam esquemas gestuais arcaicos (LEROI-GOURHAN; 1965) que compõem as formas de estabelecer relações com o mundo.



Rita

- tem frutas que eu não conheço, que eu queria experimentar, até eu disse “qualquer dia eu vou comprar essa fruta, eu não sei...”, como o gengibre, eu descobri o gengibre dando uma mordida, achando ele ruim, mas eu comprei, botei fora e depois... Eu adoto o gengibre sabendo na minha... na minha culinária, e eu descobri depois fui ler, mas eu não sei, eu fiz como... por espontânea vontade e por necessidade, o nariz trancado e o gengibre me deixa... me ajuda na garganta e eu consegui... fazer um drible pra... como é que se diz pra... pra renite alérgica com o gengibre... Tem coisas que eu digo assim que eu tenho bastante intuição, eu sou intuitiva, “eu vou me curar com isso”, e me curei, me curei... sem nenhum problema... É e... eu não sei... eu tenho... eu gosto de... de trabalhar por exemplo com ervas, ervas finas que dizem, né, com cheiros, misturar sabores, e tem dias que faço, misturo, experimento e boto no lixo também, tem coisa que fica sem nada, né, mas tem coisas que ficam deliciosas, aí me perguntam e aí eu não sei o que eu fiz...



⁶⁸ “Daremos ao adjetivo místico o seu sentido mais corrente, no qual se conjugam uma vontade de união e um certo gosto da intimidade secreta” (DURAND; 2001:269).

Este saber intuitivo que Rita anuncia para referir-se às suas “artes de nutrir” parece ainda reforçado pelo movimento de suas mãos ao reproduzir os gestos de misturar e combinar sabores e cheiros, descobrir novas consistências, gestos que também estetizam suas reflexões sobre o tempo, ao narrar-me sobre o lugar onde morava, suas relações com os pais e irmãos. Da mesma maneira em que ia perguntado-se sobre suas formas de cozinhar e relacionar-se com os alimentos, num esforço para tentar explicar – para si mesma – o sentido destes gestos no seu cotidiano, buscava moldar suas lembranças de um tempo vivido (BACHELARD; 1988), na tentativa de arranjar as descontinuidades da memória a partir da perspectiva de uma circularidade entre a vida que viveu “lá fora”⁶⁹, os costumes e hábitos peculiares a um estilo de vida rural e as rupturas que se estabeleciam pouco a pouco com esta realidade, principalmente no que tange suas idas para a escola.

As idas e vindas de sua morada até a escola são um fio condutor, a partir do qual Rita parece estabelecer suas escolhas futuras, sua maneira de ser e de se relacionar com certos aspectos que considera fundamentais para um “bem viver” - uma boa comida, lençóis bordados, etc.

Rita

- mas lá era um lugar de se plantar, entende? Então ali o pessoal plantava milho, plantava mandioca, plantava trigo, (eu adorava o trigo), eu me lembro das paisagens do trigo, e... e era assim... de pequenos proprietários... das famílias mais próximas tinha... com a nossa nós éramos quatro, que seriam as quatro casas, quando tu vinha aparecia pela estrada, tu via as quatro casas... Então quem sabia ler, ali das famílias, as quatro casas ali... quem tinha o domínio, era a minha mãe, e então nós, por extensão... o pai disse que cuidava de nós, criança, pequeninhos, para que a mãe nos alfabetizasse... Depois então a minha irmã cresceu, a minha irmã mais velha, ela se tornou professora e eu fui aluna da minha irmã na Barra Seca... pra ir na Barra Seca, aquele lugar onde tinha a igreja, nós tínhamos que caminhar três quilômetros, três quilômetros a pé, estrada batida, assim... e ali na Barra Seca tinha uma igreja, que ainda tem a igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, tinha a escola.. e nada mais... e mais algumas casas por ali, né, que agora ali, se formou uma vila. Ali eu faço então todas as séries da... eu faço até a quarta série e ali com... com onze anos eu já tinha terminado tudo e aí eu tinha que ir pro Parai, pra cidade do Parai, porque lá não tinha... nove quilômetros a mais.... porque... aí tinha a quinta série aí eu... agora como é que fazia ? E aí fui, na casa de uma prima minha...

⁶⁹ Esta expressão é bastante utilizada no Rio Grande do Sul para designar os lugares mais afastados dos grandes centros urbanos, principalmente no que tange às propriedades rurais ou colônias, ou seja, lugares onde predomina a forma de vida rural, pode referir-se também a algumas cidades do interior do Estado mais distantes da capital.

Na cadência de suas lembranças, o ato de cozinhar e o gosto pelas invenções da cozinha vão sendo compostos de uma aura de magia, em que transita da paisagem do lugar em que morava para o seu desejo constante de criação que, em sua narrativa, relaciona com os momentos em que esteve na escola. Isso como se juntasse indícios de saberes e conhecimentos que foi adquirindo ao longo do tempo e, de certa forma, também “fora” do âmbito familiar, para abarcar a peculiaridade de sua relação com a comida e com “as artes de fazer” (DE CERTEAU; 1994) como uma maneira de comunicar-se e expressar-se.

Nestas idas e vindas da escola para casa e da casa para a escola, narra um percurso em que coloca suas relações com a família a partir destes pequenos fazeres e saberes que compartilha, introduzindo-os em uma dimensão do prazer em estar em contato com “coisas boas”, bem feitas, cuidadas, tendo em vista os gestos minúsculos e singelos (DE CERTEAU; 1994) que expressa como suas táticas de bem viver. Ao conformar suas lembranças a partir dos gestos de preparar a comida, bordar, costurar, habilidades manuais por excelência, tece sua trajetória como uma busca ao refinamento e ao bom gosto, tensionando a própria realidade vivida na casa dos pais entre a beleza da paisagem que podia observar e a rusticidade do modo de vida que apresentava.

Rita

- e eu me lembro que... eu sentia muita saudade ... eu morria de saudades e aí eu comecei a me entreter, comecei a aprender bordado, a fazer coisas bonitas e... aprender... assim entrar em contato um pouco com a cultura porque... que cultura tinha lá em casa? Lá em casa eu cheguei a desmanchar o crochê que tinha nas janelas, o enfeite das janelas, para eu aprender, porque eu adorava lençóis bonitos... então eu sentava na cama com os lençóis... que só tinha um... e eu bordava os lençóis porque eu queria dormir de lençóis bordados. Eu não sei de onde é que eu vi isto... É eu fiquei doze pra treze anos lá e depois então eu fui... eu fui lá pra Bento Gonçalves que tinha um colégio das freiras...

- Quando eu tava no colégio... que lá em casa só se fazia polenta, a massa, o pão e uns biscoitos, né e... a carne que tinha ali, e não tinha muita... não se sabia nada de fazer mais... Mas quando eu fui pro colégio, que daí tinha que trabalhar, eu voltava pra casa com pratos diferentes e o pai adorava... O pai foi uma das pessoas que me deu assim... quando a mãe saía ele dizia assim pra mim “tu tem que cozinhar mais seguido, por que tu não faz aquele prato...” era um pirê que eu fazia no forno, sei lá o quê, e o pai adorava, ele achava o máximo. E ele dizia “então faz isso, então faz aquilo”, ele me... e a mãe já segurava, “não, não pode gastar isso, não pode gastar aquilo, temos que fazer economia”, mas o pai não, o pai é que admirava muito, e a minha irmã...

Neste sentido, ao atribuir um valor tão intrinsecamente humano a estes gestos das artes de nutrir como uma forma de relacionar-se com “os outros”, de estar imbuída de imagens da intimidade (DURAND; 2001), Rita transita em suas memórias entre a mãe que voltava-se para a leitura – que ensinou para os filhos – e a admiração do pai pela boa cozinha, por uma boa comida que, segundo ela, não fazia parte das preocupações da mãe.

De certa forma, a inquietação de Rita com a atitude da mãe em relação a culinária não se volta para um lugar “feminino”, que precisa ser ocupado no âmbito dos fazeres domésticos, mas está relacionada com esquemas simbólicos que arranja em sua narrativa para estabelecer a preocupação com a culinária e com os alimentos, como uma forma de doar-se ao outro, de estabelecer um vínculo simbólico, a partir do alimento⁷⁰. Neste sentido, a preparação da comida e o caráter de invenção relacionado a este fazer parece apresentar uma relação direta com as formas de expressão da vida, com o alimento que ela vê crescer na horta próximo a casa ou na lavoura. O ato de cozinhar, para Rita, representa uma continuidade e um redobramento (DURAND; 2001) deste desenvolvimento da vida, observado no crescimento dos alimentos que ela mesma podia plantar, um prolongamento do tempo que passa e transformar as coisas a sua volta.

Rita

- agora quem não gosta de fazer comida... A minha irmã, por exemplo, a mais velha que eu, ela não gosta de fazer comida, eu ensinei pra ela, ela admira muito a comida, ela sabe que é comida boa, mas ela não faz... essa é mais parecida com a mãe, a mãe também era uma pessoa que pelo conhecimento dela ela podia... ela tinha um conhecimento maior do que todas as mulheres ali, mas ela nunca se interessou de copiar uma receita, de comprar um livro de recita, nada disso... quem admirava que eu fazia isso era o meu pai, acho que talvez isso que me estimulava... ele dizia assim: “e hoje tu inventa uma comida?”. Porque a mãe não se preocupava... o pai sim que gostava, mas a mãe, a mãe ela preferia ler, ela não perdia tempo cozinhando, não era esse o chão dela, não era esse, nunca foi... Nunca foi porque também ela não era de arrumar muito a casa, limpar a casa, não... para ela, tendo um bom livro para ler... dane-se o resto... a leitura foi o que ela me ensinou, então... o resto não, mas essas coisas eu acho que...

- eu adorava que quando começava... quando parava o inverno, lá pra agosto, a gente plantava coisas na horta, plantava coisas na lavoura também, e a gente... e eu colhia aqueles...aquelas abobrinhas verdes, aquelas coisas, eu colhia... eu inventava como preparar... era um desejo, era uma coisa assim... agora tô me lembrando que pra mim era uma festa quando era setembro que

⁷⁰ Estas imagens evocadas por Rita aos fazeres da cozinha remetem-me à lembrança do Filme “Como água para chocolate” (dirigido por Alfonso Arau; 1996), onde na “cozinha de Tita”, muitos sabores eram criados a partir de seus sentimentos e desejos que depositava sobre a comida que estava sendo preparada. Na fala de Rita, percebo alguns indícios desta alquimia de transmitir ao alimento um pouco da matéria humana, que vai ser “misturada”, “combinada” à matéria a ser moldada do alimento, constituindo assim um novo sabor, único pois referente a determinada situação e “estado de espírito”.

tudo brotava... que vinham as coisas assim e eu dizia “bom agora é bom pra fazer comida, porque tem isso, tem aquilo, não tem só feijão e arroz...” e... e até eu acho que o feijão... não se fazia tanto feijão, eu acho que era mais a massa... a polenta e a carne...e leite... essas coisas aí nunca faltou, sempre foi uma fartura...

Nas imagens evocadas por Rita em seus relatos, o ato de cozinhar e de comer convergem para uma celebração dos frutos da terra, que ao completarem seu ciclo de desenvolvimento, se oferecem aos gestos humanos de preparação e criação. Neste sentido, as artes de nutrir, para Rita, tanto quanto para Paulo Renato, constituem-se como um ritual e uma festa, mesmo que nestes dois casos, a forma e o significado atribuído a estes gestos se diferenciem bastante, inclusive no que tange à memória afetiva que constitui as aprendizagens em torno da comida. Isto porque para Paulo Renato encontra-se na repetição dos gestos dos pais e para Rita situa-se na busca de uma diferenciação em relação às práticas e maneiras de ser da mãe.

No relato de Rita, o próprio alimento lhe sugere o gesto a ser executado, a própria forma da fruta ou do legume coloca-se à sua disposição para um ato criativo. Enquanto que Paulo Renato reconhecia-se no gesto de seus pais, nos fazeres que podia observar e repetir, Rita ressentia-se do contrário, de um gesto que em suas lembranças, ela inaugura e atribui o valor de consagração da vida. Na sua fala, estetiza não apenas o ato de cozinhar e de alimentar-se, mas o próprio produto da terra, a forma com que se apresenta aos olhos e aos sentidos, e, assim, reserva a si a responsabilidade de cuidado e criatividade com esses frutos que brotam da terra. Assim, Rita vai apresentando as maneiras de pensar e agir que passam a compor suas atitudes cotidianas.

Rita

- eu me lembro que o que me encantava assim muitíssimo era ver o trigo plantado... os trigais... quando vinha o vento... rolava... iam prum lado e para outro, aquelas ondas bonitas, eu ficava encantada...

pesquisadora

- e essa produção vocês não vendiam, Rita?

Rita

- vendíamos... aí quando se colhia o trigo era uma grande festa, era um mutirão... Aí se colhia o trigo, se cortava o trigo, se juntava, se amarrava, se botava numa carroça e se trazia para casa... tinha um paiol pra guardar... Aí vinha a máquina... a máquina... para separar o trigo, né... para limpar o trigo... aí então tinha dez doze pessoas em volta dessa máquina, um juntando, outro sei lá o quê, tirando a palha, outro pesando... e as mulheres faziam comida, né, tinham que preparar comida, né... tinham que preparar comida para quinze, vinte pessoas... era um grande acontecimento quando chegava a

máquina... Depois as palhas eram guardadas para depois no inverno tirar um pouco de cada vez para dar aos animais quando faltava outra... e a palha era ótima de brincar então nós adorávamos, porque era um tipo de colchão de mola... corríamos e nos escondíamos na palha... É era uma vida bem diferente...

Rita silencia para olhar para estas transformações que passa a perceber em sua própria trajetória, ao afirmar que era uma “vida diferente” a que levava na casa de seus pais, um sobrado comum às colônias italianas do interior do Rio Grande do Sul, feito de madeira, com porão, quartos imensos e uma sala sempre bem lustrada e limpa, hortas em volta da casa e é claro, também uma produção caseira de vinho com direito a pipas de madeira e tudo mais.

No seu relato, aponta para o fato de que foi “aos poucos” que se acostumou com a vida na cidade, devido às mudanças de escola pelas quais passou, mas nas discontinuidades das suas lembranças, transita entre esta realidade de vida rural e suas atitudes perante uma vida urbana, sempre em busca de uma qualidade de vida, na qual a alimentação e o cuidado com o alimento têm um lugar importante. As imagens da fartura evocadas ao falar das plantações e das formas de lidar com os produtos da terra são retomadas em sua trajetória, desta vez, dentro da cidade de Porto Alegre, mais do que nunca, em direção ao refinamento de um gesto que parece também elaborar junto com suas imagens da passagem do tempo.

A relação de Rita com a cidade se volta igualmente para uma busca do “bem viver”, a partir do qual relaciona-se com as possibilidades apresentadas pela vida urbana para produzir seu alimento, na forma das compras realizadas em armazéns ou, então, nas feiras-livres que abastecem a cidade. Ao mesmo tempo, o “estilo de vida” (VELHO; 1999) projetado por Rita tem seu lugar de realização neste espaço urbano, onde o campo de possibilidades no qual está inserida é mais amplo e complexo.

Sua vinda para Porto Alegre é projetada a partir de seu desejo de fazer faculdade e tornar-se professora, o que vai, também, aproximá-la das “artes de nutrir”, ao assumir a coordenação do Departamento de Alimentação da Casa da Estudante Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por volta de 1967, um cargo pelo qual ela “disputa”, pois considera que não recebia a devida atenção e por outro lado, reflete sobre suas condições de manter-se em Porto Alegre e a necessidade “agarrar-se” a sobrevivência na cidade.

Rita

- Eu vim fazer o curso e nesse curso eu parei lá na Independência e... era um curso que... eu queria fazer esse curso porque eu queria lecionar e eu não tinha faculdade, então... Conheci a UFRGS por causa do exame de suficiência, que eu fui fazer o curso lá e eu sei que fiquei... ficava encantada com os professores que sabiam muito bem, professor de latim sabia muito bem, ficava encantada, a professora de história também me impressionou muito. Aí eu fiz isso mas depois disse, “não, não, eu vou fazer faculdade”... E aí vim para Porto Alegre, com um ordenado de professora, de vinte horas, e fui morar num pensionato, porque... Aí, eu... eu já conhecia Porto Alegre e eu... comecei logo a estudar porque eu tinha um mês para o vestibular, eu pegava meus livros e estudava no Parque da Redenção.

- aí a UFRGS permitia que quem era pobre, que passou na UFRGS, podia morar na casa do estudante, mas a gente tinha que trabalhar para sustentar essa casa... Fui nomeada para o Departamento de Alimentação, e aí nós tínhamos uma empregada e cada três dias tinha... nós trabalhávamos com duplas, eram umas quinze, mais ou menos, acho, estudantes universitárias lá. Cada dupla, cada dupla tinha que providenciar a comida por... por três dias. Era janta, almoço, café-da-manhã... o sustento de nós todas, por três dias. E a gente dava uma quantia de dinheiro, elas tinham que prestar contas... Tinha que ser uma pessoa bem responsável, e eu sempre fui, né... bem responsável... e que gostasse de coisa boa, porque eu ficava brava quando o café-da-manhã não tava bom, eu dizia assim “não...”, nós tínhamos o leite em pó e eu tinha que... a gente tinha que passar no liquidificador... depois a Dona Eva adoeceu e morreu, aí ficamos só nós, e nós tínhamos que fazer as coisas, ou almoçar fora... então, o café-da-manhã... a dupla era obrigada a fazer... aí quando eu comecei a ver “não, a gente pode caprichar, o leite é em pó, mas se agente passa no liquidificador, faz todo um processo, fica uma delícia o café-da-manhã...” Era um lugar por onde circulava muito dinheiro porque o consumo era grande, e eu era séria, eu levei a sério... e eu gostava também, eu dizia assim: “não, tem que comprar verduras boas, não é qualquer coisa que se compra”... Eu dizia: “aquela dupla não fez direito, comprou fruta podre... não me apresentou os documentos”... Eu era assim, de cobrar, e esse cobrar mantinha a casa num certo... numa certa harmonia porque elas tinham que me prestar contas e ao mesmo tempo eu conseguia deixar a comida boa pra todo mundo, e ser respeitada também... e ter o suficiente...

Para Rita, o fato de ter sido escolhida para comandar um departamento de alimentação na casa de estudante colocou-a frente a necessidade de articular uma boa alimentação para um grupo considerável de pessoas. Assim, passou a estabelecer suas estratégias de compras e organização da cozinha da casa para que, de certa forma, sua maneira de relacionar-se com a comida e, conseqüentemente, com as pessoas, garantisse uma certa qualidade de vida que, de acordo com seu relato, vinha buscando já desde os tempos da escola. Neste sentido, sua relação com o Departamento de Alimentação da Casa da Estudante Universitária possibilita evocar alguns indícios de constituição de um estilo de vida peculiar, na direção de uma ascensão social (VELHO; 1999) e de um requinte que fazem parte de seus projetos

individuais. Na negociação entre as formas de cuidar da comida na Casa de Estudante, Rita passa a construir sua forma de relação com a cidade de Porto Alegre, com os lugares de compra de produtos para a boa alimentação que pretende para si e para as pessoas com as quais mora.



Rita

- E então, para ser mais barato, se vinha aqui nesta feira, que tinha que comprar na feira que era mais barato, se vinha pra cá... naquele final de Borges ali entre a... entre... como é que se diz, onde tem aquela praça agora, daquele Pão dos Pobres, lá, mais pra baixo, aonde tem os bombeiros, não existia nada, ali, aquele trechão ali era uma... um lugar onde se vendia coisas, era tipo assim a feira... a feira-livre... a feira de... de verduras, de frutas e verduras. Não existia nada, só existia caminhoneiros, caminhões, como fosse ali na Ceasa agora, claro que não tinha toda essa infraestrutura, mas aqui eles ficavam pra vender... ali, não era banca como agora assim, mas era uma coisa assim, era um amontoado de coisa ali... tinha um lugar que tinha verduras, tinha um lugar que tinha frutas, eram caminhões ali era uma feira que abastecia a cidade, era um centro de abastecimento, era uma coisa onde, era o único lugar era ali... O Rio Guaíba, nesta época, vinha até o Ipê, ali batia... onde tem o Ipê agora... ali era água... a feira também, quando chovia a feira entrava já com água, é já entrava com água. E eu me lembro que... comecei a lecionar lá... lá no Colégio Pinto Bandeira... eu tinha que pegar o ônibus, que é na Borges agora, e ali... eu me batia com água se chovia muito... a água vinha e eu esperava ali o ônibus, eu me lembro que muitas vezes eu vinha da UFRGS, pegava o ônibus ali, eu vinha atravessando tudo a pé, para pegar o ônibus ali, e os feirantes para mexerem comigo, né, uma jovem ali, os livros na mão, me atiraram... bergamotas e coisas...

- é e tinha o famoso, para os ricos, tinha o famoso Armazém Riograndense, que é aquele que se encontrava de tudo... que depois eu descobri, falando com as pessoas mais grã-finas "ah, mas lá tu encontra..." lá em casa a gente não imaginava isso, né... Mas então as gurias iam comprar as verduras, as frutas, eu acho que os grãos também, o feijão, o arroz, tudo se comprava ali...

Comparando as experiências de Paulo Renato e Rita às de Dona Geni e Dona Alda, pode-se levantar alguns indícios ou elementos de uma trajetória diferenciada em relação ao lugar que atribuem ao alimento e às artes de nutrir em seu cotidiano.

Tanto para Paulo Renato como para Rita, as compras na feira-livre e o ato de cozinhar, caracterizam-se por uma rede de significados (GEERTZ; 1989) na qual insere-se a questão da qualidade de vida como um fator importante na determinação de suas práticas, na perspectiva de uma negociação de papéis e de lugares sociais onde a alimentação e o fazer da cozinha passa a assumir uma forma de interação com “os outros”. Dessa forma, a busca de uma qualidade de vida parece guardar, em si, a necessidade de uma contato mais “elementar” com as pessoas com as quais convivem, pois podem “abrir um espaço” – nas palavras de Paulo Renato – para as relações de intimidade, de “estar junto”.

A elaboração deste pensamento sobre suas formas de viver a cidade e a relação com a comida, aproxima-se de um discurso reflexivo que pode ser associado ao fato destes personagens terem freqüentado a Universidade, apesar de seus percursos acadêmicos não aparecerem diretamente nos relatos de suas trajetórias.

Comparativamente à Dona Geni e Dona Alda, ambas sem terem freqüentado a Universidade, estas imagens evocadas de uma qualidade de vida e de requinte, voltadas para a relação com o outro através da comida, parecem subjacentes às suas formas de colocar-se frente às relações sociais, seja no que tange às relações de vizinhança, seja no âmbito familiar. Neste sentido, a partir da fala de Paulo Renato e Rita, coloca-se ainda mais acirradamente a questão de uma relação indivíduo – sociedade (VELHO;1981) na qual se dá a constituição de seus saberes e de suas práticas cotidianas enquanto estilos de vida peculiares.

É claro que esta relação também está presente nas falas de Dona Geni e Dona Alda, na conformação de seus papéis sociais e nas suas relações com o espaço público, mas o enfoque de seus projetos individuais parece envolto por questões, digamos assim, mais voltadas ao grupo social a que pertencem. Ainda neste aspecto, tanto Rita como Paulo Renato narram suas experiências com feiras em outros lugares do país e do mundo, colocando este tipo de sociabilidade e interação marcadamente inserido em um estilo de vida particular.

Paulo Renato

- nós fomos para a Europa, andar de carro, e nós entramos em Roma, estacionamos, fomos para num hotelzinho num bairro de Roma, e eu fui a feira, e eu fui a feira e fiz o que eu faço aqui, peguei o pêssego e sei lá qual era a fruta que tinha com a mão. Bom quando eu peguei com a mão tomei um tapa da mulher na mão... E ela gritava, que aquilo era lindo, barato, maravilhoso, como é que eu ainda tava apertando... Quer dizer esse tipo...

esse era o meu sonho, entendeu, a coisa que eu mais queria fazer na Itália era ir numa feira, e ainda ter apanhado na mão da feirante foi a glória...

Rita

- quando eu fui morar em Buenos Aires eu e a Vera dividíamos o apartamento. Aí, nós tínhamos feito uma vaquinha, né, um dinheirinho pro cotidiano da gente e... e eu cozinhava, e ela lavava a louça, mas uma semana a Vera comprava, na outra semana eu comprava. A semana que a Vera ia eu ficava despedaçada, porque a Vera, eu dizia assim: “batata”, qualquer batata servia pra ela, tudo servia, cenoura, tudo servia. Eu dizia assim: “não, por favor, por favor Vera, eu não consigo agüentar isso”, e aí nós tínhamos uma... uma certa casa que vendia... verduraria que eles diziam, mas vendia de tudo. Aí eram uruguaios, e eu dizia “brasileiro não gosta de coisa podrida” e eles davam, eu dizia “não, deixa eu escolher”, me bancava de louca, né “deixa eu escolher, porque brasileiro não gosta...” então eles mexiam “brasileiro gosta de banana”, “muito” eu dizia. Aí quando eu passava lá eles diziam “vem cá brasileira, vem cá, experimenta isso aqui pra ver se é bom, coisa e tal... Buenos Aires tem ares que não é nada nada diferente de Paris, são aquelas mesmas ruas... imagine como Buenos Aires viveu um tempo divino, agora a decadência é grande... mas uma vez era uma coisa chique... eu estive lá em 90, no começo da decadência já... Na feira que tu vai na Argentina tu não pega, tu não pode pegar a laranja assim... eles te dão, digamos.. tu pede cinco laranjas e aí de ti se tu levanta a mão pra pegar né, ele te xingam horrores, eles pegam ali... agora claro, quando a laranja vem na tua mão, tu pode olhar uma por uma e dizer, não esta eu não quero, esta troca... eu poderia trocar todas elas também, não tinha problema, então as feiras de lá eram assim...

Na narrativa de Rita, as feiras-livres passam a fazer parte de seu cotidiano, pois pode retomar, de certa forma, a celebração dos alimentos que brotam da terra, como fazia na cozinha da casa de seus pais ao preparar a comida com os alimentos que plantava. Assim, a busca de um requinte a que me reporto, ao analisar sua fala, não volta-se necessariamente a uma questão de luxo ou de uma distinção a partir do dinheiro, mas da sofisticação que pode atribuir a um produto que vai elaborar, moldar conforme sua própria vontade e desejo. A cadeia de gestos e imagens que aciona para referir-se às feiras e sua escolha dos alimentos, constitui-se a partir de suas projeções sobre viver na cidade e compartilhar uma gama de relações e prazeres com os outros e também das “boas coisas” que pode fazer para seu deleite, pois, segundo seu relato, cozinhou para si mesma durante muitos anos. A própria ambiência da feira representa para ela uma forma de estar em contato com as pessoas, de aprender coisas novas, algumas receitas, dicas sobre produtos que ainda não conhece, um sistema de relações que se aproxima do relatado por Paulo Renato ao referir-se às suas idas a feira, às interações com os feirantes, ao reconhecimento dos frequentadores destes mercados de rua.

Rita

- as feiras pra mim... onde eu passo eu tenho uma feira... vou à feira em Florianópolis, também...é bonito de se ver e na verdade eu gosto de ver os produtos... o que me dá a sensação também de felicidade entende, temos coisas para comer, entende... eu acho que é bom essa coisa... é... eu não sei também se vem do interior, porque... “vem seca, não vai ter isso para comer”... não sei, até as minhas colegas lá do curso que eu fiz em Buenos Aires, “mas Rita, tu participaste de alguma guerra”, porque elas viam que tudo eu cuidava eu aproveitava tudo assim... Então tem toda essa conotação assim também, né, do plantar... do produzir e do colher, né... do saber... por exemplo, se não chove o milho não cresce... uma vez deu uma infestação de gafanhoto e eles destruíram todo o nosso tragal...

- ali tem uma coisa comum a todos, que é o comer... a necessidade de comer e a importância que tem ali esses alimentos... o vender... sem eles nós não poderíamos viver e esse... essa coisa boa, né... o cuidado, pega uma fruta... examina... cuida todos os lados.. a feira pra mim é uma coisa muito boa, uma coisa muito boa de olhar, os produtos bem bonitos, escolher e de aprender coisas porque tu escuta muitas pessoas falando e enfim, tu passa receitas, outras pessoas te passam receitas e... eu muito ensinei também, as vezes “ah, como é que usa...” hoje comprei o alho poro, “o que tu faz com esse alho poro”, aí eu digo, “ah, esse alho poro da pra fazer muita coisa boa”, “como é que tu faz isso”... então eu muito falei e muito ensinei...

Neste sentido, retomo, a partir da fala de Rita, as imagens da feira-livre e das trocas sociais que são estabelecidas neste espaço, indicando de certo modo, um *ethos* de alguns grupos urbanos na sua relação com o espaço da cidade e os lugares onde se pode efetivar um tipo de interação social peculiar ao comércio de rua.

Rita também já frequentou muitas feiras em Porto Alegre e segundo ela, atualmente não tem tido mais tempo de “fazer a feira” como gostaria, quando pode, vai à feira ecológica do Bom-Fim comprar algumas coisas, ou então na Feira da Epatur, pois é também próxima a ONG onde trabalha, a qual referi anteriormente. Mesmo assim, trata estas feiras como “a minha feira”, o seu lugar de descoberta em relação aos produtos e as formas de manipulá-los e também de estar em contato com o tipo de troca social que aprecia neste lugares. Dessa maneira, as formas que assumem as “artes de nutrir” estão voltadas, também, para a relação que se estabelece com o espaço público, as formas de habitá-lo e os itinerários no interior da cidade que permitem uma construção deste espaço. Foi nas conversas com a Rita que pude também identificar alguns espaços de comércio de alimentos que aconteciam na rua e perceber, principalmente, as formas de “práticas do lugar” que se apresentavam a partir da comercialização destes produtos.

Rita

- Eu já frequentei aquela feira na frente ali... a da Epatur, né... na Travessa do Carmo, eu não tenho ido muito lá, mas... eu tenho habitado lá, mesmo pra fazer coisas pro GEEMPA, também, eu sempre fui escolher... então as pessoas trocam de idéias, se encontram... é um social também, é uma curtidão... tem umas pessoas que são divertidas, começam a mexer com os vendedores, os vendedores mexem com as pessoas e aí tem provas... aí tu fica provando... enfim, quem não está... quem não conhece tal fruta, tal verdura, sempre tem alguém que te diz o que tu tem que fazer, coisa e tal... eu acho que circula a cultura... e também não deixa de ser uma cultura popular, né...

Dessa forma, as “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996) representadas tanto a partir do ato de cozinhar como no “fazer a feira”, relatadas por Rita, Paulo Renato, Dona Geni e Dona Alda, passam a evocar uma forma específica de manipulação da matéria, configurando-se em termos de esquemas imagens (DURAND; 2001) que atribuem uma determinada plasticidade táctil ao material manipulado, convergindo para os gestos ligados à imagem da “descida” digestiva (DURAND; 2001), isto é, a uma maneira de pensar o mundo e a vida que adere as imagens da “passagem do tempo”, reafirmando um contrato tácito com as formas do devir.

Nestes relatos, recupera-se a dimensão das trocas sociais que vimos estabelecidas na feira-livre, a partir da poética acionada na “feitura” da comida, na preocupação com os pequenos detalhes, com a forma e sabor que vão ser oferecidos às pessoas do convívio. Mais do que uma boa técnica de preparar o alimento, a cada refeição ofertada estão colocados um pouco do “ser” do “autor” da comida, como se reunisse elementos particulares de suas experiências para transmitir em sabores ou formas para a refeição que está preparando. Os indícios destes saberes diversos são reunidos em teias de significados (GEERTZ; 1989) que permeiam a vida social, revelando uma dimensão criativa e inventiva das peculiaridades da cozinha - que estão vinculadas às escolhas dos lugares e dos tipos de alimentos a serem adquiridos – apreendidas nas experiências cotidianas destes informante. A cozinha aparece, então, como um lugar de transmissão de saberes e de histórias que se perpetuam no tempo, fazendo durar (BACHELARD; 1988) dessa forma, os gestos arcaicos que orientam este saber na dimensão de um trajeto antropológico humano (DURAND; 2001).

Assim, estes esquemas gestuais de transformação da matéria e da maleabilidade das formas são evocados cotidianamente nos gestos de certos grupos ou sujeitos - como o ato de cozinhar e de escolher os produtos a serem consumidos - tendo em vista a própria circularidade da vida representada pelo alimento, que ao ser transformado em refeição, em comida para a “nutrição” do corpo, evidencia a celebração dos ciclos de vida-morte-

renascimento. Este ciclo passa a ser acompanhado também pela periodicidade da feira-livre, no compasso das semanas e suas constantes renovações em termos das estações do ano que oferecem diferentes tipos de alimentos aos seus frequentadores e acabam por estabelecer um ritmo para as práticas cotidianas de alguns bairros da cidade.

As imagens de ritual e festa evocadas por Paulo Renato e Rita – na preparação da comida e no brotar dos alimentos plantados – convergem também para a cena da feira-livre e as trocas sociais que engendra. No cruzamento entre as “artes de fazer” dos personagens-fregueses que foram acompanhados nesta etnografia, estas trocas sociais estabelecidas no espaço da feira-livre apontam para a própria feira como um produto a ser consumido e, neste sentido, retomo a análise de Georg Simmel (1979), no que concerne aos valores subjetivos atribuídos ao consumo, pois a dinâmica destas artes de fazer de feirantes e fregueses parece conter em si uma forma simbólica de interação que é particular a este espaço de comércio. No caso da feira-livre da Epatur, objeto principal de observação desta etnografia, a dinâmica destas relações de comércio de rua ganha uma dimensão temporal que a situa como um dos pontos importantes de abastecimento de alimentos de Porto Alegre.

Na fala de Rita e de Henrique – que veremos a seguir – coloca-se que antes de existir a feira da Epatur, este espaço da cidade já abarcava uma espécie de mercado de rua, onde produtores e vendedores de vários lugares paravam seus caminhões para comercializar seus produtos praticamente às margens do Rio Guaíba – que ainda não tinha sido aterrado. Além disso, ainda na década de 1940, alguns barqueiros vendiam frutas nas margens do Arroio Dilúvio, que antes da sua retificação passava na Rua João Alfredo, a então chamada de Rua da Margem. Conforme relatei anteriormente, todas essas transformações no espaço da cidade aparecem nos relatos de Dona Geni e seus itinerários pelos bairros Centro e Cidade Baixa, na constituição de sua relação com a cidade de Porto Alegre. Estas imagens são retomadas em função desta circularidade das trocas sociais deste comércio de rua que já adquiriu formas diversas neste mesmo espaço da cidade, nas proximidades do que hoje constitui-se como Largo da Epatur e da questão que parecem levantar a respeito da matéria de tais práticas, ou seja, o próprio gesto das “artes de fazer” e das “artes de nutrir”.

Nesta circularidade do tempo, volto para as “artes de fazer” da feira-livre, para os gestos de compra e venda que lá se estabelecem, com o intuito de retomar, a partir destas particularidades das artes de nutrir, as formas de apropriação e produção do espaço urbano pela diversidade e complexidade do repertório sociocultural que ele contém e a peculiaridade das formas de consumo que pode apresentar. As análises que procurei apresentar até aqui convergem para um questionamento sobre as formas que “a cidade tem de se alimentar”, os

meios de abastecimento, os locais de comércio de alimentos e as práticas cotidianas de alguns habitantes no que se refere às artes de nutrir, como é o caso dos informantes que apresento e suas táticas no que concerne a aquisição de alimentos.

PARTE IV

DE VOLTA PARA A FEIRA



CAPÍTULO 1

COMO A CIDADE SE ALIMENTA?

A feira-livre concentra diversos tipos de “chegada” dos produtos alimentícios até as casas de alguns consumidores, desde a produção rural de cidades do interior do Estado, a produção rural dentro de Porto Alegre em alguns bairros mais afastados do centro da cidade, ou, ainda, a comercialização de produtos da CEASA, um centro de abastecimento que recebe produtos alimentícios de diversos lugares do mundo. Neste sentido, a feira-livre passa a ser vista também como um produto a ser consumido – nas trocas sociais que apresenta, no tipo de estética conferida aos alimentos, na forma como se estabelecem as relações entre os sujeitos – a partir da adesão a um estilo de vida específico que concentra uma relação particular com a aquisição de alimentos e a forma de transformá-los em matéria comestível, numa perspectiva de relação com o próprio espaço da cidade.

Neste sentido, situo a fala de Henrique, um feirante que trabalha há muitos anos na Feira-Livre da Epatur e em algumas outras feiras da cidade, e que ao contar-me alguns fragmentos de sua história, passa a pensar as mudanças da cidade e as formas de vida que ela abarca nos diálogos que pudemos estabelecer no interior de sua banca. Escolho aqui a fala de Henrique por considerar sua banca como um contraponto à banca do Cláudio, que descrevi em capítulos anteriores, tanto no que se refere ao tipo de produto, como na relação com os clientes. Este aspecto pode ser analisado também a partir do fato de Henrique não ser produtor, mas comprar seus produtos para venda na CEASA, o que confere uma outra relação com o alimento a ser vendido. De certa forma, estas duas formas de habitar o espaço do Largo em dia de feira passam a ser paradigmáticas, pois são compostas de certos elementos que

vamos encontrar em outras bancas, como a euforia de uma banca grande como a de Cláudio e a proximidade possibilitada por uma banca pequena como a de Henrique. Estas diferentes formas de “ser feirante” que se colocam também a partir do fato de se ser produtor, ou não, do alimento que é vendido, explicitam, em parte, a condição urbana de comércio deste tipo de produto e a relação que procuro estabelecer da própria feira-livre como um produto a ser consumido no âmbito dos estilos de vida que compõem o mundo urbano.

1.1 A FEIRA É O MEU CHÃO



A entrevista realizada com Henrique nos leva novamente para a ambiência da feira-livre da Epatur, pois foi neste espaço que conversamos e trocamos algumas considerações sobre as práticas cotidianas presentes a esta forma de comércio de alimentos.

Minha aproximação à banca de alhos de Henrique aconteceu como as outras, através das fotografias que tirei dele com seus filhos atrás da banca e das conversas que decorriam deste ato, das fotos que entregava a eles depois de reveladas e que, nas primeiras vezes, ele insistia em pagar, até que diante de todas as minhas recusas encontrou uma forma de troca na qual sempre “colocava” um alho a mais nas compras que fazia. A minha relação com Henrique foi construindo-se aos poucos, diferente da banca de Cláudio, onde desde o início de

meu trabalho de campo, compartilhava com eles o interior de seu espaço de trabalho. No caso de Henrique, principalmente em função de sua banca ser muito menor e também “mais discreta”, no que tange às relações com os fregueses, sempre conversava com ele pelo lado de fora, juntamente com outros fregueses.

Nossos primeiros contatos foram rápidos cumprimentos ou em algum “micro-evento” (MOLES; ROHMER; 1982) do qual participava em frente à sua banca, até que passamos a conversar com mais freqüência, eu sempre do lado de fora da banca e ele nas suas atividades de venda do lado de dentro. Henrique tem uma banca na feira-livre da Epatur que vende alhos, e trabalha sempre com seus dois filhos pequenos, um de onze anos e outro de cinco, sendo que o mais velho já está bastante inteirado das práticas de ser feirante. Depois de algumas destas interações, combinei com Henrique a possibilidade de realizarmos uma entrevista ali mesmo, durante a feira, o que ele concordou, mesmo prevenindo que seríamos interrompidos pelas vendas e conversas com os clientes ou com os filhos. Estas interrupções não apresentavam problemas para mim, já que sua relação com os fregueses também me parecia fundamental para compreender suas “artes de fazer” e suas táticas de conquista da clientela. Por outro lado, diferente da banca do Cláudio onde o movimento de fregueses escolhendo e comprando não pára nunca, na banca de Henrique o movimento é menos intenso e seu filho acaba “cuidando” das vendas sem maiores problemas.

O fato de ser uma banca pequena e que vende alho, gengibre, pimentas, um tipo de produto destinado aos temperos – eu diria até especiarias – já estabelece um tipo de interação com o freguês que é peculiar e que converge para esquemas de gestos “minúsculos” (DE CERTEAU; 1994). A escolha de “um dente de alho”, “uma pimenta malagueta”, são caracterizadas pelas sutilezas dos gestos de picar, macerar (LEROI-GOURHAN; 1965), evocando as imagens da “miniatura” (BACHELARD; 2000) que, por sua vez, nos levam às imagens da intimidade (DURAND; 2001) na própria relação de Henrique com os seus fregueses e seus gestos de aproximação, de inclinação à fala e ao gesto de quem está do outro lado da banca, minuciosamente, escolhendo seus “pequenos objetos de consumo”.

Assim, num dos sábados de feira, vou até o Largo para conversar com Henrique. Com máquina fotográfica e microfone em punho, caminho pelo corredor onde está sua banca e ainda antes de chegar lá, converso com alguns feirantes que brincam com a máquina fotográfica, pedem fotos e coisas do gênero. Estava um dia chuvoso, cinzento, e alguns guarda-chuvas no caminho faziam com que o percurso fosse um pouco mais demorado do que de costume. Chegando em frente à banca de Henrique, percebi que haviam muitos fregueses sendo atendidos por ele e esperei até que houvesse uma “brecha” para reafirmar nossa

entrevista. Aproximei-me do “canto” onde é possível entrar na banca e quando ele pode conversar comigo, disse-me que poderia entrar e ficar onde fosse melhor para conversarmos, enquanto ele cuidava também de suas vendas.

A banca de Henrique, como disse, é uma das menores da feira com um tabuleiro de mais ou menos um metro e meio onde ficam espalhados os diferentes tipos de alho, pimenta e gengibre que ele vende, o espaço interno é limitado por sua Kombi vermelha e branca onde guarda alguns objetos de seus filhos, como brinquedos, cobertores e alguma comida. Para o filho mais velho que o ajuda nas vendas, coloca uma ou duas caixas de plástico dos produtos a serem vendidos como uma espécie de plataforma, para que ele fique na altura necessária para interagir com os fregueses no momento das vendas. Toda a “estética da desordem” (ROCHA; 1994), que vi no espaço interno da banca do Cláudio, não encontramos aqui. Penso que, principalmente, em função das crianças passarem o dia ali com ele, Henrique procura manter uma certa organização e limpeza de seu espaço de trabalho. Isto também é facilitado pelo tipo de produto que vende, afinal nunca observei nenhum freguês pedindo “uma prova” do alho que está vendendo, assim, não vemos muitos produtos destes pelo chão, por exemplo.

Posicionei-me neste espaço de modo que não atrapalhasse seus movimentos e nem a escolha dos fregueses, até porque imaginava que muitos não gostariam de ver a atenção de Henrique voltada para a entrevista e não para as vendas. Pelo contrário, não tivemos muitos problemas com isso, a situação favoreceu que alguns clientes dialogassem com Henrique sobre suas vendas, seus filhos e também sobre o fato de realizarem compras na feira todos os sábados. Isso foi importante, pois uma das maiores ênfases na fala de Henrique foi justamente sua relação com o público, com os fregueses que compram todos os sábados na feira, as histórias que escuta, as amizades que faz. Henrique é muito simpático e delicado ao tratar seus fregueses, estabelecendo um tipo de interação bastante diversa daquela apresentada por Cláudio, mesmo que muitas vezes também estejam pautadas pela brincadeira e piada. Seu olhar para o freguês apresenta, em geral, uma postura de escuta atenta ao que está sendo dito e, a partir disso, que insere suas brincadeiras e piadas no contexto dos atos de compra e venda.



Henrique

- ...esses dias uma freguesa falando e é verdade, né, a feira ela é uma terapia, porque cada um que vem aqui te conta uma história diferente... o convívio com o público é muito bom... às vezes é estressante né... tu vê, aquela freguesa ali chega aqui todo o sábado cantando, de bem com a vida, e agora tem fregueses que trazem todos os problemas de casa e descarregam aqui, né... Eu ainda aqui não, mas a minha esposa conta, ali na outra feira, que tem fregueses que chegam lá e descarregam toda a carga em cima, né, aí tu tem que ter um joguinho de cintura... mas o público é gratificante, é muito bom... isso aqui é o meu chão, como se diz, né...

Enquanto estamos ali na sua banca, conversando, vários tipos de fregueses interagem com Henrique e seus filhos. Uma senhora chega para suas compras na banca e começa a contar que seu marido está no hospital, com câncer, ela desabafa com Henrique a dor imensa que está sentido. Henrique não tenta reanimar a senhora, sabe que ela conta de um estado muito grave do marido e que talvez não tenha volta, escuta e também conta algumas histórias sobre o seu sogro e seu pai, dizendo que “essas coisas são da vida, a gente sabe”. Uma outra freguesa chegou reclamando do alho que comprou na semana passada, dizendo que estava estragado. Conversam por alguns momentos, a freguesa escolhe outros alhos e na hora de pagar Henrique dá mais uma quantidade de alhos para ela dizendo que era para “dividir a despesa” da semana passada. Vejo Henrique estabelecer estas trocas com vários fregueses e até mesmo comigo quando levo as fotos que tirei para ele, e assim vai constituindo uma relação específica com cada um de seus fregueses, como se almejasse uma nova conquista que, para além da racionalidade do lucro que vai auferir, está o jogo de interações e encontros que pode estabelecer.

Esta postura diferenciada em relação a outros feirantes e outras bancas, “mais agitadas” está, também, muito ligada ao fato de Henrique estar ali sozinho com seus filhos pequenos. Mesmo que outros feirantes também levem seus filhos para a feira, em geral estão “em família”, ou seja, são pais, mães, filhos, tios, avós, etc. Em algum momento da feira estas crianças filhas de feirantes reúnem-se para brincar, ou dentro de uma banca específica ou pelo Largo mesmo. Já a relação de Henrique com seu espaço de trabalho acaba por ganhar outros

matizes, onde estas brincadeiras e jocosidades são mais direcionadas aos próprios colegas feirantes do que ao público, a menos que o freguês seja já bastante conhecido e frequentador de sua banca. Estas particularidades estão na própria forma como os fregueses relacionam-se com os seus filhos na hora das compras, “brincando com os pequenos feirantes” que estão ali vendendo.

Freguesa: ESSE AQUI TE AJUDA TAMBÉM? QUE IDADE TU TEM?

Filho do Henrique: ONZE.

Henrique: EU TAVA DIZENDO PRA ELA, ELE TEM ONZE ANOS E DEZ ANOS E MEIO DE FEIRA!

Freguesa: TÁ QUASE NA HORA DE SE APOSENTAR... TEU PAI TEM QUE TE ASSINAR CARTEIRA... ELE TE PAGA HEIN?

Filho do Henrique: PAGA, MAS EU TENHO QUE AVISAR NÉ...

Henrique (rindo): CLARO, SE NÃO EU ME ESQUEÇO!



Freguesa: BAH, MAS QUE GURI MODERNO ESSE, GOSTEI DE VER ESSE CABELO AÍ...

Henrique: QUANDO EU ERA PEQUENO EU GOSTAVA MUITO DE CAÇAR, NÉ,
ENTÃO NO MATO EU IA MATAR POR OURIÇO, ESSE CABELINHO AMARELO ASSIM...

Pesquisadora: ELE PINTOU O CABELO?

Henrique: PINTOU... AÍ FALOU EM BRINCO, AÍ EU DISSE CALMA, VAI DEVAGAR...

Freguês: E ESSE SECRETÁRIO...

Henrique: É ESSE AÍ É SÓ DE FINANÇAS...

O filho mais velho de Henrique já assume uma postura de feirante dentro da banca, grita anunciando o preço de seus produtos, conversa com os fregueses, negocia, sempre muito sério e concentrado nas suas atividades. Por outro lado, espera a hora de ir brincar com as outras crianças, perguntando de tempos em tempos “que horas são” para o Henrique, que vai dizendo “ainda faltam tantos minutos”. Na imagem de seus filhos, Henrique reflete sobre sua trajetória e a de sua esposa, que também é feirante e trabalha em outras feiras da cidade. Estar com os filhos ali em seu espaço de trabalho também possibilita um convívio entre eles, pois Henrique ainda trabalha todo o resto da semana em um escritório de contabilidade e diz não ter muito tempo para ficar “com os gurus”⁷¹. Mesmo assim, parece ser a feira a imagem de trabalho mais forte que ele evoca, principalmente no que se refere às suas relações com os filhos e a esposa.

Neste caso, o trabalho na feira ganha uma dimensão das relações familiares e de uma certa “tradição”, na qual se encontram os gestos de seu sogro e de seu avô, conforme narra em suas histórias. Estas relações que chamei aqui de “tradicionais” em relação ao trabalho na feira-livre parecem, no entanto, relativizadas a partir do pedido do filho em pintar o cabelo e usar brinco, evidenciando um processo de negociação com a família a partir de outros campos de possibilidades (VELHO; 1999), como a própria escola, que trazem à tona a

⁷¹ Vale referir aqui os estudos de Philip Ariés sobre a noção de infância para o caso da relação entre Henrique e seus filhos que passa pela idéia de aprendizagem de um ofício e uma estratégia de convivência com o pai, inserindo estas crianças em um contexto diferenciado em termos do resto da semana, quando freqüentam a escola e outros ambientes “destinados à infância”.

heterogeneidade presente às sociedades contemporâneas e a constituição das subjetividades dos indivíduos (VELHO; 1999).

Henrique

- esse aí tem onze anos de idade e dez e meio de feira... O bom é que tu dá uma base pra eles, né... porque todo filho em si ele vem a ser a base do pai, né... então se tu vê a família seguindo um ritmo... Até em dinheiro, as vezes tu vai numa loja e eles já sabem, “não a feira foi ruim, deu... não deu”... eles tão a par da tua situação financeira, eles te acompanham, sabem que pra ti ganhar, tu tem que trabalhar...



- por que eu trabalho fora em dia de semana, né, eu trabalho com contabilidade de segunda a sexta, e sábado e domingo eu trabalho com a feira, aliás... é assim ó, o meu forte mesmo, o que eu digo que é o meu ganho é a feira, porque da feira... quando eu comecei a trabalhar com feira na época eu trabalhava de cobrador de ônibus, até ali eu tinha estudado até a sexta série... aí eu comecei a trabalhar de cobrador e larguei os estudo, aí depois eu comecei a trabalhar na feira e não me interessei a voltar a estudar nunca mais, só que na feira nós trabalhávamos assim, sábado e domingo, então tinha a semana inteira livre, então com o tempo tu vai querendo arranjar o que fazer né, aí pintou a idéia de voltar a estudar, aí voltei a estudar, eu fiz a sétima e completei o segundo grau. Aí eu pensei, já que eu fechei o segundo grau vou tirar alguma coisa, aí tirei o técnico em contabilidade e estudei mais um ano e meio... Quer dizer da feira eu estudei. Porque tem gente que diz, “do estudo tu vem pra feira”, não é o contrário, da feira que eu vou... que eu fui me formar um técnico em contabilidade... por isso que os guris vem comigo, eu passo a semana toda longe deles né... tem dias que eu só vejo dormindo, eu saio e eles tão dormindo, eu chego e eles tão dormindo...

Henrique narra sua trajetória e suas práticas na feira a partir da cidade e dos campos de possibilidades em que está inserido, trazendo histórias de sua família para entender as suas próprias escolhas de trabalho e de formas de vida. Comparativamente ao Cláudio, e suas “artes de fazer”, Henrique fala de um lugar da venda e da oferta de produtos que não se dá a partir de sua própria produção mas dos produtos que vai buscar na CEASA para vender na região central da cidade. Cláudio, por sua vez, nas suas jocosidades e piadas parece enfatizar uma outra forma de vida na qual precisa organizar sua produção, tanto para a venda nas feiras que participa ao longo da semana, como para a distribuição para diversos tipos de estabelecimentos.

É neste sentido que os “campos de possibilidades” (VELHO; 1999) e as “redes de significados” (GEERTZ; 1989) com que estes dois personagens estão negociando diferenciam-se em termos de suas práticas cotidianas, mas ao mesmo tempo podem ocupar o mesmo espaço de feira-livre no âmbito das trocas sociais e do comércio de rua na cidade. Retomo, então, a questão da própria feira como um produto a ser consumido pelos fregueses, no sentido da diversidade também de formas de ser “feirante” e de ser “freguês”, no que tange a este tipo de comércio de rua na cidade de Porto Alegre. Estas diferentes formas de “produzir” o espaço urbano, a partir do comércio de produtos alimentícios, acaba cruzando vários itinerários e trajetórias distintas que percebo ao comparar as diferentes histórias que ouvi ao longo desta etnografia.

Henrique

- o falecido meu sogro já trabalhava com feira, a minha esposa trabalha com feira desde os seis anos... nós temos banca aqui no campo do Grêmio também... aí ela trabalhou no início aqui quando começou essa feira da Epatur aqui, ela a vinte anos atrás já trabalhava aqui, ela era criança que nem meus guri assim, que nem eles... aí através dela que eu comecei na feira...

- quando eu conheci ela, eles a recém tinham se mudado pro Pinheiro, e através dela que eu comecei a trabalhar em feira... Nesse meio tempo eu peguei quartel e eles já faziam feira... então quando eu tirava folga no quartel sábado e domingo eu ajudava eles na feira e ali eu me encaixei... Aí quando eu sai do quartel meu sogro me convidou “quem sabe tu vem trabalhar com a gente, que por conta é melhor” e de fato né... Aí eu comecei a trabalhar com eles na feira... aí surgiu... Na época, quando nós trabalhávamos, ninguém colocava alho na feira, era um cara só que colocava meia dúzia de pacotinho atrás da banca... aí o meu sogro me ofereceu, se eu quisesse uma... botá o alho... na época a gente não tinha espaço em banca, só botava o alho em caixa atrás... Então no final de semana minha esposa trabalhava, fazia tudo pacotinho, botava contado e aí no final do dia a gente tirava o nosso, até que foi surgindo... até que surgiu o espaço de montar uma banca só para vender alho, aí nós começamos...

Enquanto Henrique narrava fragmentos de sua trajetória, atendia alguns fregueses que falavam de sua banca, do tempo que freqüentam a feira, etc. A cada vez que pesava a quantidade de alhos escolhida pelo freguês e esta refletia o número exato de “gramas” pedido, Henrique repetia para o cliente: “bem forte!”, como se dissesse “exatamente”. O pequeno espaço em frente à banca, às vezes, era preenchido de pessoas a escolher seus temperos, mas a partir de um gesto mais “fino”, como era também o de Henrique ao separar os “dentes” de

alhos, pois para suas vendas “apresenta” o alho em dois formatos, ou totalmente separado em “dentes” ou com a “cabeça” inteira, conforme a preferência do freguês. Nos momentos em que estamos conversando, Henrique está sempre mexendo suas mãos e separando o alho para a venda, arrumando a disposição dos outros produtos que compõem a sua banca.

A partir da fala de Henrique é possível evocar algumas imagens destas formas de abastecimento da cidade e os arranjos sociais que engendram na constituição do espaço urbano a partir das formas de comércio de produtos alimentícios. Ao relatar as táticas de venda que ele e sua família estabelecem na escolha de trabalhar na feira-livre, Henrique narra também as diversas formas, a partir das quais os alimentos chegam ao meio urbano e as relações que se constituem com as pessoas que compram estes produtos, apresentado uma rede complexa de produção-exportação/importação-distribuição-vendas que mantém a “cidade alimentada”.

Henrique

- o produto? Eu pego na CEASA, todo na CEASA, né... a minha esposa é que faz porque eu trabalho durante a semana... Ela é que quinta-feira vai na CEASA, carrega... Lá na outra feira que minha esposa trabalha eu tenho uma banca de alho também... mas aí lá o meu cunhado... eu tenho o meu cunhado que assumiu as bancas do meu sogro, ele tem mais dois pontos, tem um ponto de caixaria e tem um ponto de fruta, então ela ajuda também, né... então além da banca de alho ela tem mais doze bancas para ajudar ainda...Sábado ficam sete bancas juntas e seis do outro lado e domingo fica as treze bancas corridas...

pesquisadora

- então o teu sogro vendia caixaria...

Henrique

- caixaria e fruta... tomate, pimentão, batata doce, cenoura... tudo da CEASA, a família toda nesse ritmo, sempre CEASA...Que nem esse alho aqui, esse alho nosso agora... às vezes dizem assim “ah, mas porque tu não produz?” O alho ele dá uma vez por ano, novembro, dezembro é época de colheita, então chega por março, abril, termina a safra nossa, aí o que acontece? Tu tem que ir buscar alho fora, esse alho aqui é argentino... aquele lá da ponta lá ó... esse aqui, é Chinês...

pesquisadora

- e não é mais caro, então?

Henrique

- não, a China incentiva muito, eles têm subsidio deles lá que diminui um monte. Tu vê esse alho aqui chega da China ao mesmo preço do alho nosso que vem de trinta quilômetros daqui, ele vem do outro lado do mundo... Tu bota a despesa... de lá pra cá vem de navio, aí desce em Santos, de Santos até aqui é carreta, né... então tu bota dois frete em cima, bota mais a comissão, mais os impostos que eles pagam... Então o produto nosso aqui... que nem as feiras, né... ali na frente é produção, aquilo ali tudo é produção deles mesmo, tem gente que produz... agora aquilo ali ó, é caixaria, aquilo lá eles pegam na CEASA, não tem como tu produzir tudo aquilo, porque tem época que o tomate é paulista, então tem a safra nossa, tem tomate nosso que só dá em janeiro, passou janeiro depois só no ano que vem, então fora disso vem tomate de Goiás, de... tem que continuar vendendo...



O depoimento de Henrique sobre o percurso dos alimentos até chegarem a Porto Alegre evoca outra dimensão destas trocas sociais que são estabelecidas na feira-livre, evidenciando uma série de meandros que transitam entre a produção local e a importação dos alimentos que são objeto de trocas neste circuito de comercialização e que convergem para as relações entre fregueses e feirantes na feira-livre.

A imagem destes diversos “caminhos percorridos” pelos produtos alimentícios – um alho que vem “do outro lado do mundo” - em função de uma sazonalidade da produção, retoma os esquemas simbólicos da circularidade do tempo (DURAND; 2001) a partir de uma perspectiva diferenciada daquela representada de um lado, pelas lembranças de Rita sobre o tempo em que via os alimentos crescerem em volta da sua casa, e, por outro, nas mudanças de estação evidenciadas pelo tipo de laranja vendida pelo Cláudio na passagem dos meses. No relato de Henrique, estas mudanças introduzidas pela passagem do tempo e das “épocas dos alimentos produzidos” instaura a necessidade de táticas que acomodem as diferenças entre os produtos oferecidos à venda, táticas (DE CERTEAU; 1994) que parecem arranjadas na cena da feira-livre.

No caso das formas e gestos de se relacionar com o alimento, estetizados na fala de Henrique, na compra destes produtos na CEASA, no arranjo deste produto na banca, na manipulação desta matéria para a venda, estão colocados elementos de toda uma trajetória que é pensada a partir da feira-livre e das trocas sociais e simbólicas que pertencem a este lugar. nesta perspectiva, a forma simbólica que se coloca não diz respeito apenas a um alimento que se origina da produção rural do interior do estado e é trazido para a comercialização na cidade. O que Henrique apresenta direciona-se para uma “arte de fazer” (DE CERTEAU; 1994) a feira que está dada na prática de comércio, ou seja, o valor simbólico atribuído ao alho vendido por Henrique aparece em seu gesto de “ser feirante” e, a partir disso, manipular a matéria do alimento que leva até a feira para vender, prepará-lo para o freguês que o escolhe e recebe, atribuir-lhe um pouco de si, carregar seu produto de “mana” (MAUSS; 1974) de pedaços de sua própria humanidade.



Nestas lembranças que Henrique remonta sobre seus percursos de trabalho e sua relação com a cidade, estão presentes uma série de elementos que falam destes espaços de comércio de rua e feira-livre, como fundantes de uma certa relação social como a que é estabelecida entre ele e seus fregueses no contexto da feira. Neste sentido, a feira-livre parece apresentar uma peculiaridade que está para além do tipo de produto a ser vendido, mas nas “artes de fazer” que atribuem determinado valor a estes alimentos, inserindo-o em uma constelação de imagens da intimidade e da “descida digestiva” (DURAND; 2001) que estão presentes no momento da feira-livre e também na preparação da comida. Estas formas de ver os gestos de manipulação da matéria (LEROI-GOURHAN; 1965) e o contexto de trocas sociais estabelecidas na feira-livre aparecem, na fala de Henrique, na sua reflexão sobre as mudanças na paisagem da cidade e no elo que estabelece com as formas possíveis de chegada dos alimentos à cidade.

Henrique

- Eu sou natural de Porto Alegre, nasci na Lomba do Pinheiro, naquela região sempre... nasci e vivi ali a vida toda. Onde nós morávamos ali era chácara, ainda é chácara... então nós fomos criados em chácara num grupo de 14, 15 entre primos e primas... era uma família grande, convívio familiar sempre todo mundo junto, as brincadeiras nossas eram sempre de chácara, às vezes eu digo pros meus guri que hoje em dia eles não brincam com nem metade do que a gente brincava naquela época, não tinha nada, né a gente tinha que inventar tudo... era carrinho de lomba, patinete, tinha a fase de jogar bolita, tinha a fase do pião tinha a fase da pandorga... Hoje aquilo lá é uma cidade, né, da pra dizer que a Lomba do Pinheiro é uma cidade, do jeito que evoluiu aquilo ali....

- a falecida minha vó lavava roupa pra fora, então a gente quando vinha... vinha sempre ajudava ela.. ela tinha umas fregueses aqui na Demétrio e também na Borges... antigamente o falecido meu avô, com meus tios, eles tinham chácara, aí eles forneciam leite, tinham tambo de leite... então, muita coisa eles traziam pro Centro, eles vendiam leite, lenha e verdura... então naquela época não existia caminhão, vinha de carreta, era um dia de viagem até o Centro, hoje tu faz em trinta minutos... eles levavam um dia para descer aí voltavam no outro dia para casa... Vendiam no Centro, aqui na Praia de Belas, antigamente era aqui na Praia de Belas a...o que hoje é a CEASA, né, antigamente o comércio era feito aqui na Praia de Belas... O Rio Guaíba, naquela época a quarenta, cinqüenta anos atrás vinha até aqui na Borges... Do mercado eles também compravam aqui, as frutas... e tu vê hoje em dia como

evoluiu isso aí... Pra ir pra praia, meu pai conta que a primeira vez que eles foram pra praia, eles foram de carreta, era sete, oito dias pra ti chegar na praia... hoje tu chega em uma hora...

Na sua reflexão sobre as transformações da cidade, Henrique estetiza o tempo transitando das histórias de seu avô e seu pai nas “viagens” que faziam da chácara onde moravam, até onde atualmente é o bairro Cidade Baixa para vender seus produtos e as suas práticas atuais de ser feirante e estar vendendo um alho “que vem do outro lado do mundo”. Henrique, que tem trinta e cinco anos, espanta-se com as rápidas mudanças que ocorreram na cidade e que, de certa forma, não são imediatamente vistas, mas paulatinamente sentidas nas práticas cotidianas dos habitantes, na forma como se apropriam do espaço público. Quando fala de uma Lomba do Pinheiro que não tinha “nem luz” na época em que ele nasceu, compara-a com todo o seu “desenvolvimento” atual, o fato de ser “praticamente uma cidade” e as conseqüências em termos de maneira de viver que engendra.

O trânsito entre suas vendas hoje, o tipo de produto que comercializa e as práticas de seu pai e avô na venda de “leite, lenha e verduras” da Lomba do Pinheiro para o centro da cidade, narra sobre um certo lugar no contexto urbano de Porto Alegre que está também presente na fala de Rita ao falar da feira-livre que freqüentava quando era responsável pelo departamento de alimentação da Casa da Estudante Universitária. Este lugar refere-se a um “pedaço de espaço público”, às margens do Rio Guaíba e próximo a Ponte de Pedra, que recebia feirantes de vários lugares com seus produtos a serem vendidos para abastecer a cidade, ainda antes de existirem as feiras-livres de bairro, segundo relata Rita.

Na fala de Henrique, este lugar era uma espécie de CEASA “ao ar livre”, pois reunia diversos tipos de produtores e vendedores para a comercialização de produtos alimentícios para a cidade na “Praia de Belas”, que atualmente compõe uma rua que em parte é aterro do Lago Guaíba. Henrique conta que depois de criada a CEASA como a temos hoje, estes feirantes foram retirados dali, e, assim, ocorreram algumas mudanças neste espaço da cidade, inclusive a construção da Perimetral Loureiro da Silva e também o atual Largo da Epatur. A feira que hoje ocupa este espaço se constituiu a partir da necessidade de abastecimento para esta região da cidade e a “ocupação”⁷² deste espaço pelos vendedores que foram “retirados” da Praia de Belas com a construção da CEASA. Inicialmente, não era uma feira-livre nos

⁷² Uso o termo ocupação pois Henrique relata que com a constituição da CEASA como um espaço institucionalizado de vendas de hortifrutigranjeiros, houve uma certa disputa entre os antigos feirantes e o poder público para a continuidade das vendas neste território da cidade, o que foi ainda reforçado pelo fato destes

moldes que a vemos hoje, pois não existiam bancas, mas caminhões que eram estacionados ali para a venda dos produtos que traziam.

Com o tempo, a Prefeitura de Porto Alegre passa a institucionalizar estes espaços de comércio de rua e os feirantes organizam-se em uma associação, a ASUMEC – Associação dos Usuários do Mercado, que atualmente tem cerca de cem sócios, entre produtores e vendedores, para discutir junto ao Poder Público o formato e as regulamentações do que hoje é a feira-livre da Epatur e outras feiras que também são organizadas por esta associação. Neste sentido, a feira-livre da Epatur ou o Mercado da Praia de Belas diferencia-se das feiras modelo instituídas pela Prefeitura, pois nestas existe uma organização que parte da SMIC (Secretaria Municipal da Indústria e Comércio de Porto Alegre), onde se acompanham os preços de todas as bancas. São feiras menores que passam por uma fiscalização direta da Prefeitura até mesmo no que se refere aos uniformes dos feirantes. Henrique disse que já tentou trabalhar em uma destas feiras modelo, mas que a regulação dos preços feita pelos técnicos da SMIC é “irreal” e que impossibilita, muitas vezes, a continuidade dos feirantes nestes espaços.

Enquanto Henrique está explicando-me estas diferenças, recordo de meu primeiro dia em campo, quando “fui encontrada” pelo Presidente da ASUMEC dentro da banca do Cláudio tirando fotos. Em princípio tivemos um certo tensionamento, que foi resolvido quando deixei-me levar por Fonseca (o presidente) para conhecer e entender a diferença entre esta feira e as feiras modelo reguladas pela SMIC. Fonseca passeou comigo por todos os corredores da feira da Epatur, mostrando-me quem eram os feirantes que somente vendiam e os que também produziam, quais eram as diferenças existentes entre eles em termos dos produtos que podiam vender, explicando como a forma de disposição das bancas nos corredores era importante para a estética deste espaço em termos das escolhas dos fregueses e mesmo da concorrência entre os feirantes, por isso “não faz como a SMIC” que coloca todas as bancas de um mesmo produto uma ao lado da outra, mas espalha-as pelo espaço do Largo para que os fregueses possam escolher seus produtos a partir de seus itinerários dentro da feira. Fonseca também possui uma banca na feira da Epatur, vende pães caseiros, mas não quis saber de muitas conversas sobre a sua história e nossos encontros futuros foram bastante fortuitos.

Esta “parte da história” Henrique me contou quando já não estava mais gravando, num momento em que, sentados em caixas dentro da banca, trocávamos ainda algumas palavras enquanto dividíamos uma bergamota antes de ir embora. Nossa despedida com estas imagens

vendedores passem a “usar” o Largo para comercializar seus produtos, independente de regulação da Prefeitura, que depois disso foi negociada.

da constituição desta feira trazia-me à lembranças as análises de Max Weber (1979) e o surgimento das cidades a partir destas aglomerações humanas para a comercialização de alimentos que acabam por fundar o espaço urbano, ao mesmo tempo que vinculava isto com as imagens descritas por Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos* (1996) ao narrar a ambiência dos espaços de mercado pelos quais passou, seus cheiros e sabores peculiares, suas “formas humanas” de trocas simbólicas.

A imagem da cidade “como um grande estômago em constante digestão” parecia fervilhar a partir das formas múltiplas que são mobilizadas para a aquisição de alimentos que chegam até ela de diversas partes do mundo, evocando assim, a “estética da desordem” (ROCHA; 1994) que a ambiência da feira-livre traz à tona, colocando em destaque os gestos de ocupação humana do espaço que incidem sobre a manipulação da matéria (LEROI-GOURHAN; 1965), o ato de moldar as formas, no sentido dos esquemas de imagens que são narradas nas “artes de fazer” dos feirantes e fregueses que habitam (DE CERTEAU; 1994) o espaço do Largo da Epatur, aos sábados pela manhã, em Porto Alegre.



CAPÍTULO 2

*ANTES DA CONCLUSÃO*⁷³

Evoco a imagem de “antes da conclusão” para compartilhar com o leitor minha adesão às “artes de nutrir e artes de dizer” que compuseram este trabalho, nos gestos de manipulação da matéria de alguns “feirantes” e “fregueses”, no sentido de seguir em mais indagações e descobertas sobre estas práticas e fazeres de mercados e comércios de rua e dos arranjos sociais que daí advém. Não obstante, “antes da conclusão” também é a indicação de concentração para um momento de transição, de reunião de forças para a travessia. Chega-se no momento, então, se a metáfora é válida, de “desmontar as bancas, recolher as lonas”, de avaliar os ganhos do dia para que seja possível o recomeço.



⁷³ Referência ao hexagrama 64 *Wei Chi*, do “I Ching, O Livro das Mutações”. “Enquanto o hexagrama anterior [após a conclusão] assemelha-se ao outono, que realiza a transição do verão para o inverno, esse hexagrama é como a primavera, que conduz a estagnação do inverno à fertilidade do verão. O Livro das Mutações termina, então, com essa perspectiva cheia de esperança” (I Ching, p. 194, ed. São Paulo, 1956).

Na contabilização simbólica destes “ganhos”, volto-me para a escritura desta dissertação como um grande lucro alcançado, o da abertura de novas perguntas – ou novos sentidos – a respeito do fenômeno social que venho analisando. Não leitor, não o colocarei na difícil situação de chegar a um final caótico em que toda a história se perde ou se dissolve, sem sabermos mais onde estamos. Porém, dou-me uma certa liberdade poética (que nem sei se tenho) de mergulhar na “estética da desordem” (ROCHA; 1994) de meu próprio pensamento e cruzar imagens que por hora me povoam sobre estas práticas de mercado, sobre estas aglomerações humanas em torno da compra e venda de alimentos, sobre esta dinâmica peculiar que envolve cores, odores, sonoridades que se misturam explodindo em significados que falam da própria vida humana em constante mutação.



A imagem que se repete em mim é de um momento de ápice das trocas sociais que se estabelecem na feira-livre, corredores lotados de fregueses que se acotovelam para escolher suas compras, feirantes que riem estrondosamente da efemeridade do corpo humano, frutas e verduras que exalam o cheiro de suas transformações, as sonoridades das moedas que são trocadas incessantemente, um ritmo intenso de vida que pulsa no meio da cidade. No meio da cidade? Não falo de um território, um espaço físico, o centro, um lugar. Chamo de meio da cidade as suas entranhas, o interior dela mesma. Imagem de um estômago em constante digestão, a feira segue seus ritmos de “nutrir” a cidade nos gestos destas trocas sociais que acompanhamos até aqui.



Não caro leitor, não se trata de um súbito de loucura que acomete a escritora, invadida de tamanhas imagens. A metáfora que busco trazer aqui refere-se ao redobramento dos gestos que acompanhamos com os narradores desta pesquisa, gestos que direcionam-se à manipulação e transformação da matéria (LEROI-GOURHAN; 1965) nas suas mais diferentes configurações. Das formas grotescas (BAKHTIN; 1996) evocadas pelas jocosidades dos feirantes que subvertem “as regras da conveniência”, às viscosidades (DURAN; 2001) das misturas do alimento nos gestos táteis dos fregueses, as artes de fazer a

feira evocam esquemas simbólicos (LEROI-GOURHAN; 1965) que associam-se às constelações de imagens da intimidade e da digestão (DURAND; 2001), redobradas dos gestos de cada mão à própria forma de “alimentação da cidade”.

Tudo bem, sejamos mais explícitos. Nos esquemas gestuais que os personagens desta etnografia explicitaram, estão colocados conjuntos de símbolos que narram um certo modo de viver e logo, de “lidar com a passagem do tempo” que as práticas estabelecidas na feira-livre ritualizam semanalmente, a partir da simbologia do alimento. Nas pequenas táticas cotidianas de relacionar-se com os alimentos, de preparar a comida, de inventar ou descobrir sabores e mesmo de aderir às piadas e jocosidades dos feirantes do mercado livre, estão representados certos estilos de vida (VELHO; 1999) onde as imagens de um ciclo de vida-morte-renascimento são colocadas a partir desta ritualização do tempo (ELIADE; 1947) da semana, na aquisição dos alimentos necessários, na transformação dos mesmos em refeição, na forma de colocar um pouco de si e assim doar-se para “os outros” através das “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et alli*; 1996).



A feira-livre, neste sentido, representa uma certa marcação de ritmo no cotidiano da vida urbana, um ritmo que pode ser representado pelo seu início e fim e as imagens dos alimentos que vão se deteriorando ao longo do tempo. Um ritmo que fala da organização da vida cotidiana na temporalidade da semana, dos dias que passam até que novamente chegue o dia da feira e os alimentos da “cozinha” possam ser repostos. De qualquer forma, estes rituais do tempo que se expressam nas dinâmicas propostas pela feira-livre e as práticas que engendra, trazem à tona um certo arranjo coletivo de se viver na cidade que está relacionado a

uma ligação da vida humana ao cosmos, ou seja, os ciclos que se expressam nesta relação com o alimento também aparecem na periodicidade da feira durante o ano, na mudança de estações que revela uma mudança nas frutas a serem oferecidas, ou então nas táticas dos feirantes em garantir certas provisões. É a própria passagem da vida que é celebrada na ambiência da feira-livre.



Neste sentido, as imagens decorrentes das formas de mercado de rua que “produzem” (DE CERTEAU; 1994) a cidade redobram-se em muitas outras e conduzem a procurar os meandros destas “formas de adquirir” o alimento, que são proporcionadas no meio urbano. Assim, a metáfora da feira como um grande estômago da cidade apresenta-se a partir destas imagens redobradas, do alimento que se transforma, da moeda que circula, da feira que começa e acaba todas as semanas, trazendo ao centro urbano uma gama de suprimentos alimentares que ultrapassam a razão prática de “matar a fome”, embrenhando-se nas formas de lidar “com as faces do tempo” (DURAND; 2001).



Olhando mais minuciosamente para estes “esquemas da digestão” (DURAND; 2001) que acontecem no interior da feira – agora somos de certa forma engolidos pelo grande estômago – a profusão destas formas de interação e disputa pelo espaço dos corredores, os caminhos possíveis para se percorrer, as entradas e saídas disponíveis, os lugares “públicos e privados” que se apresentam, surgem-me como uma metáfora com as próprias ruas da cidade. As formas de ocupar os espaços públicos pelos caminhantes e os labirintos que se formam (MOLES; RHOMER; 1982) desta “produção do espaço” evocam, a partir da situação de mercado, as heterogeneidades da vida social no meio urbano, os campos de possibilidades (VELHO; 1999) que colocam os indivíduos frente à frente com sua condição de sujeito coletivo que precisa negociar as suas escolhas cotidianas com seus pares.

O lugar de mercado, dessa forma, apresenta-se como um lugar eminente de negociação, de acordos e arranjos que estão em constante mutação, como Henrique narrou a respeito da relação entre os feirantes da feira-livre da Epatur, através de sua associação, com a Prefeitura da cidade, onde os termos da negociação que se estabelece não fazem parte de uma mesma rede de significados (GEERTZ; 1989), tendo em vista que as regulamentações propostas pela Prefeitura para as formas de mercado de rua não condizem com a própria ritualização do tempo representada pela feira-livre.



Neste termos, o mercado como metáfora da cidade apresenta-se também a partir de suas negociações e produções de um espaço público, que no caso do Largo da Epatur, transforma-se de um lugar vazio e “aparentemente sem significação” em espaço vivido e habitado (BACHELARD; 1996) pelas produções dos atores que compõem seu cenário de celebração da vida e da passagem do tempo (BAKHTIN; 1996). É na produção deste espaço semanal de trocas, interações e fazeres, que envolvem as simbologias do alimento, que a noção de mercado parece apresentar um força simbólica importante no contexto da vida urbana, já que representa um cruzamento de caminhos e trajetórias singulares nestas práticas de comércio.

Assim, as imagens destes cruzamentos de caminhos que a feira-livre da Epatur apresenta levam-me a associá-la a outras feiras e outros mercados, como os descritos por Lévi-Strauss em “Tristes Trópicos” (1996), ou por Max Weber em “O Conceito de Cidade” (1979), no sentido da aglomeração de pessoas em torno das trocas sociais e também comerciais que se efetivam nestes encontros. Se para estes autores estas formações sociais são o embrião de uma certa urbanidade, a feira-livre hoje, situada num centro urbano como Porto Alegre, parece-me a reconfiguração destas práticas de mercado e a afirmação de uma forma específica de viver na cidade. Estas questões aparecem colocadas nas trajetórias narradas dos informantes desta pesquisa, nas suas relações com a comida e com a vivência destes espaços de mercado. As feiras-livres de “outros tempos” descritas tanto por Paulo Renato nas suas lembranças do bairro Teresópolis, como por Rita e Dona Geni nos seus percursos pelas áreas centrais da cidade apontam para um reflexão sobre o lugar destas práticas na formação urbana de Porto Alegre.

Reunindo as imagens descritas por Rita, Henrique e Dona Geni sobre o espaço onde aconteciam as trocas de mercado da “parte baixa da cidade” há anos atrás, estas configurações de caminhos que se cruzam ficam ainda mais evidentes, tendo em vista que Henrique fala de seu avô que percorria um longo caminho, atravessando a cidade de carreta até alcançar a “feira” em que vendia suas verduras. Da mesma maneira, Rita relata as imagens dos imensos caminhões que ocupavam a beira do Rio nesta mesma feira, freqüentada pelo avô de Henrique, e, por fim, Dona Geni conta dos barqueiros que atravessavam a Ponte de Pedra para vender suas laranjas. A confluência destes trajetos era nada mais que um espaço de mercado, uma aglomeração de feirantes e fregueses em plena beira d’água, para efetivar as trocas sociais e comerciais de compra e venda de alimentos.



Aliado a isso, ainda estão as imagens antigas da cidade representando certos espaços onde este tipo de atividade se efetivava, ou então, as reportagens da Revista do Globo (1940-1970) narrando os diversos caminhos dos alimentos para chegar até o mercado livre das frutas, também à beira do Guaíba, no Centro da cidade, como também lembra Seu Cláudio, um narrador do documentário etnográfico “Memórias do Mundo”, de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Henriqueta Creidy Satt, ao relembrar seus primeiros anos de trabalho no mercado público. Nestas “memórias da cidade”, creio que é possível, haja vista os relatos e imagens que citei, realizar uma arqueologia destas formas de mercado de rua em Porto Alegre, buscando nas camadas de tempo da memória da cidade os arranjos sociais que este tipo de trocas sociais engendraram na estética urbana de Porto Alegre.



Parafrazeando Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994), “as formas informes” da vida social no meio urbano parecem estar associadas também a estes arranjos de mercado e de trocas, que conformam-se em diferentes espaços e diferentes épocas, no contexto social da cidade, como os comércios de “tabuleiros” das “pretas minas” nos Largo da Quitanda e Largo do Mercado, em tempos passados. Veja, leitor, que estamos falando novamente de Largos,

espaços que parecem convidar a uma adesão às imagens da digestão e da intimidade (DURAND; 2001), como falei acima sobre a feira da Epatur. Os Largos e as praças públicas abrem-se à festa e à celebração do devir, são os “lugares do povo” (MONTEIRO; 1995), da intensa sociabilidade da rua onde se estabelece e restaura o contrato coletivo da vida em comum.

Este espaço da rua, lembrando-me agora de Gilberto Freire (1985), ao narrar a constituição urbana as cidades no Brasil, é o lugar de muitas e intensas trocas, onde a heterogeneidade das formas de vida e a diversidade de trajetórias sociais são aspectos preponderantes. Nas imagens descritas por Gilberto Freire em “Sobrados e Mucambos” (1985), eram também as atividades de comércio que movimentavam a vida das ruas que começavam a se configurar, a partir de comerciantes e vendedores que aportavam aqui de diversas partes do mundo para oferecer seus produtos.



Assim, escuto novamente Henrique, falando de “seu alho” que vem da China. A procedência destes alimentos que chegam até nossa casa combinam a globalização dos meios de produção e de consumo com formas “mais tradicionais”, como as laranjas de Montenegro, do Cláudio, ou os alfaces de Osório, do Alemão. É claro que esta comparação não é tão simples, e nem pretendo aqui entrar no mérito do tipo de produção realizada por estes dois feirantes, se é “moderna” ou não, ou mesmo discutir a noção de modernidade a partir de suas práticas produtivas. Menos ainda propor uma dicotomia entre estas formas de se chegar até o alimento na feira-livre – moderna X tradicional – o que acho importante enfatizar é justamente estas diferentes possibilidades, ou estas múltiplas procedências do alimento que é vendido nestes espaço de mercado.

Na fala de Henrique, neste caso, vimos que há uma construção de um “ser feirante” que não está vinculada a um fazer “rural”, ou de produção própria dos alimentos que coloca à venda, diferente de Cláudio, que esbanja toda sua jocosidade a partir deste lugar de produtor. No entanto, a meu ver, é nestas diferentes formas de se lidar com o alimento e as imagens que ele evoca que acaba por se constituir este cenário peculiar da feira-livre, muito diferente do supermercado em vários sentidos. Como coloca Paulo Renato, “lá no supermercado, não temos relação com aquelas coisas”. Voltamos, então, para a constelação de imagens da intimidade, que a feira-livre evoca a partir dos gestos e ritmos que engendra, mobilizando uma representação corporal onde as formas do alimentos redobram-se nas formas do corpo. Vincula-se assim os ritmos corporais aos ritmos cósmicos, o que nos leva mais uma vez a pensar as formas de mercado de rua como uma ritualização do tempo e celebração da vida.



Esta imagem de celebração da vida, na qual venho insistindo, me parece bem representada na fala de Rita, “na alegria de termos coisas para comer” que ele evoca em seu trânsito de lembranças de um tempo rural e das experiências na cidade. A celebração do alimento, neste sentido, coloca-se a partir das imagens das “artes de nutrir”, do compartilhamento de sabores e saberes que são evocados nos fazeres da culinária, na transformação da matéria que redobra-se na própria transmutação do sujeitos nas suas experiências temporais (ECKERT; ROCHA; 1998a). Dessa forma, o ato de comer, “gesto arcaico” (LEROI-GOURHAN; 1965) da condição humana, apresenta-se repleto de sentido, desde o ato de preparar uma refeição até o momento culminante em volta da mesa.



Sim caro leitor, não posso esquecer que estas imagens e gestos falam de consumo e de seus diferentes aspectos. É assim que recoloco a pergunta: como a cidade se alimenta? Falei no decorrer dos capítulos sobre a feira-livre e sua ambiência, como ela mesma um objeto de consumo, as sociabilidades, as trocas e interações que ocorrem neste ambiente, a possibilidade de uma proximidade com os alimentos e com os feirantes como elementos importantes desta opção por fazer compras na feira-livre. Mas esta opção está associada a um estilo de vida peculiar, no qual estes elementos que citei ganham significados específicos a partir da trajetória social de certos sujeitos e das suas experiências afetivas nos itinerários que percorrem. Neste caso, a idéia de consumo da feira, ou das imagens da feira, apresenta uma série de meandros que desvelam razões simbólicas vinculadas a estes gestos de consumo de alimentos que são engendradas na situação de mercado de rua.

Se, por um lado, temos na feira-livre esta celebração das diversas formas de vida, a partir da relação com os produtos alimentícios, as escolhas, as compras, as imagens dos carrinhos cheios que se deslocam pelos corredores da feira ou ruas da cidade até as moradias onde vão virar refeição, não podemos esquecer que, por outro lado, nesta circularidade do tempo que mencionei, a feira-livre também chega a seu fim, no sábado de tarde.



As imagens deste fim de feira, das bancas que são pouco a pouco desmontadas, deixando à mostra toda a fruta que se estragou, que caiu no chão, que “não serve mais para o consumo”, das sujeiras (DOUGLAS; 1976) e resíduos que restam pelo chão do Largo, são também imagens da uma certa degradação que é reforçada pelos meninos e meninas que, até então, estavam misturados com a multidão de compradores, aparecem em grande número para servir-se destes alimentos que, para outros, não servem. Imagem da cidade e suas misérias, o valor do alimento para estas crianças é outro.

Pensando a cidade que não produz seu próprio alimento, mas sim as formas de alcançá-lo, termino esta dissertação com a imagem deste fim de feira e destas crianças em busca de seu alimento, não com a intenção de um mal estar da degradação do humano, mas no seu oposto, nas táticas e astúcias que Michel de Certeau (1994) chamou de milenares, “gestos e memórias de certos peixes e plantas” que inscrevem uma linguagem própria no habitar coletivo do espaço urbano. Novamente recorro a imagem de “antes da conclusão” para pensar este fim de feira como o indício de um recomeço de outras idéias e de outras escritas, de outros personagens narrando suas histórias.

Como vê, leitor, muitas coisas ainda precisam ser ditas e que não cabem na incompletude de uma única escrita. Talvez as lacunas que posso identificar agora neste texto sejam justamente estes pontos chave “para se montar uma nova banca”. Mas a escritora que chega até este ponto já não é mais a mesma daquela que começou, e a evidência desta transformação “antropológica” se coloca nestes novos desejos e outros olhares sobre este fenômeno social dos mercados, seus personagens, seus fazeres, seus arranjos na estética da cidade. Ao mesmo tempo, de tantas imagens que esforcei-me para narrar em escrita, acabo por me ver repleta de sons a serem também transmitidos, “propagados”, como forma de restaurar “as formas sensíveis” destes espaços de mercado.

É neste sentido que um dos desdobramentos possíveis desta pesquisa é a construção de um documentário sonoro que estetize estas formas peculiares de trocas sociais evocadas pelo comércio de rua, a partir de algumas captações de som que já foram realizadas e outras que ainda estão por vir. As sonoridades desta ambiência de mercado como forma de expressão de práticas cotidianas específicas no contexto urbano foram aspectos fundamentais na construção desta pesquisa, permitindo-me identificar alguns elementos da conformação de uma estética urbana que não são plenamente evidentes quando falamos de imagens da cidade. A opção por “etnografar sonoramente” a ambiência da feira-livre, desta forma, trata de dimensionar aspectos destes arranjos sociais da dinâmica urbana que falem destas “formas disformes” da configuração dos “espaços vividos” da cidade em diferentes níveis de análise.

Por fim, penso que estudar as dinâmicas de mercado de rua, no contexto urbano, envolvem considerações mais amplas a respeito de cadeias de produção, formas de distribuição e comercialização dos alimentos na cidade, sobre a noção de consumo e como isto afeta o cotidiano dos habitantes da mesma. Questões que podem ser evocadas para se pensar também uma memória da cidade, mas que exigem um outro esforço de análise e uma outra escrita.

Porto Alegre, dezembro de 2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização desta dissertação traz o desejo da continuidade, como referi no capítulo final, de um estudo antropológico sobre espaços de mercado de rua que configuram uma certa estética para a cidade. Este desejo está localizado na adesão às imagens da ambiência da feira-livre e na multiplicidade de situações e interações sociais que daí decorrem, as quais levam-me a uma análise deste “fenômeno urbano” como um “fato social total”, pois encerra aspectos culturais, políticos, estéticos, econômicos, sociais, históricos, enfim, uma gama de fatores que o constituem como um fenômeno importante a ser estudado no meio urbano.

Uma das primeiras inquietações que me levaram a realizar uma etnografia na feira-livre foi uma idéia de duração no tempo que as práticas engendradas neste evento me evocam, ou seja, a estética das trocas sociais que ali se estabelecem parecem falar-me de determinados gestos da relação do homem com o alimento que guardam peculiaridades de um “saber fazer” que é transmitido. Neste caso, o ato de ir à feira fazer as compras da semana, associa-se com as aprendizagens cotidianas de certos sujeitos que atribuem um valor simbólico a este fazer, como é o caso dos informantes desta pesquisa. Estes gestos e fazeres que procurei estetizar na imagem escrita e visual compõem uma ambiência peculiar na estética da cidade ao revelarem-se a partir de performances e jociedades que instituem interações específicas a este ambiente, caracterizadas muitas vezes por uma maior intimidade entre freguês e feirante, diferenciando-se das encontradas em outros locais de compra e venda de alimentos.

A particularidade destas trocas sociais no meio urbano remeteu-me, também, às camadas de tempo que evocam em relação a constituição da cidade e os arranjos sociais que engendram ao deparar-me com algumas descrições e considerações como a de Max Weber e Leroi-Gourhan sobre a importância destes lugares de mercado e de trocas para o início de uma

formação urbana. Estas descrições conduziram-me a refletir sobre esta feira-livre, mas também de uma maneira mais geral, sobre os mercados de rua, no contexto urbano de Porto Alegre hoje, como uma forma de consumo e de sociabilidade que estetizam certos territórios da cidade, no caso desta pesquisa, tratava-se especificamente do Bairro Cidade Baixa.

Pensando em termos de consumo, a idéia de periodicidade e ritmicidade das feiras-livres e mercados de rua, a paisagem composta de alimentos “ao ar livre”, as inúmeras interações e aglomerações deste espaço me pareciam um tanto destoantes da “cidade do futuro” preconizada por anúncios e propagandas da Prefeitura, por exemplo. Repleta de supermercados e *shopping-centers*, Porto Alegre oferece também feiras e mercados de rua para o abastecimento, a compra e venda de alimentos e outros produtos, no melhor estilo “bakthiniano” das festas de praça pública. Não gostaria aqui de tratar de forma dicotômica as compras na feira em relação as compras no supermercado e etc, não falo de formas opostas de comprar comida, mas sim de diferentes atribuição de valores para cada uma destas práticas. Neste caso, no valor atribuído ao alimento comprado na feira-livre estão embutidos uma série de outros aspectos, desde a relação com o feirante até as formas de manipular a matéria do alimento – e simbolicamente a matéria do tempo – que estas práticas engendram. A feira, neste sentido, apresenta-se como ela mesma um produto a ser consumido.

Ao mesmo tempo, a existência destes espaços de mercado de rua na cidade colocam-se como fundamentais para uma análise das formas de habitar e constituir a vida urbana, nas suas diversidades e heterogeneidades. A diversidade a que me reporto em relação às formas de vida no meio urbano são constatadas nas escolhas dos fregueses em relação aos seus alimentos, na opção pela feira-livre como lugar de compra, nos encontros que acontecem neste espaço, nas interações entre fregueses e feirantes pautadas nas performances e jocosidades que as caracterizam. Nesta pesquisa, estas práticas e saberes acionados nos atos e gestos de “fazer a feira” estão vinculados a determinados estilos de vida e trajetórias que evocam uma memória da cidade, na qual as grandes transformações do espaço são acomodadas nestas “táticas” cotidianas de certos habitantes.

Assim, o trânsito entre a ambiência da feira-livre e as trocas sociais que são ali engendradas e as trajetórias sociais dos informantes, conjugadas com aspectos da historiografia de Porto Alegre – seja a partir de textos ou fotografias – colocou-me frente às peculiaridades e complexidades de se viver no meio urbano, com as negociações cotidianas deste viver e com as particularidades de ser uma antropóloga que realiza sua pesquisa “na cidade”. Todos estes elementos acabam constituindo a adesão de que falei acima em etnografar estas práticas de comércio de rua e de mercado na cidade de Porto Alegre,

principalmente no que concerne à produção de imagens – visuais e sonoras – sobre esta ambiência.

Estes breves pontos que indiquei até aqui direcionam-se, de certa forma, a uma tentativa de ordenação de um pensamento sobre a cidade e a pesquisa antropológica neste contexto, onde práticas das mais diversas compõem um quadro complexo onde o próprio pesquisador está inserido a partir de sua vida cotidiana. Nesta “tentativa de ordenação” revela-se, na verdade, um série de questões sobre os aspectos destes mercados de rua que não foram possíveis de abarcar nesta pesquisa, como os aspectos mais diretamente ligados ao poder público e a negociação do espaço, as redes de feirantes que comecei a mapear, a memória destes lugares de mercado na cidade, bem como refletir mais apuradamente sobre a idéia da feira como um produto a ser consumido na direção mesmo de uma espécie de manifestação cultural. Claro que todos estes aspectos complexificados a partir da questão urbana. Neste sentido, remeto para pesquisas futuras esses “ganchos” que me levam a pesquisar os mercados de rua na cidade.

BIBLIOGRAFIA

- ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE. Coord. Rualdo Menegat, Maria Luiza Porto, Clóvis Carlos Carraro e Luís Alberto Dávila Fernandes. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo, Editora Ática, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Editora Ática, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e No Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília, HUCITEC-EDUNB, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III – magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CARDOSO, Sérgio. *O Olhar dos Viajantes*. In: O Olhar, São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- CARNEIRO, Luiz Carlos. *Porto Alegre – de Aldeia a MetrÓpole*. Porto Alegre, Marsiaj Oliveira, Oficina da História, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – 1: Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, L. MAYOL, P. *A Invenção do Cotidiano – 2: Morar, cozinhar*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- CHION, Michel. *Le Son*. Éditions Nathan, Paris, 1998.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século 20*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1999.
- CORBIN, Alain. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo, Ed. Basiliense, 1985.
- DEVOS, Rafael Victorino. *Uma “Ilha Assombrada” na Cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo, ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Edições 70, Lisboa.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução a arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- DUVIGNAUD, Jean. *Le prope de l'homme: histoires du comique et de la dérision*. Hachette Littéraire, 1985.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. *Illuminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- ECKERT, C. e ROCHA, A. “*Les enjeux du temps moderne : ville et cinema*” In : *Filmer la ville. Premières rencontres anthropo-cinématographiques de Besançon UFR Lettres et Sciences Humaines, Section d'Anthropologie et de Sociologie*. Besançon, France, 2002.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade.” In: *Revista Margem Tecnologia, Cultura*. Nº 08, Revista da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Fapesp, SP, EDUC, 1998a.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica.” In: *Revista de Antropologia*, vol. 41, nº 02. Publicação do Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1998b.
- ECKERT, Cornelia. *Memória e Identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão* (La Grand-Combe, França). Cadernos de Antropologia, nº 11. Porto Alegre, PPGAS-UFRGS, 1993.
- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Lisboa, Edições 70, 1947.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador I. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1994.
- FISCHLER, Claude. *L'omnivore: le goût, la cuisine et le corps*. Éditions Odile Jacob, 1993, Paris.
- FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a observação participante*. In: GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Tomos I e II, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1985.
- GAIGER, Luiz Inácio. Os caminhos da economia solidária no RS. In: *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 1997.
- GUTERRES, Liliane S. *La gente de Ansina: performance tradição e modernidade no carnaval da “Comparsa de Negros y Lubolos Sinfonia de Ansina” em*

- Montevideo/Uruguai*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HISTÓRIA ILUSTRADA DE PORTO ALEGRE. Já Editores, 1997. Apoio Cultural CEEE, Governo do Estado do Rio Grande do Sul.
- I CHING, O LIVRO DAS MUTAÇÕES. Editora Pensamento, São Paulo, 1956.
- LANGDON, Jean. A Fixação da Narrativa: do mito para a poética de literatura oral. In: ECKERT e ROCHA (Org.). *Revista Horizontes Antropológicos* 12. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra. 1 Técnica e linguagem e 2 memórias e ritmos*. Lisboa, Perspectivas, edições 70, 1965.
- LEROI-GOURHAN, André. *Evolução e Técnicas. 1 O Homem e a Matéria*. Lisboa, perspectivas, edições 70, 1971.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1996.
- LEVI-STRAUSS, Claude. "Introdução". In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU, EDUSP, 1974.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: origem e crescimento*. Sulina Editora, Porto Alegre, 1968.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre, história e vida da cidade*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1973.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme C e TORRES, Lílían de Lucca (org) *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp, 1996.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural, 1976.
- MANCINI, Euclides André. Economia Solidária: um novo paradigma? In: *Seminário Catarinense de Economia Solidária*, Florianópolis, maio, 2000.
- MARCUS, George. *Retóricas de la Antropologia*. Madrid, Série Antropologia, Jucar Universidad, 1991.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Volumes I e II. São Paulo, E.P.U/EDUSP, 1974.

- MEAD, M. “Anthropologie visuelle dans une discipline verbale”. In: *Pour une anthropologie visuelle*, France, C. (org). Paris, Mouton, 1979.
- MOLES, Abraham e RHOMER, Elisabeth. *Labyrinthes du Vécu. L'espace: matière d'actions*. Paris, Librairie des Meridiens, 1982.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre, Urbanização e Modernidade – A Construção do Espaço Social*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas – histórias e memórias (1940 e 1972)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- OLIVEIRA, Clóvis Silveira de. *Porto Alegre, a cidade e a sua transformação*. Editora Gráfica Metrópolis S.A., Porto Alegre, 1993.
- OLIVEN, Ruben G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Porto Alegre, Vozes, 1992.
- OLIVEN, Ruben G. Looking at money in América. In: Critique of Anthropology. Volume 18, nº 1, 1998.
- OLIVEN, Ruben G. o vil metal: o dinheiro na música popular brasileira. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Ano 12, nº 33, São Paulo, 1997.
- PARK, R. *A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*. In VELHO, O. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PEIXOTO, N. B. “O olhar do estrangeiro”. In: *O olhar*, São Paulo, Cia das Letras, 2000.
- PINHEIRO MACHADO, Rosana. “Estudo antropológico das formas de sociabilidade do centro de Porto Alegre: Vida de Camêlo”. *Illuminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, número 24. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II e III. Campinas, Papyrus, 1994.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *As figurações de lendas e mitos históricos na construção da Cidade tropical*. *Illuminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, número 34. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- ROCHA, A. *A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil*. In: Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências/organizado por Zilá Mesquita e Carlos Rodrigues Brandão. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Da Universidade/UFRGS/Ed. Da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Antropologia das formas sensíveis; entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”. In: *Horizontes Antropológicos*, Antropologia Visual, Ano 1, vol2, 1995.

- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Lê sanctuaire du désordre, ou l'art de savoir-vivre dès douces barbares sous lês Tristes Tropiques*. Tese de Doutorado defendida na Universidade de Paris V, Sorbonne, 1994, sob a direção de Michel Maffesoli.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2003.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la Ville*. Paris, Meridiens Klincksiek, 1988.
- SAVARIN, Brillat. *Physiologie du Goût*. Chams Flammarion, 1982, Paris.
- SCHAEFFER, M. *A afinação do mundo*. São Paulo, Ed; UNESP, 2001.
- SCHERER, J. Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Vol 3. Construção e análise de imagens, Rio de Janeiro, UERJ, NAI, 1996.
- SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In VELHO, O. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SIMMEL, Gerog. Money in Modern Culture. In: *Theory, Culture and Society*. Volume 8, 1991.
- SINGER, Paul. Economia Solidária: um modelo de produção e distribuição. In: *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*, São Paulo: Contexto, 2000.
- SINGER, Paul. Economia Solidária: geração de renda e alternativa ao liberalismo. In: *Revista Proposta*, Rio de Janeiro - n. 72, março/maio de 1997.
- SCHUTZ, Alfred. *Estúdios sobre teoria social*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1972.
- THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica. Investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1980.
- TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VEDANA, Viviane. *Economia Solidária: autonomia ou dependência frente ao estado?* Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, 2002.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo, Anonimato e Violência na Metrópole*. In: *Revista Horizontes Antropológicos/UFRGS/IFCH/PPGAS*, ano 6, nº 13. Porto Alegre:PPGAS, 2000.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose : antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. *O Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

VELHO, Otávio. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WAGNER, Helmut. *Fenomenologia e Relações Sociais. Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WEBER, Max. *Conceitos e Categorias da Cidade*. In: *O Fenômeno Urbano*, Otávio Velho (organizador). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

PERIÓDICOS

REVISTA DO GLOBO, 11 a 24 de agosto de 1956, n°.670, pgs 05 a 11.

REVISTA DO GLOBO, 22 de novembro de 1947, n° 447, pgs 36 e 37, 61 e 62.

REVISTA DO GLOBO, 21 de março de 1953, pgs 60 a 63.

REVISTA DO GLOBO, 25 de agosto de 1945, pgs 34 e 35

ACERVOS PESQUISADOS

Banco de Imagens e efeitos visuais, Laboratório de Antropologia Social - PPGAS – UFRGS.

Memórias do Mundo, Documentário Etnográfico. Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Maria Henriqueta Creidy Satt. Apoio FUMPROARTE, 1997.

FILMES FICÇÃO

Como Água para Chocolate, dirigido por Alfonso Arau, 1996.

Índice de Imagens e Ilustrações:

Capa:

Fotos da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2002.

Pág. 14:

Foto da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2002.

Pág. 21:

Foto Rafael Devos
Largo da Epatur visto de cima, 2003.

Pág. 23:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos., Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 24:

Foto da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 34:

Mapas retirados do livro *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997, pgs. 19 e 20.

Pág. 35:

No Alto

Largo da Quitanda

Autor: alunos PPG-ARQUITETURA E URBANISMO/UFRGS, orientados pela profa. Célia Ferraz.

Desenho. Visão de 180 graus da Rua da Praia com o Largo da Quitanda alguns anos após a chegada dos casais açorianos, século XVIII, década de 70

Fonte: *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Em baixo

Casa Açoriana

Autor: Rudolph Wendroth

Pintura representando a casa açoriana, século XVIII, década de 80.

Fonte: *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
[Estacaoportoalegre.ufrgs.br](http://estacaoportoalegre.ufrgs.br)

Pág. 36:

De cima para baixo:

Panorâmica

Autor: Rudolph Wendroth

Aquarela – vista da Cidade Baixa, século XIX.

Fonte: Memória de Porto Alegre – espaços e vivências.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

O Guaíba e o Centro

Autor: Rudolph Wendroth

Aquarela – centro de Porto Alegre visto do Rio, século XIX, década de 60.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Santa Casa

Pintura à óleo, século XIX, década de 20

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 37:

Canto superior esquerdo

Quartel Retrato por Wendroth

Autor: Rudolph Wendroth

Aquarela – Praça do Portão e Oitavo Batalhão, século XIX, década de 30.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto superior direito

Praça da matriz – antigos prédios

Fotografia. Praça da Matriz, século XIX, década de 80.

Fonte: Acervo Benno Mentz

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

No meio da página

Rua do Rosário

Autor: Ascânio LLo Frediani

Pintura - carreta de bois, século XIX, década de 40.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior esquerdo

Rua da Praia Iluminada

Autor: Ataíde Ávila

Pintura. Trecho característico da Porto Alegre que desapareceu, fixado pelo pincel de um artista, século XIX, década de 80.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 38:

Canto superior esquerdo

Aquarela

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto superior direito

Mercado Público e as Docas

Autor: Ângelo Guido

Pintura a óleo, 1870.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior esquerdo de cima para baixo

Antiga Praça Uruguai

Autor: Ângelo Guido

Pintura retratando a Praça Parobé, século XIX, década de 90.

Fonte: Porto Alegre, biografia de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Mercado Público

Autor: Calegari

Fotografia. O Mercado Público de Porto Alegre recebeu seu segundo piso em 1913.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 39:

Canto superior esquerdo

Mapa 1840

"Estudo de evolução urbana de Porto Alegre registrando a ocupação dos quarteirões da cidade no ano de 1840.

Fonte: Porto Alegre – a cidade e sua formação.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Meio da página

Os Cinco Caminhos

Mapa – *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997, pg. 55.

Parte inferior da página

Asilo de Mendicidade

Autor: Giovanni Falcone

Gravura. Ponto de Vista do Asilo de Mendicância, século XIX, década de 60.

Fonte: *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 40:

Canto superior direito

Cidade Baixa e Ponte de Pedra

Autor: João Faria Vianna, 1967

Ilustração reconstruindo a região da foz do Riacho em 1870.

Fonte: *Atlas Ambiental de Porto Alegre*, 1998, pg. 40.

Canto superior esquerdo

A Ponte de Pedra

Pintura século XIX, década de 50.

Fonte: *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior esquerdo

Vista do Guaíba

Autor: Giovanni Falcone, século XIX, década de 40.

referência ao relacionamento dos moradores de Porto Alegre com o Guaíba, junto a chamada praia do riacho (atual Washington Luis), zona freqüentada pelas lavadeiras, por pescadores, pelos jovens que desciam a lomba do liceu e pela baixa prostituição da cidade.

Fonte: Projeto Integrado Cnpq *Estudo Antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo*, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior direito

Em cima

Rua da Margem, as Lavadeiras

Autor: Ângelo Guido

Pintura à óleo de Angelo Guido, as lavadeiras na Rua da Margem (Rua João Alfredo)

Fonte: Acervo pessoal Ana Luiza Carvalho da Rocha

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Em baixo

Rua da Margem

Fonte: Acervo pessoal Ana Luiza Carvalho da Rocha

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 41:

Canto superior esquerdo

Rua dos Andradas nos fins do século XIX

Fotografia. A Rua dos Andradas, Rua da Praia, na altura da Praça da Alfândega-Praça Senador Florêncio. Século XIX, década de 80.

Fonte: Porto Alegre – biografia de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

no meio da página, lado esquerdo

Movimento de Bondes, Movimento da Cidade

Fotografia da circulação de bondes puxados a burro em Porto Alegre

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, 1997.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

no meio da página, lado direito

Bonde de dois andares

Bonde de dois andares, tipo imperial, estacionado na Praça da Alfândega, século XX, década de 10.

Fonte: Porto Alegre – biografia de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior direito

Movimentos de Cargas no Porto

A fotografia mostra o trabalho com o transporte de cargas no porto da cidade.

Fonte: Acervo Benno Mentz

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 42:

De cima para baixo

Retificação do Arroio Dilúvio

Fonte: *História Ilustrada de Porto Alegre*, 1997, pg. 152.

Ponte de Pedra

Autor: Léo Guerrero

Fonte: Revista do Globo, nº 647, pg. 46, 1955.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Casas da “Rua da Margem”

Autor : Jacob Prudêncio Herrmann

Foto das casas da Rua da Margem (atual João Alfredo) com fundos para o arroio Dilúvio.

Fonte: Catálogo Jacob Prudêncio.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Barqueiros na Rua da Margem

Autor: W. Hoffmann Hamisch Filho

Vista geral dos barqueiros no arroio Dilúvio, rua da Margem (atual João Alfredo), próximo à ponte dos Açorianos.

Fonte: Porto Alegre – retrato de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 43:

Em cima

Laro Glênio Peres

Fotografia Largo do Mercado, século XX, década de 60.

Fonte: Mercartor Gráfica

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Em baixo

Fotografia Largo da Epatur, de cima

Ana Luiza Carvalho da Rocha, 2003.

Pág. 46:

Canto superior direito

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Parte inferior

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 49:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 51:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 53

Em cima

Anotações de campo, esquema gráfico da pesquisadora reproduzindo os espaços do Largo em dia de Feira.

Em baixo

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 54:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 55:

Em cima

Fotografia da Pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Em baixo

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2002.

Pág. 56:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 57:

Em cima

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Em baixo

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 60:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 65:

Canto superior direito

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Demais imagens

Fotografias da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 69:

Fotografias da pesquisadora

Obtidas em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 71:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 73:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 75:

Fotografias da pesquisadora

Obtidas em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 77:

Fotografias da pesquisadora

Obtidas em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 78:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2002.

Pág. 89:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2002.

Pág. 92:

Fotografias da pesquisadora

Obtidas em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2002.

Pág. 97:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 99:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 101:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2002.

Pág. 102:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2002.

Pág. 108:

Fotografias da pesquisadora

Obtidas em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 112:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 116:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 119:

Stills retirados de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 121:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 122:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 123:

Stills retirados de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 126:

Stills retirados de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 131:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 132:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 133:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 137:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 140:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 141:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 152:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 158:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 161:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 162:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 163:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 164:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 165:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 166:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 168:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 176:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, casa de Paulo Renato, 2003.

Pág. 179:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 180:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 187:

De cima para baixo

Trabalhadores no Mercado das Frutas

Autor: W. Hoffmann Harnisch Filho

Fonte: Porto Alegre, retrato de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Barqueiros na Rua da Margem

Autor: W. Hoffmann Harnisch Filho

Vista geral dos barqueiros no Aroio Dilúvio, rua da Margem (atual João Alfredo), próximo à ponte dos Açorianos.

Fonte: Porto Alegre, retrato de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 194:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 196:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 199:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 200:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 202:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 205:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 207:

Fotografias da pesquisadora

Obtidas em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 211:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 212:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 213:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2002.

Pág. 214:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 215:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 216:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 217:

Foto central maior
Largo da Epatur, visto de cima, 2003, Ana Luiza Carvalho do Rocha.

Fotos menores

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.

Pág. 218:

Fotografia da pesquisadora
Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2002.

Pág. 220:

Canto superior esquerdo

Trabalhadores no Mercado das Frutas

Autor: W. Hoffmann Hamisch Filho

Fonte: Porto Alegre, retrato de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

canto superior direito

em cima

Mercado Livre

Fotografia do Mercado Livre, prédio construído pela Municipalidade, em 1932, nos fundos do velho Mercado Público. Ao fundo o palácio do Comércio. (1953)

Fonte: Porto Alegre, Monografia.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

em baixo

Movimentos de Cargas no Porto

A fotografia mostra o trabalho com o transporte de cargas no porto da cidade.

Fonte: Acervo Benno Mentz

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

No meio da página

à esquerda

Chegada de Alimentos no Cais

Autor: Wilson Cavalheiro

Fonte: Revista do Globo, 21 de março de 1953, página 63.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

à direita

Compras no Mercado Público

Autor: Léo Guerreiro

Fonte: Revista do Globo, N. 664, p.04

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior esquerdo

Barqueiros na Rua da Margem

Autor: W. Hoffmann Hamisch Filho

Vista geral dos barqueiros no arroio Dilúvio, rua da Margem (atual João Alfredo), próximo à ponte dos Açorianos.

Fonte: Porto Alegre, retrato de uma cidade.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Vendedores do Mercado Livre

Autor: Wilson Cavalheiro

"Enquanto eles esperam os compradores, uma boa conversinha em roda do chimarrão.

Assuntos: preço das abóboras, custo da vida, remédios para o fígado, amores".

Fonte: Revista do Globo, 21 de março de 1953, página 63.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Canto inferior direito

Porto Alegre que cresce

Autor: Léo Guerrero

Fonte: Revista do Globo, nº 647, pg. 46, 1955.

Acervo pesquisado: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS
estacaoportoalegre.ufrgs.br

Pág. 221:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos, Feira-Livre da Epatur, 2003.

Pág. 222:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2002.

Pág. 223:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2002.

Pág. 224:

Still retirado de gravação em vídeo realizada durante o trabalho de campo, obtido por Rafael Devos.

Pág. 225:

Fotografia da pesquisadora

Obtida em trabalho de campo, feira-livre da Epatur, 2003.